

Estudos Sobre

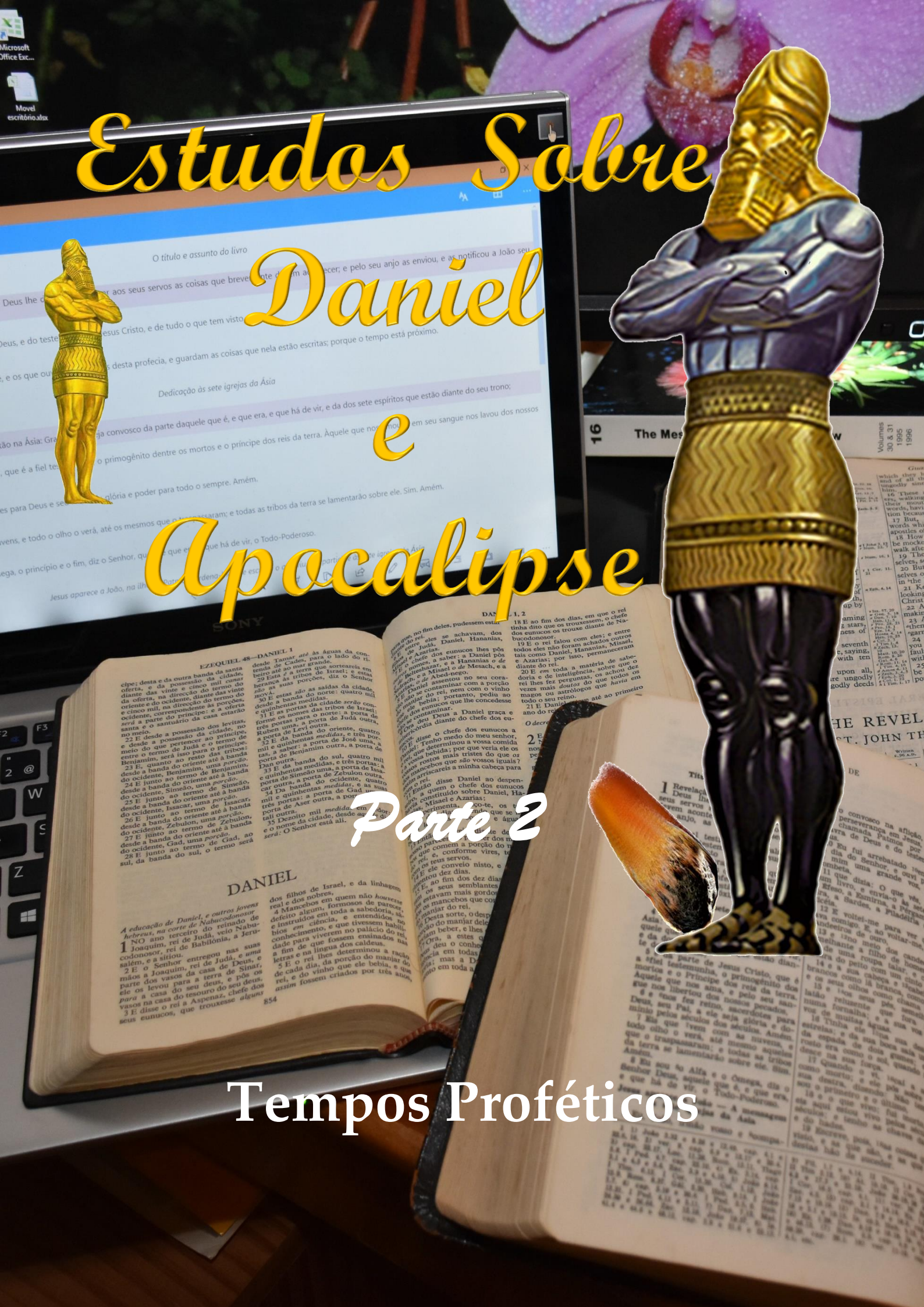
Daniel

e

Apocalipse

Parte 2

Tempos Proféticos



O título e assunto do livro

Dedicatória às sete igrejas da Ásia

Jesus aparece a João, na ilha de Patmos, e diz o Senhor, que é o Espírito e a esposa, que venha e tome o vinho da vida gratuitamente. Quem quiser, tome sem pagar.

EZEQUIEL 48—DANIEL 1
... cipe; desta e da outra banda da santa cidade, e da possessão da cidade, oferta, e da possessão da cidade, oferta, e da possessão da cidade, oferta, e da possessão da cidade, oferta...

DANIEL

A educação de Daniel, e outros jovens hebreus, na corte de Nabucodonosor
1 No ano terceiro do reinado de Joaquim, rei de Babilônia, a Jerusalém, e a sióu, entregou nas suas mãos a Joaquim, rei de Judá, e uma parte dos vasos da casa de Deus, e pôs os vasos da casa do tesouro do seu deus, para a casa do rei a Assurubá, chefe dos seus eunuocos, que trouxesse alguns

dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos nobres, e trouxeram para a casa do rei, e os trouxeram para a casa do rei, e os trouxeram para a casa do rei, e os trouxeram para a casa do rei...

DANIEL 1, 2
18 E ao fim dos dias, em que o rei tinha dito que os trouxessem, o chefe dos eunuocos os trouxe diante de Nabucodonosor.
19 E o rei falou com eles; e entre todos eles não foram achados outros nomes, e a Hamanias o de Mesach, e a Micael o de Abed-nego, e a Misael o de Micael, e a Azarias; por isso, permaneceram os seus nomes.

2
2 E o chefe dos eunuocos disse a Daniel, Misael e Azarias, que se não queriam beber vinho, e que se queriam beber água, e que se queriam beber água, e que se queriam beber água...

23
23 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

24
24 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

25
25 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

26
26 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

27
27 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

28
28 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

29
29 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

30
30 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

31
31 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

32
32 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

33
33 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

34
34 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

35
35 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

36
36 E ao fim dos dez dias, os seus semblantes estavam mais gordos e mais fortes do que os outros eunuocos que estavam na casa do rei.

Daniel

e

Apocalipse

Parte 2

F.T. Wright

Nota de Publicação:

Este segundo volume da série de estudos sobre os livros de *Daniel e Apocalipse* publicada na Revista *The Messenger and News Review* estuda os capítulos sete a doze de *Daniel*.

O primeiro capítulo deste segundo volume foi publicado em Setembro de 1996

A publicação dos 37 capítulos da presente compilação da tradução para a língua portuguesa desta série, coloca ao dispor dos estudantes da verdade de Deus temas de grande importância destes dois livros, especialmente do livro de Daniel, apresentados por F. T. Wright.

Nota do Autor: No nosso estudo da parte profética do livro de Daniel, presume-se que o leitor já tem uma compreensão básica do assunto. Portanto, nem todos os detalhes serão mencionados nas explicações das profecias.

Abreviaturas:

NAA-Nova Almeida Atualizada.

NVI – Nova versão Internacional

ARC –Almeida Revista e Corrigida

Índice

1. As Profecias de Daniel.....	13
2. Bestas e Chifres.....	19
3. Características da Ponta Pequena	25
Tempo, Tempos, e a Metade de Um Tempo	27
A Tentativa para Mudar os Tempos.....	28
4. A Tentativa de Alterar a Lei	31
A Lei de Deus.....	31
A Lei Natural	32
Desobediência Através da Rebelião.....	32
A Apostasia da Igreja Apostólica	33
O Levantamento da Ponta Pequena.....	34
Desobediência Através do Engano e da Ignorância	35
Obedecer ou Desobedecer	36
Cristo e o Sábado.....	37
5. Tronos e Julgamentos.....	39
O Trono do Ancião de Dias.....	40
Os Quatro Seres Viventes	41
Mobilidade Ilimitada	42
Tronos Diferentes	43
Julgamentos Diferentes	44
6. O Poder de Deus para Enfrentar o Inimigo.....	46
O Trono de Deus Como Um Carro Flamejante.....	46
O Poder da Voz de Deus.....	46
O Poder do Inimigo.....	48
Perseguição Adormecida.....	48
Martírio	49
Huss e Jerónimo	50
Períodos de Perseguição pelo Fogo	51
A Corrente de Fogo do Trono de Deus	52
7. O Último Inimigo a Ser Destruído.....	54
A Fonte da Imortalidade.....	54
Quando a Morte For Vencida.....	55
O Corpo Imortal.....	57
A Vida Sem Pecado e a Morte	58
8. Os Santos Possuirão o Reino	61
Co-herdeiros com Cristo.....	61
Perdão e Vida.....	62
As Duas Ressurreições.....	63
A Vida Original de Adão.....	63
Um Sacerdócio Real.....	64
Mais Elevados do que os Anjos	66
9. O Começo do Julgamento	68
O Tempo do Julgamento	68
O Julgamento Conforta os Mártires.....	69
A Parábola das Vestes Nupciais	71

Os Serviços do Santuário.....	71
O Estado de Ignorância.....	72
A Veste Nupcial.....	73
10.O Carneiro, o Bode e a Ponta Pequena.....	74
Profecias de Tempo Específico.....	75
O Símbolo da Ponta Pequena.....	77
O Carácter do Engano.....	78
11.O Santuário Restaurado.....	81
A Profecia dos 2.300 Dias.....	81
A Imagem Terrestre do Celestial.....	82
Os Dois Compartimentos.....	83
Como É que o Pecado Entra no Céu?.....	84
O Diário.....	85
O Lugar do Santuário de Cristo.....	86
12.Fortalecimento Especial.....	88
O Efeito em Daniel.....	88
O Espírito de Babilónia.....	89
O Efeito da Revelação de Cristo.....	89
O Efeito em João.....	91
A Malignidade do Pecado.....	92
A Luz que Está para Vir.....	92
13.A Persistente Oração de Daniel.....	95
A Preocupação de Daniel com a Profecia do Tempo.....	95
A Natureza Condicional da Profecia.....	96
O Tempo da Libertação de Israel.....	97
A Oração Muda as Pessoas.....	99
Deus Não Limita O Seu Poder.....	100
14.O Poder da Oração Importuna.....	102
A Oração Move o Braço do Onnipotente.....	102
A Profecia É Cumprida Sob Condição de Obediência.....	103
A Influência da Oração e da Vida de Daniel.....	105
Um Homem Muito Amado No Céu.....	106
Conhecer a Hora da Visitação.....	107
15.A Interpretação e a Visão.....	109
A Parte da Visão Não Explicada.....	110
A Razão para o Atraso da Explicação.....	111
A Identificação do Tempo Profético.....	112
O Dom de Cristo.....	113
A Purificação do Templo.....	114
A Necessidade de Poder Ilimitado.....	115
16.O Início dos 483 Anos.....	117
Deus Chama o Seu Povo.....	119
17.Dias de Oportunidade.....	121
Outros Dias Históricos de Oportunidade.....	122
Um Tempo de Apostasia.....	123
Um Tempo de Educação.....	124
O Conhecimento de Si Próprio.....	125
O Esforço Combinado dos Membros da Igreja.....	126

18.Alterações Importantes na Situação	128
Os Primeiros Altares Terrestres.....	130
O Primeiro Santuário Terrestre.....	131
O Primeiro Templo Terrestre.....	132
O Início dos 2.300 Anos	133
O Final dos 2.300 Anos	133
19.Não Mais Pisado a Pés	135
O Fim dos Serviços do Santuário Terrestre	135
A Mudança nos Serviços do Santuário Celestial.....	136
O Fim dos 2.300 Anos	137
22 de Outubro de 1844.....	138
O Exército não É Mais Entregue para Ser Pisado.....	139
A Perseguição Futura	139
Uma Contradição?.....	140
20.Antes e Depois do Fim dos 2.300 Anos	142
A Condição Antes de 1844	142
Uma Comparação.....	143
A Exposição do Homem do Pecado.....	144
O Desenvolvimento Desde 1844	145
Uma Experiência	146
21.O Santuário a Ser Purificado Após os 2.300 Anos.....	148
O Propósito do Santuário Terrestre	149
Uma Lição Objectiva.....	150
A Estrutura do Santuário Terrestre.....	152
22.A Purificação do Santuário Celestial	154
A Transferência do Pecado para a Vítima Sacrificial.....	154
A Transferência do Pecado para o Santuário	155
A Purificação do Santuário.....	156
Cristo Confessa os Pecados do Seu Povo	157
23.Avanço Através da Comunhão com Deus.....	159
Fracasso Aparente	159
Uma Renovada Certeza no Onnipotente.....	160
O Poder da Oração Importuna	162
24.O Anjo Gabriel.....	164
Enoque, Moisés e Elias.....	164
Quem é Gabriel?	165
Gabriel no Jardim de Getsémani.....	166
Gabriel na Ressurreição	166
A Visão Dada a Moisés	167
A Posição de Lúcifer	168
25.A Interpretação da Visão	170
Explicação dos Símbolos	170
A Paciência dos Santos.....	171
A Inspiração de Gabriel	172
O Efeito de Miguel.....	173
A Resposta à Oração.....	174
O Moisés Ressuscitado.....	175
26.A Vitória Sobre a Pressão da Vista e das Circunstâncias.....	176

A Oração da Fé	177
Daniel no Circuito da Beneficência	177
As Nossas Posições Indicadas	178
Precisamos Entender a Batalha Invisível	178
Como Deus Controla os Governantes	179
27. Aprender Com o Passado	181
O Grande Movimento do Segundo Advento	181
A Igreja Apostólica.....	182
A Igreja de Hoje Enfrenta o Mesmo Perigo	182
Quem É o “Povo de Daniel” nos Últimos Dias?	183
28. O Ministério dos Anjos	185
Quem São os Anjos Mais Exaltados?	185
Distinguido nas Escrituras da Verdade.....	186
29. A Revelação Profética em Maior Detalhe	188
Os Literais Reis do Norte e do Sul	188
O Mesmo Conflito no Nosso Tempo.....	189
A Força e a Força Oposta na História	189
As Lições da História Não Aprendidas	190
Não Só o Objectivo de Deus, Mas Também o Seu Caminho	191
O Exemplo de Caim.....	191
30. O Povo de Daniel nos Últimos Dias.....	193
O Encorajamento da Profecia	193
Eventos Que Englobam Todo o Nosso Mundo.....	194
A Ascensão e Queda de Roma.....	194
Quem São os Navios de Chipre (Quitim)?.....	195
A Reforma	196
O Evangelho Eterno nas Escrituras.....	196
A Meia-Noite Moral do Mundo.....	197
Por Que Tais Perseguições Terríveis?	197
Inversão do Poder.....	198
Tempos de Grande Tribulação e Angústia	199
31. O Que Sois Define Quem Sois	200
O Método Geográfico de Interpretação	200
O Método de Interpretação Simbólica.....	202
França Ateísta	202
32. O Rei do Norte.....	204
Babilónia nos Dias de Jeremias	204
A Babilónia Espiritual	205
Alterações na Localização, Mas Não no Espírito	206
O Rei do Norte Atacado por Outro Rei do Norte	206
33. Dois Reinos Diferentes	208
A Ligação.....	208
A Posição de Cristo Questionada	209
O Caminho de Deus ou o Nosso Caminho?	210
Os Resultados da Construção do Reino.....	211
34. O Tempo Marcado É Longo.....	212
Acontecimentos do Tempo do Fim	212
O Ataque do Rei do Sul.....	213

O Contra-ataque do Rei do Norte	213
A Derrota do Rei do Sul	214
35. Momentosa Reunião.....	215
Alguns Escaparão.....	215
Os Meios Para a Vitória.....	217
O Uso do Poder Militar.....	217
O Poder da Perseguição.....	217
O Poder do Engano	217
O Poder das Grandes Riquezas e Posição	218
36. Apenas a Um Passo do Domínio Mundial.....	219
A Força é o Último Recurso de Todas as Falsas Religiões.....	220
Os Antigos Reis do Oriente e do Norte	220
37. A Queda de Babilónia.....	222
Um Desenvolvimento Gradual	222
O Rei Herodes e os Rumores do Oriente.....	223
O Carácter do Rei do Norte	224
O Início do Falso Rei do Norte.....	225
Como Procurar a Luz.....	226
O Monte Santo e os Mares.....	226
O Fim do Falso Rei do Norte	227

Capítulo 1

As Profecias de Daniel

A segunda secção do livro de Daniel começa com o capítulo 7. No nosso estudo, Daniel surge como um grande canal de comunicação profética do Antigo Testamento. Isto não é de surpreender, pois, enquanto ainda jovem, foi declarado acerca dele, “mas a Daniel deu entendimento em toda visão e sonhos.” *Daniel 1:17*.

A sabedoria divina tinha-lhe atribuído o dom do Espírito da Profecia. Esta bênção foi possível graças à bela pureza da sua vida. Desse modo serviu a Deus e ao rei no campo das visões e dos sonhos, enquanto os outros três hebreus receberam “... o conhecimento e a inteligência em todas as letras e sabedoria.” *Daniel 1:17*.

Este era um dom que a igreja de Deus precisava na época, pois o seu futuro parecia sombrio e sem esperança. Num tempo como esse, a voz de Deus foi ouvida em calma certeza, desdobrando os acontecimentos do futuro na sua ordem, fosse bom ou mau. Os cativos de Babilónia devem ter sentido os seus espíritos erguerem-se quando viram todas as nações mundiais acabarem na ruína total. Só pode haver um reino que dure para sempre, e este é o reino de Deus.

Com esta curta consideração da situação da igreja de Deus naquele tempo, vamos agora recorrer ao estudo das próprias profecias. Estas estão registadas para aqueles que estão a viver nos últimos dias da história da Terra e são-nos apresentadas na forma de bestas de rapina ferozes, dias e tempos simbólicos, e uma imagem de diversos metais.

Estão passados quase 2.500 anos desde que essas predições foram feitas, e o tempo tornou possível combinarmos a profecia com o seu cumprimento. Em todos os casos, o desenrolar dos acontecimentos tem sido exactamente o que a profecia nos levou a esperar que acontecesse. A revelação que fornece as bases para o livro de Daniel foi a da grande imagem mostrada ao rei Nabucodonosor no seu sonho, aquele que exigiu os serviços de Daniel, tanto para recordar o sonho como para interpretar o seu significado. Vamos analisar resumidamente esta exposição de acontecimentos futuros de forma simbólica que definirá o palco para a compreensão do resto do livro.

Depois de Daniel ter recebido esta luz do Céu, comunicou-a ao rei nestas palavras:

“Estando tu, ó rei, na tua cama, subiram os teus pensamentos, acerca do que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela os mistérios te fez saber o que há de ser.

“E a mim me foi revelado esse mistério, não porque haja em mim mais sabedoria que em todos os viventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses os pensamentos do teu coração.

“Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta estátua, que era imensa, cujo esplendor era excelente, e estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível.

“A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços de prata; o seu ventre e as suas coxas de cobre;

“As pernas de ferro; os seus pés em parte de ferro e em parte de barro.

“Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem auxílio de mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou.

“Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como praga das eiras do estio, e o vento os levou, e não se achou lugar algum para eles; mas a pedra, que feriu a estátua, se tornou grande monte, e encheu toda a terra.” *Daniel 2:29-35*.

Sem interrupção, Daniel revelou o sonho perante o monarca no seu trono. Depois de o ter feito, prosseguiu com a explicação do que cada símbolo significava. Ele demonstrou que a cada símbolo, sem excepção, fora dada a correspondente explicação, e, reciprocamente, cada explicação tinha o seu símbolo respectivo. É muito importante que reconheçamos este padrão de revelação no livro de Daniel, porque, de outro modo, não compreenderemos todas as mensagens contidas nestas maravilhosas profecias. Chegaremos a vários exemplos deste padrão à medida que prossigamos.

Aconteceu, pois, que depois de apresentar todos os pormenores do sonho ao rei, Daniel, prosseguiu com a interpretação. Ele disse:

“Este é o sonho; também a sua interpretação diremos na presença do rei.

“Tu, ó rei, és rei de reis; a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força, e a glória.

“E onde quer que habitem os filhos de homens, na tua mão entregou os animais do campo, e as aves do céu, e fez que reinasse sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro.

“E depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, o qual dominará sobre toda a terra.

“E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro, esmiúça e quebra tudo; como o ferro que quebra todas as coisas, assim ele esmiuçará e fará em pedaços.

“E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois viste o ferro misturado com barro de lodo.

“E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil.

“Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro.

“Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre,

“Da maneira que viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro; o grande Deus fez saber ao rei o que há de ser depois disto. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação.” *Daniel 2:36-45*.

Chegou o momento de nós combinarmos os símbolos com os acontecimentos que eles predizem. Nós também necessitamos de um ponto de partida. Já estavam eles ali, ou anteriormente nos dias da glória dos assírios ou dos egípcios, ou mais tarde num tempo ainda futuro? A resposta a esta pergunta é muito rapidamente dada, porque, depois de descrever Babilónia como um poder mundial sob o reinado do rei Nabucodonosor, ele disse directamente ao rei, “tu és a cabeça de ouro.”

Por conseguinte, temos agora um ponto de partida que começou com a supremacia mundial de Babilónia em 609 a.C. Mas o seu domínio foi de curta duração, durou uns meros 70 anos como foi profetizado por Deus através de Jeremias.

“Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, visitarei o rei de Babilónia, e esta nação, diz o Senhor, castigando a sua iniquidade, e a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas.

“E trarei sobre aquela terra todas as minhas palavras, que disse contra ela, a saber, tudo quanto está escrito neste livro, que profetizou Jeremias contra todas estas nações.” *Jeremias* 25:12, 13.

Babilónia, a capital, era povoada por pessoas que acreditavam que a cidade nunca poderia cair. As suas fortificações eram tão maciças, os seus muros tão largos e tão altos, o seu abastecimento de água tão contínuo e abundante, a sua reserva de comida tão certa e adequada, e as suas grandes portas de bronze tão impenetráveis, que parecia não haver possibilidade que a grande cidade pudesse cair.

“O carácter do império babilónico é indicado pela cabeça de ouro. Era o reino de ouro de uma idade de ouro. Babilónia, a sua metrópole, elevou-se a uma altura nunca alcançada por suas sucessoras. Situada no jardim do Oriente, disposta em quadrado perfeito de, segundo se diz, 96 quilómetros de perímetro, ou seja 24 de cada lado; cercada por uma muralha de, como se calcula, 60 a 90 metros de altura e 25 de largura e um fosso ao redor com a capacidade cúbica da própria muralha; dividida em quadras por suas muitas ruas de 45 metros de largura que se cortavam em ângulo recto direitas e bem niveladas; seus 576 quilómetros quadrados de superfície ocupados por exuberantes jardins e lugares de recreação, entrecortados de magníficas moradas, esta cidade, com seus 96 quilómetros de fossos, 96 quilómetros de muralha exterior e 48 quilómetros de muralha de ambos os lados do rio que passava pelo seu centro, as suas portas de bronze polido, seus jardins suspensos com terraços superpostos até alcançarem a altura das próprias muralhas, o seu templo de Belo com cinco quilómetros de perímetro, os seus dois palácios; reais, um de seis quilómetros de circunferência e o outro de pouco mais de doze, com seus túneis subterrâneos que, passando sob o rio Eufrates, uniam os dois palácios, sua perfeita arrumação para comodidade, adorno e defesa, e seus recursos ilimitados, esta cidade, encerrando tantas coisas que eram maravilha do mundo, era ela mesma outra maravilha mais prodigiosa. Ali, com o mundo inteiro prostrado a seus pés, como rainha de grandeza sem par, que recebeu da própria pena inspirada este brilhante título: ‘a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus’, destacava-se esta capital condizente com o reino representado pela cabeça de ouro dessa grande imagem histórica” *Considerações Sobre Daniel e Apocalipse*, por Uriah Smith, 27.

Porém, a segura palavra da profecia declarou que Babilónia não duraria para sempre, mas transformar-se-ia verdadeiramente num monte de ruínas que nunca seriam reconstruídas. Outro reino simbolizado pelo peito e braços de prata devia surgir para dominar o mundo. Este foi o reino da Medo-Pérsia sob a liderança de Ciro. A cidade de Babilónia foi a última parte do reino a cair. Sitiar a cidade seria inútil e Ciro decidiu realizar pela estratégia o que por assalto não podia conseguir. Isto aconteceu em 539 a.C. do seguinte modo.

Ele ordenou aos seus soldados que desviassem o rio Eufrates para uma enorme área escavada para esse propósito e assim que o rio estivesse suficientemente baixo para eles entrarem debaixo dos muros assim fizeram. Rapidamente as tropas da Medo-Pérsia estavam no interior da cidade. Tão grande foi a surpresa e tão completa a vitória, que toda a batalha foi acabada numa só noite. Babilónia, a grande cidade que era suposto governar para sempre, desapareceu da cena em menos de um século. Os medo-persas estavam confiantes que o seu império duraria para sempre sem cair, mas também ele caiu. Este acontecimento teve lugar na batalha de Arbela em 331 a.C. quando o poderoso exército grego comandado por Alexandre, o Grande, derrotou o exército medo-persa sem margem para dúvidas. A Medo-Pérsia dominou o mundo durante 208 anos que foi perto de três vezes mais tempo do que a sua antecessora, Babilónia. Os seus domínios foram mais vastos, mas a sua glória foi inferior, tal como simbolizado pela prata que não é tão valiosa ou bela quanto o ouro.

Os gregos simbolizados pelo ventre e pelas coxas de bronze, governaram o mundo durante 163 anos, até serem obrigados a darem o seu lugar aos romanos na batalha de Pidna em 168 a.C.

Desde essa altura Roma dominou o mundo até 476 d.C. quando o último imperador do ocidente foi deposto pelo germânico Odoarco. Roma durou 644 anos.

Do crescente tempo de vida dos reinos à medida que se avança, esperar-se-ia que o período de vida do poder que sucedeu a Roma fosse considerável, mas ao contrário disso, o fim do domínio de Roma marcou o final dos impérios mundiais. Nunca mais os reinos terrestres seriam unidos sob uma única cabeça. Nisto temos uma significativa característica da profecia bíblica. Tem que ser assim. Porque se não fosse, não seríamos capazes de confiar nela. Se, por exemplo, a história nos tivesse dado três ou cinco ou mais impérios mundiais, enquanto Daniel dizia que eram apenas quatro, então perderíamos a confiança nas suas predições. Mas houve precisamente quatro impérios — nem mais, nem menos — tal como a profecia disse que seria.

À medida que prossigamos no estudo do resto do livro de Daniel, aprenderemos a apreciar realmente esta característica. Há grandes períodos de tempo referidos nos capítulos 7-12. A precisão destes deve ser tratada com o maior respeito, caso contrário, com certeza falharemos em entrar na luz que o Senhor tem para nós.

A seguir à desintegração e queda do Império de Roma, o reino devia ser dividido em unidades fortes e fracas nas quais devia haver a força do ferro misturada com a fraqueza do barro. Foi declarado a Daniel pelo Revelador dos Segredos que os homens tentariam por todos os meios disponíveis juntar uma vez mais todo o mundo sob uma única bandeira, mas o comprovado Espírito de Profecia através de Daniel declarou que não passará de um esforço inútil.

Homens de perícia militar como Carlos Magno e Napoleão reuniram grande poder e foram movidos por poderosas ambições que não se satisfariam com menos do que a conquista de todo o mundo. Durante algum tempo parecia como se eles estivessem no bom caminho do sucesso. Atrás deles estava um rasto de morte e destruição, lares destruídos, perspectivas frustradas e esperanças fracassadas. Acima de tudo estavam as suas poderosas aspirações. Mas sempre no dia em que a vitória estava virtualmente ao seu alcance, os seus melhores esquemas começaram a ruir e pouco depois eles próprios batiam em retirada.

Outras tentativas para unir o mundo têm sido feitas através de alianças militares, políticas, comerciais e sociais. Todavia, o resultado tem sido sempre o mesmo. Depois de um começo promissor, os participantes encontraram-se em irremediável desordem sem possibilidade de prosseguir mais. Contra todos os seus planos e esquemas a segura palavra de Deus declara que não haverá quinto império.

Uma das razões para esta divisão cada vez mais profunda que assola a humanidade reside no facto de ser incapaz de aprender as lições da causa e do efeito que são tão claramente ensinadas pelos acontecimentos da história. Para fazer isto com sucesso a pessoa deve ser capaz de compreender a verdadeira natureza da rebelião contra Deus e a razão para ela. Portanto, estabelecamos o facto de que o homem do pecado é espiritualmente cego e, como tal, não pode discernir qual será o resultado certo de um determinado rumo de acção.

A análise da história feita pelo homem não está de acordo com os factos do caso. Ele vê na glorificação de si mesmo a sua capacidade de ultrapassar obstáculos, resolver problemas e executar grandes planos. Com grande confiança em si mesmo, vai em frente para obter a vitória. Ele não se submete à mensagem da grande imagem que transmite o mais solene aviso que todo o reino que é estabelecido pelo uso da força falhará.

Portanto, está cego para os factos reais do caso.

Temos que compreender o que é que cria esta terrível cegueira destruidora de vida, a fim de evitar as suas armadilhas. Ela é causada pelo afastamento da presença de Deus para um domínio onde se encontra apenas trevas e nada pode ser visto como realmente é. Este é o passo da incredulidade em Deus que é substituída pela confiança do homem em si mesmo. Quem quer que faça isto com certeza caminhará em trevas.

O homem crê apenas naquilo que vê ou sente, coisas como o poder das pessoas e o poder do dinheiro. Ele crê que pelo hábil uso destes dois, todos os problemas podem ser resolvidos. Isto é algo que ele pode ver e sentir e, portanto, acreditar. A disposição do homem para deixar de crer no que não pode ver é especialmente verdade a respeito das coisas espirituais. Ele não colocará a sua confiança num Deus que os seus olhos não podem ver. Todavia, isto não é afirmar que ele acredita em tudo o que vê, porque a mensagem da imagem é muito clara e pode ser vista, mas mesmo assim não vai acreditar. O que podia ser mais claramente apresentado do que a relação entre a causa e o efeito, como revelado no levantamento e queda dos grandes impérios da profecia e também de nações mais pequenas?

Ali está mostrado que todos os reinos do mundo na sua ascensão ao poder têm usado os mesmos princípios de operação que os seus antecessores, mostrando com isso que nada aprenderam com o passado. O rei de Babilónia, o poderoso Nabucodonosor, com certeza não, pois usou as mesmas tácticas e armas usadas pelos assírios a quem venceu. Por seu lado, os medo-persas seguiram as pisadas dos babilónios e assim os poderes deste mundo têm seguido através de gerações após gerações de terríveis conflitos, sem verem e adoptarem quaisquer princípios de justiça. Tudo o que aprenderam foi como odiar os seus inimigos mais implacavelmente e como inventar armas com as quais possam matar cada um dos outros de forma mais eficiente.

Pode perguntar-se por que deve este desperdício da vida humana continuar, mas este é o inevitável resultado do pecado. A fim de terminar o grande conflito, o pecado tem que se desenvolver até ao seu pior aspecto e a justiça em contraste desenvolver-se até ao seu radiante melhor. Esta exaustiva procura das questões críticas levantadas por Satanás, na sua tentativa para derubar o governo divino, tem que ter permissão para continuar até toda a dúvida possível da verdade e do erro ter sido tornada clara e esclarecida para sempre. Então a justiça e a misericórdia de Deus e o Seu tratamento com o grande conflito será completamente vindicado, de tal maneira que será totalmente impossível o pecado voltar a manifestar-se outra vez.

Neste ponto aparece outra contradição aparente. Embora Daniel fosse informado que apenas existiriam quatro impérios na história humana com início em Babilónia, depois do que todas as tentativas de reunir as nações teriam um consistente fracasso, de facto haverá — “... um vínculo universal de união, uma grande harmonia, uma confederação das forças de Satanás.” “Na luta a ser travada nos últimos dias unir-se-ão, em oposição ao povo de Deus, todos os poderes corruptos que apostataram da obediência à lei de Jeová.” *The S.D.A. Bible Commentary*, 7:983.

Assim parecerá haver mais um império mundial, mas não é assim, porque, estes poderes estarão unidos apenas na oposição à lei de Deus. Não será uma união como a encontrada nos quatro reinos descritos no livro de Daniel, porque a profecia diz que o barro e o ferro não se misturarão.

Contudo, haverá um reino que está a subir ao poder sob o símbolo da pedra cortada do monte sem mãos e que crescerá num grande monte que encherá toda a Terra. Deus é o construtor deste reino, que será o único que nunca passará, mas reinará e governará para todo o sempre. Este é o reino no qual todo o crente em Jesus desejará ter um lugar. Lamentavelmente, muitos falharão em entrar tal como Cristo nos avisa: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela.” *Mateus* 7:13, 14.

A razão para isto está na falta de vontade de tantos para sacrificar o caminho no qual determinaram que o caminho de Deus devia ser construído. Se o Senhor construísse o Seu reino da forma como eles crêem que ele devia ser construído, então os homens com satisfação seguiriam as Suas indicações. O Céu tornar-se-ia um lugar muito popular.

Através do simbolismo da grande imagem, Deus lançou um apelo muito poderoso a toda a raça humana a fim de deixar os procedimentos amaldiçoados pelo pecado e entrar nos Seus seguros e rectos caminhos. Claramente apresentado perante todos está o resultado de ambos os procedimentos. Em cada ocasião em que um novo reino se levanta para subjugar os reinos dominantes e supostamente pretendendo dar um governo estável aos seus súbditos, uma simples

observação e análise dos seus métodos para chegar a este feliz objectivo é tudo o que é necessário para predizer o futuro da nação, a menos que, entretanto, ela mude o seu caminho. Por outras palavras, uma vez que a forma de construção do reino usado por Babilónia foi adoptada pela Medo-Pérsia, então a sua destruição era tão certa quanto a de Babilónia. Nenhum outro resultado era possível a menos que, através do profundo arrependimento, os princípios de operação de Babilónia tivessem mudado para os caminhos da justiça e da paz.

Tal como é com as nações, assim é com as pessoas individualmente. Se desejardes saber onde é que a vida que agora levais eventualmente vos conduzirá, então necessitais apenas de determinar que caminho estais a trilhar. Se estais a construir no mesmo caminho em que Babilónia construiu o seu poder e glória, então a vossa vida terminará em fracasso. Mas se construídes de acordo com o caminho da Pedra que se transformou num grande monte que encherá toda a Terra, então toda a eternidade não será suficiente para exaurir a vossa vida.

Capítulo 2

Bestas e Chifres

Agora que fizemos uma breve revisão da profecia básica de *Daniel*, nomeadamente, a grande imagem do capítulo dois, estamos prontos para fazer um exame mais detalhado da mensagem de *Daniel* 7.

Este capítulo está dividido em três partes, sendo a primeira a apresentação da visão e dos seus vários símbolos. A última secção que dá a explicação dos símbolos é encontrada nos versículos 23-28. Na secção intermédia, os versículos 15-22, Daniel está perturbado pelo que lhe tinha sido revelado e dirige-se a uma das pessoas na sua frente para encontrar a resposta. Em dois curtos versículos a mensagem da profecia e da sua interpretação são dadas como se segue:

“Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra.

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre, e de eternidade em eternidade.” *Daniel* 7:17, 18.

Satisfeito por ter recebido mais essa luz, Daniel insiste na sua pergunta como está escrito nos versículos 19-22. De acordo com a regra estabelecida no capítulo anterior, todo o símbolo tem que ter uma explicação correspondente e toda a explicação tem que ter um símbolo. Portanto, esperamos que uma explicação para cada símbolo seja dada e verificaremos que este é de facto o caso.

Assim, primeiramente tornar-nos-emos familiares com a profecia em si mesma e depois disso ocupar-nos-emos com a respectiva interpretação dos símbolos. Daniel relatou aquilo que viu nestas palavras:

“No primeiro ano de Belsazar, rei de Babilónia, teve Daniel um sonho e visões da sua cabeça quando estava na sua cama; escreveu logo o sonho, e relatou a suma das coisas.

“Falou Daniel, e disse: ‘Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande.

“E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar.

“O primeiro era como leão, e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, e foi levantado da terra, e posto em pé como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem.

“Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne.

“Depois disto, eu continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas suas costas; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio.

“Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres.

“Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas.

“Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.

“Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.

“Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo;

“E, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia foi-lhes prolongada a vida até certo espaço de tempo.

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.

“E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído.” *Daniel 7:1-14.*

Nesta visão são usadas estranhas bestas ferozes para simbolizar as quatro nações que se levantaram e caíram desde o tempo de Babilónia. Um leão com duas asas, um urso selvagem, um leopardo com quatro asas e uma besta que era tão terrível que jamais se vira coisa alguma assim na Terra. Não há dúvida que cada besta simbolizava um reino, porque isto é claramente declarado no versículo 17. “Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra.”

É dito que estas bestas ou reinos se levantam de um mar agitado. Ventos são símbolo de lutas como lemos:

“Os grandes reinos que têm governado o mundo foram apresentados ao profeta Daniel como feras rapinantes, que surgiam quando ‘os quatro ventos do céu combatiam no mar grande.’ Daniel 7:2. Em Apocalipse 17, um anjo explicou que águas representam ‘povos, e multidões, e nações, e línguas’. Verso 15. Ventos são símbolos de contendas. Os quatro ventos do céu a combaterem no mar grande, representam as terríveis cenas de conquista e revolução, pelas quais os reinos têm atingido o poder.” *O Grande Conflito*, 439, 440.

Tal como em *Daniel 2* quatro reinos de extensão mundial estavam a surgir sucessivamente, assim há quatro grandes bestas simbolizando reinos surgindo de um mar tempestuoso. Primeiramente o leão com asas denotando um reino de grande poder e rapidez, até que as asas são arrancadas e levantado e posto em pé como um homem. Já não era forte e em breve caiu presa da besta que veio a seguir a ele. Essa primeira besta é o símbolo de Babilónia.

Em seguida veio um grande urso, o símbolo da Medo-Pérsia. Embora esta nação conquistadora fizesse algumas grandes coisas por Deus e Seu povo pelas quais foi possível reconstruir a cidade de Jerusalém e o templo, apesar disso, a iniquidade foi encontrada nela. “O reino medopérsia foi visitado pela ira do Céu porque neste reino a lei de Deus foi pisada a pés. O temor do Senhor não encontrou lugar nos corações do povo. As influências prevaletentes na Medo-Pérsia foram impiedade, blasfémia e corrupção.” *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1168.

Depois deste veio o leopardo com quatro cabeças e quatro asas. Este animal é um animal muito rápido. O pensamento que é aqui estabelecido é que o leopardo com quatro asas seria muito rápido na conquista das outras nações. Não há dúvida a respeito de quem era o leopardo. Era o reino da Grécia. Uma característica especial do seu levantamento foi a rapidez com que sob a chefia de Alexandre, o Grande, subjugou nação atrás de nação e as juntou ao registo dos seus triunfos. Uma segunda particularidade foi que, depois de uma morte prematura, o seu reino não

continuou como um todo unido, mas foi dividido em quatro divisões pelos seus quatro generais, Ptolomeu, Cassandro, Lisímaco e Seleuco. Ptolomeu, o rei do sul e Seleuco, rei do norte, desempenharão um papel importante na nossa compreensão dos acontecimentos finais que acompanharão o final da história humana. Veremos isto à medida que prossigamos.

Agora vem a quarta e última besta que era tão singular e terrível que prendeu totalmente a atenção de Daniel e, portanto, procurou uma melhor compreensão da natureza desta besta e sua oposição ao Altíssimo Senhor. Esta quarta besta é o mesmo reino em *Daniel 2*, o reino de ferro e como tal é o símbolo de Roma pagã. Ela governou o mundo desde a queda do Império grego até a sua própria queda estar completa em 476 d.C.

Quando lemos acerca da terrível obra de guerra dirigida por este reino contra a igreja de Deus, compreendemos a razão do interesse de Daniel por este opressor do povo de Deus e partilhamos com ele um profundo desejo de compreender melhor quem era ele e qual o seu papel como inimigo de Deus e do Seu povo. Estas perguntas não são difíceis de responder, porque verificamos que a ponta pequena tem a mesma lista de características e efectua a mesma obra que a própria quarta besta. Portanto, identificar uma é positivamente identificar a outra.

Nesta fase precisamos de confirmar que as pontas que crescem da cabeça da besta representam reinos que fazem parte dessa besta ou império. Isto é claramente declarado no versículo 24. "E, quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis." *Daniel 7:24*.

Agora é tempo para identificar de modo positivo quem ou o que é representado pela ponta pequena. Ela levanta-se do quarto reino, por isso não se pode levantar senão do Império Romano. Então as dez pontas são dez reinos, mas nenhum deles são impérios mundiais. Uma vez que elas surgem da besta, a besta tem que estar ali antes delas. Por isso, a besta vem primeiro e depois as dez pontas, cada ponta representando um rei que era inferior a Roma. O Império Romano desintegrou-se sob a investida de poderosas tribos. Estas foram: os Visigodos, Ostrogodos, Suevos, Vândalos, Hérulos, Francos, Burgúndios, Lombardos, Hunos e Anglo-Saxões. O sucesso destas dez tribos sobre o Império Romano tem a data de 476 d.C., contudo, isto não significa que o Império Romano deixou de existir completamente nessa altura. Ele continuou a existir depois disso, mas esta data marca um ponto de não retorno. Por outras palavras antes desta data o destino do Império Romano ainda não estava selado. Mas depois não havia qualquer esperança que o Império Romano evitasse a aniquilação final. Era tudo uma questão de tempo.

Depois das dez pontas terem sido estabelecidas, outra ponta fez sentir a sua presença entre elas levantando-se depois mesmo no meio delas. O crescimento de reinos neste mundo quase sempre significa a queda de outros e assim verificamos que três pontas foram arrancadas pela ponta pequena. O resultado é que sete das primeiras dez ficaram, mais a ponta pequena agora localizada no meio das sete.

Quem foram então as três pontas que foram arrancadas pela ponta pequena? Foram os Hérulos, os Vândalos e os Ostrogodos. Os Hérulos foram arrancados em 493 d.C. expulsos da Itália. Os Vândalos no Norte de África foram os seguintes a serem destruídos. Justiniano que era nessa altura o imperador da parte oriental de Império Romano com capital em Constantinopla, realizou isto enviando o seu exército contra eles sob o comando de Belisário em 533-534 d.C. A campanha militar foi tão bem-sucedida que os Vândalos desapareceram da história. Depois de ter feito isto, o General Belisário invadiu a Itália e expulsou os Ostrogodos. Em 538 d.C. a obra estava completa. Foi a partir desta data que a ponta pequena, tendo-se estabelecido no lugar das três começou a reinar.

Nenhuma das primeiras dez pontas tinha olhos nem uma boca dizendo arrogantemente palavras cujo parecer era maior do que as suas companheiras, mas a ponta pequena tinha. No que respeita a isto ela era diferente das outras restantes sete. Tinha capacidades que elas não tinham e, portanto, podia falar arrogantemente e perseguiria os santos do Altíssimo. Ela tencionava

mudar os tempos e a lei. Faria estas coisas durante um período de tempo descrito como um tempo, tempos e a metade de um tempo.

Analisemos agora estes pontos um a um até as evidências juntas identificarem irrefutavelmente quem é realmente o poder da ponta pequena.

O primeiro é que ela “... proferirá palavras contra o Altíssimo.” *Daniel* 7:25. Estas poucas palavras abrem um vasto campo de verdade abrangendo todo o grande conflito que começou quando Lúcifer procurou exaltar-se acima de Deus. Isto é o que significa falar arrogantemente contra o Altíssimo. É um facto que toda a apostasia da verdade, princípio e poder de Deus, se tem manifestado numa tentativa de estabelecer o homem acima do divino. Esta progressão da luz para as trevas, da justiça para o pecado, é aquela que todas as pessoas que procuram um lugar no reino de Deus devem entender.

Quando Jesus veio à nação judaica para afastar as trevas causadas pela perda da justiça por parte do homem e admitir a gloriosa luz da salvadora verdade, encontrou a disposição do homem para governar os outros homens no lugar de Deus verdadeiramente muito forte. Isto era tão evidente que estava presente mesmo entre os discípulos, ao ponto de revelarem uma determinação de governar sobre Aquele que era o Filho de Deus. Uma das mais claras revelações desta disposição veio ao de cima na ocasião em que Cristo alimentou a multidão com os pães e os peixes. Depois, foi quando o povo viu nos extraordinários poderes de Cristo a capacidade de expulsar os romanos do seu trono e decidiram explorar esta oportunidade ao máximo. Por isso o povo tentou levar Cristo pela força e obrigá-l’O a usar o Seu poder como eles pensavam que ele devia ser usado.

“Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo.

“Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte.” *João* 6:14, 15.

“Em seu entusiasmo, o povo estava disposto a coroá-Lo imediatamente Rei. Vêem que Ele não faz nenhum esforço para atrair a atenção ou conquistar honras para Si. A esse respeito, difere essencialmente dos sacerdotes e principais, e temem que não venha nunca a reclamar Seus direitos ao trono de Davi. Consultando-se entre si, concordaram em apoderar-se d’Ele por força, e proclamá-Lo rei de Israel. Os discípulos unem-se à multidão em declarar que o trono de Davi é a legítima herança de seu Mestre. É a modéstia de Cristo, dizem, que O faz recusar essa honra. Que o povo exalte seu Libertador. Que os arrogantes sacerdotes e principais sejam forçados a honrar Aquele que vem revestido de autoridade divina.” {DTN 260}, *O Desejado de Todas as Nações*, 378.

Da maneira mais firme Cristo recusou-lhes a permissão para levarem avante o seu esquema. Em vez disso, mandou a multidão para casa e deu ordem aos discípulos para atravessarem o lago para Cafarnaum. Eles obedeceram muito relutantemente apenas porque não tinham poder para forçar Cristo a obedecer-lhes.

A partir daí até à crucifixão houve mais destas lutas pelo poder à medida que cada um entre os doze procurava o lugar mais alto no reino para si próprio. Por fim, no serviço do lava-pés, aqueles homens, excepto Judas, foram totalmente limpos da sua disposição de governar os seus semelhantes, mas isto não era verdade acerca daqueles que se juntaram à recentemente formada nova igreja no derramamento da chuva temporã. Mesmo entre os que tinham recebido a mensagem no poder do Espírito Santo estavam alguns que ainda tinham a convicção de que era seu dever ordenar aos outros obreiros que trabalhassem de acordo com as suas opiniões de como a obra devia ser realizada.¹

As coisas chegaram a um ponto elevado quando Paulo regressou a Jerusalém da sua última viagem missionária. Os dirigentes ficaram impressionados até à profunda convicção enquanto

¹ Vede *Atos dos Apóstolos*, 400 {AA 223}; e *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, por F.T. Wright, capítulos 10 e 11.

Paulo relatava as grandes coisas que Deus tinha feito pelo Seu povo, mas em vez de se arrependerem da sua teimosa incredulidade, exigiram que ele mudasse o seu proceder de modo a reconhecê-los como sua cabeça, posição que apenas Cristo podia ocupar.

“Foi essa uma áurea oportunidade para todos os irmãos dirigentes francamente confessarem que Deus operara por Paulo, e que haviam por vezes errado, permitindo que os boatos dos inimigos despertassem neles inveja e preconceito. Mas em vez de se unirem num esforço a fim de fazer justiça àquele que fora ofendido, deram-lhe um conselho que revelava nutrir ainda a idéia de que Paulo devesse ser em grande parte responsabilizado pelos preconceitos existentes. Não se puseram nobremente ao lado dele para defendê-lo, esforçando-se por mostrar aos desgostosos irmãos onde eles próprios estiveram errados, mas procuraram criar um compromisso aconselhando-o a seguir um caminho que na opinião deles removeria toda causa de equívoco.” {AA 225}, *Atos dos Apóstolos*, 403.

Eles começaram a sua resposta dizendo o que consideravam ser um grave problema, a terrível ameaça da violenta perseguição. Os dirigentes em Jerusalém tinham concluído que isto era devido ao “desrespeito” da parte de Paulo pelas leis cerimoniais, quando de facto, era devido à pregação do evangelho. Desse modo tinham elaborado uma solução que envolvia Paulo realizar um requisito cerimonial a fim de “provar” que ele respeitava a lei. Tendo feito o que pensavam ser um plano perfeito, disseram muito significativamente, “Faze, pois, isto que te dizemos:...” Tragicamente, foi o que Paulo fez. O que eles deviam ter dito era, “Portanto, faz o que Cristo a Cabeça da igreja te disser para fazer.” Porém, Paulo colocou-se sob a cabeça de outro homem e por isso ajudou ao estabelecimento na igreja apostólica do reino do mistério de iniquidade, o sistema do homem que governa o homem no lugar de Deus – na igreja primitiva.

A rendição de Paulo às exigências dos dirigentes em Jerusalém não podia ter sido mais prejudicial para a causa da justiça. As perdas sofridas foram terríveis. Na igreja, ele foi o grande campeão do mistério de Deus, que é a perfeita e completa resposta ao mistério da iniquidade. As suas acções em resposta aos irmãos dirigentes resultaram no seu aprisionamento e passou parte do resto da sua vida em prisões romanas, excepto durante um intervalo de relativa curta duração. Isto permitiu que os dirigentes da igreja se estabelecessem mais rápida e firmemente no lugar da autoridade que eles criam ser a sua. Inicialmente a declaração de ocupação do trono do poder e glória não era tão explicitamente declarado. A disposição para governar no lugar de Deus não era tão grande como se tornou alguns séculos depois quando o homem do pecado se estabeleceu realmente sobre as nações e povos do mundo.

Foi então que a igreja apóstata, que conhecemos como o papado e que se desenvolveu a partir de erros não corrigidos continuados pelos irmãos dirigentes de Jerusalém nos dias de Paulo, viera audaciosamente em defesa da posição errada que a cabeça da igreja na Terra substituiu a verdadeira Cabeça, Jesus Cristo. Isto tem um forte argumento nos escritos autorizados dessa igreja como mostra o testemunho acerca de *Daniel 7:25* em *The S.D.A. Bible Commentary 4:831*. Este testemunho é uma cópia do material de uma grande enciclopédia católica romana escrita durante o século XVIII. Ele lê-se como se segue:

“O papa é de tão grande dignidade e exaltado que não é um simples homem, mas como Deus, e o vigário de Deus. ...

“O papa é coroado com uma coroa tripla, como rei do céu, da terra e das nações inferiores. ...

““O papa é como se fosse Deus na terra, único soberano dos fiéis de Cristo, chefe dos reis, que tem a plenitude do poder, a quem o Deus onipotente confiou não só a condução do terreno, como também do reino celestial. ...

“O papa tem tão grande autoridade e poder que pode modificar, explicar ou interpretar até as leis divinas. . .

“O papa pode modificar a lei divina, visto que o seu poder não é do homem, mas sim de Deus, e age como substituto de Deus sobre a terra com o mais amplo poder de ligar e desligar as suas ovelhas.

“O que quer que o próprio Senhor Deus, e Redentor, faça, que o seu vigário faça, desde que não faça nada contrário à fé.” (Traduzido de Lucius Ferraris, ‘Papa II’, *Prompta Bibliotheca*, Vol. VI, pp. 25-29.)

Este é apenas um exemplo de muitas outras reivindicações e afirmações que podem ser citadas para demonstrar que o papado activamente ensina que o Papa é exaltado acima dos poderes do Céu e da Terra e que o Papa pode modificar, alterar e interpretar as leis de Deus. Estas são muito certamente as palavras grandes e arrogantes contra o Altíssimo e essa audácia seria difícil de exceder. Isto coloca um mero, pecaminoso, homem mortal na posição de Deus sobre o trono d’Ele, um conceito que todo o inteligente cristão verdadeiro, rejeita de todo o coração. Este é o inevitável resultado do espírito de domínio do homem pelo homem que devia ter sido banido nos primeiros dias da igreja cristã, mas não foi.

Colocar o homem sobre o homem na igreja só pode produzir o pior tipo de males, como o conhecimento que vem de cima nos tem revelado. A posição do homem sobre o homem na igreja requer que a actual Cabeça Jesus Cristo, seja substituída por outra, neste caso o Pontífice Romano. Mas que fraca substituição o melhor da humanidade podia proporcionar. Pior ainda, por mais justo que um homem possa ser, nunca poderia preencher o papel vital de fazer a ponte do abismo que separa o homem do seu Criador. Cristo é o único Salvador.

“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” *Atos 4:12*.

Então, até agora aprendemos em *Daniel 7* que haveria quatro impérios, o último dos quais foi o Império Romano que governou o mundo de 168 a.C. até 476 d.C. Este poderoso império devia por fim cair em decadência e ser dividido em dez reinos os quais já enumerámos.

A seguir havia de levantar-se, depois dos dez e no meio deles, outra ponta pequena, que arrancou três dos dez chifres originais e que falaria palavras arrogantes contra Deus. Ligámos estas especificações ao papado por este ser o único poder que cumpre estes pormenores no tempo especificado. Há muito mais a aprender em *Daniel 7* como descobriremos nos próximos capítulos.

Capítulo 3

Características da Ponta Pequena

No último capítulo começámos a explicar as características da ponta pequena. Ela tem uma boca com a qual diz palavras arrogantes significando que se exalta a si mesma acima de Deus e toma o Seu lugar. No tempo do Império Romano houve um poder que tentou fazer isto, nomeadamente o papado, que declarou ser ele mesmo deus na Terra, tendo autoridade sobre a Terra e também no Céu. Também afirmou ter o poder para mudar, explicar e interpretar as leis divinas.

A característica seguinte da ponta pequena é que “persegue os santos do Altíssimo.” *Daniel* 7:25 (Nova Tradução na Linguagem de Hoje). A mesma verdade é declarada nestas palavras: “Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.” *Daniel* 7:21. Por outras palavras, perseguições fazem parte do carácter da ponta pequena.

Perseguição é a aplicação da pressão sobre outra pessoa a fim de a obrigar a conformar-se com uma certa forma de pensar e agir. O primeiro exemplo disto na história humana foi Caim que perseguiu o seu irmão Abel, acabando por matá-lo. A questão era puramente religiosa, sendo ela que religião podia Deus aceitar – a de Caim ou de Abel. Ao consumir a oferta de Abel, Deus deu uma incontestável evidência de que a religião de Abel era a verdadeira. Em tempo algum Abel ameaçou Caim, porque nele estava o manso espírito do amor cristão, contudo, Caim matou o seu único irmão.

“E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta.

“Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante...”

“E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou.” *Génesis* 4:4, 5, 8.

Tal como lemos nos versículos 6 e 7 de *Génesis* 4, o Senhor, que não aceitara o sacrifício de Caim, falou-lhe e avisou-o.

“Mas, em vez de reconhecer o seu pecado, Caim continuou a queixar-se da injustiça de Deus, e acalantar inveja e ódio a Abel. Rancorosamente censurou seu irmão, e tentou arrastá-lo à controvérsia com respeito ao trato de Deus para com eles. Com mansidão, se bem que destemida e firmemente, Abel defendeu a justiça e bondade de Deus. Indicou o erro de Caim, e procurou convencê-lo de que a falta estava com ele. Acentuou a compaixão de Deus ao poupar a vida de seus pais, quando Ele os poderia ter punido com morte instantânea, e insistiu em que Deus os amava, ou então não haveria dado a Seu Filho, inocente e santo, para sofrer a pena em que eles tinham incorrido. Tudo isto fez com que a ira de Caim mais se acendesse. A razão e a consciência lhe diziam que Abel tinha razão; mas ele estava enraivecido de que aquele que estivera acostumado a atender seus conselhos pretendesse agora discordar dele, e de que não pudesse ganhar simpatia em sua rebeldia. No furor de seu ódio, matou o irmão.” {PP 42}, *Patriarcas e Profetas*, 74.

As verdades apresentadas neste parágrafo tornam muito claro que a perseguição não tem lugar no carácter e caminhos de Deus. Ele não usa táticas de pressão de qualquer tipo ou forma a fim de ganhar súbditos para o Seu reino. No Jardim do Éden, Deus criou o homem com completa liberdade de escolha como está escrito:

“Posto que fossem criados inocentes e santos, nossos primeiros pais não foram colocados fora da possibilidade de fazer o mal. Deus poderia tê-los criado sem a faculdade de transgredir Suas ordens, mas em tal caso não poderia haver desenvolvimento de carácter; serviriam a Deus não voluntariamente, mas constrangidos. Portanto Ele lhes deu o poder da escolha, a saber, o poder de prestar ou não obediência. E antes que pudessem receber, em sua plenitude, as bênçãos que Ele lhes desejava transmitir, seu amor e fidelidade deveriam ser provados.” *Educação*, 23.

Ao dar aos seres humanos o poder de escolha, o direito de obedecer ou desobedecer, Deus colocou-Se onde não podia puni-los pelo exercício dessa escolha, não importa quão mau isso possa ser. Portanto, de acordo com o Seu carácter e Seus caminhos, Deus não perseguiria Caim punindo-o por causa da sua escolha errada ao matar Abel. Deus não exerce qualquer espécie de pressão de modo a forçar alguém a obedecer. Pelo contrário, Ele respeita o direito de escolha do homem, depois deixa-o sofrer as conseqüências da sua própria escolha. No caso de uma decisão errada, se Deus usasse o poder opressor, contradir-se-ia a Si mesmo. Mas Deus é consistente. Ele não diz uma coisa agora e em seguida outra. De acordo com a constituição do Seu reino, Ele não trabalha por meio da coerção ou força.

Uma vez que a perseguição é a aplicação da força para produzir obediência, ela é uma admissão por parte do opressor de que tem falta do poder salvador do amor pelo qual as almas são ganhas para a vida eterna. A perseguição não pode fazer a sua terrível obra sem exercer o poder opressor. Portanto, ela nunca pode vir de Deus, porque Ele nunca obriga o homem a servi-l’O.

“Não faz parte da missão de Cristo compelir as pessoas a recebê-Lo. É Satanás, e homens ma-nejados por seu espírito, que procuram forçar a consciência. Sob pretenso zelo pela justiça, homens confederados com anjos maus levam algumas vezes o sofrimento a seus semelhantes para convertê-los a suas idéias de religião; mas Cristo está sempre mostrando misericórdia, sempre procurando salvar pela revelação de Seu amor. Ele não admite rival na alma, nem aceita serviço parcial; deseja somente serviço voluntário, voluntária entrega do coração constrangido pelo amor.” {AA 303}, *Atos dos Apóstolos*, 541.

Esta curta explicação do carácter de Deus mostra que a ponta pequena de *Daniel 7* não pode ser de Deus, porque ela pratica esses princípios injustos que nunca são encontrados sob o governo de Deus. E embora reclame o lugar de Deus para si mesma, não é um poder estabelecido por Deus. A história revela que o papado, apesar das suas afirmações de representar Deus na Terra, tem operado por meio da injustiça. Pela sua mão, literalmente milhões de cristãos que estavam preparados para sacrificar as suas vidas pela verdade, foram perseguidos, atormentados e martirizados. A Inquisição foi um terrível agente sob o controlo de Satanás para destruir os filhos de Deus como lemos:

“No século XIII foi estabelecido a mais terrível de todas as armadilhas do papado — a inquisição. O príncipe das trevas trabalhava com os dirigentes da hierarquia papal. Em seus concílios secretos, Satanás e seus anjos dirigiam a mente de homens maus, enquanto, invisível entre eles, estava um anjo de Deus, fazendo o tremendo relatório de seus iníquos decretos e escrevendo a história de ações por demais horrorosas para serem desvendadas ao olhar humano. ‘A grande Babilônia’ estava ‘embriagada do sangue dos santos.’ Os corpos mutilados de milhões de mártires pediam vingança a Deus contra o poder apóstata.” *O Grande Conflito*, 59, 60.

Muitas referências podiam ser adicionadas às que já foram mencionadas revelando os pormenores destas atrocidades. Mas já considerámos o suficiente aqui para expor o carácter de perseguição e dos seus perseguidores e demonstrar que esta é uma marca identificadora do papado que não só usa a força, mas também o fez no tempo exacto predito na profecia.

Tempo, Tempos, e a Metade de Um Tempo

Por agora passaremos à especificação seguinte que se lê: “E procurará mudar os tempos e a lei.” *Daniel 7:25*. Antes de aprender como esta parte do versículo deve ser compreendida, temos que primeiramente compreender o restante dele: “então os santos serão entregues na sua mão por um tempo tempos e a metade de um tempo.” *Daniel 7:25*.

Obviamente, esta é uma referência a um período de tempo, mas quanto tempo? Para encontrar a resposta, consultamos outras Escrituras que declaram a mesma verdade com outras palavras. Estes versículos encontram-se em *Apocalipse 12:6, 14*. Em primeiro lugar consideraremos o versículo 14 que diz, “E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente.”

Este versículo refere-se ao mesmo acontecimento que Daniel profetizou. A mulher devia fugir para o seu lugar no deserto onde devia ser alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo.

Quando comparamos isto com o versículo 6, verificamos que a mesma mulher efectuando o mesmo voo para o seu lugar no mesmo deserto onde devia ser alimentada, não por tempo, tempos, e metade de um tempo, mas por mil duzentos e sessenta dias. “E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.”

Somos então deixados perante a conclusão que tempo, tempos, e metade de um tempo é exactamente mil duzentos e sessenta dias. Isto significa que um tempo é 360 dias, dois tempos é 720 dias e metade de um tempo é 180 dias. Estes dias não são literais, mas simbólicos. Cada dia profético é simbolizado por um ano literal. A Bíblia confirma isto em diversos lugares:

“Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos e conhecereis o meu afastamento.” *Números 14:34*.

“E, quando tiveres cumprido estes dias, tornar-te-ás a deitar sobre o teu lado direito, e levarás a iniquidade da casa de Judá quarenta dias; um dia te dei para cada ano.” *Ezequiel 4:6*.

Confirmação adicional deste princípio que um dia representa um ano em profecia bíblica é encontrada na profecia das setenta semanas de *Daniel 9:24-27*.

Esta evidência oferece-nos uma prova incontestável da exactidão deste princípio. O período de tempo de 490 dias que representam 490 anos tem um ponto de partida fixo, isto é, a ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém e é seguido por outros sinais durante a sua duração. O mais notável destes é a primeira vinda de Cristo ao Seu povo no meio da última semana profética que ocorreu depois de 483 anos.

A ordem para reconstruir e restaurar Jerusalém foi completada no Outono de 457 a.C. depois, 483 anos mais tarde, em 27 d.C. Jesus apareceu como Messias proclamando que o tempo estava cumprido. O tempo a que Ele se referia era a profecia das 70 semanas ou 490 anos de *Daniel 9*. Estas terminaram em 34 d.C. quando Estevão foi apedrejado.

“A nota predominante da pregação de Cristo, era: ‘O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho.’ Mar. 1:15. Assim a mensagem evangélica, segundo era anunciada pelo próprio Salvador, baseava-se nas profecias. O ‘tempo’ que declarava estar cumprido, era o período de que o anjo Gabriel falara a Daniel. ‘Setenta semanas’, dissera o anjo, ‘estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos.’ Dan. 9:24. Um dia, profeticamente, representa um ano. Núm. 14:34. Ezeq. 4:6.” **{DTN 155}**, *O Desejado de Todas as Nações*, 233.

Agora que o princípio que um dia representa um ano foi estabelecido, estamos prontos para aplicar os 1.260 anos da ponta pequena, porque está escrito que “os santos serão entregues na

sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.” Quando é que esse importante período começou? Imediatamente depois dos três reinos terem caído para permitir que o poder da ponta pequena assumisse a sua posição entre as sete. Como mostra a história, esses três eram os Hérulos, os Vândalos e os Ostrogodos. A sua queda ficou completa por volta de 538 a.C., preparando o caminho para o papado tomar a posição do poder.

“... No início do ano 538, *Belisário* pôs fim ao Império e domínio dos Godos em Roma.

“Ele tinha entrado na cidade no décimo dia de Dezembro anterior, em triunfo, em nome de *Justiniano*, imperador do Oriente: e pouco depois tornou-o tributário: deixando a partir de 538, sem poder *em Roma*, de quem se pudesse dizer que *governava sobre a terra* – excepto o PODER ECLESIASTICO PONTIFICAL.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 2:767, por L.E. Froom.

Temos apenas que acrescentar ao ano 538 o período de 1.260 anos para encontrar o fim em que o poder do papado seria quebrado. A soma desses números leva-nos a 1798. Foi nesse mesmo ano que o soberano poder do papado chegou ao fim inesperado depois de um considerável período de declínio. Isto aconteceu da seguinte maneira:

Uma parte do exército de Napoleão Bonaparte sob o comando do general Bertier entrou em Roma, declarou o fim do governo político do papado, aprisionou o Papa Pio IV e levou-o para França onde, pouco tempo depois, morreu no exílio. Nas Escrituras isto é descrito como sendo a chaga mortal que por sua vez foi curada. “E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta... E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.” *Apocalipse* 13:3, 12.

A duração do terrível domínio do poder papal é descrita no versículo 5 como sendo quarenta e dois meses. “E foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para agir por quarenta e dois meses.” *Apocalipse* 13:5. O paralelo da ponta pequena de *Daniel* 7 é evidente: em primeiro lugar encontramos outra vez a boca, que fala grandes coisas e blasfêmias e em segundo lugar encontramos o mesmo período a quem foi dado o domínio desse poder, porque os quarenta e dois meses desta Escritura são equivalentes aos 1.260 dias de *Apocalipse* 12:6. Como um dia descreve um ano literal, assim um mês consiste em trinta dias proféticos, que são 30 anos literais. Quarenta e dois meses vezes trinta dias é igual a 1.260 dias, que indica um período de 1.260 anos.

É importante notar aqui que estamos a falar acerca de tempos proféticos. Não devemos concluir que 360 dias fazem um ano judeu porque isto não é verdade. Referindo-se a um período de tempo, um ano judeu tem em média trezentos e sessenta e cinco dias e 6 horas de duração. É um tempo profético que equivale a 360 dias, e é um mês profético que consiste em 30 dias.

A razão para a Bíblia usar este modo de fazer as contas pode ser encontrada na era antediluviana. Em *Gênesis* 7:11 lemos que o dilúvio começou no décimo sétimo dia do segundo mês. Depois lemos em *Gênesis* 8:3, 4 que as águas diminuíram depois de 150 dias, de modo que a arca pôde pousar sobre o Monte Ararat no décimo sétimo dia do sétimo mês. Isto significa que o dilúvio durou exactamente cinco meses, que somam 150 dias. Portanto, um mês tinha exactamente 30 dias de duração e um ano teria sido 360 dias.

A Tentativa para Mudar os Tempos

Avançamos agora para a característica mencionada antes, que é aquela em que “... cuidará em mudar os tempos e a lei.” *Daniel* 7:25. As perguntas a serem feitas em ligação com o nosso estudo são: que tempos procurou o papado mudar? Porque é que ele fez semelhante tentativa?

O período profético de 1.260 dias é uma das marcas relevantes de identificação que estabelece a identidade da ponta pequena. Juntamente com as outras características constitui uma incontestável prova de que a ponta pequena é o símbolo do papado. Se fosse possível reinterpretar

esta marca, pela mudança da extensão ou localização dos 1.260 anos, a evidência seria destruída completamente.

Até ao aparecimento da Reforma Protestante, o papado não teve qualquer preocupação com esta eventualidade porque tinha mantido as Escrituras afastadas do povo. “Fora a política de Roma, sob profissão de reverência para com a Bíblia, conservá-la encerrada numa língua desconhecida, ocultando-a do povo. Sob seu domínio as testemunhas profetizaram ‘vestidas de saco.’” *O Grande Conflito*, 269.

Mas quando as Escrituras foram abertas para os mensageiros de Deus, um forte poder acompanhou a proclamação da verdade, e milhares de milhares foram libertados das trevas que por tanto tempo tinham mantido a luz encerrada. Foi uma maravilhosa emancipação, o nascer de um novo dia. Juntamente com o evangelho, as profecias foram especialmente eficazes na libertação dos oprimidos do repressivo sistema do papado.

“Durante algum tempo depois do início da Reforma, a liderança católica romana evitou cuidadosamente a exposição das profecias de Daniel e Apocalipse. Eles pareciam incapazes de deter a força das incriminatórias aplicações protestantes das profecias a respeito do anticristo, que estavam a minar os próprios fundamentos da posição católica....

“Mas qual das várias profecias do anticristo devia tirar as suas vantagens entre os tempos do império de ferro romano e os santos do reino? Na Alemanha, Suíça, Dinamarca, Suécia, Inglaterra e Escócia tinha havido simultâneas e impressivas declarações pela voz e pela pena que o Papado era o anticristo especificado na profecia. Os símbolos de Daniel, Paulo e João eram aplicados com tremendo efeito. Centenas de livros e panfletos deram voz ao seu argumento sobre a consciência da Europa. Na verdade, ele ganhou tanta ascendência nas mentes dos homens que Roma, alarmada, viu que devia contra-atacar com sucesso esta identificação de anticristo com o papado ou perderia a batalha.

“Ela sentiu a força tremenda dos argumentos usados contra ela. E descobriu, para sua consternação, que não podia mais manter os seus membros por mero ritual, dogma ou força. Seria necessário um argumento evidente e uma exposição plausível da profecia para enfrentar a longa inquebrável harmonia das posições reformadas. O catolicismo deve ter pregadores que correspondam à dinâmica da eloquência e conhecimento da Reforma. Os jesuítas foram chamados a ajudar em casos extremos e habilmente forneceram o próprio método necessário tanto para a defesa como para o ataque.

“Das fileiras dos jesuítas surgiram duas pessoas fortes determinadas a elevar o estigma do Papado localizando o Anticristo nalgum ponto onde ele não pudesse ser aplicado à Igreja Romana....

“Na reação que se seguiu, o catolicismo soltou todas as suas reservas sobre os adeptos da Reforma. Mas a Contra-Reforma não se limitou a condenar a Reforma em geral; atacou as posições proféticas sobre as quais todos os protestantes estavam de acordo. Repudiava a interpretação que eles encarnavam nas suas solenes confissões e selavam com o seu sangue. Dessa maneira atacou e condenou a acção primaveril profética protestante. ...

“Roma tinha sentido a força acumulada destas profecias. Tinha que de algum modo refutá-las. Não havia outra maneira senão negar a sua aplicabilidade ao Papado, uma vez que a sua existência integral nas Escrituras não podia ser negada. A cidadela Católica tinha que ser defendida no terreno profético. A persistente aplicação Protestante do anticristo ao Papado, sob vários símbolos, tinha que ser enfrentada e invertida para que a fortaleza Protestante fosse vencida. O dedo incriminador da profecia – apontado por Daniel, Paulo e João – devia ser desviado. Os símbolos deviam ser arredados de todo o campo da história medieval e contemporânea.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 2:484-486, por L.E. Froom.

Foram três sacerdotes jesuítas em particular que deram ao papado aquilo que era preciso para contra-atacar os poderosos ataques lançados contra ele pelos reformadores protestantes.

Duas interpretações contraditórias dos 1.260 anos foram apresentadas, e, apesar da natureza confusa desta solução, foi alcançado muito sucesso em desviar a atenção da Igreja Católica Romana.

Dois destes homens foram Ribera de Salamanca em Espanha e o Cardeal Belarmino de Roma. Eles apresentaram o que é conhecido como a interpretação futurista que colocou o anticristo muito longe no futuro. Um terceiro jesuíta, Alcazar, introduziu ao mesmo tempo uma interpretação passada que localizava o aparecimento da ponta pequena antes do tempo de Roma. Se ambas estivessem correctas, o papado seria muito certamente salvo da identificação como o anticristo.

Contudo, os tempos proféticos não podem ser mudados assim tão facilmente. Por agora, faremos menção a *Daniel 7:25* que descreve quais são as intenções arrogantes da ponta pequena: colocando-se a si mesma no lugar de Deus, perseguindo os dissidentes e forçando as suas consciências e mudando os tempos. Todavia, na realidade o poder da ponta pequena nunca podia tomar o lugar de Deus, mudar os tempos fixados ou forçar a consciência de um verdadeiro crente (mesmo que pudesse matar o seu corpo).

O apóstolo Pedro declara:

“E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações.

“Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.

“Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.” *2 Pedro 1:19-21*.

A palavra profética é confirmada por causa da sua origem divina. Os homens podem lutar, como fizeram os jesuítas, para mudar o que Deus tinha declarado, mas eles de facto nunca mudarão o que quer que seja. Aqui, por exemplo, está uma predição declarando que, de um específico ponto de partida, o papado reinaria com uma forma política e religiosa de governo durante 1.260 anos – nem mais, nem menos. É dado um ponto inicial, nomeadamente, a queda dos poderes arianos que ocorreram entre 533 e 538. É depois uma questão simples acrescentar 1.260 a 538 e chega-se a 1798. É igualmente simples concluir que o aprisionamento do papa nesse ano foi um exacto e real fim dos 1.260 anos que eram o tempo, tempos e a metade de um tempo da profecia de *Daniel 7:25*. Isto mantém-se inalterável apesar de todos os esforços daqueles que têm procurado desviar do papado as evidências incriminatórias que o apontam como o poder que ele realmente é – o grande anticristo.

As predições de Deus estavam correctas exactamente no próprio ano, com um princípio e um fim para os 1.260 anos. Isto é muito impressionante, especialmente quando foram feitos todos os esforços pelo próprio homem do pecado para mudar o tempo. Mas ele falhou. Deus tinha estabelecido o tempo e nada havia que o pudesse mudar. Foi em 1798 o fim da supremacia papal como tinha sido predito séculos antes.

Capítulo 4

A Tentativa de Alterar a Lei

Já vimos que o poder da ponta pequena tentou mudar os tempos da profecia. Contudo, esta não foi toda a sua obra — ela também tentou mudar a lei de Deus. “E cuidará em mudar os tempos e a lei.” *Daniel 7:25*.

A Lei de Deus

A lei de Deus pode ser dividida em duas categorias — a moral e a natural. A primeira governa a nossa relação com Deus e os nossos semelhantes e é expressa em dez sagrados mandamentos dados por Deus a Moisés no Monte Sinai. Correctamente compreendidos, estes são vistos como a expressão de um perfeito amor e a verdadeira revelação do carácter divino do nosso Pai eterno. Eles ficam escritos nos corações de todos os que querem que a justiça de Deus se torne a sua própria experiência.

“A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de Sua vontade, uma transcrição de Seu carácter, expressão do amor e sabedoria divinos. A harmonia da criação depende da perfeita conformidade de todos os seres, de todas as coisas, animadas e inanimadas, com a lei do Criador. Deus determinou leis, não somente para o governo dos seres vivos, mas para todas as operações da natureza. Tudo se encontra sob leis fixas, que não podem ser desrespeitadas. Todavia, ao mesmo tempo em que tudo na natureza é governado por leis naturais, o homem unicamente, dentre todos os que habitam na Terra, é responsável perante a lei moral. Ao homem, a obra coroadora da criação, Deus deu o poder de compreender o que Ele requer, a justiça e beneficência de Sua lei, e as santas reivindicações da mesma para com ele; e do homem se exige inabalável obediência.” {PP 24}, *Patriarcas e Profetas*, 52.

A lei moral envolve o espírito humano. A inteligência ou razão determina a sua relação com esta lei. A lei natural diz mais respeito aos inteligentes poderes básicos encontrados tanto nas coisas animadas como nas inanimadas. As leis naturais determinam como actuam os poderes na natureza – não independentemente, mas como agentes de Deus que os criou e os usa para aplicar o Seu propósito de amor.

Deus dá ao homem um conhecimento tanto da lei moral como da lei natural de modo que ele possa compreender como se relacionar com elas e ser abençoado por ambas. As leis são interactivas, o que significa que obedecer a uma torna-nos capazes de obedecer à outra. Por outro lado, isto também significa que a violação de uma conduz inevitavelmente à violação da outra, resultando eventualmente no sofrimento e mesmo na morte. Portanto, para que os propósitos de amor de Deus sejam cumpridos é necessária a nossa obediência.

“Deus pôs o homem sob a lei, como condição indispensável de sua própria existência. Ele era um súdito do governo divino, e não pode haver governo sem lei. Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir a Sua lei; poderia ter privado a mão de Adão de tocar no fruto proibido; neste caso, porém, o homem teria sido, não uma entidade moral, livre, mas um

simples autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter. Tal maneira de agir seria contrária ao plano de Deus ao tratar Ele com os habitantes de outros mundos. Seria indigna do homem como um ser inteligente, e teria apoiado a acusação, feita por Satanás, de governo arbitrário por parte de Deus.” {PP 21}, *Patriarcas e Profetas*, 49.

Tal como Adão era livre de obedecer à lei moral, assim os homens hoje são livres de escolher se obedecem ou desobedecem. Muitos escolhem desobedecer como fez Adão. Nós queremos considerar duas causas para esta desobediência. Primeiramente, rebelião e em segundo lugar, ignorância ou má compreensão.

A Lei Natural

Há muita quantidade de coisas escritas acerca da lei natural no Espírito de Profecia e que a sua violação é tão destrutiva como é a desobediência à lei moral.

A lei natural governa a preservação da saúde, o cuidado pela Terra, a segura protecção e uso dos poderes da natureza, o sucesso do casamento, a equilibrada educação dos filhos e muito mais. Os homens demonstram considerável inconsistência na sua relação com a lei natural. Eles estão prontos para reconhecer a necessidade da rigorosa obediência à lei em algumas áreas da actividade humana, mas desrespeitam este factor noutras áreas igualmente importantes.

Um propósito da mensagem do terceiro anjo é expor total e completamente o poder da ponta pequena ou “o homem do pecado” (2 *Tessalonicenses* 2:3), como o supremo transgressor da lei. Na proclamação desta mensagem, é colocado grande ênfase na vital importância de aprender, compreender e obedecer às leis naturais da saúde. Aqui está uma advertência típica:

“Nosso benigno Pai celestial vê a deplorável condição dos homens que estão vivendo em violação das leis por Ele estabelecidas — alguns com conhecimento, mas muitos ignorantemente. E movido de amor e piedade para com a humanidade, faz com que incida a luz sobre a reforma de saúde. Ele publica Sua lei e a pena que acompanhará a transgressão da mesma, a fim de que todos saibam, e cuidem em viver em harmonia com a lei natural. O Senhor proclama tão distintamente Sua lei, e torna-a tão proeminente, que é como uma cidade edificada sobre um monte. Todos os seres responsáveis a podem compreender, se o quiserem. Os idiotas são inimputáveis. Tornar patente a lei natural e insistir em que se lhe obedeça, eis a obra que acompanha a terceira mensagem angélica, a fim de preparar um povo para a vinda do Senhor. *Testemunhos para a Igreja* 3:161.

Desobediência Através da Rebelião

Temos de obedecer inabalavelmente a todas as leis de Deus, tanto natural como moral.

Mas “o homem do pecado” ou a ponta pequena não se preocupa com a obediência. A sua desobediência foi causada pela rebelião. Acerca dele está escrito, “E proferirá palavras [arrogantes e blasfemas, *Apocalipse* 13:5, Nova Versão Internacional] contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.” *Daniel* 7:25. Portanto, que lei a ponta pequena ou homem do pecado tentará mudar? O que é que o tornou tão ousado? E o que é que ele pretendia com esta tentativa?

Como a ponta pequena estava em primeiro lugar preocupada com a luta contra o Altíssimo e Seus santos, pode ser concluído que ela estava a tentar, primeiro e acima de tudo, mudar a lei moral, embora a lei natural também fosse inevitavelmente afectada. Satanás tem sempre deleite em atrair seres inteligentes para as suas fileiras colocando noutros o mesmo descontentamento pelo governo de Deus que em primeiro lugar o levou a rebelar-se no Céu. Ele considera a lei de Deus injusta e arbitrária, portanto determinou substituí-la com o que ele afirmava ser uma mais

justa e superior. Até hoje ele tem prosseguido a sua causa e no homem do pecado encontrou um agente através de quem procura impor o seu domínio sobre outros.

Satanás afirma que as suas alterações apenas melhorarão a lei moral. Contudo, o seu governo e o governo de Deus são tão radicalmente diferentes que a formação de uma sociedade entre ambos está eternamente fora de questão. Não há qualquer lugar no reino de Deus para o governo do anticristo, não importa quanto Satanás possa insistir no contrário. Deus declara que qualquer tentativa para acrescentar alguma coisa à Sua Palavra ou tirar qualquer coisa dela terminará em miserável fracasso (*Apocalipse 22:18, 19*). Deus é a única fonte da justiça e da vida. A lei moral é “uma transcrição do Seu carácter”. Somente a Sua inalterada lei — isto é, o Seu carácter — no coração pode produzir a verdadeira obediência. A contrafacção do sistema feita por Satanás conduzirá sempre à transgressão, seja ela expressa na abolição da lei ou no legalismo. Os que tentam alterar a lei de Deus estão na verdade a rejeitá-la, muito embora possam com ênfase afirmar que a guardam. Não importa quanto possam tentar alcançar o padrão por si idealizado, a sua obediência será sempre forçada e artificial, nunca será um verdadeiro desejo do coração. O governo de Satanás e o de Deus nunca se podem misturar, porque a verdadeira obediência do coração e o espírito do legalismo ou a aberta negação da lei, são completamente opostos.

A Apostasia da Igreja Apostólica

Exactamente desde o início do conflito, Satanás compreendeu que devia colocar as suas leis no lugar da lei moral, a fim estabelecer o seu reino rival. Mais tarde, através do homem do pecado, continuou a cobiçar e a contestar a posição do Criador. No tempo da Igreja Apostólica o poder desta ponta pequena foi descrito nas seguintes palavras:

“Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que, agora resiste até que do meio seja tirado;

“E, então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda.” *2 Tessalonicenses 2:7, 8*.

No caso da igreja apostólica, abençoada com o magnífico poder do Espírito Santo, Satanás sabia que a transição da justiça para a iniquidade não se realizaria num só dia.

“Depois da descida do Espírito Santo, quando os discípulos saíram para proclamar um Salvador vivo, seu único desejo era a salvação de almas. Rejubilavam-se na doçura da comunhão com os santos. Eram ternos, prestativos, abnegados, voluntários em fazer qualquer sacrifício pelo amor da verdade. Em seu contato diário entre si, revelavam aquele amor que Cristo lhes ordenara. Por palavras e obras de altruísmo, procuravam acender este amor em outros corações.” {AA 306}, *Atos dos Apóstolos*, 547.

Embora a igreja parecesse ser invencível nesta fase, Satanás não desistiu. Passo a passo, habilmente introduziu a sua forma de governo alternativa. Ele começou por roubar aos crentes os elementos essenciais encontrados no governo de Deus, nomeadamente, o infinito amor de Deus e a sincera fé no Altíssimo. Se os membros da igreja apostólica tivessem sido muito cuidadosos em se proteger contra as subtis incursões do homem do pecado, quão diferente teria sido a história posterior do mundo. Não teria sido uma repetição, onde mais cedo ou mais tarde, toda a igreja se renderia à pressão do egoísmo, apesar de alguns membros aqui e ali permanecerem fiéis. A respeito dos seus pais, que tinham perdido o amor de Deus e se tinham tornado vítimas da apostasia, está escrito:

“Mas este é um povo roubado e saqueado; todos estão enlaçados em cavernas e escondidos nas casas dos cárceres; são postos por presa, e ninguém há que os livre; por despojo, e ninguém diz: ‘Restitui.’” *Isaías 42:22*.

A intenção de Deus para a Sua igreja era que ela mantivesse o seu primeiro amor. “Um tal amor, deviam os crentes sempre acariciar. Deviam proceder em obediência voluntária ao novo mandamento. Tão intimamente deviam estar unidos com Cristo que pudessem estar habilitados

a cumprir todos os seus reclamos. Sua vida devia magnificar o poder de um Salvador que poderia justificá-los por Sua justiça.” {AA 306}, *Atos dos Apóstolos*, 547, 548.

Nunca na história o ideal de Deus para o Seu povo, como um todo, tinha chegado tão perto do activo cumprimento do que nessa altura. Infelizmente, a elevada norma alcançada pela igreja apostólica não se manteve. “Mas gradualmente se operou uma mudança. Os crentes começaram a olhar os defeitos uns dos outros. Demorando-se sobre os erros, dando lugar a inamistoso criticismo, perderam de vista o Salvador e Seu amor. Tornaram-se mais estritos na observância de cerimônias exteriores, mais estritos no tocante à teoria que à prática da fé. Em seu zelo para condenar a outros, passavam por alto seus próprios erros. Perderam o amor fraternal que Cristo lhes ordenara, e, o que é mais triste, não tinham consciência dessa perda. Não reconheceram que a felicidade e a alegria lhes estavam abandonando a vida, e que, havendo excluído o amor de Deus do coração, estariam logo andando em trevas.” {AA 307}, *Atos dos Apóstolos*, 548.

A fim de se proteger contra a apostasia, devia ser mantida uma maior vigilância. O mais pequeno desvio da verdade deve ser reconhecido como perigo. Isto não significa que temos de examinar outros, pelo contrário, cada pessoa deve examinar o seu próprio coração. Quando acontecem mudanças para pior, elas são frequentemente muito subtis e pequenas no início e, contudo, a sua influência pode crescer até dominar toda a pessoa e por fim, a própria igreja. De facto, um dos maiores perigos que a igreja enfrenta vem dos membros que professam a teoria da verdade apesar de já não experimentarem o seu poder santificador. Isto resulta de uma das mais sombrias características da apostasia, principalmente a apostasia que priva as suas vítimas da capacidade de ver quão longe se afastaram da verdade e começaram a caminhar nas trevas. A fim de salvar-se deste destino, é vital ser-se honesto e não considerar pequenos afastamentos da verdade como de pouca importância.

O Levantamento da Ponta Pequena

Depois da morte de Paulo, o mistério da iniquidade, que é o mistério do desrespeito à lei, avançou. A transição da verdadeira justiça do coração para a maliciosa iniquidade levou alguns séculos. “Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente das pessoas, o mistério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século IV, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo.” *O Grande Conflito*, 49, 50.

À medida que o espírito de Cristo na igreja desaparecia, ela mergulhava cada vez mais profundamente na apostasia. “O papado tentou mudar a lei de Deus. O segundo mandamento, que proíbe o culto às imagens, foi omitido da lei, e o quarto foi mudado de molde a autorizar a observância do primeiro dia em vez do sétimo, como sábado. Mas os romanistas aduzem como razão para omitir o segundo mandamento ser ele desnecessário, achando-se incluído no primeiro, e que estão a dar a lei exatamente como era o desígnio de Deus fosse ela compreendida. Essa não pode ser a mudança predita pelo profeta. É apresentada uma mudança intencional, com deliberação. ‘Cuidará em mudar os tempos e a lei.’ A mudança no quarto mandamento cumpre

exactamente a profecia. Para isto a única autoridade alegada é a da Igreja. Aqui o poder papal se coloca abertamente acima de Deus.” *O Grande Conflito*, 446.

Assim os papistas simplesmente apagaram o segundo mandamento, depois dividiram o décimo em dois a fim de manter o número de mandamentos em dez. Estas mudanças mostraram uma orgulhosa presunção da parte da ponta pequena, mas foi a mudança no quarto mandamento que foi o preciso cumprimento da profecia.

Desobediência Através do Engano e da Ignorância

Foi preciso muito tempo para o povo ficar suficientemente enganado e aceitar a mudança do quarto mandamento. No início unicamente o repouso do sétimo dia era observado por todos os cristãos como o dia santo de Deus. Consideravelmente mais tarde, o domingo começou a ser reverenciado como um memorial da ressurreição de Cristo. Depois disso, à medida que o mistério da iniquidade progressivamente se entrincheirava mais firmemente na igreja, a reverência pela instituição divina diminuiu enquanto aumentava constantemente para o domingo, até que o sétimo dia passou a ser considerado como um dia comum não possuindo qualquer santidade e o domingo tornou-se o dia santo de adoração.

“A primeira acção oficial da igreja Católica expressando a preferência pelo domingo foi feita no concílio de Laodiceia, no século IV. O Canon 29 deste concílio estipula que ‘Os cristãos não devem judaizar e descansar no sábado [dia de repouso], mas devem trabalhar nesse dia; mas devem honrar o dia do Senhor especialmente e, como sendo cristãos, não farão se for possível, nenhum trabalho naquele dia.’” *The S.D.A. Bible Commentary* 4:832.

Apesar desta ser a primeira acção oficial tomada pela igreja católica a respeito do relevante valor do sábado em comparação com o domingo, foi um passo de considerável poder. A partir deste fundamento prosseguiram na construção da reverência pelo domingo e desprezo pelo sábado. Em vez de tentar conciliar toda a evidência da origem desta tentativa de mudança da lei, o papado foi mesmo ao ponto de o apresentar como evidência da sua autoridade!

“Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado foi feita pela sua igreja, e declaram que os protestantes, observando o domingo, estão reconhecendo o poder desta. No ‘Catecismo Católico da Religião Cristã’, em resposta a uma pergunta sobre o dia a ser observado em obediência ao quarto mandamento, faz-se esta declaração: ‘Enquanto vigorou a antiga lei, o sábado era o dia santificado, mas a igreja, instruída por Jesus Cristo, e dirigida pelo Espírito de Deus, substituiu o sábado pelo domingo; assim, santificamos agora o primeiro dia, e não o sétimo dia. Domingo quer dizer, e agora é, dia do Senhor.’

“Como sinal da autoridade da Igreja Católica, os escritores romanistas citam ‘o próprio ato da mudança do sábado para o domingo, que os protestantes admitem; ... porque, guardando o domingo, reconhecem o poder da igreja para ordenar dias santos e impor sua observância sob pena de incorrer em pecado’. – Resumo da Doutrina Cristã, H. Tuberville. Que é, pois, a mudança do sábado senão o sinal da autoridade da Igreja de Roma ou ‘o sinal da besta’?” *O Grande Conflito*, 447, 448.

Estava assim, finalmente, completa a mudança da lei e o santo dia, o sábado, símbolo da ligação do Criador com as criaturas, tinha sido aparentemente substituído pelo primeiro dia da semana. Tão poderoso foi o engano, que os homens consideraram a cruel perseguição dos dissidentes como a obra de Deus pela qual eles estavam a revelar o Seu carácter e a prestar-Lhe um serviço recomendável. “Lembraí-vos da palavra que vos disse: ‘Não é o servo maior do que o seu senhor.’ Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a Minha palavra, também guardarão a vossa. Mas tudo isto vos farão por causa do Meu nome, porque não conhecem Aquele que Me enviou.” *João* 15:20, 21.

“Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus. E isto vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a Mim. Mas tenho-

vos dito isto, a fim de que, quando chegar aquela hora, vos lembreis de que já vo-lo tinha dito. E eu não vos disse isto desde o princípio, porque estava convosco.” *João 16:2-4*.

Pela flagrante perseguição e sua presunçosa confiança, a própria igreja deu mais evidência de ser a ponta pequena. Este homem do pecado está directamente oposto a tudo o que Deus determina. Na última grande batalha dos séculos marchará contra o povo de Deus que perseverou e manteve os mandamentos de Deus e terá a fé de Jesus. “Dois grandes poderes opostos são revelados na última grande batalha. De um lado está o Criador do Céu e da Terra. Todos os que se encontram do Seu lado têm o Seu selo. Eles são obedientes a Suas ordens. Do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião. SDA Bible Commentary, vol. 7, págs. 982 e 983.” *Eventos Finais*, 250.

Obedecer ou Desobedecer

Todas as pessoas são livres de escolher o lado em que querem ficar. Escolherão obedecer às leis de Deus, ou desviar-se-ão de um claro “assim diz o Senhor”?

“O Senhor do Céu permite que o mundo escolha a quem eles querem ter como soberano. Leiam todos atentamente o décimo terceiro capítulo do Apocalipse, pois ele tem que ver com todo instrumento humano, grande ou pequeno. Todo ser humano precisa decidir-se, ou a favor do Deus vivo e verdadeiro, que concedeu ao mundo o memorial da Criação no sábado do sétimo dia, ou a favor de um falso sábado, instituído por homens que se exaltaram acima de tudo que se chama Deus ou se adora, e que se imbuíram dos atributos de Satanás, oprimindo os leais e sinceros que guardam os mandamentos de Deus. Esse poder perseguidor imporá a adoração da besta insistindo na observância do sábado que ele instituiu. Assim ele blasfema de Deus, assentando-se ‘no templo de Deus, querendo parecer Deus’. II Tess. 2:4.” *Mensagens Escolhidas* 3:424.

De todas as leis de Deus, é o sábado que será o maior ponto controverso. Isto é clara e enfaticamente declarado uma e outra vez no Espírito de Profecia em palavras como as que se seguem: “A questão do sábado será o ponto controverso no grande final conflito em que o mundo inteiro há de ser envolvido. Os homens exaltaram os princípios do diabo acima dos que regem nos Céus. Aceitaram o sábado espúrio instituído por Satanás como o sinal de sua autoridade. Entretanto, Deus imprimiu o Seu selo ao Seu estatuto real. Cada instituição sabática traz o nome de Seu Autor, a marca indestrutível que revela Sua autoridade.” {TS3 10}, *Testemunhos Selectos* 3:19.

Este testemunho e muitos mais como este, clara e plenamente declaram que honrar ou desonrar o sétimo dia será o grande ponto controverso na última probante batalha. Mas a questão mantém-se: Porque devia o sábado ser tão importante? Porquê um único mandamento acima de todos os outros?

Podemos aprender a resposta olhando para a história do sábado no século XIX. Quando os primeiros adventistas, incluindo a irmã White, começaram a observar o sétimo dia como dia do repouso, não o guardaram porque o consideravam mais importante do que os outros nove mandamentos, mas porque sabiam que estava de acordo com a ordem do Céu. Ellen White descreve este desenvolvimento como se segue:

“No outono de 1846, começamos a observar o sábado bíblico, a ensiná-lo e defendê-lo. Minha atenção para o sábado foi primeiramente chamada enquanto eu estava em visita a New Bedford, Massachusetts, no início desse mesmo ano. Ali conheci o Pastor José Bates. Ele havia a princípio abraçado a fé do advento, e era trabalhador ativo na Causa. O Pastor Bates guardava o sábado, e salientava a sua importância. Eu não compreendia sua importância, e achava que ele errava em ocupar-se com o quarto mandamento mais do que com os outros nove. O Senhor, porém, me deu uma visão do santuário celestial, em que o templo de Deus foi aberto no Céu, e foi-me mostrada a arca de Deus coberta com o propiciatório. Em cada extremidade da arca havia um anjo com as asas estendidas sobre o propiciatório e a face voltada para ele. Isso, informou-me o meu anjo assistente, representava todo o exército celestial olhando com reverente temor para a lei divina,

que foi escrita com o dedo de Deus. Jesus levantou a cobertura da arca, e contemplei as tábuas de pedra em que os Dez Mandamentos estavam escritos. Fiquei atemorizada quando vi o quarto mandamento bem no centro dos dez preceitos, com uma suave auréola de luz rodeando-o. Disse o anjo: 'É o único dos dez que define o Deus vivo que criou os céus e a terra e todas as coisas que neles há.' Quando foram postos os fundamentos da Terra, também foi posto o fundamento do sábado." *Testemunhos para a Igreja* 1:75, 76.

Ao mostrar a ligação entre o quarto mandamento e Ele próprio como Criador, Deus dá força à confiança e fé dos Seus filhos. O sábado define a posição do Altíssimo, que unicamente tem o poder para criar e sustentar a vida. Se Ele alguma vez deixasse esta posição, significaria o fim de toda a vida e actividade. A fim de sustentar todo o Universo, a energia sustentadora da vida tem que continuar a fluir de Deus. Sem o Criador, apenas havia trevas e morte. Apesar do pecado ter entrado nesta Terra, Deus nunca retirou a corrente do Seu amor, luz e energia. Aos homens é dada uma segunda oportunidade para escolher a vida eterna com Deus – uma vida de obediência à Sua lei.

"Quando foram postos os fundamentos da Terra, também foi posto o fundamento do sábado." De acordo com esta frase, o que é o fundamento do sábado? É o poder criador de Deus. Numa declaração feita por Jesus acerca do sábado Ele diz: "O sábado foi feito por causa do homem." *Marcos* 2:27. Isto significa que o sábado, que foi fundado de acordo com o poder criador de Deus, satisfaz uma grande, indispensável necessidade da parte do homem.

Cristo e o Sábado

Deus é a Fonte infinita de todo o poder pelo qual nós vivemos. Mas não importa quanta vida e poder Ele tenha, isso não terá qualquer utilidade se desligado daqueles a quem se destina servir. Portanto, Deus e o homem necessitam de uma ligação e esse papel é desempenhado por Jesus Cristo. O sábado é o símbolo do poder de Cristo. "Assim o Filho do homem até do sábado é Senhor.' Estas palavras acham-se repletas de instrução e conforto. Por haver o sábado sido feito para o homem, é o dia do Senhor. Pertence a Cristo. Pois 'todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez'. João 1:3. Uma vez que Ele fez todas as coisas, fez também o sábado. Este foi por Ele posto à parte como lembrança da criação. Mostra-O como Criador tanto como Santificador. Declara que Aquele que criou todas as coisas no Céu e na Terra, e por quem todas as coisas se mantêm unidas, é a cabeça da igreja, e que por Seu poder somos reconciliados com Deus. Pois, falando de Israel, disse: 'Também lhes dei os Meus sábados, para que servissem de sinal entre Mim e eles, para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica' (Ezeq. 20:12) — os torna santos. Portanto, o sábado é um sinal do poder de Cristo para nos fazer santos. E é dado a todos quantos Cristo santifica. Como sinal de Seu poder santificador, o sábado é dado a todos quantos, por meio de Cristo, se tornam parte do Israel de Deus." {DTN 197}, *O Desejado de Todas as Nações*, 288.

Assim o sábado é o símbolo do poder de Deus através de Cristo. Abandonar o sábado não meramente como um dia, mas como um princípio no coração, é deixar Cristo como Ligação. Isto resultará automaticamente na morte espiritual daqueles que perdem esta ligação com Deus.

Deus está constantemente a trabalhar para manter Cristo na Sua posição como Ligação, a fim de salvaguardar o bem-estar de toda a Sua criação, particularmente o homem pecador. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito..." *João* 3:16.

"No instante em que o homem aceitou as tentações de Satanás e fez as próprias coisas que Deus havia dito para não fazer, Cristo, o Filho de Deus, colocou-Se entre os vivos e os mortos, dizendo, 'que a punição caia sobre Mim. Eu ficarei no lugar do homem. Ele terá outra oportunidade' (Carta 22, 13 de Fevereiro de 1900)." *The S.D.A. Bible Commentary* 1:1085. Esse é o amor de Deus pelo homem através de Cristo.

Na tentativa do papado, o homem do pecado, para acabar com o sábado e reorganizar a ordem do Céu, o pior que ele podia fazer era *pretender* fazer isso. Porque mesmo apesar de ter sido a sua intenção mudar os tempos e a lei, nunca podia mudar Deus. E porque a lei de Deus é uma transcrição do Seu carácter, conclui-se que não é possível mudar a lei de Deus. Esta ligação entre o Criador e as Suas criaturas fiéis permanece intacta, apesar do sábado ser largamente esquecido. Felizmente, o inimigo não foi capaz de destruir o verdadeiro sábado e nunca lhe será permitido mudar os tempos ou a lei no reino de Deus. Todavia, a quantidade de sucesso que ele tem tido nesta tentativa, particularmente durante a Idade Média, revela os terríveis resultados que ocorreriam no reino de Deus se esta tentativa se tornasse lei!

Capítulo 5

Tronos e Julgamentos

Agora que estudámos detalhadamente as características da ponta pequena tal como estão listadas em *Daniel 7*, façamos um breve resumo delas:

- Ela surge depois dos outros dez chifres. *Daniel 7:24*.
- Ela levanta-se entre eles. *Daniel 7:8, 20*
- Arranca pela raiz três dos outros na sua ascensão. *Daniel 7:8*.
- Perseguirá incansavelmente o povo de Deus. *Daniel 7:25*, (NTLH.)
- Falará palavras arrogantes e blasfemas contra o Altíssimo. *Daniel 7:25*, [ver *Apocalipse 13:5*, Nova Versão Internacional.]
- Pretende mudar a lei divina. *Daniel 7:25*.
- Pretende mudar os períodos de tempo da profecia. *Daniel 7:25*.
- Ela governa por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo. *Daniel 7:25*.
- É diferente dos outros chifres. *Daniel 7:24*.

Estas evidências e o seu cumprimento na história permitiram-nos identificar o poder simbolizado pela ponta pequena como o papado que governou entre 538 e 1798. No Novo Testamento este poder também é descrito como o homem do pecado, filho da perdição, o anticristo, e o mistério da iniquidade ou anulação da lei (ver por exemplo *João 17:12*; *2 Tessalonicenses 2:3, 7, 8*; *1 João 2:18*, *1 João 3:4*). Este é um poder diferente de todos os outros chifres que eram reis, presidentes e conquistadores militares. Enquanto estes se sentaram em tronos que tinham conquistado por si próprios, pelo seu próprio poder e se agarraram a eles usando a espada, a ponta pequena procurou o serviço dos outros para exercer a sua autoridade. Os outros chifres eram organizações em que as autoridades governavam todos os seus súbditos, incluindo os eclesiásticos, mas quando a ponta pequena subiu ao poder, os eclesiásticos asseguraram a sua governação através do poder do Estado. Eles não construíram pela sua própria força das armas, mas usaram o Estado para lutar as suas guerras por eles.

Esta situação será repetida quando a imagem da besta for criada. A igreja fará leis religiosas, mas os governos civis vão aplicá-las. Ao fazê-lo, os homens usurpam a posição que é devida apenas a Deus, pois no que diz respeito à religião e consciência das Suas criaturas, só Deus pode fazer leis e administrá-las em benefício de todos. Qualquer tentativa do homem de aprovar ou impor leis religiosas, é substituir Deus por homens – e este é o mistério da iniquidade. A história tem provado que todas as vezes que existe uma tal política que adota a união da Igreja com o Estado as consequências são horríveis.

“Mas ‘o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo.’ — História do Protestantismo, de Wylie. As Sagradas Escrituras eram quase desconhecidas, não somente pelo povo mas pelos sacerdotes. Como os fariseus de outrora, os dirigentes papais odiavam a luz que revelaria os seus pecados. Removida a lei de Deus — a norma de justiça — exerciam eles poder sem limites e praticavam os vícios sem restrições. Prevalciam a fraude, a avareza, a libertinagem. Os homens

não recuavam de crime algum pelo qual pudessem adquirir riqueza ou posição. Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão. Alguns dos pontífices reinantes eram acusados de crimes tão revoltantes que os governadores seculares se esforçavam por depor esses dignitários da igreja como monstros demasiado vis para serem tolerados. Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade.” *O Grande Conflito*, 60.

A Reforma Protestante, que obtinha a sua direcção e autoridade apenas da Bíblia e da Bíblia somente, inverteu esta tendência com o resultado que a meia-noite passou e um novo dia amanheceu para o mundo. A chegada desse dia melhor, deu ao homem uma liberdade que resultou em grandes progressos, incluindo avanços científicos de longo alcance. Foi uma luz que revolucionou a existência humana. Porém, o progresso nem sempre foi para a frente, porque enquanto o coração do homem pecador não for transformado, não pode usar a liberdade com proveito. Não importa que melhorias ou descobertas sejam feitas, se o homem não aproveitar ao máximo a sua oportunidade e verdadeiramente submeter o seu coração à governação de Deus, a apostasia desenvolver-se-á, fazendo com que a humanidade deslize para trás para uma posição ainda mais baixa. Quanto aos próprios reformadores, eles basearam-se no firme fundamento de uma verdadeira conversão. Eles levaram os homens a afastarem-se da apostasia e proporcionaram uma oportunidade, para todos os que estavam dispostos, a serem libertados da escravidão do pecado. Mas o inimigo não desistiu. Ele ainda está a trabalhar dentro da igreja tentando fazer com que os cristãos caiam, principalmente, tentando-os a recorrer às suas próprias obras. A apostasia, como vimos no caso do rei Salomão, começa por tentar fazer a obra de Deus à maneira do homem.

O Trono do Ancião de Dias

Com Daniel estudámos a ascensão e queda dos reinos até ao aparecimento do poder da ponta pequena. Para nós isso já é história do passado, para Daniel ainda era futuro. Naquela época, Babilónia era o reino mais poderoso que já existira. À medida que a visão do seu desaparecimento e subsequente ascensão e queda da Medo-Pérsia, Grécia e Roma se desenrolavam diante dele, Daniel ficou profundamente perturbado. A sua preocupação não era por causa dos reinos como tal, mas devido ao destino dos filhos de Deus. Todavia, depois de ver o poder do inimigo, foi mostrado a Daniel o lado oposto do grande conflito. Ele iria ver o poder de Deus e o Seu julgamento que acabaria com o déspota cruel. A atenção de Daniel foi subitamente direccionada para o futuro para uma cena muito diferente:

“Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.

“Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.” *Daniel* 7:9, 10.

Tanto a preparação do tribunal como a entrada do Ancião de Dias que se senta, têm lugar no Céu. Contudo, o acontecimento tem a maior consequência para os crentes nesta Terra nos últimos dias, pois anuncia a sua libertação.

Foi reconfortante para Daniel ver a glória de Deus revelada no Seu julgamento, porque ele precisava de saber que o poder de Deus é insuperável, por muito que a ponta pequena pudesse exercer a sua cruel governação. Como nós também precisamos de ser fortificados contra a intimidação e o desânimo absoluto que o poder do inimigo pode causar, consideraremos com Daniel a glória e o poder do julgamento de Deus. Para fazer isso, começaremos por estudar o significado do trono de Deus. A fim de obter uma imagem mais completa, vamos comparar *Daniel* 7 com outras Escrituras.

Outro profeta a quem também foi dada uma visão do trono de Deus foi Ezequiel. Referindo-se a esta visão, Ellen White escreveu:

“Sobre as barrancas do rio Quebar, Ezequiel contemplou um vento tempestuoso que parecia vir do norte, ‘uma grande nuvem, como um fogo a revolver-se; e um resplendor ao redor dela, e no meio uma coisa como cor de âmbar’. Uma porção de rodas intercaladas umas nas outras eram movidas por quatro seres viventes. E por cima de tudo ‘havia uma semelhança de trono, como de uma safira; e sobre a semelhança do trono havia como que a semelhança dum homem, no alto, sobre ele’. Ezequiel 1:4, 26. ‘E apareceu nos querubins uma semelhança de mão de homem de baixo de suas asas’. Ezequiel 10:8. As rodas eram de um arranjo tão complicado, que à primeira vista pareciam uma confusão; não obstante elas se moviam em perfeita harmonia. Seres celestiais, sustentados e guiados pela mão sob as asas dos querubins, estavam impelindo essas rodas; acima deles, sobre o trono de safira, estava o Eterno; e ao redor do trono havia um arco-íris, símbolo da divina misericórdia.” {PR 273}, *Profetas e Reis*, 535, 536.

Em *Apocalipse 4* encontramos a mesma imagem novamente. Aqui João descreve o trono e Aquele que se senta nele semelhante a uma pedra preciosa na aparência. Um arco-íris rodeia o trono e os quatro seres viventes, “E no meio do trono, e ao redor do trono” (*Apocalipse 4:6*) têm os mesmos rostos descritos em *Ezequiel*. Vinte e quatro anciãos estão sentados em mais vinte e quatro tronos em torno do trono de Deus de onde sai uma incrível energia (ver *Apocalipse 4:4, 5*).

Os Quatro Seres Viventes

Sob o trono estavam as rodas que se intercalavam impelidas pelos quatro seres celestiais que são descritos no primeiro capítulo de *Ezequiel*: “E do meio dela saía a semelhança de quatro seres viventes. E esta era a sua aparência: tinham a semelhança de homem. E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas.... E a semelhança dos seus rostos era como o rosto de homem; e do lado direito todos os quatro tinham rosto de leão, e do lado esquerdo todos os quatro tinham rosto de boi; e também tinham rosto de águia todos os quatro.” *Ezequiel* 1:5, 6, 10.

Os quatro rostos das criaturas viventes simbolizam as características de Deus que são de especial importância para o grande conflito que se vive na Terra.

O primeiro rosto parecia semelhante ao de um homem. Quando Deus fez a Terra pelo Seu poder e capacidade criadora, criou o homem como o único ser verdadeiramente inteligente, a fim de fornecer uma imagem de Si mesmo. É verdade que o pecado tem destruído esta imagem de modo que o homem natural e o seu carácter já não podem ser comparados a Deus, mas em virtude de Cristo Se ter tornado homem condenando o pecado na carne humana, esta imagem foi restaurada. Jesus tornou-se semelhante aos Seus irmãos para que eles pudessem tornar-se como Ele.

Do lado direito estava um rosto como o de um leão. O leão é bem conhecido pela sua coragem e é correctamente chamado “O rei dos animais”. Mais uma vez temos que ter em conta que depois da queda do homem, o leão desenvolveu um carácter diferente do que foi dado por Deus. Só em Cristo, o Leão da tribo de Judá, encontramos uma imagem verdadeira deste atributo divino.

Do lado esquerdo estava o rosto de um boi ilustrando um serviço paciente, sintetizado no serviço que Deus incansavelmente presta a todo o Universo. O boi presta um serviço ao homem sem queixas que é fisicamente uma criatura muito mais fraca, assim como o abnegado serviço de Deus é muito maior do que aqueles a que Ele serve. Quando pensamos no sacrifício que Deus espontaneamente fez ao dar o Seu Filho por um homem afligido pelo pecado, podemos ver esta característica no seu maior brilho.

Finalmente, há o rosto da águia. Esta ave é frequentemente usada nas Escrituras como um símbolo do incessante cuidado vigilante, como no texto seguinte:

“Achou-o numa terra deserta, e num ermo solitário cheio de uivos; cercou-o, instruiu-o, e guardou-o como a menina do seu olho.

“Como a águia desperta a sua ninhada, move-se sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas,

“Assim só o Senhor o guiou; e não havia com ele deus estranho.” *Deuteronómio* 32:10-12.

Só Deus pode ser a Cabeça e Guia das Suas criaturas. Ele é o Educador e Protector do Seu povo, e Ele é fiel a este atributo, por muito grande que seja a resistência que Ele tenha de enfrentar.

Mobilidade Ilimitada

Os quatro seres viventes que impelindo as rodas sob o trono de Deus são descritas em *Ezequiel* 1:1-28 como movendo-se à semelhança de um clarão de relâmpago (ver *Ezequiel* 1:14). Isto demonstra que, ao contrário dos tronos dos reis terrestres, que estão fixos num só lugar, o trono de Deus não está limitado dessa maneira. Seu trono é capaz de viajar de lugar para lugar, às vezes com uma velocidade incrível. Além disso, Deus pode passar de um trono para outro, pois a mobilidade está em Si mesmo. Isto não significa que Deus mude, mas que Ele é capaz de atender às várias tarefas governamentais no Seu reino simultaneamente.

Um exemplo disso foi em 1844, no início do juízo de investigação. Lemos como no final da profecia dos 2.300 anos, o Pai deixou o Seu trono no lugar santo do santuário celestial, deslocou-se numa carruagem flamejante para o lugar santíssimo e sentou-se no trono ali instalado. Depois Jesus deixou o Seu lugar no trono do lugar santo e entrou numa carruagem de nuvens com rodas como fogo flamejante, rodeado de anjos, que O levaram ao lugar santíssimo onde o Pai O aguardava. Esta vinda de Cristo a Seu Pai, o Ancião de Dias, não foi a Sua segunda vinda a esta Terra em poder e grande glória, mas uma transição do primeiro para o segundo compartimento do santuário no céu.

“Vi um trono, e assentados nele estavam o Pai e o Filho...

“Vi o Pai erguer-Se do trono e num flamejante carro entrar no santo dos santos para dentro do véu, e assentar-Se. Então Jesus Se levantou do trono... Então um carro de nuvens, com rodas como flama de fogo, circundado por anjos, veio para onde estava Jesus. Ele entrou no carro e foi levado para o santíssimo, onde o Pai Se assentava.” *Primeiros Escritos*, 54, 55.

“E, eis que vinha nas nuvens do céu Um como o Filho do homem; e dirigiu-Se ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele. E foi-Lhe dado o domínio e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem; o Seu domínio é um domínio eterno, que não passará.’ Daniel 7:13, 14. A vinda de Cristo aqui descrita não é a Sua segunda vinda à Terra. Ele vem ao Ancião de Dias, no Céu, para receber o domínio, a honra, e o reino, os quais Lhe serão dados no final de Sua obra de mediador. É esta vinda, e não o seu segundo advento à Terra, que foi predita na profecia como devendo ocorrer ao terminarem os 2.300 dias, em 1844. Assistido por anjos celestiais, nosso grande Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo, e ali comparece à presença de Deus a fim de Se entregar aos últimos atos de Seu ministério em prol do homem, a saber: realizar a obra do juízo de investigação e fazer expiação por todos os que se verificarem com direito aos benefícios da mesma.” *O Grande Conflito*, 479, 480.

Daniel olhava enquanto eram colocados os tronos, o Ancião de Dias entrava e Se sentava, então um como o Filho do Homem foi trazido à Sua presença e foi-lhe dado domínio e glória e um reino. O Ancião de Dias era, de facto, Deus Pai, que mudara o Seu trono a fim de cumprir uma tarefa específica. A Sua entrada no lugar Santíssimo do santuário celestial anunciou que a última fase do tempo de provação para a raça humana tinha começado. Nesta fase, o lugar santo é purificado de todos os pecados já transferidos dos crentes desta Terra. O próprio Jesus, o Mediador do Seu povo, é então levado perante o Ancião de Dias para receber o Seu reino.

Tronos Diferentes

O trono descrito em *Ezequiel* Um é da cor de uma pedra de safira que é um belo e rico azul. Este trono está cercado por um glorioso arco-íris, “Como o aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva” (*Ezequiel* 1:28). A chave para entender o propósito deste trono está contida no simbolismo do arco-íris que o rodeia. “Quando o homem pela sua grande impiedade convida os juízos divinos, o Salvador, intercedendo junto ao Pai em seu favor, aponta para o arco nas nuvens, para o arco celeste em redor do trono e acima de Sua cabeça, como sinal da misericórdia de Deus para com o pecador arrependido.” {PP 66}, *Patriarcas e Profetas*, 107.

Tanto no lugar santo como no santíssimo, Jesus intercede pelos Seus filhos arrependidos. É a misericórdia de Deus que livra o pecador e o coloca numa base de justiça que lhe permite não pecar mais. O azul, juntamente com a púrpura e o escarlate, eram a cor das cortinas ou véus no santuário do Antigo Testamento, sugerindo que onde o pecado abunda, a graça é mais abundante. Portanto, como nos ensina Paulo, “... Vamos ousadamente até o próprio trono de Deus e permaneçamos lá para recebermos a sua misericórdia e acharmos a sua graça para nos ajudar em nossos tempos de necessidade.” *Hebreus* 4:16, (Bíblia Viva.)

Além disso, o azul era a cor do cordão que todos os israelitas tinham instrução de usar na borda das suas vestes, a fim de lembrar que Deus os tinha libertado do Egito. (Ver *Números* 15:38-41.) Esta lembrança da misericórdia de Deus era encorajar a sua obediência.

A morte sacrificial de Cristo no altar desta Terra revela que a misericórdia e a justiça estão unidas no amor de Deus. Antes da cruz, o inimigo de Deus e do homem tentou separar a misericórdia da justiça para privar o pecador de toda a esperança de redenção. Desde a morte de Cristo na cruz, ele tem tentado separar a justiça da misericórdia para embalar o pecador numa falsa sensação de segurança. Mas no trono da graça, onde a justiça nos ameaça como violadores da lei, encontramos a misericórdia de Deus a que temos acesso pelo sangue de Cristo. Através da mistura da misericórdia e da justiça, quando confessamos a nossa pecaminosidade, somos libertados tanto da condenação como do pecado em si.

“O amor de Deus tem-se expressado tanto em Sua justiça como em Sua misericórdia. A justiça é o fundamento de Seu trono, e o fruto de Seu amor. Era o desígnio de Satanás divorciar a misericórdia da verdade e da justiça. Buscou provar que a justiça da lei divina é um inimigo da paz. Mas Cristo mostrou que, no plano divino, elas estão indissolúvelmente unidas; uma não pode existir sem a outra. ‘A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram’. *Salmos* 85:10.” {DTN 540}, *O Desejado de Todas as Nações*, 762.

O arco-íris da promessa assegura-nos que Deus cumprirá a Sua palavra para nós. É a misericórdia de Deus que liberta os seus filhos do pecado, por isso é a Sua misericórdia que os liberta do tempo de angústia que está para vir. Da mesma maneira como sentem que o seu último momento chegou, “... o arco-íris, resplandecendo com a glória do trono de Deus, atravessa os céus, e parece cercar cada um dos grupos em oração. As multidões iradas subitamente se detêm.... Com terríveis pressentimentos contemplan o símbolo da aliança de Deus, anelando pôr-se ao amparo de seu fulgor insuperável.

“É ouvida pelo povo de Deus uma voz clara e melodiosa, dizendo: ‘Olhai para cima’; e, levantando os olhos para o céu, contemplan o arco da promessa... e vêem a glória de Deus, e o Filho do homem sentado sobre o Seu trono.” *O Grande Conflito*, 636.

Um trono diferente é descrito em *Apocalipse* 20:11. Este é o “grande trono branco” colocado “sobre um fundamento de ouro polido” (*O Grande Conflito*, 666), diante do qual nada pode existir que ainda contenha qualquer pecado. Este trono obviamente não serve o propósito da intercessão e da redenção, pois esse trabalho já foi concluído. Em vez disso, ao simbolizar a misericórdia, o trono branco serve o propósito da justiça. Ele é usado na coroação final de Jesus no juízo investigativo, agendado para o final do milênio. “Na presença dos habitantes da Terra e do Céu, reunidos, é efetuada a coroação final do Filho de Deus. E agora, investido de majestade e poder

supremos, o Rei dos reis pronuncia a sentença sobre os rebeldes contra Seu governo, e executa justiça sobre aqueles que transgrediram Sua lei e oprimiram Seu povo. Diz o profeta de Deus: ‘Vi um grande trono branco, e O que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a Terra e o céu; e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.’ Apocalipse 20:11, 12.” *O Grande Conflito*, 666.

“E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras.

“E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte.

“E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.” *Apocalipse* 20:13-15.

No julgamento final deste mundo, a pureza e santidade do nosso Deus brilhará como nunca antes. O trono branco simboliza esta pureza que contrasta dramaticamente com a natureza e o domínio do pecado. Quando Jesus se senta no trono branco, em imaculada pureza, “A glória do Pai eterno envolve Seu Filho. O resplendor de Sua presença enche a cidade de Deus e estende-se para além das portas, inundando a Terra inteira com seu fulgor.” *O Grande Conflito*, 665. Os redimidos também estão vestidos com a cor da pureza perfeita. De pé diante do trono estava uma grande “multidão, a qual ninguém podia contar,... trajando vestes brancas.” *Apocalipse* 7:9.... “um emblema da imaculada justiça de Cristo, a qual agora possuem.” *O Grande Conflito*, 665.

No momento em que este julgamento é aberto, a graça terminou a sua obra. Para aqueles que rejeitaram a misericórdia de Deus irrevogavelmente, a justiça é a única coisa que lhes é devida. Isto manifesta-se no facto de Deus os deixar ao destino que escolheram. Não há justificação para o pecado. Os perdidos que estão perante o trono branco para receber a condenação à morte eterna, experimentam a justiça de Deus sem misericórdia.

Julgamentos Diferentes

No entanto, antes do julgamento final no fim do milénio está o juízo de investigação que Daniel observou ter sido criado no capítulo 7. Os versículos 9 a 12 descrevem a preparação para o julgamento, que começa em 1844 com a colocação de tronos nas suas posições atribuídas, e o Anção de Dias, o Próprio Deus, sentou-Se. Quantos tronos serão postos? A informação fornecida em *Daniel* não diz um número preciso, mas os versículos em *Apocalipse* 4:2 e 4 numeram aquele em que Deus se senta além dos 24 tronos em que se sentam os 24 anciãos.

Mas estes 25 não são os únicos assistentes no julgamento. Jesus, o nosso grande Sumo Sacerdote, senta-se à direita de Deus, preenchendo um papel crucial. O Espírito Santo também estará lá, juntamente com os quatro seres vivos e uma vasta assembleia de anjos. *Daniel* 7:10 fala de “mil milhares ... e dez mil miríades” (Difusora Bíblica, 1973) O serviam. Dez mil vezes dez mil totaliza cem milhões, e milhares de milhares ascende a vários milhões, totalizando mais de cem milhões de espíritos ministrando e cumprindo fielmente as suas tarefas, desde que os números sejam literais. Literais ou não, é seguro dizer que um grupo verdadeiramente incontável de seres celestiais, “em vasta e inumerável multidão” (*O Grande Conflito*, 641), rodeia o trono, todos dispostos a servir. Estes anjos sobem e descem a escada de Cristo para realizar o trabalho da graça em prol da humanidade caída.

Com o encerramento do juízo de investigação, que ocorre no santuário celestial, Cristo recebe o Seu reino e regressa como noivo do Seu casamento. Em seguida, segue-se o julgamento dos ímpios – um julgamento em que os fiéis, como remidos desta Terra, participarão. “Reunindo-se eles em redor do grande trono branco, indizível júbilo lhes encherá o coração” *O Grande Conflito*, 647.

Os remidos sentar-se-ão com Cristo no Seu trono, assim como Ele se senta no trono com Seu Pai, e juntamente com Ele julgarão os ímpios. Os remidos também se unem a Cristo neste momento para julgar Satanás e seus anjos maus (ver *1 Coríntios* 6:3). Depois, no final do milênio, Cristo regressa a esta Terra com o exército de remidos e uma comitiva de anjos para a coroação final e julgamento final em que o grande trono branco continua a figurar como estudado acima. Reunidos estão “uma multidão, a qual ninguém podia contar... que estavam diante do trono.” *Apocalipse* 7:9. “Por sobre o trono se revela a cruz; e semelhante a uma vista panorâmica aparecem as cenas da tentação e queda de Adão, e os passos sucessivos no grande plano para redimir os homens.” *O Grande Conflito*, 666.

Os ímpios reconhecem a justiça e a rectidão de Deus e caem prostrados aos pés do Príncipe da vida. O pecado com o seu mistério é para sempre erradicado da criação de Deus. “É agora evidente a todos que o salário do pecado não é nobre independência e vida eterna, mas escravidão, ruína e morte... Todos vêem que sua exclusão do Céu é justa. Por sua vida declararam: ‘Não queremos que este Jesus reine sobre nós.’” *O Grande Conflito*, 668.

Enquanto Daniel olhava para o futuro através dos séculos do tempo, foi capaz de contemplar este poder do julgamento de Deus derrotando o mistério da iniquidade. Este mesmo poder está disponível para nós hoje, para que possamos ser libertados do pecado e do seu poder enquanto durar o tempo de provação.

Capítulo 6

O Poder de Deus para Enfrentar o Inimigo

No capítulo cinco vimos como as cores dos tronos de Deus simbolizam o seu propósito e os diferentes aspectos do carácter de Deus, o azul simbolizando a misericórdia, e o branco simbolizando a pureza e justiça. A aparição do trono também revela o poder de Deus. Todos os três escritores inspirados, Ezequiel, Daniel e Ellen White, viram o trono de Deus na forma de carros flamejantes.

O Trono de Deus Como Um Carro Flamejante

Por exemplo, da caneta de Ezequiel vêm declarações como:

“Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo revolvendo-se nela, e um resplendor ao redor, e no meio dela havia uma coisa, como de cor de âmbar, que saía do meio do fogo...

“E, quanto à semelhança dos seres viventes, o seu aspecto era como ardentes brasas de fogo, com uma aparência de lâmpadas; o fogo subia e descia por entre os seres viventes, e o fogo resplandecia, e do fogo saíam relâmpagos; ...

“E vi-a como a cor de âmbar, como a aparência do fogo pelo interior dele ao redor.” *Ezequiel* 1:4, 13, 27.

Através de Daniel veio o seguinte: “Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de Dias se assentou; ... e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente.

“Um rio de fogo manava e saía de diante dele.” *Daniel* 7:9, 10.

No testemunho em *Primeiros Escritos* intitulado “Fim dos 2.300 Dias”, Ellen White viu tanto o Pai como o Filho viajando em carros flamejantes. Ver página 55.

O Poder da Voz de Deus

Não só a aparência de Deus revelou o Seu grandioso poder à vista, mas também ao ouvido. Tanto Ezequiel como o Apóstolo João ouviram um grande ruído como o som trovejante de muitas águas quando Deus apareceu. Noutra ocasião, Ezequiel observou: “E o ruído das asas dos querubins se ouviu até ao átrio exterior, como a voz do Deus Todo-Poderoso, quando fala.” *Ezequiel* 10:5.

João relatou em duas ocasiões que a manifestação da presença de Deus era como o som de muitas águas. “E os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas.” *Apocalipse* 1:15. “E ouvi uma voz do céu,

como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas.” *Apocalipse* 14:2.

Estas são revelações do incrível poder daquela palavra pela qual o Universo foi chamado à existência, e pelo qual tudo nele é mantido no seu lugar exacto dia após dia. Neste maravilhoso papel de Criador, Redentor e Sustentador, Jesus está para sempre sentado à mão direita do Pai como d’Ele se testemunha:

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho,

“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.

“O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas;” *Hebreus* 1:1-3.

É pela Sua voz que Ele desempenha as Suas responsabilidades, pois, na criação desta Terra:

“Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca.

“Ele ajunta as águas do mar como num montão; põe os abismos em depósitos.

“Tema toda a terra ao Senhor; temam-no todos os moradores do mundo.

“Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu.” *Salmos* 33:6-9.

O que Ele realizou nos seis dias de criação ao falar, continua a fazer no funcionamento do Universo diariamente. Tal como pela Sua voz, chamou todas as coisas à existência, assim pela mesma voz, e pelos mesmos procedimentos, Ele sustenta todas as operações da natureza momento a momento.

“Deus está perpetuamente a trabalhar na natureza. Ela é Sua serva, dirigida como Lhe agrada. A natureza na sua obra testifica da presença inteligente e da intervenção activa de um Ser que procede em todas as Suas obras em conformidade com Sua vontade. Não é por meio de uma condição original inerente à natureza que ano após ano a Terra produz as suas dádivas, e o mundo prossegue em sua contínua marcha em redor do Sol. A mão do infinito poder está perpetuamente em actividade, guiando este planeta. É o poder de Deus, exercido momento a momento, que o mantém em posição na sua rotação. O Deus do Céu está constantemente a operar. É pelo seu poder que a vegetação floresce, que surge cada folha e cada flor desabrocha. Não é em resultado de um mecanismo que, uma vez posto em movimento, continua o seu trabalho, que o pulso bate e respiração segue a respiração. Em Deus vivemos, nos movemos e temos a nossa existência. Cada respiração, cada pulsação do coração, é a evidência contínua do poder de um Deus sempre presente. É Deus que faz o sol nascer nos céus. Ele abre as janelas do céu e dá chuva. Faz a relva crescer sobre os montes. ‘O que dá a neve como lã; esparge a geadas como cinza.’ (*Salmos* 147:16.) ‘Fazendo ele ouvir a sua voz, grande estrondo de águas há nos céus, ... faz os relâmpagos com a chuva, e tira o vento dos seus tesouros.’ (*Jeremias* 51:16). Embora o Senhor tenha cessado a Sua obra na criação, Ele está constantemente empenhado em manter e usar como servos Seus as coisas que fez. Disse Cristo: ‘E Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.’ (*João* 5:17). (*MS* 4, 1882).” *The S.D.A. Bible Commentary* 6:1062.

Em *Daniel* 7:9, 10, há uma imagem de poder irresistível: o trono de Deus é uma chama de fogo, as suas rodas são de fogo ardente, e sai fogo de Deus num fluxo tremendo. Como lemos noutras Escrituras, isto é acompanhado pelo som trovejante como de muitas águas. Estamos familiarizados hoje com o poderoso som de um avião a levantar voo. Quanto maior seria o trovão do poder necessário para fazer funcionar as forças nas suas posições pela voz de Deus! Nós, criaturas ligadas à Terra, temos pouca apreciação da magnitude e poder daquele fluxo de energia que Daniel viu fluindo perante os seus olhos. No entanto, é essencial que tenhamos conhecimento dele, caso contrário, essa descrição não seria incluída entre as coisas reveladas aos filhos de Deus pelos Seus santos profetas. O povo de Deus precisa saber que o seu Criador tem poder suficiente para lidar, em seu benefício, com as forças aparentemente poderosas das trevas contra eles.

O Poder do Inimigo

Não há dúvida de que os exércitos que nos enfrentarão na batalha do Armagedom que em breve será travada, serão os mais poderosos, tecnologicamente avançados e mais bem equipados jamais reunidos em apoio ao plano do diabo para destruir a obra de Deus. O ataque mais violento, eficaz e longo à causa de Deus até à data foi a perseguição sofrida pela igreja durante os 1.260 anos de domínio papal. Num capítulo anterior, considerámos as palavras terríveis usadas pelo escritor inspirado para descrever as condições em que a igreja de Deus foi quase completamente destruída.

“Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres.

“Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas....

“Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro e as suas unhas de bronze; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava;

“E também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça, e do outro que subiu, e diante do qual caíram três, isto é, daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros.

“Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.” *Daniel* 7:7, 8; 19-21.

“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver.

“E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias.” *Mateus* 24:21-22.

Esta é uma descrição das forças incríveis que se juntaram na guerra contra o povo de Deus durante o período da supremacia papal que durou de 538 até 1798. Deve ter sido preciso tremenda fé, coragem e amor pela verdade de Deus para os cristãos da Idade Média resistirem ao papado, esse implacável sistema eclesiástico de modo inqualificável e ilimitado apoiado pelos poderes civis. Isto foi especialmente verdade para aqueles que foram provados pelo fogo como Huss e Jerónimo, Latimer e Ridley, e inúmeros outros que deram os seus corpos para serem queimados por causa da verdade.

Perseguição Adormecida

Hoje, tais eventos passados podem parecer ter-se desvanecido e estar distantes. Muitas pessoas não acreditam que esta terrível perseguição pudesse ser levada a cabo por uma igreja que faz uma profissão tão elevada de integridade moral como o papado. Há um esquecimento generalizado de que o homem do pecado nunca muda, que o seu espírito e carácter não mudam. Isto não é desmentir o facto que tem numerosos disfarces e que, quando a ocasião exige, ele veste o traje de ovelha adequado para melhor ocultar o lobo escondido. Aqueles que são enganados por estas habilidosas e aparentes mudanças têm dificuldade em levar a profecia a sério ou discernir qualquer perigo no futuro. Em vez disso, tendem a acreditar que a humanidade está a tornar-se mais civilizada e, portanto, mais tolerante quanto às opiniões religiosas uns dos outros. Embora esta teoria esteja longe da verdade, é considerada credível pela ausência da intensa perseguição na igreja de hoje. As verdadeiras razões para esta ausência são duas. A primeira reside no facto de as igrejas não terem tanta eficácia espiritual de modo que os pecados dos professores de

religião que amam o mundo nessas organizações são deixados sem repreensão, e por isso nenhum espírito de perseguição é despertado.

“O apóstolo Paulo declara que ‘todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições.’ 2 Timóteo 3:12. Por que é, pois, que a perseguição, em grande parte, parece adormecida? A única razão é que a igreja se conformou com a norma do mundo, e portanto não suscita oposição. A religião que em nosso tempo prevalece não é do caráter puro e santo que assinalou a fé cristã nos dias de Cristo e Seus apóstolos. É unicamente por causa do espírito de transigência com o pecado, por serem as grandes verdades da Palavra de Deus tão indiferentemente consideradas, por haver tão pouca piedade vital na igreja, que o cristianismo, é aparentemente tão popular no mundo. Haja um reavivamento da fé e poder da igreja primitiva, e o espírito de opressão reviverá, reacendendo-se as fogueiras da perseguição.” *O Grande Conflito*, 48.

Mas há uma segunda razão para a actual falta de perseguição. Quando Deus chama um povo para levar a Sua mensagem, há alturas em que às vezes é necessário que sejam escondidos durante um período de preparação. Tal foi a experiência de Moisés em Midiã durante 40 anos, e João Batista que passou os primeiros 30 anos de vida em completa preparação para um ministério muito curto. Durante o seu tempo de preparação, Moisés e João foram afastados dos lugares habitualmente habitados pelos homens e, conseqüentemente, não geraram qualquer perseguição. Mas no caso de Jesus, não foi assim. Vivendo na movimentada pequena cidade de Nazaré depois de regressar do Egito, os justos princípios da Sua vida, dos quais nunca se desviou, estavam em constante colisão com as práticas dos seus irmãos, das outras crianças da aldeia e dos dirigentes religiosos do povo. Excepto aqueles em quem o mesmo Espírito de amor operava, nenhum deles O compreendeu e nenhum deles podia realmente tolerá-l’O.

No momento em que estes estudos foram escritos, o povo de Deus está igualmente em período de preparação. Estamos no tempo de espera da parábola das dez virgens quando as virgens, sábias e loucas, estão adormecidas. É o período imediatamente anterior ao derramamento da chuva serôdia, enquanto o povo de Deus está a fazer uma preparação completa, sob a orientação de Deus, para darem a sua advertência final. Entretanto, o mundo está ocupado em tratar dos seus assuntos, enquanto os verdadeiros filhos de Deus se ocupam dos seus. Por conseguinte, é de esperar que estejamos relativamente livres de perseguições, nomeadamente à escala nacional ou internacional por agora.

Martírio

Aproxima-se rapidamente o tempo em que as perseguições do passado se repetirão numa escala que envolverá todos os seres humanos nesta Terra, quer como perseguidores, quer como perseguidos. Quando isto acontecer mais uma vez, será apenas o recomeço da prática estabelecida por Babilónia desde o início e que continuará até ao fim. De todos os seus métodos malignos de eliminar aqueles que se recusam a ceder à sua determinação de encher a Terra de injustiça, queimar na fogueira parece ter sido um dos mais frequentes.

“A Igreja Católica Romana, unindo as formas do paganismo com as do cristianismo, e, à semelhança do primeiro, representando falsamente o caráter de Deus, tem recorrido a práticas não menos cruéis e revoltantes. Nos dias da supremacia de Roma, houve instrumentos de tortura para forçar o assentimento a suas doutrinas. Houve a fogueira para os que não queriam admitir suas exigências. Houve massacres em proporções que jamais serão conhecidos até que se revelem no dia do juízo. Os dignitários da igreja, dirigidos por seu chefe Satanás, dedicavam-se a inventar meios para produzir a maior tortura possível antes de pôr termo à vida das vítimas. Em muitos casos o processo infernal era repetido ao limite extremo da resistência humana, até que a natureza capitulava na luta e o sofrimento saudava a morte como doce alívio.” *O Grande Conflito*, 569.

Os cristãos que sofreram qualquer tortura que lhes fosse causada foram os pioneiros daqueles que depois passariam pelas chamas do martírio. Pode parecer que os cristãos que foram queimados até à morte ficaram aquém da vitória total sobre o fogo vencido pelos três jovens hebreus que emergiram do forno sete vezes sobreaquecido sem sequer se sentir o cheiro pungente do fumo nas suas roupas. No entanto, um estudo mais aprofundado da aparente derrota daqueles que não foram libertados da morte pelo fogo aceso à sua volta, mostra que eles foram tão vitoriosos como Sadraque, Mesaque e Abednego. Eles foram vencedores não sobre a morte, mas do pecado e da incredulidade. A perda desta vida presente foi inconsequente para eles. Em vez disso, a questão vital que os preocupava era se seriam vencidos pela incredulidade, ou venceriam o inimigo pela fé viva?

“Milhares eram aprisionados e mortos, mas outros surgiam para ocupar as vagas. E os que eram martirizados por sua fé tornavam-se aquisição de Cristo, por Ele tidos na conta de vencedores. Haviam pelejado o bom combate, e deveriam receber a coroa de glória quando Cristo viesse. Os sofrimentos que suportavam, levavam os cristãos mais perto uns dos outros e de seu Redentor. Seu exemplo em vida, e seu testemunho ao morrerem, eram constante atestado à verdade; e, onde menos se esperava, os súditos de Satanás estavam deixando o seu serviço e alistando-se sob a bandeira de Cristo.” *O Grande Conflito*, 42.

Não podemos, com confiança dizer que todos os que morreram confessando Cristo foram verdadeiros vencedores, pois tem havido os que morreram pela causa sem serem justos em si mesmos. Paulo alertou para esta perigosa possibilidade nas seguintes palavras:

“E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.” *1 Coríntios* 13:3.

Huss e Jerónimo

Contudo, embora não possamos declarar que todos os mártires sejam cristãos, há alguns sobre os quais os escritores inspirados fornecem informações suficientes para revelar que tiveram uma morte de mártir. Dois deles foram João Huss da Boémia que foi queimado na fogueira a 6 de Julho de 1415, e o seu companheiro de fé, Jerónimo, que foi sacrificado pelo fogo no mesmo local de execução, no ano seguinte, em 30 de Maio de 1416. Tão completamente foi cada um deles queimado que tudo o que restava eram as suas cinzas.

“Depois de completamente consumido o corpo de Huss, suas cinzas, e a terra em que repousavam, foram ajuntadas e lançadas no Reno, e assim levadas para além do oceano. Seus perseguidores em vão imaginavam ter desarraigado as verdades que pregara. Dificilmente se dariam conta de que as cinzas naquele dia levadas para o mar deveriam ser qual semente espalhada em todos os países da Terra; de que em terras ainda desconhecidas produziriam fruto abundante em testemunho da verdade. A voz que falara no recinto do concílio em Constança, despertara ecos que seriam ouvidos através de todas as eras vindouras. Huss já não mais existia, mas as verdades por que morreria, não pereceriam jamais. Seu exemplo de fé e constância animaria multidões a permanecerem firmes pela verdade, em face da tortura e da morte. Sua execução patenteou ao mundo inteiro a pérfida crueldade de Roma. Os inimigos da verdade, posto não o soubessem, haviam estado a adiantar a causa que eles em vão procuraram destruir.” *O Grande Conflito*, 110.

Tanto Huss como Jerónimo foram verdadeiros mártires que exibiram a fé de Jesus. “Quando as chamas começaram a envolvê-lo, [João Huss] pôs-se a cantar: ‘Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim’, e assim continuou até que sua voz silenciou para sempre.

“Mesmo os inimigos ficaram tocados com seu procedimento heróico. Um zeloso adepto de Roma, descrevendo o martírio de Huss, e de Jerónimo que morreu logo depois, disse: ‘Ambos se portaram com firmeza de ânimo quando se lhes aproximou a última hora. Prepararam-se para o

fogo como se fosse a uma festa de casamento. Não soltaram nenhum grito de dor. Ao levantarem-se as chamas, começaram a cantar hinos, e mal podia a veemência do fogo fazer silenciar o seu canto.” *O Grande Conflito*, 109, 110.

A ameaça de ser queimado na fogueira era prova suficiente, mas o que tornou o teste ainda mais difícil foram as condições horríveis e incapacitantes que tanto Huss como Jerónimo foram forçados a suportar durante os meses anteriores à sua condenação à morte sendo queimados vivos. A escuridão, a humidade, o ar impuro, a ausência de exercício e a falta de alimentos realmente nutritivos, foram calculados para reduzir a sua capacidade de resistência aos seus atormentadores ao mais baixo nível possível. Não é, portanto, surpreendente que João Huss tenha ficado tão doente que quase morreu de uma terrível febre. Mas os papistas não conseguiram atingir o seu objectivo, pois, apesar de muito enfraquecido, os seus perseguidores não foram capazes de o demover.

“Enfraquecido pela enfermidade e reclusão, pois que o ar úmido e impuro do calabouço lhe acarretara uma febre que quase o levava à sepultura, Huss foi finalmente conduzido perante o concílio. Carregado de cadeias, ficou em pé na presença do imperador, cuja honra e boa fé tinham sido empenhadas em defendê-lo. Durante o longo processo manteve firmemente a verdade, e na presença dos dignitários da Igreja e Estado, em assembléia, proferiu solene e fiel protesto contra as corrupções da hierarquia. Quando se lhe exigiu optar entre o renunciar suas doutrinas ou sofrer a morte, aceitou a sorte de mártir.” *O Grande Conflito*, 107.

Jerónimo foi submetido ao mesmo mau tratamento, pelo que, por um tempo, a sua determinação quebrou e retirou o seu apoio à Reforma.

“Ao seu primeiro aparecimento perante o concílio, as tentativas de Jerónimo para responder às acusações apresentadas contra ele eram defrontadas com clamores: ‘Às chamas! Que vá às chamas!’ — Bonnechose. Foi lançado numa masmorra, acorrentado em posição que lhe causava grande sofrimento e alimentado a pão e água. Depois de alguns meses, as crueldades da prisão causaram-lhe uma enfermidade que lhe pôs em perigo a vida, e seus inimigos, receosos de que ele se lhes pudesse escapar, trataram-no com menos severidade, posto que permanecesse na prisão durante um ano.

“A morte de Huss não deu os resultados que os sectários de Roma haviam esperado. A violação do salvo-conduto suscitara uma tempestade de indignação, e como meio mais seguro de agir, o concílio decidiu, em vez de queimar a Jerónimo, obrigá-lo, sendo possível, a retratar-se. Foi levado perante a assembléia e ofereceu-se-lhe a alternativa de renunciar, ou morrer na fogueira. A morte, no início de sua prisão, teria sido uma misericórdia, à vista dos terríveis sofrimentos por que passara; mas agora, enfraquecido pela moléstia, pelos rigores do cárcere e pela tortura da ansiedade e apreensão, separado dos amigos e desanimado pela morte de Huss, a fortaleza de Jerónimo cedeu, e ele consentiu em submeter-se ao concílio. Comprometeu-se a aderir à fé católica, e aceitou a ação do concílio ao condenar as doutrinas de Wycliffe e Huss, exceção feita, contudo, das “santas verdades” que tinham ensinado.” *O Grande Conflito*, 110, 111.

Muito em breve, Jerónimo reconsiderou a sua posição e desdisse a sua retractação. Tal posição é muito mais difícil de tomar do que a declaração aberta da sua posição desde o início, pois nenhum verdadeiro cristão gosta de aparecer como um vacilante que não mantém a sua palavra de honra custe o que custar. No entanto, em questões de convicção religiosa, a liberdade religiosa total é o direito de todos, para que uma pessoa possa mudar a sua fé a qualquer momento.

Períodos de Perseguição pelo Fogo

Através da história, há vários períodos de perseguição os quais todos empregaram ou ainda irão empregar fogo para destruir o povo de Deus. O primeiro destes períodos foi a perseguição do povo de Deus no reino de Babilónia dos tempos do Antigo Testamento, o uso do fogo foi usado

para eliminar os três fiéis e intimidar o povo de todo o mundo a adorar apenas os deuses de Babilônia.

Outro período geral é a grande perseguição da igreja cristã após a descida do Espírito Santo no Pentecostes. Este período durou até ser abreviado pela grande Reforma Protestante. Mais uma vez o fogo foi o terrível instrumento usado pelo papado para destruir um grande número de fiéis filhos de Deus.

Outro período de perseguição, o último, será a resposta de Satanás ao derramamento da chuva serôdia, como predito em *Apocalipse* 13.

“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.” *Apocalipse* 13:13-14.

Este fogo “do céu” desce como um meio de enganar a humanidade para formar uma imagem à besta.

O que é este fogo?

Há quem tenha afirmado que serão explosões nucleares, mas são as pessoas enganadas por esses meios? O efeito real do fogo nuclear não é enganar, mas aterrorizar as pessoas.

A Corrente de Fogo do Trono de Deus

Seja qual for a natureza exacta desse fogo, o seu propósito, à semelhança de todos os fogos da perseguição que vieram antes dele, será destruir totalmente o povo de Deus, e estabelecer o pecado como um domínio eterno em todo o Universo. Mas Deus enfrentará fogo com fogo insaciável. “Um rio de fogo manava e saía de diante dele.” *Daniel* 7:10.

Daniel vê então o fim total do homem do pecado enquanto observa o desenrolar da certa aniquilação da quarta besta e da ponta pequena que proferiu palavras tão arrogantes contra o Altíssimo.

“Eu olhava, então, por causa do ruído das grandes palavras arrogantes que proferia o chifre, olhava até ao momento em que o animal foi morto, o seu corpo desfeito, e atirado às chamas de fogo.

“Quanto aos outros animais, também lhes foi tirado o poderio; no entanto, a duração da sua vida foi-lhes fixada até um tempo e uma data.” *Daniel* 7:11, 12. (Difusora Bíblica, 1973.)

Por muito grande que seja o fogo, que nas mãos da terrível quarta besta, destruiu os corpos mortais dos mártires, não deve ser temido como devemos temer a corrente de fogo pela qual o Altíssimo sustenta todas as forças de vida no Universo e destrói toda a fonte de pecado onde quer que seja encontrada.

É claro que, como os verdadeiros mártires foram vitoriosos sobre o fogo, assim todas as almas que têm a vitória sobre o pecado também serão sustentadas pelo rio de fogo que mana do trono de Deus. (Ver *Daniel* 7:10, Nova Versão Internacional). Huss e Jerónimo foram a cantar para as suas mortes e não deram qualquer indicação de que estavam a sofrer dor. Igualmente o fogo não tocou nos três hebreus. Nos seus casos, até a sua carne mortal foi salva da dor e da destruição. João foi libertado da imersão num caldeirão de óleo a ferver.

Não conhecemos testemunho algum sobre o efeito de que todos os mártires queimados na fogueira não sofressem dor, mas temos evidência de que pelo menos alguns não a experimentaram. Aqui está um relato do historiador Wylie: “O rastilho da pólvora estava agora aceso. À medida que a chama se aproximava dele, levantou os olhos e as mãos para o céu, e orou pelo perdão da Dor e de Sir Thomas More, e continuou em intervalos de súplica até que o fogo lhe atingiu a cabeça. ‘Deve ser observado’, diz o cronista, que enquanto ele estava na fogueira, no meio das chamas de fogo, cujo fogo havia consumido parte dos braços e das pernas, ele proferiu estas palavras: ‘Oh, vós papistas, vede! Vós procurais milagres; e aqui agora podeis ver um milagre;

pois neste fogo eu não sinto mais dor do que se estivesse em uma cama deitado; mas é para mim como uma cama de rosas.' Estas palavras ditas no meio do fogo em chamas, quando as suas pernas e braços, como eu disse, estavam meio consumidos.'" Wylie, *A História do Protestantismo*, Volume 3, 382.

Aproxima-se rapidamente o tempo em que muitos mais sacrificarão as suas vidas pela causa da verdade, como está escrito: "Os dois exércitos permanecerão distintos e separados, e essa distinção será tão acentuada que muitos que estarão convencidos da verdade colocar-se-ão ao lado do povo que guarda os mandamentos de Deus. Quando essa grandiosa obra ocorrer na batalha, antes do conflito final, muitos serão encarcerados, muitos fugirão das cidades e vilas para salvar a vida, e muitos serão mártires por amor a Cristo, colocando-se em defesa da verdade. ... Não sereis tentados acima do que sois capazes de suportar. Jesus suportou tudo isso e muito mais." *Mensagens Escolhidas* 3:397, 398.

As mensagens de *Daniel*, *Ezequiel*, *Apocalipse*, bem como do Espírito de Profecia, revelam a necessidade de compreender e experimentar as operações do divino Espírito, tal como foram reveladas, para que a corrente de fogo que manando do trono de Deus nos possa salvar e sustentar-nos, em vez de nos destruir.

Capítulo 7

O Último Inimigo a Ser Destruído

Ao longo do Livro de Daniel, o colosso babilónico é revelado como uma força poderosa, orgulhosa e impiedosamente determinada a viver e reinar eternamente pelos poderes que emanam de dentro de si mesma. Ao mesmo tempo, ela exhibe um propósito fixo de aniquilar todos os que, descrentes das suas pretensões, olham e acreditam na verdadeira Fonte da vida eterna – o Pai eterno. Nada e ninguém está autorizado a ficar no seu caminho. Para atingir os seus objectivos, ela emprega a sua imensa força e usa os seus grandes dentes de ferro para devorar e quebrar os seus inimigos em pedaços, e depois pisa o restante com os pés. Ver *Daniel* 7:7. Ela concentra todos os seus variados recursos na obtenção e manutenção do domínio mundial, custe o que custar aos outros. Mesmo quando convencida de que a vida sob o seu regime era de facto temporária, recuou com horror dessa verdade, e mais uma vez restabeleceu o seu raciocínio corrompido em seu lugar.

Como prova disso, precisamos olhar apenas para o comportamento do rei Nabucodonosor que se dedicou à construção da sua poderosa capital, atravessada pelo grande rio Eufrates. Para ele, a crença de que ele e Babilónia deviam viver e reinar para sempre sobre todo o mundo era primordial para todos os outros interesses, e nenhum outro resultado futuro merecia a sua consideração. Com vista à correcção dos seus graves conceitos errados, Deus enviou um sonho maravilhoso e iluminador a este orgulhoso monarca, o tema do qual era a natureza transitória do homem mortal e dos seus reinos como simbolizado pela imagem. Quando estes tivessem passado ao esquecimento eterno, como certamente aconteceria, seriam substituídos por um grande reino permanente que seria tão duradouro como a eternidade.

Foi uma transmissão convincente de grande luz e poder que abriu a porta ao futuro e revelou que a vida eterna só se encontra em Deus. O rei estava convencido desta grande verdade e deu testemunho dela na presença de Daniel. Mas o seu testemunho foi de curta duração e depressa voltou à posição padrão babilónica de que, como reino, Babilónia viveria para sempre, e aí de quem acreditasse o contrário.

Foi assim que o rei Nabucodonosor, com o apoio do seu povo, projectou a sua própria declaração do que seria o futuro, construindo uma imagem feita inteiramente de ouro. Na sua mente, um futuro dourado estendeu-se à sua frente que, verdadeiro ou falso, não deixaria que ninguém lhe tirasse. O brilho do calor claro de um forno aquecido sete vezes acima da sua intensidade habitual foi mencionado pelo monarca como prova suficiente de onde estava a sua lealdade, e onde todos os outros tinham a melhor mentira.

A Fonte da Imortalidade

Babilónia não faz uma guerra aberta e directa contra a busca da humanidade pela vida eterna, pois não é essa a questão. O ponto em debate é sobre a forma como ela deve ser procurada, possuída e estabelecida como uma esperança eterna. Babilónia trabalha sob a ilusão de que a alma

do homem é imortal e que, portanto, ela continua como uma entidade inteligente após a morte do seu corpo.

Mas, embora o homem tenha sido originalmente criado com o propósito de ser abençoado com a vida eterna, esse tesouro foi perdido por causa do pecado. Recuperá-la requer fazer uma nova ligação com Aquele que unicamente tem o necessário, contínuo, suprimento da vida. Deus é essa Fonte, cuja vida é disponibilizada apenas àqueles que a procuram em Cristo, pois Deus deu o Seu Filho Unigênito para sofrer a morte pela cruel crucificação para que todos os que desejarem, possam receber a imortalidade. Um dos textos mais conhecidos em todas as Escrituras é *João 3:16*. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Em *Daniel 7*, Babilónia espiritual é simbolizada pela quarta besta e pelo poder da ponta pequena, e é revelada como a grande destruidora de todos os que se lhe opõem. Ela destrói todas as formas de vida, sejam humanas, animais ou outras, a fim de estabelecer a sua pretensão à vida eterna, como está escrito:

“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra.” *Apocalipse 18:24*.

Se lermos este versículo exactamente como foi escrito, saberemos a verdade que Babilónia é o homicida de todos os que já foram mortos na Terra. Ah! Que ceifeira de morte ela tem provado ser! Não só isso, ela não tem a menor justificação para tal destruição cruel, mas está terrivelmente condenada pelo que tem feito e ainda vai fazer.

Em contraste, Deus através de Jesus Cristo é o Salvador da vida e o Doador da imortalidade. Assim, todos os encontros entre a igreja de Deus e Babilónia têm sido sobre a questão do Dador da Vida, contra o que tira a vida. O Dador da Vida tem sido o único através de quem a vida chegou aos privados deste inestimável dom. Portanto, sempre que alguém foi abençoado com a imortalidade física, como Enoque, Moisés ou Elias, podemos saber que este dom lhes chegou através do Dador da Vida.

Pelo contrário, todos em quem a morte reina, receberam esse legado de uma fonte, nomeadamente, Babilónia. A todos os verdadeiros filhos do Dador da Vida foi prometido que haverá o fim do reinado da morte, mas esta promessa ainda não foi cumprida porque: “O último inimigo que há de ser aniquilado é a morte.” *1 Coríntios 15:26*.

Entretanto, os santos adormecidos permanecem nos seus leitos de pó no sepulcro da morte. Não será assim para sempre, pois quando a morte, o último inimigo, for destruída, “não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.” *Apocalipse 21:4*.

“Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.

“E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: “Tragada foi a morte na vitória.

““Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?”

“Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.

“Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.” *1 Coríntios 15:53-57*.

Quando a Morte For Vencida

Uma vez que a morte é o último inimigo sobre o qual a vitória eterna será alcançada, podemos saber quando essa conquista absolutamente desejável será realizada. É muito importante conhecer com precisão este ponto, a fim de evitar falsas expectativas que possam proporcionar às pessoas fanáticas a oportunidade de perturbar as mentes dos verdadeiros crentes e até, em alguns casos, destruir a sua fé. Se a morte é o último inimigo, todas as outras vitórias têm de ser ganhas

primeiro, como a da besta e sua imagem. Portanto, enquanto estes ainda estiverem por vencer, a vitória sobre a morte não pode ser obtida. O mesmo acontece com as sete últimas pragas. Até que os seus poderes tenham sido quebrados, a vitória sobre elas não foi conquistada, e ainda resta vencer a morte.

Então, qual é a nossa posição neste momento?

A morte ainda não foi vencida, porque todas as outras vitórias ainda não foram ganhas.

Quando é que o último inimigo vai ser realmente abatido? Como esta questão é objecto de profecia, Daniel deve ter sido informado, pelo menos em termos gerais, sobre quando este triunfo sobre o nosso último inimigo terá lugar. Se analisarmos as mensagens proféticas dadas a este grande profeta, Daniel, encontraremos no final de cada apresentação dos eventos futuros, a criação de um reino que estará totalmente livre da morte. Como este futuro reino é o reino universal da paz perpétua, não pode haver elemento algum de morte nele. No tempo mostrado nestes versículos, a vitória sobre o último inimigo terá sido conquistada, pois nenhum reino eterno pode ser estabelecido enquanto a morte ainda existir. Portanto, o reino eterno começa com a vitória sobre a morte.

A primeira referência em Daniel ao reino de onde a morte será totalmente eliminada (após todas as outras vitórias terem sido ganhas), encontra-se no segundo capítulo:

“Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçarà e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre.” *Daniel 2:44*.

A próxima referência profética está registada em *Daniel 7* onde as referências ao estabelecimento do reino livre da morte são encontradas nos seguintes versículos:

“E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído.

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre, e de eternidade em eternidade.

“Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim.

“E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.” *Daniel 7:14, 18, 26, 27*.

No final da visão registada em *Daniel 8*, é repetida esta grande verdade, que um reino eterno é aquele em que o último inimigo foi destruído. Está dito nestas poucas e poderosas palavras:

“E ele me disse: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.’” *Daniel 8:14*.

Em resumo, a purificação do santuário é, em primeiro lugar, a purificação do povo de Deus, ao ponto de serem encontrados após exame pelo Juiz do Universo como “... uma igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” *Efésios 5:27*.

O santuário fica a necessitar de ser purificado por causa da transferência dos pecados do povo para ele. Quando finalmente o fluxo de pecados do povo para o santuário for terminado na sua fonte, nos corações e na vida do povo, então o próprio santuário pode ser purificado do pecado e da morte que ali estão, e sê-lo-á. Quando isto estiver realizado, está aberto o caminho para a destruição do último inimigo, a morte.

No que diz respeito aos filhos de Deus remidos, o último inimigo será destruído na ressurreição dos justos, quando Satanás em vão tentará manter os salvos da Terra trancados nos seus túmulos. À ordem do Dador da Vida, todos os crentes fiéis que passaram o julgamento obedecerão a essa palavra, demonstrando assim que o último inimigo, a morte, foi tornada totalmente

impotente. O seu reinado terá terminado. Nunca mais será vista entre os santos. Aqui é descrito o momento glorioso como é visto pelo profeta sob a inspiração do Espírito Santo.

“Por entre as vacilações da Terra, o clarão do relâmpago e o ribombo do trovão, a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem. Ele olha para a sepultura dos justos e, levantando as mãos para o céu, brada: ‘Despertai, despertai, despertai, vós que dormis no pó, e surgi!’ Por todo o comprimento e largura da Terra, os mortos ouvirão aquela voz, e os que ouvirem viverão. E a Terra inteira ressoará com o passar do exército extraordinariamente grande de toda nação, tribo, língua e povo. Do cárcere da morte vêm eles, revestidos de glória imortal, clamando: ‘Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?’ 1 Coríntios 15:55. E os vivos justos e os santos ressuscitados unem as vozes em prolongada e jubilosa aclamação de vitória.” *O Grande Conflito*, 644.

Neste ponto, os remidos não terão mais batalhas para lutar contra o homem do pecado, pois a tentação não pode mais alcançá-los. O seu último inimigo, a morte, terá sido eternamente destruído, para nunca mais ameaçar os justos. Atrás deles estão as terríveis derrotas, e as vitórias finais, através das quais terão passado na sua subida a este ponto, mas agora o futuro é glorioso com a luz da liberdade sem pecado brilhando à sua volta.

Daniel 9 termina com as mesmas revelações preciosas do fim do poder do assolador até à consumação.

“E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.” *Daniel 9:27*.

O desolador final, ou aquele que faz a desolação, é a morte. Neste momento, milhões do povo de Deus jazem desolados nas suas sepulturas, e ali permanecerão até que a vitória sobre todos os pecados tenha sido alcançada na geração dos vivos. Foi pelo pecado que a morte entrou, mas será expulsa pela justiça. E a rectidão final foi a oferta sacrificial feita pelo nosso maravilhoso Salvador no Calvário.

Agora, voltemos ao capítulo 12 onde todas as profecias de todo o livro de Daniel atingem o seu clímax na ressurreição dos justos. Aqui, como seria de esperar, é descrita a destruição do nosso último inimigo, e a sua certeza estabelecida.

O capítulo abre onde Miguel completa o Seu ministério como nosso grande Sumo Sacerdote. Diz-se-Lhe então que se levante, significando isso que o tempo de provação terminou, a restrição foi removida dos ímpios, segue-se o último tempo de angústia, e depois vem a ressurreição dos santos adormecidos, o que significa que a vitória sobre a morte, o último inimigo, foi finalmente alcançada.

“E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.

“E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.

“Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente.” *Daniel 12:1-3*.

O Corpo Imortal

Assim, o futuro é brilhante com esperança, vibrante com vida e abençoado com a segurança eterna para aqueles que não andam mais com o homem do pecado. Pensem no que estas gloriosas perspectivas devem significar para os mártires, enquanto se encontravam cara a cara com os seus inimigos mortais, que estavam aparentemente em pleno domínio da situação, segurando literalmente as vidas deles nas suas mãos.

Lembre-mo-nos de João Huss. No dia terrível do seu martírio, ele estava diante das pessoas apinhadas com todas as funções e capacidades de um ser humano normal. Ele era uma pessoa única na medida em que não havia outra exactamente igual a ele em todo o Universo. Havia algumas das experiências de vida partilhadas com outros, mas havia muitas memórias de experiências que só ele tinha passado. Estas tinham deixado o efeito da sua influência sobre ele. Embora fossem na sua maioria pequenas diferenças, somavam-se a características significativas que o tornavam único. Mas os seus inimigos seguravam nas suas mãos o poder cruel da morte. Com essa arma, os seus inimigos reduziram João Huss a um pequeno monte de cinzas. A multidão, olhando, assistiu ao processo até à sua conclusão. Em seguida, viram transportadas para o rio Reno, as cinzas reunidas juntamente com o solo da superfície sobre o qual estavam, cujas águas agitadas espalharam o pó fino de modo que nem uma única partícula do que tinha sido o reformador foi junta a qualquer outra dessa mesma fonte.

Tal é o poder da morte, que, nas mãos dos impiedosos padres, demonstrou a sua capacidade de eliminar toda a oposição contra eles. Os observadores enquanto viam o pequeno monte de cinzas espalhadas por toda parte, deviam ter sentido uma grande sensação de futilidade. Como poderiam esperar voltar a ver João Huss? E se eles tivessem que tomar a sua posição como João Huss tomou a sua, e, conseqüentemente, serem igualmente reduzidos a cinzas espalhadas por todo o lado, como poderiam elas ser juntas de novo e funcionar em pleno? Se uma pessoa é enterrada num caixão, os seus amigos que ficam vivos são pelo menos consolados pela ideia de que todos os elementos para a reconstrução da pessoa estão contidos num só lugar.

Todavia, João Huss, enquanto enfrentava os seus atormentadores, a sua mente não se preocupava com o problema de alcançar um novo corpo. Ele sabia que Deus não precisa de uma única partícula da nossa velha carne e sangue, e na verdade, não pode usá-los, pois estão amaldiçoadas pelo pecado e pela morte. A carne e o sangue que serão ressuscitados e levados para o Céu é carne e sangue imortal e incorruptível.

“Não poderá o Seu povo receber o reino antes do advento pessoal de Cristo. Disse o Salvador: ‘E quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dEle, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; e porá as ovelhas à Sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.’ Mateus 25:31-34. Vimos pelos textos citados que, quando o Filho do homem vier, os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e os vivos serão transformados. Por esta grande mudança ficam preparados para receberem o reino; pois Paulo diz: ‘A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.’ 1 Coríntios 15:50. O homem, em seu estado presente, é mortal, corruptível; o reino de Deus, porém, será incorruptível, permanecendo para sempre. Portanto, o homem, em sua condição atual, não pode entrar no reino de Deus. Mas, em vindo Jesus, confere a imortalidade a Seu povo; e então os chama para possuírem o reino de que até ali têm sido apenas herdeiros.” *O Grande Conflito*, 322, 323.

A Vida Sem Pecado e a Morte

Neste momento levanta-se uma questão. Se uma pessoa pela fé viva alcançou a perfeita ausência de pecado, então o último inimigo não foi destruído nele? E não devia essa pessoa ser admitida no Céu sem ver a morte? Esta pareceria ser a conclusão lógica.

Em primeiro lugar, confirmemos que é inteiramente possível um verdadeiro crente em Jesus estar totalmente livre do pecado dentro de si. Em cada pensamento, palavra e acção, a sua vida pode ser uma verdadeira expressão da justiça. Quando Jesus esteve na Terra, carregando o fardo do pecado e sofrendo a pressão da tentação, Ele demonstrou que qualquer ser humano pode vencer como Ele venceu. A todos aqueles que atingem esse padrão, é dada a promessa de que se

sentarão com Cristo no trono de Seu Pai logo que chegue o tempo e o lugar designados e apropriados. Entre as vidas de muitos cujas histórias foram registadas nos escritos sagrados, há poucos contra os quais nenhum pecado foi registado. Abel, Enoque, José, Jeremias, Daniel e os seus três amigos são exemplos de homens que, tanto quanto sabemos, venceram todos os pecados. Todos os homens poderiam ter partilhado esta mesma vitória, e, sem dúvida, havia muitos mais cujas vidas eram fiéis a todos os mandamentos de Deus, mas cujos nomes não estão gravados em nenhum livro terreno.

No entanto, sejam poucos ou muitos, conhecidos ou desconhecidos para nós, não é a questão. O facto de os homens terem vencido o pecado é o ponto a não perder. Sabemos que Cristo enfrentou todas as tentações que devemos enfrentar, exactamente como devemos enfrentá-las e não cedeu a nenhuma delas por um único pensamento. Não fez a menor concessão à tentação. Viveu uma vida perfeita e totalmente sem pecado.

“O Salvador tomou sobre Si as enfermidades humanas, e viveu uma vida sem pecado, a fim de os homens não terem nenhum temor de que, devido à fraqueza da natureza humana, eles não pudessem vencer. Cristo veio para nos tornar ‘participantes da natureza divina’ (2 Pedro 1:4), e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade, não comete pecado.” *A Ciência do Bom Viver*, 180.

Há outros testemunhos semelhantes que, de uma forma ou de outra, expressam o mesmo pensamento, mostrando que não há justificação para pecar. “A influência do tentador não deve ser considerada desculpa para qualquer má ação. Satanás rejubila quando ouve os professos seguidores de Cristo apresentarem desculpas quanto à sua deformidade de carácter. São essas escusas que levam ao pecado. Não há desculpas para pecar. Uma santa disposição, uma vida cristã, são acessíveis a todo filho de Deus, arrependido e crente.” {DTN 213}, *O Desejado de Todas as Nações*, 311.

Todos estes testemunhos confirmam que a vida do cristão será uma vida sem pecado. Tendo assim confirmado a verdade que a sua vida deve ser pura, podemos deduzir que uma vez alcançada e estabelecida uma vida constante sem pecado, o crente poderia, ali naquele momento e a partir daí, vivendo em fé, agarrar a vitória real sobre a morte e ser levado para o Céu? Se esta fosse a verdade sobre o assunto, significaria, naturalmente, que os crentes passariam desta Terra para o Céu em várias fases.

Mas as Escrituras não suportam tal doutrina. Paulo certamente não subscreveu estas deduções. Para demonstrar isso, temos apenas que examinar todo o capítulo de *Hebreus* 11 em que o apóstolo enumera muitas grandes vitórias de fé. Em seguida, resume as conclusões que retira destes factos:

“E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo contando de Gideão, e de Baraque, e de Sansão, e de Jefté, e de Davi, e de Samuel e dos profetas,

“Os quais pela fé venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões,

“Apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos.

“As mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos; uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição;

“E outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões.

“Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados

“(Dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra.

“E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa,

“Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados.” *Hebreus* 11:32-40.

Assim, pela inspiração do Espírito Santo, Paulo confirmou que aqueles que ainda estavam nas sepulturas, não receberiam a sua herança imortal antes daqueles que ainda viviam. Em vez disso, estavam em espera até que todos pudessem receber a bênção juntos. Paulo repete esta verdade na primeira carta aos Tessalonicenses:

“Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem.

“Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

“Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

“Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.” *1 Tessalonicenses* 4:15-18.

Estes versículos descrevem aquele momento incrível em que o último inimigo, a morte, será destruído. Então acontecerá que os santos ressuscitados proferirão o seu brado de vitória sobre a morte e a sepultura, como foi mostrado à irmã White nestas palavras:

“A Terra agita-se poderosamente quando a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem o sono da morte. Eles respondem à chamada e saem revestidos de gloriosa imortalidade, clamando: ‘Vitória! vitória sobre a morte e a sepultura! Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória?’ Então os santos vivos e os ressuscitados erguem suas vozes em uma aclamação de vitória, longa e arrebatadora. Aqueles corpos que haviam descido à sepultura levando os sinais da enfermidade e morte, surgem com saúde e vigor imortais. Os santos vivos são transformados em um momento, num abrir e fechar de olhos, e arrebatados com os ressuscitados; e juntos encontram seu Senhor nos ares. Oh! que reunião gloriosa! Amigos que a morte havia separado são reunidos, para nunca mais se separarem.” *Primeiros Escritos*, 287.

Quão abençoados somos por Deus achar próprio fechar cada revelação profética dos acontecimentos futuros com a promessa do fim do reinado do pecado e da morte. À medida que estudamos o livro de *Daniel*, encontramos esta promessa profundamente arrebatadora repetida, transmitindo-nos esperança e vida em vez do irremediável sombrio desespero sem esperança.

E se esta promessa é encorajadora para nós, no nosso tempo de liberdade religiosa, então quanto mais terá ela fortalecido, fortificado e sustentado os mártires na sua aparentemente vã resistência contra o papado e os seus apoiantes. Durante mais de mil anos, a sua luta constante contra os seus perseguidores destruiu “os santos do Altíssimo” (*Daniel* 7:25). Mas graças ao poder vivo na Palavra de Deus, o cativo do Seu povo foi transformado em liberdade.

Capítulo 8

Os Santos Possuirão o Reino

No capítulo anterior foi revelado que a morte, o último de todos os nossos inimigos, será por fim completamente eliminada para nunca mais aparecer. “E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.” *Apocalipse* 21:4.

Co-herdeiros com Cristo

Se isto fosse tudo o que recebêssemos, seria mais do que maravilhoso. Só para ser um habitante da nova terra, livre da doença, da dor e da morte, feliz em comunhão com outros seres remidos, e ver o nosso Salvador face a face, satisfaria os anseios de todos os filhos de Deus. Porém, isso é apenas o início das alegrias e vida de bem-aventurança que nos esperam. O plano de salvação, fornecido e administrado pelo poder e sabedoria do nosso eterno Pai, levar-nos-á não só ao nível alcançado pelos nossos primeiros pais, mas vai elevar-nos a uma posição de herança conjunta com Cristo. Certamente veremos e compreenderemos que “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, E não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam.” *1 Coríntios* 2:9.

Não pode haver maior privilégio, alegria ou satisfação do que ser um herdeiro em conjunto com Cristo, como experimentarão todos os que são salvos no Seu glorioso reino. Como herdeiros do reino de Deus, nós, na verdade e literalmente, entraremos na posse dele. Este princípio é repetidamente salientado em *Daniel* 7 da seguinte forma: “Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre, e de eternidade em eternidade.” *Daniel* 7:18.

“Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.

“Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.” *Daniel* 7:21, 22.

“E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.” *Daniel* 7:27.

Em cada um destes versículos, é feita a declaração de que os santos possuirão o reino, o que significa que ele será uma propriedade pessoal sua. Esta é uma repetição da verdade expressa por Paulo:

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” *Romanos* 8:16, 17.

Deus só fala a verdade, por isso quando Ele diz que somos filhos de Deus, é isso que somos na realidade. Além disso, quando Ele afirma que essa filiação faz de nós herdeiros e, de facto, co-herdeiros com Cristo, devemos entender a realidade desta relação, e compreender e aceitar tudo

o que isso significa para nós. Temos que perceber que não podemos ser filhos de Deus sem sermos herdeiros das riquezas do grande reino universal de Deus. Isto é exactamente o que Deus pretende.

Não deve haver dúvida da realidade da nossa filiação com Cristo, que é ainda mais preciosa do que as relações familiares terrenas, e que ela surgiu através da seguinte série de acontecimentos:

Quando Adão foi criado, foi-lhe dada a vida de uma criatura cuja vida residia no seu corpo de carne e sangue. Enquanto caminhasse na justiça, excluindo todo o pecado da sua vida, a morte não o ameaçou. A sua vida permaneceu residente dentro dele. Na verdade, não havia a ameaça da morte até Adão permitir que Lúcifer a introduzisse na criação de Deus. Uma vez estabelecida por esse meio, a morte penetrou todas as coisas, deixando tudo e todos destituídos da vida e da liberdade.

Perdão e Vida

Alguns levantam a questão em relação à transgressão de Adão:

Não podia Deus simplesmente perdoá-lo para que todos pudessem continuar como antes? Não havia dúvidas quanto ao arrependimento de Adão ter sido verdadeiramente profundo e sincero. Poderia Deus tê-lo aceitado? Mas havia uma boa razão pela qual Deus não podia deixar que tudo continuasse como de costume, e isso foi porque já nada estava na sua condição original. Para corrigir o problema, o homem precisava de mais do que perdão. Ele estava morto, e apesar dos homens mortos poderem ser perdoados e terem sido perdoados, continuam a ser homens mortos. A triste realidade é que um ser humano morto perdoado é tão mau como um ser humano morto não perdoado. É verdade que todos os mortos precisam primeiro de perdão para remover a sua culpa, mas depois precisam de vida para substituir a vida que perderam. E onde pode ser encontrado o suprimento necessário? É inútil procurar a vida de Adão, pois nele reina a morte. Adão não pode dar vida, “Porque, assim como todos morrem em Adão,...” *1 Coríntios 15:22*

Quem pode então fornecer a vida necessária pela qual os mortos serão ressuscitados e viverão para sempre? Esta pergunta tem apenas uma resposta, pois só Cristo tem o suprimento necessário. “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.” *1 Coríntios 15:22*.

A palavra do Deus vivo proclama esta verdade repetidamente como quando Jesus disse: “... ‘Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;’” *João 11:25*. Estas palavras foram ditas por Jesus na ressurreição de Lázaro, o amado irmão de Maria e Marta de Betânia. Antes Ele tinha dito a mesma verdade nestas palavras: “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” *João 10:10*.

“Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.” “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.” “Com certeza, digo-vos, aquele que acredita em Mim tem vida eterna.” *João 3:36; João 5:24; João 6:47*.

Por isso, todos nós os que perderam as suas vidas através de Adão, têm uma única pessoa a quem podem ir a fim de obter a vida para o lugar da morte. Apenas nos podemos aproximar de Jesus Cristo que não só efectua a ressurreição e a vida, mas que é, de facto, em Si mesmo, a ressurreição e a vida. Isto significa que a mesma vida que está em Cristo torna-se presente no crente o qual recebe d’Ele a ressurreição. Consequentemente, tal pessoa não sairá da sua cama de pó na manhã da ressurreição apenas como uma manifestação de poder onipotente, mas porque, “... através da fé, a Sua vida tornou-se nossa.” Esta verdade está contida no parágrafo seguinte:

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna.’ Por intermédio do amado João, que escutou essas palavras, o Espírito Santo declarou às igrejas: ‘E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida’. 1 João 5:11, 12. E Jesus disse: ‘Eu o ressuscitarei no último dia.’ Cristo tornou-Se uma mesma carne conosco, a fim de nos podermos tornar um espírito com Ele. É em virtude dessa união que havemos de ressurgir do sepulcro — não somente como manifestação do poder de Cristo, mas porque, mediante a fé, Sua vida se tornou nossa. Os que vêm a Cristo em Seu verdadeiro caráter, e O recebem no coração, têm vida eterna. É por meio do Espírito que Cristo habita em nós; e o Espírito de Deus, recebido no coração pela fé, é o princípio da vida eterna.” {DTN 268}, *O Desejado de Todas as Nações*, 388.

As Duas Ressurreições

Existe uma distinção clara entre as duas ressurreições. A primeira ocorre no início do milênio quando os salvos são ressuscitados para a salvação eterna. A segunda ressurreição, que terá lugar no final do milênio, será a dos ímpios que estão eternamente perdidos. Este último será um acto do único poder onnipotente. Não envolverá nenhuma resposta de ressurreição como quando Cristo se tornou uma carne conosco, e nós nos tornámos um em espírito com Ele. A vida de Cristo em nós é implantada pela operação das leis da reprodução e, portanto, é uma vida herdada.

Sejamos claros acerca deste processo, pois nem sempre foi. Houve um tempo em que todos os anjos de Deus, juntamente com todos os seres criados espalhados por todos os mundos do Universo, entraram no reino por um acto criador. Só após o aparecimento do pecado é que o novo procedimento ficou disponível para o homem, não como alternativa, mas como substituição do processo original. Desde a queda do homem, não há forma de ele entrar no reino de Deus, a não ser nascendo nele. Por isso, Jesus avisou Nicodemos que tinha de renascer para ver o reino de Deus. “Jesus respondeu, e disse-lhe: ‘Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.’” *João* 3:3.

Quando uma pessoa entra no reino de Deus pelo duplo processo de perdão e reprodução espiritual, tem em si mesma a vida de Deus e a vida do homem porque: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” *João* 3:6.

O novo nascimento que Jesus indicou na Sua entrevista com Nicodemos, é o nascimento no homem da segunda natureza espiritual destinada a substituir a perda da sua primeira natureza espiritual que foi roubada no Jardim do Éden pelo grande enganador. A vida que ele recebe é a vida que está no Pai. É a mesma vida que está em Jesus e, em virtude da sua presença n’Ele, faz de Cristo Filho de Deus. A mesma vida, reproduzida no crente, também o faz filho de Deus.

A Vida Original de Adão

Embora haja uma superioridade muito marcada na vida de Cristo sobre a de Adão, os primeiros que vieram das mãos do Criador eram seres humanos com poderes extraordinários.

“Deus dotou o homem de tão grande força vital que ele tem resistido ao acúmulo de doenças lançadas sobre a raça em consequência de hábitos pervertidos, e tem sobrevivido por seis mil anos. Este fato, por si mesmo, é suficiente para nos mostrar a força e a energia elétrica que Deus conferiu ao homem na criação. Foram necessários mais de dois mil anos de delitos e de condescendência com as paixões inferiores para trazer sobre a raça humana enfermidades físicas em grande escala. Se Adão, ao ser criado, não houvesse sido dotado de vinte vezes maior vitalidade do que os homens possuem agora, a humanidade, com seus presentes métodos de vida que constituem uma violação da lei natural, já estaria extinta. Por ocasião do primeiro advento de Cristo, o gênero humano degenerara tão rapidamente que um acúmulo de doenças pesava sobre aquela

geração, suscitando uma torrente de aflição e uma carga de sofrimento indescritível.” *Fundamentos da Educação Cristã*, 22, 23.

No Éden, Adão e Eva receberam uma estatura física elevada, grande força e incrível vitalidade. Mas a comparação que está a ser feita no parágrafo acima é entre um ser humano criado perfeito e aqueles em quem as suas próprias vidas tem enfraquecido devido à indulgência com o pecado. Antes do pecado ter corrompido o homem, ele era visitado todos os dias por Cristo no Éden. Cristo ter-lhe-á aparecido como Deus na forma de um anjo, o brilho da glória de Deus era velado pela forma de anjo. Não havia outra maneira de Deus comunicar com os seres que Ele havia criado, excepto através do facto de Cristo ser Criador e criatura na mesma pessoa. Foi para preencher esta necessidade que Cristo Se humilhou e aceitou a natureza e a posição de um anjo, sendo Deus também. Foi o mesmo espírito de condescendência que permitiu ao nosso poderoso Salvador deixar a posição de anjo para encarnar a do homem caído. É a partir destas profundezas que a obra da salvação O elevou, muito acima de todos os poderes encontrados neste mundo, à posição mais elevada ao lado do próprio Deus. No reino eterno de Deus, Cristo é e para sempre será proeminente.

Um Sacerdócio Real

Paulo estava muito interessado que esta verdade fosse vista e compreendida em toda a sua glória. Por isso, rogou ao nosso eterno Pai para dotar os crentes em Éfeso do profundo discernimento espiritual que os Seus filhos necessitam para entenderem a poderosa herança que é sua em Cristo. Ele orou para que compreendessem a salvadora verdade que tudo o que Cristo possuía, nós partilhemos com Ele como co-herdeiros. Ele sabia que enquanto os crentes obtivessem e conservassem com viva realidade uma imagem clara da glória e do valor daquilo que aguarda todos os crentes em Jesus, não haveria o perigo de trocarmos o tesouro celestial pelo terrestre. Então escreveu:

“Por isso, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos,

“Não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações:

“Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação;

“Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos;

“E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder,

“Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus.

“Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro;

“E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja,

“Que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.” *Efésios* 1:15-23.

Paulo procurou encontrar as palavras mais sublimes para descrever as alturas ilimitadas às quais os remidos serão elevados nesta vida e na que está por vir. Todas as coisas na igreja são colocadas sob Cristo que está sentado à mão direita do Seu Pai, e é Cabeça sobre todas as coisas na igreja agora e para sempre.

Fomos abençoados até agora apenas com as mais ténues percepções das riquezas, glória e poder, que estão combinadas em Cristo enquanto Ele Se senta com o Seu Pai no Seu trono. Esta incapacidade da nossa parte não é atribuível a qualquer falha da parte de Deus. Ele abriu as portas da revelação divina para que possamos comparar o miserável melhor que esta Terra

amaldiçoada pelo pecado oferece, com os ilimitados tesouros à espera daqueles que com fé agarrarem as jóias invisíveis da verdade, do amor e do poder.

“Unicamente aos que esperam humildemente em Deus, que estão atentos à Sua guia e graça, é concedido o Espírito. O poder de Deus aguarda que O peçam e O recebam. Essa prometida bênção, reclamada pela fé, traz após si todas as outras bênçãos. É concedida segundo as riquezas da graça de Cristo, e Ele está pronto a suprir toda alma segundo sua capacidade para receber.” {DTN 476}, *O Desejado de Todas as Nações*, 672.

Como herdeiro do reino, Jesus deve tornar-se Rei dos reis. E como o reino é um reino espiritual, ele deve, por sua vez, ser o Rei dos sacerdotes ou o Grande Sumo Sacerdote. Portanto, todos os Seus co-herdeiros, que são herdeiros conjuntamente com Ele, sentar-se-ão com Ele no Seu trono, e desempenharão os dois cargos de reis e sacerdotes no eterno reino da graça e da glória. João, o Revelador, percebeu esta importante verdade e registou-a para a nossa bênção sob a poderosa luz do Espírito Santo, da seguinte forma:

“João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono;

“E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra. Aquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados,

“E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a ele glória e poder para todo o sempre. Amém.” *Apocalipse* 1:4-6.

Nestes versículos, João está a apresentar o último livro na Bíblia, a revelação de Jesus Cristo que Deus Lhe deu. Ele então declara a suprema autoridade daquele que é o assunto desta revelação e lista vários títulos e posições pelos quais Ele tem o direito de nos fazer “reis e sacerdotes” para Deus, o Pai. Sublinhe-se que esta atribuição da posição e do trabalho de um sacerdócio real não é arbitrariamente conferida aos seus destinatários, mas é o inevitável trabalho do ministério de Cristo em virtude do seu incrível feito na resolução do problema do pecado. Essa solução envolvia a Sua conquista do direito a tomar posse de todos os nossos pecados e pecaminosidade, de nos oferecer uma nova vida em troca da velha, e de implantar a Sua própria vida no lugar da antiga. Porque Cristo não tinha vida para dar além da Sua, Ele manifestou, portanto, o amor supremo para com o homem em dar essa vida. Não era “meramente” uma questão de dar a vida ao homem, como quando Deus soprou em Adão o sopro da vida, para que o homem se tornasse um ser vivo, mas de transmitir-Se ao destituído agente humano.

A verdade de que nos tornamos reis e sacerdotes é reiterada em *Apocalipse* 5:10 com quase as mesmas palavras “E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.”

O contexto destes versículos encontra-se nos muito significativos quarto e quinto capítulos de *Apocalipse*, onde vinte e quatro anciãos foram vistos sentados nos tronos no Céu, e quatro criaturas viventes estavam no meio do trono, como já considerámos anteriormente. A localização dos tronos era no primeiro compartimento do santuário celestial onde os anciãos e as criaturas viventes são símbolos de um grande grupo daqueles que, tendo sido resgatados desta Terra, ministravam no santuário. Chegou a hora em que um pergaminho selado desafiou qualquer um a abri-lo até que o Cordeiro de Deus veio com o poder de lhe tirar os selos e abri-lo. Recebeu o documento da mão do Seu Pai e abriu-o com sucesso, e uma inundação de luz brilhou sob a forma de grandes profecias sobre acontecimentos futuros e das poderosas revelações do evangelho que os acompanham. Foi neste contexto que os vinte e quatro anciãos e as quatro criaturas viventes testemunharam que tinham sido feitos reis e sacerdotes para Deus.

O apóstolo Pedro olhou o futuro com viva expectativa para aquele tempo em que, como sacerdócio real, seremos capazes de ministrar na presença de Deus. Sobre isto escreveu o seguinte: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;” *1 Pedro* 2:9.

Aqueles que se qualificam para serem membros desse grupo que será um sacerdócio real são um povo muito especial, abençoado com uma educação muito especial. Eles serão especiais na medida em que a vida de Cristo foi reproduzida neles, e têm sido altamente educados na escola onde não há nenhuma aprendizagem terrena disponível. Um paralelo interessante é trazido à luz neste momento. Assim como os reis do Egito, Babilónia e Medo-Pérsia como supremos governantes do mundo, cada um no seu período de tempo atribuído, simbolizava Deus na Sua posição de Soberano Supremo do Universo, assim José e Daniel foram tipos dos remidos. Uma vez completada a educação de José e de Daniel, por sua vez, ocuparam a posição mais próxima do trono do rei, também os reis e sacerdotes remidos, após a sua educação especial, ocuparão a posição mais elevada junto ao trono de Deus durante toda a eternidade. Sobre isto está claramente escrito:

“Vemos, portanto, que pode ser obtido o mais alto grau de educação terrestre, sendo todavia os seus possuidores ignorantes dos princípios fundamentais que os tornariam súditos do reino de Deus. A cultura humana não pode habilitar as pessoas para esse reino. Os súditos do reino de Cristo não se tornam assim por meio de formas e cerimônias e pelo dilatado estudo de livros. ‘A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.’ Os membros do reino de Cristo são membros de Seu corpo, do qual Ele mesmo é a cabeça. São os filhos eleitos de Deus, ‘o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido’, a fim de proclamarem as virtudes dAquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz.” *Fundamentos da Educação Cristã*, 413.

Esta ilustração dos remidos como sendo um povo muito especial, ocupando uma posição muito especial, e fazendo um trabalho muito especial, confirma a verdade que estamos a estudar em *Daniel*, onde os santos são repetidamente declarados como tendo vindo à posse do reino. Deste modo, em *Apocalipse*, são vistos ocupando os mais altos cargos administrativos existentes. São apresentados sentados ao redor do trono do Pai sem ninguém entre eles e o Onnipotente.

Mais Elevados do que os Anjos

Concluir-se-ia então que os filhos de Deus devem ocupar posições muito acima dos anjos, e terão privilégios não atribuíveis aos anjos. O facto de isto ser verdade é confirmado por uma série de testemunhos. Aqui estão dois deles:

“Os anjos da glória acham seu prazer em dar — dar amor e infatigável cuidado a almas caídas e contaminadas. Seres celestiais buscam conquistar o coração dos homens; trazem a este mundo obscurecido a luz das cortes em cima; mediante um ministério amável e paciente operam no espírito humano, para levar os perdidos a uma união com Cristo, mais íntima do que eles próprios podem avaliar.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 21.

“A obra da redenção envolve conseqüências das quais é difícil ao homem ter qualquer concepção. ‘As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que O amam.’ 1 Coríntios 2:9. Aproximando-se o pecador da cruz erguida, e prostrando-se junto à mesma, atraído pelo poder de Cristo, dá-se uma nova criação. É-lhe dado um novo coração. Torna-se uma nova criatura em Cristo Jesus. A santidade acha que nada mais há para requerer. Deus mesmo é ‘justificador daquele que tem fé em Jesus’. Romanos 3:26. E ‘aos que justificou, a esses também glorificou’. Romanos 8:30. Grande como seja a vergonha e degeneração pelo pecado ainda maior será a honra e exaltação pelo amor redentor. Aos seres humanos que lutam por conformidade com a imagem divina, será concedido um suprimento do tesouro celeste, uma excelência de poder que os colocarão acima dos próprios anjos que jamais caíram.” {PJ 82}, *Parábolas de Jesus*, 162, 163.

Os anjos que estão incansavelmente a prestar este serviço amoroso “a almas caídas e contaminadas”, fazem-no como expressão do carácter de amor que têm dentro de si. As suas vidas são uma expressão daquilo que eles são, revelando-nos que são seres muito belos e altruístas. Não

esqueçamos que foram eles que permaneceram leais a Deus quando o terrível teste foi trazido sobre eles por Satanás. Ficaram firmes perante os sofismas do maligno e permaneceram perfeitamente livres do orgulho, ciúme, rebelião e ambição não santificada. Eles merecem a nossa genuína admiração, pois estão maravilhosamente livres do pecado e dos seus efeitos em todas as formas. Aprenderemos muito mais sobre os anjos leais à medida que continuarmos a estudar *Daniel e Apocalipse*.

Entretanto, ainda não chegou a hora para Cristo e os Seus santos tomarem posse do reino. Este grande acontecimento não ocorrerá até que o ministério de Cristo no santuário celestial tenha sido concluído como explica o parágrafo seguinte:

“E, eis que vinha nas nuvens do céu Um como o Filho do homem; e dirigiu-Se ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele. E foi-Lhe dado o domínio e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem; o Seu domínio é um domínio eterno, que não passará.’ Daniel 7:13, 14. A vinda de Cristo aqui descrita não é a Sua segunda vinda à Terra. Ele vem ao Ancião de Dias, no Céu, para receber o domínio, a honra, e o reino, os quais Lhe serão dados no final de Sua obra de mediador. É esta vinda, e não o seu segundo advento à Terra, que foi predita na profecia como devendo ocorrer ao terminarem os 2.300 dias, em 1844. Assistido por anjos celestiais, nosso grande Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo, e ali comparece à presença de Deus a fim de Se entregar aos últimos atos de Seu ministério em prol do homem, a saber: realizar a obra do juízo de investigação e fazer expiação por todos os que se verificarem com direito aos benefícios da mesma.” *O Grande Conflito*, 479, 480.

Será quando essa obra estiver concluída que Cristo e os santos tomarão posse do reino como previsto repetidamente no capítulo sete de *Daniel*.

Capítulo 9

O Começo do Julgamento

Enquanto Daniel continuava a assistir ao desenrolar da visão registada em *Daniel 7*, viu que, no respectivo processo legal que culminará em Cristo e aqueles a quem Ele remiu, possuírem o reino da glória eterna, haverá um julgamento. Com efeito, tal como estudámos num capítulo anterior, haverá dois primeiros julgamentos de investigação, envolvendo somente os que interpuseram um recurso contra a sentença de morte eterna, enviando antecipadamente os seus pecados e a sua pecaminosidade para serem julgados, e, em segundo lugar, um julgamento executivo, que se aplicará aos que faltaram ao primeiro julgamento ou o ignoraram completamente. No entanto, estes dois julgamentos também podem ser encarados como fases diferentes de um julgamento.

O Tempo do Julgamento

Daniel viu que há um tempo e lugar determinados para o julgamento fazer o seu exame, para chegar à sua avaliação totalmente correcta de cada caso, e para anunciar a rigorosa recompensa a atribuir a cada pessoa examinada. De acordo com *Daniel 7*, viria em primeiro lugar a ascensão e queda dos quatro impérios mundiais de Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Este último entraria em colapso, não para dar lugar a outro império mundial, mas dez reinos. Viria então o momento de outro reino, nomeadamente o papado, que surgiria depois de ter destruído três reinos no seu processo de ascensão. Depois de 1.260 anos de supremacia, o poder do papado estaria esgotado, e chegaria o momento em que o começo do julgamento deveria ter lugar, como relatou *Daniel* no capítulo 7:25, 26.

Então os santos "... serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.

"Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio." *Daniel 7:25, 26.*

Embora estes versículos não localizem com precisão o momento em que o julgamento se iniciaria, deixam claro que não chegaria antes de 1798, quando terminaram os 1.260 anos. Apesar do vasto conhecimento de Paulo sobre as profecias de Daniel, ele também falou do julgamento apenas como um evento futuro sem declarar aos seus ouvintes a que distância estava a sua localização no futuro. Foi assim que, quando pregou aos filósofos no Monte de Ares, em Atenas, falou do julgamento como uma realidade que devia ser encarada por todos num tempo futuro. Ele falou essa verdade com clareza e poder dizendo aos atenienses:

"Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam;

"Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos." *Atos 17:30, 31.*

Em seguida, algum tempo depois de ser preso, Paulo aproveitou a oportunidade para pregar o evangelho perante o governador romano Félix, a quem revelou a luz do Céu acerca da justiça, a temperança e o julgamento ainda por vir sobre homens e mulheres, quer tivessem aproveitado a oportunidade de se prepararem para ele ou não. Daquela entrevista entre o romano não convertido e Paulo, o mensageiro da justiça viva, está registado que "... tratando ele da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro, Félix, espavorido, respondeu: 'Por agora vai-te, e em tendo oportunidade te chamarei.'" *Atos 24:25*.

Paulo não pregou ao governador romano que o julgamento estava no presente ou no passado, mas que ele ainda estava para vir. Falou de um tempo específico para este poderoso tribunal em que o destino eterno de cada indivíduo será decidido. Mas antes de examinarmos as provas que revelam quando se inicia o julgamento, estejamos certos de que haverá, de facto, um julgamento que deve ser enfrentado por todas as pessoas em todo o lado. Há numerosas Escrituras que ensinam claramente que tanto homens como mulheres, os bons e os maus, devem enfrentar o escrutínio do decisivo exame. As que se seguem são uma lista delas:

"Por isso os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos." *Salmos 1:5*.

"Alegra-te, jovem, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te trará Deus a juízo." *Eclesiastes 11:9*.

"Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau." *Eclesiastes 12:14*.

Os textos acima do Antigo Testamento aplicam-se igualmente aos cristãos do Novo Testamento, como é testemunhado por vários textos do Novo Testamento declarando as mesmas verdades.

"Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo." *Romanos 14:10*.

"Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal." *2 Coríntios 5:10*.

"E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo." *Hebreus 9:27*.

"Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?" *1 Pedro 4:17*.

Apesar da finalidade solene do julgamento, podemos obter grande conforto do facto que para todos aqueles que cumpriram as condições necessárias para passar o seu minucioso escrutínio, o juízo de investigação devolverá um veredicto que não envolve qualquer condenação. Isto significa que para essa pessoa, está assegurado um lugar no Céu, porque "Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados." *2 Pedro 2:9*.

O Julgamento Conforta os Mártires

Para os mártires que tiveram que enfrentar juízes corruptos, ser acusados por falsas testemunhas, e que, às mãos dos seus inimigos mortais, sofreram mais do que se poderia imaginar que a humanidade poderia suportar, o conhecimento de que Deus trará cada pensamento, palavra e acção de cada pessoa, viva ou morta, a um exame totalmente justo era um grande consolo. Dos tribunais em que estavam certos de receber uma sentença injusta em todos os casos, para um em que podiam confiar totalmente para julgar todas as questões de acordo com o testemunho da verdade e só da verdade, podiam eles recorrer em busca de conforto nas horas mais sombrias. Eles sabiam pela segura palavra da profecia que uma situação tão injusta não duraria para sempre. O julgamento estaria preparado; dez mil vezes dez mil e mil milhares de anjos seriam

reunidos como testemunhas fiéis e perfeitamente verdadeiras; o Ancião de Dias entraria no Seu flamejante carro, e tomaria o Seu lugar; os livros de registo seriam abertos, e o julgamento seria realizado. Eles sabiam que todas as pessoas serão julgadas de acordo com a vida que viveram, e pela pessoa que são. Isto não é ensinar a salvação pelas obras que fizemos, pois ninguém pode ser salvo por este meio. Todos os que passarem o julgamento fá-lo-ão através dos méritos da expiação de Cristo, através do qual obtêm, em primeiro lugar, a aptidão para viver pelos justos princípios da lei. Para obter essa aptidão é necessária a purificação da culpa de todos os pecados cometidos no passado, de toda a impureza que habita actualmente em todo o nosso ser, e a inundação das nossas almas com a vida real de Cristo que só pode produzir boas obras. Com a provisão de todas as aptidões possíveis para aperfeiçoar a justiça, o Ancião de Dias admite com justiça no reino apenas aqueles que estão a prestar perfeita obediência aos Seus mandamentos.

É com um coração ansioso que o povo do Senhor aguarda a recompensa dos erros cometidos contra Deus, a Humanidade e a Terra. Por mais terrível que seja o julgamento, será uma bênção eterna trazendo uma irreversível libertação dos nossos inimigos que, depois disso, nunca mais serão capazes de nos perseguir.

Dos seus leitos de pó, os gritos angustiados daqueles que deram as suas vidas em nome da verdade perguntam metaforicamente, quanto tempo mais têm que esperar até que a consumação de todas as suas esperanças se realize.

“E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram.

“E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

“E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram.” *Apocalipse 6:9-11*.

Compreendemos, é claro, que os mártires não estão literalmente a chamar das suas sepulturas, pois os mortos não têm essa capacidade. Não há vida após a morte até que a ressurreição dos mortos ocorra. Eles gritam ao Juiz do Universo num sentido simbólico. Isto é o que estariam a dizer se pudessem falar. Os que de nós que ainda vivem e esperam estar vivos na Terra quando o nosso Salvador regressar, a mesma pergunta pede uma resposta. Quanto tempo ainda temos que esperar? A resposta simples é que a Terra como a conhecemos continuará até que a obra do evangelho esteja terminada. Esta é a instrução contida em *Apocalipse 10:5-7*:

“E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu,

“E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora;

“Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos.”

Para compreender as grandes profecias de *Daniel* e de *Apocalipse*, todas elas relacionadas com o evangelho e os julgamentos, requer que saibamos o que é este “mistério de Deus”. As Escrituras dizem-nos que é “Cristo em vós, esperança da glória.” *Colossenses 1:27*. Cristo está em nós apenas como resultado do ministério do evangelho na resolução do problema do pecado. Este mistério é o preenchimento das almas daqueles que são verdadeiramente purificados da pecaminosidade com a vida de Cristo e, portanto, com a Sua justiça. É a reprodução dentro do crente do próprio carácter de Deus. É a aptidão para ser um habitante do Universo perfeitamente puro e santo limpo de toda a iniquidade. Essa aptidão é mostrada com grande clareza na parábola das vestes nupciais que não deixa dúvidas quanto ao padrão de carácter no julgamento.

A Parábola das Vestes Nupciais

A história começa com um certo rei a fazer um casamento para o seu filho. O rei representa Deus no papel do grande e último Juiz, que, na Sua ilimitada misericórdia, envia um convite aos seus súbditos para assistirem ao casamento do Seu Filho. A chamada não foi atendida, insultando assim o Rei, que, ao contrário dos seus homólogos terrenos, enviou um segundo convite àqueles que recusaram o primeiro. Mais uma vez, os convidados recusaram-se a comparecer, desta vez matando os mensageiros do Rei, e o Rei decretou a morte dos homicidas. O Rei virou-se agora para outra classe de pessoas entre as quais conseguiu encontrar convidados que estavam preparados para ir ao casamento. Sobre esta parábola lemos:

“Eles, porém, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, outro para o seu tráfico;

“E os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram.

“E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.

“Então diz aos servos: ‘As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos.

“Ide, pois, às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos os que encontrardes.’

“E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados.

“E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste de núpcias.

“E disse-lhe: ‘Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial?’ E ele emudeceu.

“Disse, então, o rei aos servos: Amarraí-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.

“Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” *Mateus 22:5-14.*

Esta é uma descrição muito clara do julgamento, com especial ênfase no padrão pelo qual todos os homens serão julgados. Nesta ilustração Deus é o Rei; o casamento é a união da humanidade com divindade ou, Cristo em vós, a esperança de glória; a veste nupcial é o carácter que todos devem ter para serem contados como convidados elegíveis para as bodas; e o exame dos convidados, é o julgamento – em primeiro lugar dos mortos e depois dos vivos.

Os Serviços do Santuário

É de notar que o convite é enviado pelo Rei aos Seus servos, pelo que devemos compreender que a mensagem desta parábola é dirigida ao professo povo de Deus, e não aos indiferentes do mundo. Isto está de acordo com o evangelho, tal como ensinado nos serviços do santuário.

“No cerimonial típico, somente os que tinham vindo perante Deus com confissão e arrependimento, e cujos pecados, por meio do sangue da oferta para o pecado, eram transferidos para o santuário, é que tinham parte na cerimônia do dia da expiação. Assim, no grande dia da expiação final e do juízo de investigação, os únicos casos a serem considerados são os do povo professo de Deus. O julgamento dos ímpios constitui obra distinta e separada, e ocorre em ocasião posterior. ‘É tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho?’ 1 Pedro 4:17.” *O Grande Conflito*, 480.

Este ponto da verdade não é difícil de entender, pois é apenas uma questão de comparar as duas classes de pessoas no mundo quando os serviços típicos de santuário estavam em funcionamento. A primeira classe eram os filhos de Israel que entendiam o sistema sacrificial e estavam dispostos a aproveitar as suas provisões. Quando estes pecados cometidos como resultado do que eles eram em si mesmos, sabiam que o problema podia ser resolvido em duas fases. A primeira envolvia a remoção da iniquidade do transgressor, e guardá-la no primeiro compartimento do santuário. Eles sabiam que era fundamental que todos os seus pecados fossem

enviados para o santuário antes do seu tempo de provação chegar ao fim. Falhar em assegurar-se disto era garantir a perda da vida eterna.

A etapa seguinte, depois dos pecados terem chegado ao santuário, era garantir que eles fossem removidos de lá e colocados sobre o bode expiatório para que pudessem ser levados por ele para a eterna separação do povo de Deus. Que nunca seja esquecido que nenhum pecado alguma vez passou directamente do pecador para o bode expiatório. A inflexível rota é do pecador para o bode expiatório através do ministério do primeiro compartimento do santuário. Dali o percurso continua até ao bode expiatório pelo ministério da expiação final, e daí é por fim totalmente e eternamente destruído.

A outra classe de pessoas era composta por aqueles que, por uma razão ou por outra, nunca viram os seus pecados serem retirados de si mesmos com sucesso e colocados temporariamente no primeiro compartimento do santuário. Esta classe é representada nos dias de Israel pelos gentios pagãos que não tinham nada a ver com Israel ou com o santuário. Nesta mesma categoria se enquadravam os apóstatas israelitas que também, obviamente, não enviavam os seus pecados para o santuário para serem guardados ali até ao momento da decisão do júízo de investigação.

O Estado de Ignorância

Mas o que dizer daqueles que adoram Deus na ignorância, embora fielmente? E aqueles que vivem isolados em áreas da Terra sem luz, onde o nome de Jesus nunca foi falado? Como podem esses adoradores conhecer o carácter de Deus, a origem do pecado, ou as outras grandes verdades que iluminam e abençoam o nosso caminho para o Céu? Obviamente, estas pessoas, não sabendo que os pecados são tratados através do ministério de Cristo no primeiro e segundo compartimento do santuário, não poderiam conscientemente seguir este caminho para a santificação. No entanto, desde que sigam a pouca luz que receberam até nascerem de novo verdadeiramente, serão salvos. Depois disso, enquanto mantiverem a sua experiência, mais e mais luz lhes é dada até serem aceites em qualquer fase de santificação que alcancem, tal como nós.

Ainda assim, mesmo que estes crentes adorem Deus na ignorância, os seus pecados confessados devem seguir exactamente o mesmo percurso através do primeiro e do segundo compartimento do santuário. Isto é tanto necessário como possível porque Cristo, reconhecendo que o penitente está a fazer o melhor que pode, compensa a deficiência com o Seu próprio mérito divino. Esta classe de pessoa não entende especificamente para onde foram os seus pecados. Mas o que ela sabe é que eles saíram de si. Essa pessoa não desistirá facilmente da liberdade recém-encontrada que a justiça lhe deu. Na verdade, os que estão nesta classe são muito mais do que aqueles que entendem o ministério de Cristo no santuário celestial, como nos informa o seguinte testemunho.

“Apesar das trevas espirituais e afastamento de Deus prevalecentes nas igrejas que constituem Babilônia, a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo encontra-se ainda em sua comunhão. Muitos deles há que nunca souberam das verdades especiais para este tempo. Não poucos se acham descontentes com sua atual condição e anelam mais clara luz. Em vão olham para a imagem de Cristo nas igrejas a que estão ligados. Afastando-se estas corporações mais e mais da verdade, e aliando-se mais intimamente com o mundo, a diferença entre as duas classes aumentará, resultando, por fim, em separação. Tempo virá em que os que amam a Deus acima de tudo, não mais poderão permanecer unidos aos que são ‘mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela.’” *O Grande Conflito*, 390.

A Veste Nupcial

Notai cuidadosamente que quando o rei entra na sala, Ele espera encontrar todas as pessoas vestidas com a veste especial de núpcias que Ele próprio forneceu pessoalmente a cada convidado. Como essa veste representa o carácter da perfeita justiça que todos devem possuir para se qualificarem para serem convidados aptos para as bodas, significa que aqueles passarão no julgamento devem entrar nele livres da culpa de todos os seus pecados, purificados do estado pecador, e cheios da justiça de Cristo.

“Somente as vestes que Cristo proveu, podem habilitar-nos a aparecer na presença de Deus. Estas vestes de Sua própria justiça, Cristo dará a todos os que se arrependem e crerem. ‘Aconselho-te’, diz Ele, ‘que de Mim compres... vestes brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez.’ Apocalipse 3:18.” {PJ 166.6}, *Parábola de Jesus*, 311.

Incríveis como são as questões que confrontam aqueles que vivem hoje nos dias do julgamento dos mortos, prestes a passar ao julgamento dos vivos, ninguém é arbitrariamente rejeitado. Deus fez amplas provisões para que todos fossem salvos. Todos os que se perderem sofrerão o seu destino porque conscientemente fizeram as escolhas erradas. No julgamento, tal como Daniel o viu, todos verão claramente que os perdidos escolheram a curta vida de rebelião pecaminosa contra Deus, em preferência à eterna vida da justiça com Ele.

O estudo da eterna erradicação do pecado em primeiro lugar do indivíduo, e depois dos confins mais distantes do Universo, por sua vez, através do ministério do santuário terrestre e do santuário celestial é o tema da próxima profecia dada a Daniel – a visão de *Daniel 8*.

Começaremos o nosso estudo dessa visão no próximo capítulo desta série. Entretanto, a preparação pode ser feita estudando *O Caminho de Deus no Santuário*, e o capítulo intitulado “Diante do Supremo Tribunal” em *Parábolas de Jesus*, 307-319. {PJ 164-171}.

Capítulo 10

O Carneiro, o Bode e a Ponta Pequena

Com este capítulo iniciamos o estudo de *Daniel 8*, que é a continuação da profecia escrita em *Daniel 2* e *7*. Aqui em *Daniel 8* encontra-se a última visão simbólica dada ao profeta Daniel. Os versículos subsequentes contêm explicações dos símbolos apresentados ao profeta, e estas explicações continuam até ao final do livro. É verdade que ele recebeu outra visão relatada em *Daniel 10*, mas esta não foi uma visão descrevendo eventos futuros através de vários símbolos. Em vez disso, foi uma visão de Cristo que deu uma introdução às explicações que se seguiriam em *Daniel 11* e *12*. Estes capítulos finais contêm o emocionante auge da mensagem do grande livro de *Daniel*.

Presume-se que os principais pontos desta notável profecia já são território familiar, mas, para fornecer uma ligação, serão resumidamente repetidas as palavras da profecia.

A visão descrita em *Daniel 7* foi dada no primeiro ano de Belsazar, o último rei de Babilónia, e a de *Daniel 8* no terceiro ano do seu reinado. Neste último, Daniel viu um poderoso carneiro com dois chifres, dando marradas sobre a terra conforme a sua vontade. Este era o poder da Medo-Pérsia, simbolizado antes pelo terrível urso de *Daniel 7*. De repente, saiu do ocidente um bode com grande poder e velocidade e atacou o carneiro que, incapaz de resistir ao ataque, foi conseqüentemente destruído. Este bode era o poder da Grécia, que tinha sido simbolizado no capítulo *7* pelo leopardo com quatro cabeças. O bode tinha um único chifre notável entre os olhos que se quebrou, e foi substituído por quatro chifres.

Então, vinda de um deles veio um chifre mais notável que se tornou extremamente grande em comparação com o carneiro que era classificado como sendo grande, e o bode que era classificado como sendo muito grande. O chifre pequeno é introduzido como inimigo de Deus e do Seu povo. Este poder do chifre pequeno e a guerra que ele exerce contra o verdadeiro povo de Deus até que ao fim do conflito, torna-se a parte mais importante das profecias de Daniel. Num capítulo anterior, identificámos o poder daquele chifre pequeno como sendo o papado.

Consideremos uma lista das suas actividades, que se estende até ao fim de todas as coisas. Em *Daniel 8:9* aprendemos que ele espalharia a sua opressão para o sul, para o oriente, e para a terra formosa, precisamente nessa ordem. Tal como verificámos num capítulo anterior, é importante que a nossa interpretação destes símbolos seja exacta, caso contrário poderíamos desenvolver várias conclusões possíveis que lançaria dúvidas sobre qual seria a verdade.

Nos versículos *10* a *12* lemos que o chifre pequeno iria lançar alguns do exército e das estrelas por terra; ele se engrandeceria até ao Príncipe do exército; ele tiraria o contínuo, e lançaria por terra o lugar do Seu santuário; e lançaria a verdade por terra e assim fez e prosperou.

Depois veio uma pergunta crucial e a sua resposta vitalmente importante. Era uma pergunta que envolvia o tempo: quanto tempo o santuário e o exército deviam ser pisados? A isto veio a resposta: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” *Daniel 8:14*.

Neste ponto, notamos que não é dada qualquer explicação sobre os 2.300 dias, embora não tenha sido deixado de lado, mas simplesmente adiado para mais tarde. Não foi cometido qualquer erro, e descobrir-se-á que um sábio propósito de Deus está na base da acção de adiamento.

A tarefa de nos informar o que Deus está a dizer à família humana através destas maravilhosas profecias, estava à responsabilidade do poderoso anjo que não era outro senão Gabriel. Ele foi enviado por alguém de grande autoridade. Uma vez encarregado de realizar este serviço, Gabriel obedeceu, enquanto o profeta ouvia com a maior atenção.

Assim, Daniel foi informado de acontecimentos futuros que revelariam desenvolvimentos no grande conflito mesmo até ao fim e a vitória seria ganha. “E disse: ‘Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; pois isso pertence ao tempo determinado do fim.’” *Daniel* 8:19.

Profecias de Tempo Específico

Sem dúvida, estas palavras preliminares são um tremendo conforto para todos os que são abençoados com a capacidade espiritual de agarrar a promessa que elas contêm. Para cada um dos momentos críticos do plano de salvação, foi definido um tempo. Quando esse tempo designado chegar, o acontecimento prometido terá lugar. Um excelente exemplo da precisão das profecias bíblicas é dado quando Deus, nos dias de Abraão, indicou o número exacto de anos que Israel estaria no Egito antes de ser autorizado a partir. No tempo definido, até mesmo no dia, veio a sua libertação da servidão como está registado nas Escrituras:

“O tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos.

“E aconteceu que, passados os quatrocentos e trinta anos, naquele mesmo dia, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egito.” *Êxodo* 12:40, 41.

Da mesma forma, o nascimento de Jesus foi profetizado com precisão.

“Mas, como as estrelas no vasto circuito de sua indicada órbita, os desígnios de Deus não conhecem adiantamento nem tardança. Mediante os símbolos da grande escuridão e do forno fumegante, Deus revelara a Abraão a servidão de Israel no Egito, e declarara que o tempo de peregrinação deles seria de quatrocentos anos. ‘Sairão depois com grandes riquezas’. *Gênesis* 15:14. Contra essa palavra, todo o poder do orgulhoso império de Faraó batalhou em vão. ‘Naquele mesmo dia’, indicado na promessa divina, ‘todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egito’. *Êxodo* 12:41. Assim, nos divinos conselhos fora determinada a hora da vinda de Cristo. Quando o grande relógio do tempo indicou aquela hora, Jesus nasceu em Belém.” {DTN 18}, *O Desejado de Todas as Nações*, 32.

Há hoje, como sempre houve, um momento marcado no tempo para a segunda vinda do nosso grande Libertador. Quando o dia marcado chegar, nesse mesmo dia, Ele estará aqui. Entretanto, o tempo de espera pode parecer longo e entediante. Podemos ficar cansados de esperar, pode ser que nos sintamos tentados a duvidar se Ele virá, e podemos ter dificuldade em nos agarrar com confiança à Sua prometida palavra, mas nada disto mudará o tempo indicado “... pois isso pertence ao tempo determinado do fim.” *Daniel* 8:19.

A nossa segurança está em dar atenção aos repetidos avisos para não perdermos a nossa firmeza nas realidades eternas, mas trabalhar com crescente diligência para tornar a nossa vocação e a nossa eleição certa e segura. Não deve haver relaxamento, nem desvio dos objectivos que ocupem a mente sem produzir proveito, e nenhuma indulgência dos apetites e paixões que corroem a experiência espiritual em vez de a fortalecer.

Esta verdade, dita a Daniel por Gabriel, acerca de um certo dia específico em que o fim chegará, parece contradizer os testemunhos que nos aconselham que se tivéssemos provado a nossa fidelidade e confiança, já estaríamos no Céu. O apóstolo Pedro falou do poder que temos em apressar ou retardar o dia do aparecimento do nosso Senhor.

“Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade,

“Aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão?

“Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça” *2 Pedro* 3:11-13.

“Todo cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la. *2 Pedro* 3:12. Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rapidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão.” {PJ 29}, *Parábolas de Jesus*, 69.

“A história do antigo Israel é um exemplo frisante da passada experiência dos adventistas. Deus guiou Seu povo no movimento adventista, assim como guiara os filhos de Israel ao saírem do Egito. No grande desapontamento fora provada a sua fé, como foi a dos hebreus no Mar Vermelho. Houvessem ainda confiado na mão guiadora que com eles estivera em sua experiência anterior, e teriam visto a salvação de Deus. Se todos os que trabalharam unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo, proclamando-a no poder do Espírito Santo, o Senhor teria poderosamente operado por seus esforços. Caudais de luz ter-se-iam derramado sobre o mundo. Haveria anos que os habitantes da Terra teriam sido avisados, a obra final estaria consumada, e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.

“Não foi a vontade de Deus que os filhos de Israel vagueassem durante quarenta anos no deserto: desejava Ele levá-los diretamente à terra de Canaã e ali os estabelecer como um povo santo, feliz. Mas ‘não puderam entrar por causa da sua incredulidade.’ *Hebreus* 3:19. Por sua reincidência e apostasia, pereceram os impenitentes no deserto, e levantaram-se outros para entrarem na Terra Prometida. Semelhantemente, não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse tão demorada, e que Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e tristeza. A incredulidade, porém, os separou de Deus. Como se recusassem a fazer a obra que lhes havia designado, outros se levantaram para proclamar a mensagem. Usando de misericórdia para com o mundo, Jesus retarda a Sua vinda, para que pecadores possam ter oportunidade de ouvir a advertência, e encontrar nEle refúgio antes que a ira de Deus seja derramada.” *O Grande Conflito*, 457, 458.

No entanto, não há qualquer problema nesta aparente contradição. Deus tem conhecimento absoluto do futuro até às mínimas especificações de cada indivíduo e, no Seu livro, registou todos os detalhes antes mesmo da sua existência.

“Nossa matéria não Lhe era oculta quando, em segredo, fomos formados; Seus olhos viram essa matéria ainda informe, e em Seu livro todos os nossos membros foram escritos, quando ainda nenhum deles havia.” *A Ciência do Bom Viver*, 415.

“Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui feito, e entretecido nas profundezas da terra.

“Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe; e no teu livro todas estas coisas foram escritas; as quais em continuação foram formadas, quando nem ainda uma delas havia.” *Salmos* 139:15-16.

Com essa capacidade de conhecer os detalhes do futuro, Deus está certamente ciente do momento exacto em que Jesus aparecerá nas nuvens do céu e, como Gabriel declarou a Daniel, Ele escolheu esse momento em conformidade. Mas, podemos perguntar, como pode Deus marcar uma data para um acontecimento que pode ser alterado pelas respostas do povo? Isto também não é problema para Deus. Isto porque, não importa o que o povo ainda faça, Deus prevê tudo e pode calcular a sua influência e efeito em todo o mundo até à exactidão final.

Por exemplo, Deus previu o nascimento de Jeremias e conhecia os pormenores exactos do seu ministério antes de ele ser concebido.

“Assim veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

“Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta.” *Jeremias* 1:4, 5.

Estas palavras, ditas da forma como foram por Deus através de Gabriel, revelam-n’O como tendo absoluto conhecimento de tudo o que aconteceria em todos os Seus vastos domínios. Nada é deixado ao acaso, não há palpites, e nenhum erro é alguma vez cometido. Consequentemente, Deus nunca é apanhado de surpresa, e Ele nunca deixou de fornecer uma solução perfeita para qualquer problema, independentemente de quão grande ou pequeno, simples ou complexo ele fosse. As suas palavras em *Daniel* 8:19 devem ter dado a Daniel um motivo para aumentar a confiança dele na fiel onipotência de Deus, a certeza de que os Seus propósitos serão realizados como planeado, e que Ele será certamente o campeão da causa da justiça.

O Símbolo da Ponta Pequena

Então, como explicação da profecia, Gabriel continuou indicando a Medo-Pérsia e Grécia como os poderes simbolizados pelo carneiro e pelo bode dizendo:

“Aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia,

“Mas o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei.” *Daniel* 8:20, 21.

Como só pode haver um primeiro rei, não há aqui nenhuma oportunidade para uma identificação errada. Alexandre, o Grande, foi a única pessoa possível que poderia ter sido o cumprimento da ponta que simbolizava o primeiro rei. Ele conclusivamente destruiu o poder e a autoridade do reino Medo-Persa na batalha de Arbela em 331 a.C. A herança do reino não passou à sua posteridade, mas foi dividida entre os quatro chifres (os seus quatro generais) – Cassandro, que ficou com a Grécia; Lisímaco, cuja parte foi a Ásia Menor; Seleuco, que ocupava Babilónia e a Síria e ficou conhecido como o rei do norte; e Ptolomeu, que governava o Egipto, e chamado como o rei do sul.

Em seguida, de um dos quatro chifres surgiu a ponta pequena que se torna o assunto principal da profecia, e o grande opositor das forças da luz. É para alertar contra este grande inimigo, e assim ter a feliz garantia de que a vitória final é certa, que estas profecias estão escritas. O poder contido nestas palavras do Altíssimo é muito grande, tão grande de facto, que os inimigos da verdade têm dedicado muito tempo e esforço para o substituir por outro, uma falsa interpretação. Em primeiro lugar, recolhamos as positivas provas que corroboram a interpretação correcta. Já descobrimos a quem se refere o poder da ponta pequena. Encontremos as respostas fornecidas pelo Céu para o que ela fará na sua guerra contra o Altíssimo. Tal como vimos, na sua ascensão ao poder, derruba o reino da Grécia e torna-se extremamente grande.

A Medo-Pérsia era uma poderosa potência mundial, classificada por Deus através do anjo Gabriel, como sendo “grande”. Ao fazê-lo, foi estabelecido um padrão de medição. Qualquer reino que seja o assunto desta profecia, é agora maior ou menor em comparação com a Medo-Pérsia, que era “grande”. Nesse caso, a Grécia foi classificada como “muito grande”, enquanto a ponta pequena pelo mesmo padrão de medição não foi nada menos do que “extremamente grande”.

Obviamente, o maior dos três poderes deve ser aquele que foi classificado como “extremamente grande”. E, como sabemos, o único poder extremamente grande que satisfaz as especificações da profecia, tendo surgido após a queda da Grécia, foi Roma, tanto na sua forma pagã como papal. Além disso, vimos em *Daniel* 8:9 em que lugares e direcções ela era extremamente grande. Foi em direcção ao sul, ao oriente, e à terra formosa que eram, respectivamente, o Egipto, os países orientais e a Terra de Israel. Roma estabeleceu a sua soberania sobre estes territórios geográficos que não eram senão representativos do domínio muito mais vasto sobre o qual

chegou a governar. De facto, Roma tornou-se um império mundial tão seguramente como foram os Impérios Babilónico, Medo-Persa e Grego antes dela.

Em seguida, vieram alguns dos pormenores da guerra da ponta pequena contra o povo de Deus, uma descrição do seu carácter, e a exaltação de si mesmo contra o Príncipe dos príncipes. Este último tem sido o principal objectivo de Satanás desde o início do grande conflito. O inimigo de Deus e do homem considerava-se tão qualificado como o Próprio Filho de Deus para entrar nos poderosos conselhos da vontade de Deus. Assim, propôs estabelecer-se nessa cobiçada posição. Ele, portanto, na ambição do seu coração, secretamente fez-se anunciar como o legítimo ocupante deste cargo sagrado.

Em tudo isto, Satanás não foi capaz de conhecer correctamente o seu próprio coração. Mas Deus, que conhece e lê com precisão os corações de todos, forneceu-nos uma verdadeira análise do terrível erro de Satanás. Ele disse:

“Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!

“E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, da banda dos lados do norte.

“Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo.

“E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo.

“Os que te virem te contemplarão, considerar-te-ão, e dirão: É este o varão que fazia estremecer a terra, e que fazia tremer os reinos?

“Que punha o mundo como um deserto, e assolava as suas cidades? que a seus cativos não deixava ir soltos para suas casas?

“Todos os reis das nações, todos eles, jazem com honra, cada um na sua casa.

“Mas tu és lançado da tua sepultura, como um renovo abominável, como um vestido de mortos atravessados à espada, como os que descem ao covil de pedras, como corpo morto e pisado.

“Com eles não te reunirás na sepultura; porque destruíste a tua terra e mataste o teu povo: a descendência dos malignos não será nomeada para sempre.

“Preparai a matança para os filhos por causa da maldade de seus pais, para que não se levantem, e possuam a terra, e encham o mundo de cidades.” *Isaías 14:12-21.*

Quanto mais conhecedores estivermos com o início do grande conflito, e caminhos pelos quais ele continua a desenvolver-se, melhor compreenderemos as profecias nos livros de *Daniel* e *Apocalipse*. E quanto mais claramente compreendermos os objectivos de Deus e de Satanás, mais rapidamente discerniremos os efeitos dos princípios de operação de Cristo e de Satanás, e mais determinados estaremos a dar à causa de Deus o nosso absoluto apoio. Se faltar um compreensivo entendimento deste assunto, recomenda-se o estudo dos seguintes capítulos com oração: “Por que foi permitido o pecado?” em *Patriarcas e Profetas*, e “Por que existe o sofrimento” em *O Grande Conflito*.

O Carácter do Engano

Como já foi mencionado, Roma, como simbolizada pelo poder da ponta pequena, é culpada dos maiores crimes cometidos na história. Ela não só enganou as multidões que habitavam nesta Terra, como as massacróu sem limites. Normalmente, quando homens e nações se vêem confrontados com um inimigo comum determinado à sua destruição universal, juntar-se-ão em legítima defesa na esperança de que os seus esforços unidos evitem a crise. Se provarem ser bem-sucedidos em derrotar o inimigo, despojá-lo-ão de toda a riqueza e poder, e destruí-lo-ão para que nunca mais possa ser uma ameaça para eles.

O diabo, é claro, sabe disso e está bem ciente de que os ataques directos, honestos e frontais feitos por ele não têm sucesso, pelo que pretende atingir os seus objectivos recorrendo ao engano. Ao usar esta arma como um meio desenvolvido através de milénios de estudo e prática,

tornou-se hábil no uso dessas estratégias. Uma vez que as suas vítimas sejam iludidas em acreditar que ele é seu amigo e não o seu inimigo; a sua fonte de vida e não o autor da sua morte; a sua luz brilhante e não o seu poço de escuridão; rejeitarão a verdade que o expõe, e por seu lado irão realmente apoiá-lo a destruir-se a si mesmos. Isto foi o que o papado fez, e continuará a fazer até que por fim se tenha exposto como culpado.

A medida do seu poder de enganar é revelada pelo que tem feito neste sentido até agora. Então lemos:

“E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou.

“E se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o [sacrifício] contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.

“E um exército foi dado contra o [sacrifício] contínuo, por causa da transgressão; e lançou a verdade por terra, e o fez, e prosperou.” *Daniel* 8:10-12.

O maior de todos os pecados que podem ser cometidos contra outro ser humano é cortar o acesso dessa pessoa à vida eterna. E mesmo este pecado torna-se ampliado quando um número multiplicado de pessoas é privado da oportunidade de viver para sempre no paraíso de Deus. Se a perda de uma alma é considerada uma condenação tão terrível, qual será a terrível medida da culpa suportada por esses milhares e dezenas de milhares de indivíduos e organizações que deliberadamente esconderam a luz das pessoas de forma tão eficaz que lhes custou as suas vidas eternas?

“Que nossa influência seja um cheiro de morte para morte é um pensamento pavoroso, mas possível. Uma alma transviada, com a perda da eterna bem-aventurança — quem pode avaliar o dano. E no entanto um ato imprudente, uma palavra irrefletida de nossa parte, pode exercer tão profunda influência na vida de outro, que se provará a ruína de sua alma. Uma mancha no caráter pode afastar de Cristo a muitos.” {PR 39}, *Profetas e Reis*, 86.

No entanto, diz-se que o papado “se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou.” Ao longo das mensagens de *Daniel* 8, somos informados que o poder da ponta pequena prosperou como consequência do seu engano bem-sucedido contra tantos habitantes da Terra. Aqueles que não podia enganar, destruiu. Seria de esperar que procedimentos tão cruéis da sua parte resultassem no seu empobrecimento, não na sua prosperidade. Tão grandes são os seus crimes contra Deus, o Seu povo e o Seu reino, que seria de esperar que a ira do Senhor caísse sobre o homem do pecado. Ficamos desapontados quando não vemos isso acontecer, e ansiamos pelo dia em que a justiça divina finalmente será satisfeita.

Entretanto, temos que esperar ver no homem do pecado a combinação da astúcia e engano misturados com a prosperidade material resultante.

“E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo.

“E pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão; e no seu coração se engrandecerá, e destruirá a muitos que vivem em segurança; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas sem mão será quebrado.” *Daniel* 8: 24, 25.

Entendemos que a justiça é o caminho da prosperidade. Como é que verificamos que o poder da ponta pequena prosperará devido ao exercício do engano e da destruição? A resposta é que tanto os caminhos do diabo como os caminhos do Senhor podem produzir prosperidade. Mas há uma diferença importante entre os dois. No reino de Deus, não há grande disparidade, nenhuma estrutura de classes nitidamente dividida. A prática dos caminhos de Deus traz uma recompensa honesta, enquanto aqueles que obtêm as suas riquezas seguindo os caminhos do homem do pecado, ganham a sua prosperidade roubando aos outros. No sistema de Deus na distribuição da riqueza, todos recebem a sua parte legítima, mas no caminho dos injustos, há uma enorme

diferença entre as riquezas dos ricos e a miserável pobreza dos pobres. No sistema do mundo, que é o caminho do homem do pecado, os ricos ficam cada vez mais ricos, e os pobres tornam-se mais pobres em todas as coisas materialmente, intelectualmente e espiritualmente. Este processo não continuará para sempre, pois eventualmente a iniquidade dos ricos e dos pobres tornar-se-á tão grande que a sua apostasia total terminará em ruína total. Ao mesmo tempo, no sentido inverso, para aqueles que aceitaram o evangelho na sua pureza e poder, começa o dia da verdadeira libertação de todas as causas da escravidão. No glorioso reino de Deus, os ricos não ficam para sempre mais ricos à custa dos pobres, e os pobres nunca são mantidos na escravidão para com os ricos.

Todas as pessoas na Terra deviam evitar os princípios demonstrados na busca de riquezas e poder exibidos pelo homem do pecado ao longo da sua longa e sombria história. Uma e outra vez, os indivíduos têm sido atraídos para o seu serviço pelo que parece ser o caminho seguro e certo para a grande riqueza e elevada posição, somente para descobrir que, no final, na verdade foi o contrário que aconteceu. Que todos tenham cuidado. Atendamos a estes conselhos de *Daniel* nas nossas mentes e procedamos com base nas suas palavras.

“Graças à habilidade, fará triunfar a perfídia, o coração dele inchará de orgulho, levará à morte muita gente que não se lhe entrega e levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será esmagado sem intervenção de mão humana.” *Daniel* 8:25, (Difusora Bíblica, 1973.)

Capítulo 11

O Santuário Restaurado

Em *Daniel 8*, o tema que é a maior causa de preocupação, é o destino do santuário e os serviços diários que lhe estão ligados. Neste capítulo é revelado que todos os passos dados contra o Deus dos céus, desde o tempo de Daniel até ao estabelecimento do reino eterno de Cristo, está centrado em torno do santuário. Na primeira metade de *Daniel 8*, lemos que o homem do pecado estava a crescer contra o exército do Céu, alguns dos quais ele pisava até ao pó. Ele ia tentar exaltar-se tão alto quanto o Príncipe do exército, que, como vimos, foi o esforço infrutífero da sua parte para substituir o Filho de Deus por si mesmo.

O profeta Daniel, enquanto assistia à acção e ao contra-ataque das forças poderosas envolvidas, deve ter-lhe parecido que o povo de Deus era tão pouco em número, e tão fraco e disperso, que estava condenado à escravidão perpétua. No entanto, a promessa de vitória final sempre esteve presente. Todas as mensagens que Deus deu ao Seu povo estavam carregadas com a garantia de que o grande inimigo acabaria por ser derrubado para nunca mais se levantar, mesmo que o testemunho da vista e das circunstâncias declarasse o contrário. Assim, na realidade, nunca foi uma questão de saber se a libertação teria ou não lugar. A única dúvida era quando isso seria efectuado. Esta pergunta foi, portanto, levantada em *Daniel 8:13*:

“Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: ‘Até quando durará a visão do sacrifício contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?’” *Daniel 8:13*.

A Profecia dos 2.300 Dias

Todo o peso desta questão era o assunto do tempo – quanto tempo passaria até que o santuário e o exército não mais seriam pisados? Não há outra pergunta neste versículo. A resposta foi inequívoca: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” *Daniel 8:14*.

O santuário referido nesta questão, era o que devia ser limpo no fim dos 2.300 dias que terminaram em 22 de Outubro de 1844, e assim não poderia ser o templo na Terra que era purificado anualmente. A especificação que confirma isto é simples, directa e clara – devia ser a purificação depois dos “dois mil e trezentos dias” terminarem, ao passo que o edifício do Antigo Testamento era limpo anualmente. A purificação anual era um tipo da grande purificação realizada no final do período de 2.300 anos. Quando Cristo iniciou o Seu ministério terreno, o santuário do Antigo Testamento já não era a morada da presença divina. Precisava muito da purificação que Cristo fez ao expulsar os cambiadores, os compradores e vendedores dos animais para os sacrifícios. Mas a limpeza teve curta duração. Muito em breve, o templo foi profanado como antes, em resposta ao que Cristo fez uma segunda purificação pouco antes da Sua crucificação. Todavia, mais uma vez, durou apenas algumas horas antes da profanação ser tão marcada como antes.

A partir desta última rebelião não havia nada a fazer. Israel tinha esgotado as ofertas divinas de misericórdia e perdão, e a apostasia total resultante só podia acabar em ruína total. Este terrível resultado foi realizado na destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C. Nunca mais o templo foi reconstruído, apesar das predições de vários grupos religiosos de que seria. Em lugar algum da Bíblia ou do Espírito da Profecia existe uma profecia de que o santuário terrestre seria reconstruído em Jerusalém e serviria na adoração a Deus, como acontecia com o santuário do Antigo Testamento.

Em vez disso, ao longo do livro de *Hebreus*, os olhos do povo de Deus são continuamente afastados do santuário terrestre para o antítipo celestial; do sangue dos animais sacrificados para o supremo sacrifício de Jesus, que dá a total e eterna remissão de todos os pecados; e dos ministérios temporários de uma sucessão de sacerdotes mortais, para o Único grande e eterno Sumo-Sacerdote, o poder de cujo único sangue tem poder para libertar o penitente da destruição.

Em *Hebreus* 1:1-3 Jesus é primeiramente revelado como sendo um com o Pai Eterno, uma posição em que Ele se tornou eternamente confirmado pelo Seu ministério ao perecer pela humanidade tanto antes como pela Sua vergonhosa crucificação. Isso qualificou-O para o trabalho do sacerdócio celestial de acordo com as especificações da ordem de Melquisedeque, como apresentado em *Hebreus* 7. Este é um sacerdócio eterno, tão superior ao que foi santificado da casa de Levi, porquanto o santuário celestial é superior à sua figura terrestre. O novo sacerdócio era necessário para o santuário celestial da nova aliança. Só através do serviço que aqui é prestado pode Cristo trazer a salvação eterna aos seus filhos comprados com o Seu sangue.

O santuário purificado no final dos 2.300 dias é o santuário celestial. O santuário e o serviço que é objecto da profecia de *Daniel* 8 é, portanto, o santuário e o serviço do celestial, o novo concerto.

“De tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador.

“E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer,

“Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo.

“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

“Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus;

“Que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo.

“Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, perfeito para sempre.” *Hebreus* 7:22-28.

A Imagem Terrestre do Celestial

No seu papel responsável como nosso grande Sumo-Sacerdote, Jesus é capaz, como se diz no texto acima, de salvar perfeitamente todos aqueles que vêm a Deus através d’Ele, e é através deste ministério que o santuário no Céu fica profanado e necessita de uma profunda purificação. Estamos cientes disso através da provisão de Deus de um modelo do trabalho do santuário celestial nesta Terra. O que quer que seja realizado nos serviços do santuário acima, foi fielmente reproduzido na Terra, que era apenas uma sombra das realidades celestiais. Como há dois compartimentos no santuário celestial, assim havia dois no santuário na Terra, e tão certo como havia duas purificações no santuário na Terra, então há igualmente duas purificações distintas realizadas no Céu.

Paulo descreveu os dois compartimentos do santuário terrestre, o seu mobiliário, e o facto de existirem serviços diários e os anuais realizados nesses lugares santos. Aqui estão os versículos que descrevem o primeiro compartimento do santuário terrestre:

“Ora, também a primeira tinha ordenanças de culto divino, e um santuário terrestre.

“Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candelabro, e a mesa, e os pães da proposição; ao que se chama o santuário.” *Hebreus 9:1, 2.*

Essa foi uma breve descrição do mobiliário do lugar santo, que é seguida por uma descrição igualmente breve do lugar santíssimo:

“Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos,

“Que tinha o incensário de ouro, e a arca da aliança, coberta de ouro toda em redor; em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas da aliança;” *Hebreus 9:3, 4.*

Os detalhes dos dois compartimentos do santuário são descritos em *Êxodo 25-31.*

Tão certamente como havia dois compartimentos cada um dos quais com o mobiliário a ele peculiar, assim havia dois ministérios – o realizado diariamente, e o que era realizado uma vez por ano pelo sumo-sacerdote no segundo compartimento. Nunca devemos esquecer que tudo isto era apenas simbólico do verdadeiro ministério realizado por Cristo que “... vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação.” *Hebreus 9:11.*

Dia após dia, era realizado o serviço de amor, para o qual foi desenhado o primeiro compartimento, enquanto uma vez por ano, o ministério especial do segundo compartimento servia o propósito abençoado para o qual foi planeado como está escrito:

“Quando tudo estava preparado, os sacerdotes entravam regularmente no lugar santo para cumprir seus deveres sagrados.

“Mas apenas o sumo sacerdote, e só uma vez por ano, entrava no lugar santíssimo. Ele sempre apresentava o sangue do sacrifício pelos próprios pecados e pelos pecados que o povo havia cometido por ignorância.” *Hebreus 9:6, 7, (Nova Versão Transformadora (NVT)).*

Os Dois Compartimentos

Apesar do poder e da clareza do testemunho bíblico, há os que sentem dificuldade em entender que existem dois compartimentos no santuário celestial, mesmo que existam dois no terrestre. Esta condição de ignorância encontra-se mais profundamente enraizada entre aqueles que têm entendimentos incorrectos sobre a natureza do problema do pecado. Onde quer que um exista, o outro está presente.

Contudo, as provas bíblicas são claras, e como se não fossem suficientes, a Irmã White recebeu uma visão directa pela qual lhe foram mostrados estes factos inconfundíveis com clareza. Esta informação vital, registada em *Primeiros Escritos, 250-253*, inclui o seguinte parágrafo:

“Foi-me então ordenado que observasse os dois compartimentos do santuário celestial. A cortina, ou porta, foi aberta, e foi-me permitido entrar. No primeiro compartimento vi o castiçal com sete lâmpadas, a mesa dos pães da proposição, o altar de incenso e o incensário. Toda a mobília deste compartimento tinha o aspecto de ouro puríssimo, e refletia a imagem de quem entrava no lugar. O véu, que separava os dois compartimentos, era de cores e material diversos, com um lindo bordado, no qual havia figuras trabalhadas em ouro, para representar os anjos. Levantou-se o véu e eu olhei para o segundo compartimento. Vi ali uma arca que oferecia a aparência de ter sido feita do mais fino ouro. Os bordados em redor da parte superior da arca eram um lavor lindíssimo representando coroas. Na arca havia tábuas de pedra contendo os Dez Mandamentos.” *Primeiros Escritos, 251, 252.*

Esta verdade é novamente salientada noutra parágrafo:

“Foi-me também mostrado um santuário sobre a Terra, contendo dois compartimentos. Parecia-se com o do Céu, e foi-me dito que era uma figura do celestial. O aparelhamento do primeiro compartimento do santuário terrestre era semelhante ao do primeiro compartimento do celestial. O véu ergueu-se e eu olhei para o santo dos santos, e vi que a mobília era a mesma do lugar santíssimo do santuário celestial. O sacerdote ministrava em ambos os compartimentos do terrestre. Ia diariamente ao primeiro compartimento, mas entrava no lugar santíssimo apenas uma vez ao ano, para purificá-lo dos pecados que tinham sido levados ali. Vi que Jesus ministrava em ambos os compartimentos do santuário celestial. Os sacerdotes entravam no terrestre com sangue de um animal como oferta para o pecado. Cristo entrou no santuário celestial, oferecendo o Seu próprio sangue. Os sacerdotes terrestres eram removidos pela morte, portanto não podiam continuar por muito tempo; mas Jesus foi Sacerdote para sempre. Mediante os sacrifícios e ofertas trazidas ao santuário terrestre, deveriam os filhos de Israel apossar-se dos méritos de um Salvador que havia de vir. E na sabedoria de Deus os pormenores desta obra nos foram dados para que pudéssemos, voltando um olhar para os mesmos, compreender a obra de Jesus no santuário celeste.” *Primeiros Escritos*, 252, 253.

A obra a ser executada nos dois compartimentos de ambos os santuários, o terrestre e o celestial, é uma obra de purificação do pecado. Era tão simbolicamente enquanto o tabernáculo terrestre ainda estava de pé, mas na verdade é real em relação ao ministério do santuário celestial. Isto levanta uma pergunta, cuja resposta é impensável para muitas mentes. Se o santuário no Céu tem que ser purificado, antes disso deve ter-se tornado impuro. Mas como é que isto pode ser? Nenhum pecador entra nas cortes celestiais e só os santos anjos habitam as suas moradas. Ainda assim, as Escrituras afirmam claramente que os lugares celestiais no templo de Deus têm que ser purificados (ver *Hebreus* 9), e isto como sabemos é uma limpeza literal da impureza literal.

Aqui está a confirmação deste facto: “A questão mais importante, porém, ainda está para ser respondida: Que é a purificação do santuário? Que houve tal cerimônia com referência ao santuário terrestre, acha-se declarado nas Escrituras do Antigo Testamento. Mas poderá no Céu haver alguma coisa a ser purificada? No Capítulo 9 de Hebreus a purificação do santuário terrestre, bem como a do celestial, encontra-se plenamente ensinada. ‘Quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no Céu assim se purificassem [com sangue de animais]; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes’ (Hebreus 9:22, 23), ou seja, com o precioso sangue de Cristo.” *O Grande Conflito*, 417.

Este testemunho confirma que há impureza no Céu que deve ser purificada, mas não revela como o Céu se tornou impuro, nem como a purificação necessária seria realizada. Começamos então o nosso estudo sobre estas questões, salientando que o pecado é muito mais do que a acção cometida, ou a sua culpa, ou mesmo o seu registo. Se esta fosse a profanação da qual o santuário no Céu precisa ser limpo, isto poderia ser alcançado pela eliminação do registo e da sua culpa da memória de Deus. Nesse caso não haveria necessidade para o apagamento do pecado em si.

Como É que o Pecado Entra no Céu?

Mas o pecado é uma entidade, uma força viva, um cancro que tem de ser eliminado de tal forma que nunca mais possa ser encontrado em nenhum lugar do Universo de Deus, onde só a perfeição imaculada será encontrada. Todas as vezes que um dos verdadeiros filhos de Deus comete pecado, e em genuína contrição vem em busca de perdão e purificação, o seu pecado é literalmente transferido como uma força da vida do mal do coração do pecador para o primeiro compartimento do santuário no Céu. Isto é inequivocamente claro no seguinte parágrafo:

“O serviço no santuário terrestre dividia-se em duas partes: os sacerdotes ministravam diariamente no lugar santo, ao passo que uma vez ao ano o sumo sacerdote efetuava uma obra

especial de expiação no lugar santíssimo, para a purificação do santuário. Dia após dia, o pecador arrependido levava sua oferta à porta do tabernáculo, e, colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessava seus pecados, transferindo-os assim, figuradamente, de si para o sacrifício inocente. O animal era então morto. ‘Sem derramamento de sangue’, diz o apóstolo, ‘não há remissão de pecado.’ ‘A vida da carne está no sangue.’ Levítico 17:11. A lei de Deus, sendo violada, exige a vida do transgressor. O sangue, representando a vida que o pecador perdera, pecador cuja culpa a vítima arrostava, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimônia, o pecado transferia-se, mediante o sangue, em figura, para o santuário. Em alguns casos o sangue não era levado para o lugar santo; mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote, conforme Moisés determinou aos filhos de Arão, dizendo: ‘O Senhor a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação.’ Levítico 10:17. Ambas as cerimônias simbolizavam, de igual modo, a transferência do pecado do penitente para o santuário.” *O Grande Conflito*, 418.

A chave para a compreensão da mensagem contida neste parágrafo encontra-se na frase: “O sangue, representando a vida que o pecador perdera...” Isto significa que quando o pecado é transferido e profana o santuário, não é apenas a culpa e o registro dele que são transferidos, mas a própria pecaminosidade que é depositada no santuário no Céu. Onde quer que seja encontrado e o que quer que tenha tocado, profana, necessitando de uma limpeza. “A lei de Deus transgredida exigia a vida do transgressor”, e o que ela exigisse, ela teria.

Pela transferência do pecado do pecador para o primeiro compartimento, o transgressor é purificado, mas o santuário no Céu é profanado. Ou seja, a limpeza de um é a conspurcação do outro. Isto também revela que a purificação é fornecida numa base diária ou contínua, para que nenhum pecador arrependido seja perdido. Isto é tornado possível através da aplicação do sangue de Jesus, a Sua vida fazendo total expiação para todos os pecadores arrependidos.

“O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, ficou tocado de piedade pela raça decaída. Seu coração moveu-se de infinita compaixão ao erguerem-se diante dEle os ais do mundo perdido. Entretanto o amor divino havia concebido um plano pelo qual o homem poderia ser remido. A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o Universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações. Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado — pecado tão ofensivo para um Deus santo que deveria separar entre Si o Pai e o Filho. Cristo atingiria as profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada.” {PP 33}, *Patriarcas e Profetas*, 63.

O Diário

Agora que identificámos qual o santuário a ser purificado e quando – o santuário celestial que deverá ser limpo no final da profecia de 2.300 dias – vamos direccionar a nossa atenção para a terminologia usada nesta profecia para explicar as expressões particulares “o sacrifício diário” e “o lugar do Seu santuário”.

A palavra “sacrifício”, como aparece em *Daniel* 8, é uma palavra acrescentada pelos tradutores, e não aparece no texto original. Concluindo que a palavra, “sacrifício”, foi entendida como estando lá, acrescentaram-na, mas ao fazê-lo cometeram um erro significativo como confirmado pelo seguinte testemunho:

“Vi então em relação ao ‘contínuo’ (*Daniel* 8:12), que a palavra ‘sacrifício’ foi suprida pela sabedoria humana, e não pertence ao texto, e que o Senhor deu a visão correta àqueles a quem deu o clamor da hora do juízo. Quando houve união, antes de 1844, quase todos eram unânimes quanto à maneira correta de se entender o ‘contínuo’; mas na confusão desde 1844, outras

opiniões têm sido abrigadas, seguindo-se trevas e confusão. O tempo não tem sido um teste desde 1844, e nunca mais o será.” *Primeiros Escritos*, 74, 75.

“Em Daniel 8:11-13; Daniel 11:31; e Daniel 12:11, será notado que a palavra ‘sacrifício’ está em todos os casos presente. E é totalmente acrescentada, pois no seu lugar no original ela não está lá. No original, a única palavra que está neste lugar é a palavra *tamid* que aqui se traduz ‘diário’: e nestes locais a expressão ‘diário’ não se refere ao *sacrifício* diário mais do que se refere a todo o ministério diário ou ao serviço contínuo do santuário, do qual o *sacrifício* era apenas uma parte. A palavra *tamid* em si significa ‘contínuo ou continuado’, ‘constante’, ‘estável’, ‘seguro’, ‘constantemente’, ‘sempre mais’. Apenas palavras como estas expressam o pensamento da palavra original, que, no texto em questão, é traduzida como ‘diariamente’. Só em Números 28 e 29, a palavra é usada dezassete vezes, referindo-se ao *serviço contínuo no santuário*.

“E é este serviço contínuo de Cristo, o verdadeiro Sumo Sacerdote, ‘que *continua sempre*’ e ‘que é consagrado *para todo o sempre*’ em ‘um sacerdócio imutável’, é este *serviço contínuo* do nosso grande Sumo-Sacerdote, que o homem do pecado, o Papado, *tem tirado*. É o santuário e o verdadeiro tabernáculo em que este verdadeiro Sumo-Sacerdote exerce o Seu *ministério contínuo* que foi derrubado pela ‘transgressão da desolação’. É este ministério e este santuário que o ‘homem do pecado’ tirou da igreja e afastou do mundo e derrubou e pisou; e no lugar do qual se colocou ‘a abominação da desolação.’ O que a antiga Roma fez fisicamente ao santuário visível ou terrestre que era ‘a figura do verdadeiro’ (Daniel 9:26, 27; Mateus 24:15), que esta última Roma fez espiritualmente ao santuário invisível ou celestial que é em si o verdadeiro. Daniel 11:31; Daniel 12:11; Daniel 8:11, 13.” *O Caminho Consagrado para a Perfeição Cristã* por A.T. Jones, 99-100.

Consequentemente, não mostraremos mais interesse no significado da palavra “sacrifício”, neste contexto. Em vez disso, a nossa atenção será direcionada para o “diário”.

O Lugar do Santuário de Cristo

Para entender o que o diário significa para nós hoje, temos que identificá-lo no contexto da Profecia. A ponta pequena tira o diário e derruba o lugar do santuário de Cristo (*Daniel* 8:11). Isto tem um efeito imediato no povo de Deus, pois estas coisas estão a descrever o ministério de Cristo pelo Seu povo.

O lugar legítimo do santuário de Cristo é no Céu, como está tão enfaticamente testemunhado ao longo da carta de Paulo aos Hebreus. Mas, quando a luz do primeiro anjo começou a iluminar as mentes dos homens, encontrou-os ensinando erradamente que esta Terra era a contrapartida do santuário do Antigo Testamento, e que, portanto, a limpeza desta Terra pelo fogo cumpriria a profecia: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” *Daniel* 8:14.

“Explicando *Daniel* 8:14 — ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado’ — Miller, conforme já foi declarado, adotou a opinião geralmente mantida de que a Terra é o santuário, crendo que a purificação deste representava a purificação da Terra pelo fogo, à vinda do Senhor. Quando, pois, achou que o termo dos 2.300 dias estava definitivamente predito, concluiu que isto revelava o tempo do segundo advento. Seu erro resultou de aceitar a opinião popular quanto ao que constitui o santuário.” *O Grande Conflito*, 352.

A opinião “geralmente mantida” foi um legado errado herdado dos erros que prevaleceram durante a Idade Média. Como o poder simbolizado pelo chifre pequeno de *Daniel* 8 isolou o povo de todas as outras visões para além das suas, ele era, portanto, o autor de todos esses erros pelos quais os espiritualmente necessitados foram privados da luz de que tanto precisavam. O papado, declarando que as igrejas na Terra eram os únicos templos que são o antítipo do santuário do Antigo Testamento, muito eficazmente derrubou o lugar do santuário de Cristo do Céu para esta Terra. Assim, ele foi culpado de separar da luz e da verdade os filhos de Deus pela qual só a verdadeira libertação pode ser alcançada.

Agora, onde se encontra o santuário, também deve ser encontrado o diário. Ao derrubar o lugar do santuário de Cristo do Céu para esta Terra, ele roubou os ministérios diários do seu Sacerdote e Salvador aos que seriam crentes em Jesus, e assim se torna o anticristo. De facto, até ao momento em que estes estudos sobre os livros de *Daniel* e *Apocalipse*, o evangelho, como ensinado por tantos está tão vazio da sua onipotência, que já não é o poder vivo de Deus para a salvação do pecado, da doença e da morte. Para a maioria dos habitantes do mundo de hoje, o lugar do santuário de Cristo ainda é lançado do Céu para a Terra, e, conseqüentemente, o diário foi-lhes retirado, e deixou-os sem acesso à salvação. A necessidade de restaurar o santuário e o diário aos seus legítimos ministérios é desesperadamente imprescindível. Estamos satisfeitos por saber que esta obra será plenamente realizada com o derramamento da chuva serôdia. Nessa altura, cada homem, mulher e criança terá a oportunidade ilimitada de encontrar a salvação através do poder de Cristo como nosso eterno Sacerdote.

Capítulo 12

Fortalecimento Especial

Já vimos num capítulo anterior que cada profecia do livro de *Daniel* está dividida em duas partes. Em primeiro lugar, a visão foi revelada na sua totalidade, após o que foi dado a cada símbolo a sua interpretação correspondente. Assim, há uma interpretação para cada parte da visão e os seus símbolos. Em *Daniel* 8, a visão está contida nos versículos 1-14, e a interpretação dos símbolos é dada nos versículos 19-25. A interpretação, no entanto, abrange apenas os primeiros 12 versículos da visão. Isto significa que os dois últimos versículos desta visão carecem de uma interpretação – que é a parte que se refere ao elemento temporal da profecia – por uma boa razão, como veremos em breve. Na verdade, *Daniel* 8 contém a última visão profética escrita em todo o livro de *Daniel*. Nenhuma das revelações seguintes nos são comunicadas através deste profeta, contendo mensagens sob a forma de símbolos. Cada uma é apenas uma explicação ou uma interpretação das representações simbólicas já dadas nos capítulos 2, 7 e 8. Mantenhamos este ponto em mente, pois é muito importante no desenvolvimento da nossa compreensão da mensagem global do livro de *Daniel*.

O Efeito em Daniel

Gabriel tinha sido instruído para dar “a entender... a visão” a Daniel. *Daniel* 8:16. O poderoso anjo, que tinha sido encarregado de apresentar a interpretação ao profeta, cumpriu imediatamente. O resultado só foi parcialmente transmitido. Gabriel, em vez de dar uma explicação completa da visão, teve de interromper a revelação, porque Daniel caiu num desmaio profundo, após o que ficou tão doente que esteve confinado à cama durante vários dias. Ele falou deste efeito nas seguintes palavras:

“E eu, Daniel, enfraqueci, e estive enfermo alguns dias; então levantei-me e tratei do negócio do rei. E espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse.” *Daniel* 8:27.

Apesar de entendido como era na compreensão de visões e sonhos, Daniel precisava que o conteúdo da mensagem fosse clarificado naquilo que até agora lhe tinha sido mostrado. Devido à sua fraqueza, não conseguiu receber a explicação completa, e quando poucos dias depois se levantou e retomou os seus deveres do rei, ficou espantado com a visão e não encontrou ninguém que a entendesse.

Mas, por que desmaiou ele? Por que ficou doente alguns dias? A resposta é que o seu desmaio e o seu enfraquecimento devido à enfermidade foram a sua reacção ao que tinha sido mostrado na visão e na interpretação até essa altura. O próprio Daniel explicou isto ao seu instrutor pessoal, o anjo Gabriel, que veio mais tarde e lhe tocou nos lábios.

“E eis que alguém, semelhante aos filhos dos homens, tocou-me os lábios; então abri a minha boca, e falei, dizendo àquele que estava em pé diante de mim: ‘senhor meu, por causa da visão sobrevieram-me dores, e não me ficou força alguma.’” *Daniel* 10:16.

Como aprendemos no capítulo 1 de *Daniel*, ele era uma pessoa muito saudável com uma mente sã num corpo sadio, por isso ele teria sido capaz de lidar com sucesso com a tremenda pressão emocional. Que este ataque ao seu sistema nervoso provou ser capaz de o mergulhar num estado de inconsciência e de fazê-lo ficar doente durante vários dias, é uma indicação clara de quanto absolutamente terrível para a sua mente devem ter sido as terríveis revelações da visão. Daniel viu a verdadeira natureza do príncipe das trevas, como ele seria exposto quando a vitória final for obtida, e o medonho custo para Cristo e Sua igreja quando as forças da justiça triunfarem!

O Espírito de Babilónia

Daniel e os seus três amigos viveram por uma razão – o fim do reinado do pecado, e o eterno estabelecimento do reino da justiça perfeita. Muito preciosa à sua vista era a prosperidade espiritual e geral da igreja, e a sua eficácia na exposição do verdadeiro carácter de Deus e do diabo. Daniel não sentia ódio por ninguém em Babilónia, mas todo o seu ser estava cheio de um ódio indescritível pelo espírito que era a fonte de todas as acções do sistema babilónico, accionado pelo homem do pecado.

Durante a destruição de Jerusalém, Daniel viu o espírito da desenfreada fúria, ódio e violência – as paixões malignas que trouxeram a ruína daquela bela cidade – e tinha visto a ligação entre este espírito e o apagamento da história do magnífico templo que tinha sido construído durante a parte inicial do reinado do rei Salomão, e dedicado ao culto do verdadeiro Deus e à instrução de Israel. Daniel e os seus três amigos já tinham vivido um período durante o qual viram o reino de Judá devastado pela guerra, destruição e derramamento de sangue. Eles próprios tinham sido exilados em Babilónia, onde estavam na altura em que o belo templo de Jerusalém foi destruído. Daniel viu a destruição como fruto do babilónico espírito mau.

Por causa disso Daniel conhecia por experiência pessoal o que significava ser perseguido, desprezado, exilado, tentado, odiado, e separado para sempre da família e amigos. Mas, apesar de terrível como todo esse sofrimento deve ter sido, era apenas a expressão do mal que está no homem do pecado, também conhecido como Babilónia, o anticristo, o rei com semblante feroz, o poder simbolizado pela ponta pequena, a besta e a sua imagem, o Rei do Norte e outras designações. Independentemente do nome pelo qual é identificado, ou procura escapar de ser reconhecido, Daniel odiava essa iniquidade, a visão e o som que ele não podia suportar. Ainda assim, foi chamado a receber em visão e a expor o rei feroz de semblante como ele será naquele dia em que por fim será revelado no seu pior e quando a justiça brilhar no seu melhor.

Esta revelação do que seria o rei feroz de semblante, e conseqüentemente o que ele faria, como relatado em *Daniel* 8:23-25, era demasiado agonizante para Daniel suportar, com o resultado que ele desmaiou e ficou doente vários dias. Podemos ficar surpresos por essa visão ter um efeito tão forte sobre Daniel, até nós também entendermos quão indescritivelmente repulsivo à mente pura de um verdadeiro filho de Deus é o mal, quando ele chegar à maturidade plena e for discernido pelo que realmente é. Isso vai deixar-nos tão doentes como Daniel. Quanto mais puro for o filho de Deus, maior será o efeito nele.

O Efeito da Revelação de Cristo

Se isto é assim, por que não desmaiou e adoeceu quando a mesma luz poderosa mais tarde brilhou sobre ele, com maior força ainda, em *Daniel* 11? E por que João também não desmaiou e adoeceu quando as poderosas descrições de aflições sobre os cristãos lhe foram dadas na Ilha de Patmos?

Havia uma clara razão pela qual, na segunda tentativa, Daniel recebeu a instrução que Gabriel tinha sido escolhido para lhe dar, sem desmaiar ou ficar doente durante dias. O segredo foi que

antes de Gabriel tentar apresentar de novo a profecia a partir do ponto em que fora obrigado a interromper a revelação, Deus tinha sido capaz de fortalecer Daniel tão eficazmente, que o profeta foi capaz de receber a instrução que Deus pretendia que ele recebesse. Somos informados em *Daniel 10* que este fortalecimento veio principalmente sob a forma de uma revelação especial na pessoa de Cristo.

“No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome era Bel-tessazar; a palavra era verdadeira e trata duma guerra prolongada; e ele entendeu esta palavra, e teve entendimento da visão.

“Naqueles dias eu, Daniel, estive triste por três semanas.

“Manjar desejável não comi, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com unguento, até que se cumpriram as três semanas.

“E no dia vinte e quatro do primeiro mês eu estava à borda do grande rio Hidequel;

“E levantei os meus olhos, e olhei, e vi um homem vestido de linho, e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz:

“E o seu corpo era como turquesa, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés como cor de bronze açacalado; e a voz das suas palavras como a voz duma multidão.

“E só eu, Daniel, vi aquela visão; os homens que estavam comigo não a viram: não obstante, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram, escondendo-se.

“Fiquei pois eu só, e vi esta grande visão, e não ficou força em mim: e transmudou-se em mim a minha formosura em desmaio, e não retive força alguma.

“Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo a voz das suas palavras, eu caí com o meu rosto em terra, profundamente adormecido.” *Daniel 10:1-9*.

Notemos as reacções muito diferentes dos homens que estavam com ele e do próprio Daniel. Os outros, até ao último homem, fugiram da presença divina. Só Daniel tinha o poder que lhe permitia ficar. Mesmo assim, tinha passado os últimos vinte e um dias em jejum e diligente oração. Isso desenvolveu nele a capacidade de permanecer na presença do maravilhoso Ser de quem os restantes fugiram. Foi Cristo em pessoa que visitou Daniel.

“Foi o próprio Filho de Deus que apareceu a Daniel. Esta descrição é semelhante à dada por João quando Cristo lhe foi revelado na Ilha de Patmos. Nosso Senhor vem agora com outro mensageiro celestial para ensinar a Daniel o que aconteceria nos últimos dias. Este conhecimento foi dado a Daniel e registado pela Inspiração para nós sobre quem os finais do mundo estão vindo.” *The S.D.A. Bible Commentary 4:1173*.

No início, estar na presença directa de Cristo privou o profeta da sua força física. Ele testemunhou: “Fiquei pois eu só, e vi esta grande visão, e não ficou força em mim: e transmudou-se em mim a minha formosura em desmaio, e não retive força alguma.” *Daniel 10:8*.

Ficar sem forças físicas foi uma preparação para o grande fortalecimento que estava para receber. Enquanto dormia profundamente com o rosto em terra, uma mão lhe tocou o que fez levantar-se sobre os joelhos e de mãos postas. Foi-lhe então dito “levanta-te sobre os teus pés” para ouvir as mensagens que Gabriel estava prestes a transmitir-lhe.

Em obediência a essa ordem, e sem dúvida pelo poder contido nessa palavra falada, ele manteve-se tremendo, mas de pé, declarando que não podia comunicar com o seu Senhor, pois estava sem palavras e desprovido de toda a força. Para resolver este problema, “... O ser que se assemelhava a um homem tocou em mim outra vez e, imediatamente, me senti fortalecido.” *Daniel 10:18*, King James Atualizada 1999.

Depois, seguiu-se um desenvolvimento notável. Mais uma vez, aquele com a aparência de um homem falou-lhe assim “... ‘Não temas, Deus te ama, ó filho do homem! Paz seja contigo! Sê forte e tem bom ânimo.’” *Daniel 10:19*, King James Atualizada 1999.

Daniel agora viu-se tão fortemente fortalecido que podia enfrentar o futuro e a sua revelação com confiança e sem medo. Assim, pôde testemunhar: “E, falando ele comigo, fiquei fortalecido, e disse: ‘Fala, meu senhor, porque me fortaleceste.’” *Daniel* 10:19.

Segue-se então a revelação muito mais detalhada da luz que está escrita em *Daniel* 11 e 12. Não há mais símbolos nestes dois capítulos, que apresentam apenas mais pormenores das revelações proféticas já dadas em Daniel 2, 7 e 8. Quanto mais detalhados eram, mais terríveis devem ter parecido, e, portanto, esperaríamos uma reacção maior por parte de Daniel. Mas uma vez que o profeta havia recebido o seu fortalecimento especial, não houve mais problemas com a recepção da mensagem. Daniel foi capaz de receber o conteúdo dos capítulos 11 e 12 sem mais interrupções, e também conseguiu ficar em pé na presença de Gabriel e da pessoa de Jesus.

O Efeito em João

Um padrão semelhante de causa e efeito é visto na experiência de João a quem Deus deu a *Revelação de Jesus Cristo*. Como Daniel, João passou por uma poderosa experiência espiritual. Ele tinha sido perseguido e imerso num caldeirão de óleo a ferver, no entanto, saiu ileso da crueldade dos seus perseguidores, como acontecera com os três hebreus que foram lançados dentro da fornalha de fogo. Ele experimentou o cumprimento da promessa: “Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.” *Isaías* 43:2.

Do seu solitário lar na ilha onde vivia exilado, João foi encarregado de registar as grandes verdades dos últimos dias e explicar os desenvolvimentos finais do titânico conflito dos séculos, bem como as lições a aprender dele. Esta era a luz exacta que ele foi levado a suportar para as sete igrejas. Tendo recebido a instrução para o fazer, por uma voz vinda de trás dele, João virou-se para ver a Pessoa que estava a falar consigo, e descobriu que Ele era “... um semelhante ao Filho do homem, ...” *Apocalipse* 1:13.

A reacção de João ao ver Cristo foi a mesma de Daniel quando esteve em circunstâncias semelhantes. João testemunhou: “E eu, quando vi, caí a seus pés como morto...” *Apocalipse* 1:17. Como foi no caso de Daniel, assim foi com João que também exigiu um grande fortalecimento antes de poder suportar a grande luz que brilhou sobre ele. O mensageiro celestial tocou João com a Sua mão, como tinha feito a Daniel, e disse-lhe palavras de poder na força das quais ele não teve mais dificuldade em receber e escrever a *Revelação de Jesus Cristo*.

“E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a Sua destra, dizendo-me: ‘Não temas; Eu sou o Primeiro e o Último;

“E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno.

“Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer.” *Apocalipse* 1:17-19.

Em desobediência a essa ordem e em plena posse de uma renovada grande força que agora possuía, João passou a escrever o que viu e ouviu. Assim, nós, que vivemos quando os livros de *Daniel* e *Apocalipse* são mais necessários, podemos ter a certeza de que estes dois livros são absolutamente perfeitos para o que hoje necessitamos. E não só agora, mas cada vez mais, à medida que as questões se tornam cada vez mais ferozmente contestadas, até que a tempestade por fim irrompa sobre as cabeças desabrigadas e desprotegidas de uma humanidade não arrependida e rebelde. Então o Senhor fortalecerá novamente os seus mensageiros nesta Terra.

O ministério da profecia de João no Novo Testamento foi o ministério correspondente da profecia de Daniel no Antigo Testamento. São paralelos um do outro. As experiências pelas quais João viu que estava a passar, também Daniel passou, e sabemos que aqueles que nos últimos dias “... guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” (*Apocalipse* 14:12) descobrirão estar envolvidos, como João e Daniel estiveram, em conflito mortal com os poderes do mal. Mas desta

vez será final. Ainda não sabemos nada da angústia que sofreremos quando chegar a altura. Pode facilmente ser que alguns de nós literalmente desfaleçam e fiquem doentes durante dias em reacção à grande intensidade deste último conflito decisivo.

A Malignidade do Pecado

Deus deseja sinceramente que, tanto quanto possível, sejamos abençoados com um claro entendimento de quão verdadeiramente maligno e repugnante o pecado é. É difícil adquirir tal apreciação, especialmente para os seres que viveram num ambiente de pecado durante tanto tempo que se tornaram familiares com ele. Mas está a chegar um tempo em que, à luz da mensagem do quarto anjo, a máscara do pecado será arrancada e o seu verdadeiro carácter ficará totalmente exposto pelo que é. Quando esse tempo chegar, o povo do Senhor verdadeiramente odiará o pecado porque ele é inimigo de Deus e do homem. Nessa altura será cumprido o que se descreve no seguinte parágrafo:

“No tempo do fim, o povo de Deus suspirará e chorará por causa das abominações que se fazem na Terra. Com lágrimas advertirão os ímpios do seu perigo em tripudiar sobre a lei divina, e com indizível tristeza se humilharão perante o Senhor em penitência. Os ímpios zombarão de sua tristeza e ridicularizarão seus solenes apelos. Mas a angústia e humilhação do povo de Deus é uma segura evidência de que estão reconquistando a força e a nobreza de carácter perdidos em consequência do pecado. É porque se estão achegando mais a Cristo, porque seus olhos estão fixos em Sua perfeita pureza, que discernem assim claramente a excessiva malignidade do pecado. Mansidão e humildade são condições de sucesso e vitória. Uma coroa de glória espera os que se dobram ao pé da cruz.” {PR 301}, *Profetas e Reis*, 590.

Notai a força da linguagem utilizada neste parágrafo. Na segunda frase está declarado que, com “indizível tristeza” o povo de Deus se humilhará em penitência. A tristeza é uma emoção, que deve ser sentida para ser compreendida. Há tristeza pelo pecado e tristeza pelos resultados do pecado. Há tristeza que pode ser expressa, e há uma indizível tristeza. Esta última é a mais poderosa de todas, pois é uma tristeza no coração por causa da tão grande angústia que está para além de expressão ou descrição. Essa é a indizível tristeza com a qual caminharemos com total humildade perante o nosso Deus em penitência por todos os nossos pecados. Será um período de tão grande e terrível angústia que corresponderá aos sofrimentos de Daniel. Mas resultará em almas salvas por um ministério tão cheio de poder que irá unir toda a Terra com a glória do Senhor. Que esta angústia fará um trabalho maravilhoso no coração daqueles que serão leais a Deus será visto nos resultados alcançados.

Em consequência da sua necessidade, o povo de Deus vai aproximar-se de Cristo. “É porque se estão achegando mais a Cristo, porque seus olhos estão fixos em Sua perfeita pureza, que discernem assim claramente a excessiva malignidade do pecado.” Ser capaz de discernir a excessiva malignidade do pecado, envolve a capacidade, por parte dos crentes, de penetrar os subtis disfarces do pecado e de expor o seu poder mortal para enganar e destruir. Mas foi um coração extremamente ímpio o que se mostrou na visão de Daniel e será de novo mostrado e que será uma visão demasiado repulsiva para a mente purificada de um verdadeiro filho de Deus olhar com alguma alegria ou felicidade. Foi por isso que, ao ser-lhe dada uma antevisão profética do desenvolvimento do mal no rei com semblante feroz, Daniel recuou com horror perante o que viu, desmaiou e ficou doente.

A Luz que Está para Vir

Nos dias de Daniel havia mais verdade revelada do que a entendida, mas também havia vastas áreas de verdades proféticas que precisavam de ser reveladas nessa altura. No tempo de João, a necessidade era muito maior, e, nestes últimos dias, será a maior de todas. Que nenhum de nós

suponha que já temos quase toda a verdade a ser tornada conhecida, pois a Terra ainda vai ser inundada com grande luz. Em 1890, Ellen White escreveu:

“Tem-me sido feita a pergunta: ‘Pensa que o Senhor tem qualquer nova luz para nós como um povo?’ Respondo que Ele tem luz que para nós é nova, e todavia é preciosa luz antiga que há de brilhar da Palavra da verdade. Possuímos apenas os vislumbres dos raios da luz que nos há de vir ainda. Não estamos fazendo o máximo com a luz que o Senhor já nos tem concedido, e assim deixamos de receber acréscimo de luz; não andamos na luz que já foi derramada sobre nós.” *Mensagens Escolhidas* 1:401, 402.

A luz a que se faz referência é a luz da verdade presente, e não apenas a verdade em geral. E esta é também a luz que “há de vir ainda”, que ainda está no futuro. Sob o poderoso ministério do quarto anjo, toda a Terra vai ser iluminada com um poder, verdade e amor incríveis. Alturas, profundidades, comprimentos e amplitudes do carácter divino deverão ser revelados com uma glória da qual a luz actual é apenas um pálido reflexo.

Em contraste com a revelação completa da justiça no seu melhor brilho está a apostasia mais negra, como a que fez Daniel desmaiar e ficar doente. Enquanto os santos suspirarão e chorarão por causa das abominações temíveis que estão na Terra, os ímpios afundar-se-ão cada vez mais.

“A vinda do esposo foi à meia-noite — a hora mais tenebrosa. Assim a vinda de Cristo será no período mais tenebroso da história deste mundo. Os dias de Noé e de Ló ilustram a condição do mundo exatamente antes da vinda do Filho do homem. Apontando para esse tempo, declaram as Escrituras que Satanás trabalhará com todo poder e ‘sinais, e prodígios de mentira’. 2 Tessalonicenses 2:9. Sua obra é revelada claramente pelas trevas que se adensam rapidamente, pela multiplicação de erros, heresias e enganamentos destes últimos dias. Satanás não só leva cativo o mundo, porém suas ilusões infectam até as professas igrejas de nosso Senhor Jesus Cristo. A grande apostasia se desenvolverá em trevas tão densas como as da meia-noite, impenetráveis como a mais intensa escuridão. Para o povo de Deus será uma noite de prova, noite de lamentação, noite de perseguição por causa da verdade. Mas nessa noite de trevas brilhará a luz de Deus.” {PJ 225}, *Parábolas de Jesus*, 414, 415.

O povo do Senhor que levará a luz da mensagem do quarto anjo a todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, deve estar cheio com o poder igual à magnitude da tarefa a ele designada. Quando consideramos qual será o custo para tão poucos alertar tantos, podemos começar a ter uma noção da enormidade da tarefa que temos pela frente. Mas seremos fortalecidos como foi Daniel, pela viva palavra do poder do Senhor, e a tarefa deixará de parecer um formidável obstáculo à sua realização.

“À medida que os membros do corpo de Cristo se aproximam do período do seu último conflito, ‘o tempo da angústia de Jacó,’ crescerão em Cristo, e participarão amplamente do Seu Espírito. Quando a terceira mensagem soar em alto clamor, e quando grande poder e glória fazem a obra de encerramento, o fiel povo de Deus participará dessa glória. É a chuva serôdia que os reaviva e fortalece para passar pelo tempo da angústia de Jacó. Os seus rostos brilharão com a glória daquela luz que acompanha o terceiro anjo.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:984.

Sem o derramamento da chuva serôdia, não pode haver uma preparação bem-sucedida para levar a luz do evangelho para advertir um mundo perecendo, ou ser fortalecido e preparado para passar com sucesso através do tempo da angústia de Jacó. A queda da chuva serôdia será uma experiência insuperável por qualquer pessoa antes deste tempo, tal como está escrito:

“Satanás é diligente estudante da Bíblia. Sabe que seu tempo é curto e procura em todos os pontos opor-se à obra do Senhor na Terra. É impossível dar uma idéia da experiência do povo de Deus que há de viver na Terra quando se misturarem a glória celestial e a repetição das perseguições do passado. Eles andarão à luz que procede do trono de Deus. Por meio dos anjos haverá constante comunicação entre o Céu e a Terra. E Satanás, rodeado de anjos maus, e declarando-

se Deus, operará milagres de todas as espécies, para enganar, se possível, os próprios eleitos." *Testemunhos para a Igreja* 9:16.

Tanto Daniel como João demonstraram que os nossos recursos actuais incluem muito pouca capacidade de recuperação da poderosa corrente do mal. A perspectiva de conseguir isto estava tão distante de Daniel que perdeu a consciência e ficou doente durante dias, e tanto ele como João perderam toda a força quando Cristo lhes apareceu. Assim, a sua grande necessidade foi demonstrada antes que a poderosa mão lhes restituísse o poder e a ordem para ficar de pé lhes foi dada. Então, dotados de poder do alto, foram capazes de cumprir a sua missão.

Assim, será connosco na batalha final que se aproxima rapidamente no grande conflito. A igreja irá em frente vitoriosa e conquistadora, depois de ser especialmente fortalecida para suportar as revelações do aparecimento de seres celestiais, por um lado, e a natureza terrível do mal plenamente amadurecido, por outro.

Capítulo 13

A Persistente Oração de Daniel

A visão de *Daniel* 8, com a sua interpretação incompleta, foi dada no terceiro e último ano do reinado do rei Belsazar, o mesmo ano em que a Babilónia literal caiu, para nunca mais se levantar. A supremacia mundial ficou então na posse dos medo-persas sob o rei de Dario, o Medo. Quanto tempo decorreu durante esta transição de poder de Babilónia caída, não sabemos ao certo. Levaria algum tempo, pelo menos, para os funcionários do governo se instalarem nas suas novas e alargadas posições de poder e grande glória, mas esta não terá sido a nomeação oficial mais importante a organizar pelo rei. A posição de Daniel permaneceu.

“E pareceu bem a Dario constituir sobre o reino cento e vinte príncipes, que estivessem sobre todo o reino;

“E sobre eles três presidentes, dos quais Daniel era um, aos quais estes príncipes dessem conta, para que o rei não sofresse dano.

“Então o mesmo Daniel sobrepujou a estes presidentes e príncipes; porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava constituí-lo sobre todo o reino.” *Daniel* 6:1-3.

A Preocupação de Daniel com a Profecia do Tempo

Então, Daniel era um homem muito ocupado que, depois do rei, ocupava a posição mais alta do mundo, e daí administrava o vasto império universal do reino medo-persa. Tal posição tornaria o trabalho de Daniel muito difícil, e mesmo perigoso, no entanto, não há dúvida de que ele faria um serviço da mais alta qualidade como principal administrador do rei, não importa quanto tempo e energia isso exigisse. Mas ele nunca permitiu esquecer-se do cativo do seu povo, e a sua necessidade de ser libertado de acordo com o propósito e a promessa de Deus. Riqueza, poder, honra e glória foram-lhe concedidas livremente, mas apesar do seu potencial para o distrair, Daniel não se deixou esquecer de Deus. Da mesma forma, as tentações do pecado não podiam seduzi-lo, nem o podiam induzir a desviar-se dos princípios rigorosos da sagrada lei de Deus. Semelhantemente a José antes dele, habitou entre os adoradores de ídolos do seu tempo, no entanto, “... era ele como quem não via e não ouvia.” {PP 148}, *Patriarcas e Profetas*, 214.

Assim, enquanto os cidadãos do recém-fundado império mundial dos Medo-Persas se regozijavam com o seu poder, riqueza e glória recém-estabelecidos, Daniel estava a debruçar-se sobre as profecias de Isaías e Jeremias, relacionadas com a libertação do seu povo, e a sua obra, mais uma vez, de encher a Terra com a justiça de Deus. Aqui está o registo pessoal de Daniel do seu singular desinteresse pelas coisas desta Terra, e da sua devoradora devoção à restauração de Jerusalém, à reconstrução do templo e ao restabelecimento do sistema sacrificial.

“No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus,

“No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros que o número dos anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de cumprir-se as desolações de Jerusalém, era de setenta anos.” *Daniel* 9:1, 2.

Além disso, foram as confortadoras predições reveladas por Deus através de Isaías, que na verdade nomeou o rei Ciro como o poder que venceria Babilônia, e providenciaria o regresso dos judeus a Jerusalém. Daniel estava muito familiarizado com estas profecias, mas viu-se incapaz de perceber como é que todas estas previsões se encaixavam e se iam concretizar. Apesar de ser um profeta, não era capaz de interpretar a profecia dos dois mil e trezentos dias, especialmente como ela se relacionava com os setenta anos de supremacia babilônica, até ela lhe ter sido explicada. Foi uma luta para ele conjugar o que tinha sido predito com o que estava realmente a acontecer.

“Mediante outra visão foi derramada luz adicional sobre os acontecimentos do futuro; e foi ao final desta visão que Daniel ouviu ‘um santo que falava; e disse a outro santo aquele que falava: Até quando durará a visão?’ Daniel 8:13. A resposta: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado’ (Daniel 8:14), encheu-o de perplexidade. Ferventemente procurou entender o significado da visão. Ele não podia compreender a relação dos setenta anos do cativo como preditos por Jeremias, para com os dois mil e trezentos anos que nessa visão ouvira o visitante declarar que decorreriam antes da purificação do santuário. O anjo Gabriel lhe deu uma interpretação parcial; mas quando o profeta ouviu as palavras: ‘Só daqui a muitos dias se cumprirá’, ele desmaiou. ‘Eu, Daniel, enfraqueci’, escreveu ele sobre esta experiência, ‘e estive enfermo alguns dias; então levantei-me, e tratei do negócio do rei. E espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse’. Daniel 8:26, 27.” {PR 281}, *Profetas e Reis*, 554.

A profecia que se tornou um dos principais assuntos do interesse de Daniel, lê-se da seguinte forma:

“Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, visitarei o rei de Babilônia, e esta nação, diz o Senhor, castigando a sua iniquidade, e a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas.” *Jeremias* 25:12.

A Natureza Condicional da Profecia

Com a queda de Babilônia, chegara o tempo da libertação dos judeus do seu cativeiro, mas por que havia uma ansiedade tão considerável por parte de Daniel? Seguramente, deveria ter sido um tempo para repousar calmamente na fé implícita de que todas as coisas estavam a desenrolar-se de acordo com o plano, e que, portanto, não havia motivo para preocupação?

Mas havia motivos de preocupação tendo em conta a natureza condicional de todas as profecias, bem como das promessas e ameaças de Deus. O Altíssimo deixou esta verdade muito clara através das palavras de Jeremias.

“A palavra do Senhor, que veio a Jeremias, dizendo:

“Levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras.

“E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas,

“Como o vaso, que ele fazia de barro, quebrou-se na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos olhos do oleiro fazer.

“Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

“Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? diz o Senhor. Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel.

“No momento em que falar contra uma nação, e contra um reino para arrancar, e para derrubar, e para destruir,

“Se a tal nação, porém, contra a qual falar se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe.

“No momento em que falar de uma nação e de um reino, para edificar e para plantar,

“Se fizer o mal diante dos meus olhos, não dando ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que tinha falado que lhe faria.” *Jeremias* 18:1-10.

Deus não castiga ou abençoa arbitrariamente. A operação das leis da causa e do efeito é que, cada qual colhe aquilo que semeia. Toda a natureza testemunha isto. Semear sementes de abrolhos com certeza delas brotarão abrolhos espinhosos. Ao mesmo tempo, uma planta, seja ela má ou boa, uma vez germinadas as suas primeiras folhas, desenvolver-se-á em crescimento robusto ou atrofiado, dependendo do cuidado que lhe seja dado. Uma e outra vez, ao longo de toda a sua história, os judeus tinham sido instruídos nestes princípios, mas uma e outra vez, ignoraram os avisos solenes e os apelos amorosos que lhes foram enviados pelos mensageiros de Deus, com consequências desastrosas. Agora, outro dia de oportunidade estava diante deles no qual Deus tinha prometido restaurar a sua posição e a sua obra sob condição de arrependimento genuíno, levando-os a um novo renascimento e a uma reforma duradoura. Se falhassem em cumprir estas condições, não receberiam a bênção do Senhor.

A questão era: Repetiriam eles o triste padrão do seu passado, caracterizado como foi por bons começos, seguidos por apostasias tão terríveis que os colocaram sob total controlo dos seus inimigos, ou iriam finalmente estabilizar-se na eterna palavra do Deus vivo, e permanecerem livres depois disso?

O Tempo da Libertação de Israel

Considerai a situação. Seria de esperar que a queda de Babilónia e a libertação dos judeus tivessem sido coincidentes, mas a queda daquela grande cidade não produziu imediatamente o resultado tão desejado. De facto, como confirma o testemunho seguinte, passariam cerca de dois anos antes do rei Ciro, o grande rei guerreiro que destruiu a cidade e o reino de Babilónia, ter feito sair o primeiro de vários decretos que concederam aos judeus a sua liberdade.

“A oração de Daniel tinha sido proferida ‘no ano primeiro de Dario’ (Daniel 9:1), o rei medo cujo general, Ciro, tinha arrebatado de Babilônia o cetro do governo universal. O reinado de Dario foi honrado por Deus. A ele foi enviado o anjo Gabriel, ‘para o animar e fortalecer’. Daniel 11:1. Após sua morte, cerca de dois anos depois da queda de Babilônia, Ciro o sucedeu no trono, e o início do seu reinado marcou o fim dos setenta anos desde que o primeiro grupo de hebreus tinha sido levado cativo por Nabucodonosor, de sua pátria judaica para Babilônia.” {PR 281}, *Profetas e Reis*, 556, 557.

Como este testemunho confirma, Dario só reinou sobre Babilónia caída dois anos antes da sua morte, após o que o rei Ciro ascendeu ao trono do poder. Em *Esdras* 1:1 está registado que no primeiro ano do reinado do rei Ciro, rei da Pérsia, escreveu e assinou o decreto que permitia aos judeus regressarem a Jerusalém e reconstruírem o templo. Os dois últimos anos de espera pelos setenta anos da profecia de Deus através de Jeremias tinham terminado. Agora Daniel e os outros que tinham estudado as profecias tinham as suas esperanças confirmadas, pois a fé tinha-se tornado realidade.

Mas antes desses últimos dois anos terminarem, o testemunho da vista e das circunstâncias tinha declarado que os pecados do povo de Deus tinham sido tão graves que certamente não podiam esperar que Deus lhes desse uma remissão favorável às suas transgressões. Este tem sido um dos meios mais eficazes de Satanás de tentar os filhos de Deus para a incredulidade à qual o pecado conduz. Mas, em qualquer grau, que Satanás possa ter apresentado uma perspectiva tão desencorajadora sobre Daniel, este virou-se para Deus em oração para enfrentar o perigo.

O resultado foi que temos em registo uma das maiores orações alguma vez proferidas. Outras da mesma classe, a título de exemplo, incluem a noite até à madrugada dos angustiados apelos de Jacó junto ao vau de Jaboque; a oração do rei Salomão na dedicatória do templo; as insistentes súplicas de Elias no Monte Carmelo, que trouxe tanto o fogo como a chuva na sua vez; e o maior de todos eles, a petição de Cristo no Getsémani e a Sua continuação na cruz no dia seguinte. Aqui está a transcrição da maravilhosa oração de Daniel na sua totalidade. Recomenda-se que esta

oração seja estudada repetidamente até que todo o vosso ser seja carregado de luz e poder celestiais, pois nela são claramente estabelecidos os princípios da verdadeira ciência da oração.

“No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da nação dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus.

“No ano primeiro do seu reinado, eu, Daniel entendi pelos livros que o número de anos, de que falou o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos.

“E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e rogos, com jejum, e saco e cinza.

“E orei ao Senhor meu Deus, e confessei, e disse: ‘Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos;

“‘Pecamos, e cometemos iniquidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos;

“‘E não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes, e nossos pais, como também a todo o povo da terra.

“‘A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós a confusão de rosto, como se vê neste dia; aos homens de Judá, e aos moradores de Jerusalém, e a todo o Israel; aos de perto e aos de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa da sua prevaricação, com que prevaricaram contra ti.

“‘Ó Senhor, a nós pertence a confusão de rosto, aos nossos reis, aos nossos príncipes, e a nossos pais, porque pecámos contra ti.

“‘Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão; pois nos rebelamos contra ele,

“‘E não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu pela mão de seus servos, os profetas.

“‘Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso a maldição, o juramento que está escrito na lei de Moisés, servo de Deus, se derramou sobre nós; porque pecámos contra ele.

“‘E ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós, e contra os nossos juízes que nos julgavam, trazendo sobre nós um grande mal; porquanto nunca debaixo de todo o céu aconteceu como em Jerusalém.

“‘Como está escrito na lei de Moisés, todo aquele mal nos sobreveio: apesar disso, não suplicámos à face do Senhor nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades, e para nos aplicarmos à tua verdade.

“‘Por isso, o Senhor vigiou sobre o mal, e o trouxe sobre nós; porque justo é o Senhor, nosso Deus, em todas as suas obras, que fez, pois não obedecemos à sua voz.

“‘Na verdade, ó Senhor, nosso Deus, que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão poderosa, e ganhaste para ti nome, como se vê neste dia, pecámos; obrámos impiamente.

“‘Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças, aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém, do teu santo monte; porquanto por causa dos nossos pecados, e por causa das iniquidades de nossos pais, tornou-se Jerusalém e o teu povo um opróbrio para todos os que estão em redor de nós.

“‘Agora pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo, e as suas súplicas, e sobre o teu santuário assolado faze resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor.

“‘Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos; e ouve: abre os teus olhos, e olha para a nossa desolação, e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias.

“‘Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e opera sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo se chamam pelo teu nome.” *Daniel 9:1-19.*

A Oração Muda as Pessoas

“Com fé fundada na segura palavra da profecia, Daniel pleiteou do Senhor o imediato cumprimento dessas promessas.” {PR 282}, *Profetas e Reis*, 554, 555.

Este parece um exercício desnecessário e na verdade seria, não fosse o facto que o tipo de oração que Daniel orou muda muito aquele que suplica ao trono da graça. A palavra de Deus não precisa de ser mudada. Isto é infalivelmente correcto. As Suas promessas não necessitam de modificações, porque elas também são absolutamente fiáveis e todas as profecias serão cumpridas exactamente como ditas, desde que estejam reunidas as condições adequadas.

Temos de entender melhor do que percebemos, a solene verdade de que a oração muda as pessoas de uma forma tão poderosa quanto necessária para resolver qualquer problema, do mais pequeno ao maior que possa apresentar-se perante nós. Considerai o parágrafo seguinte para obter a confirmação disto. A mensagem que ele contém é tal que incute grande fé viva naqueles que compreendem a realidade da luz.

“Os que por Cristo têm acesso a Deus, têm um trabalho importante a fazer. Agora é o tempo de nos apegarmos ao braço de nosso Poder. A oração de Davi deve ser tanto a dos pastores como dos leigos: ‘É tempo de operares, ó Senhor; pois eles têm quebrantado a Tua lei.’ Salmos 119:126. Que os servos do Senhor chorem entre o pórtico e o altar, dizendo: ‘Poupa a Teu povo, ó Senhor, e não entregues a Tua herança ao opróbrio.’ Joel 2:17. Deus sempre agiu a favor de Seu povo nos lances extremos, quando menos probabilidade havia de ser-lhe evitada a ruína. Os desígnios dos ímpios, dos inimigos da igreja, estão subordinados ao Seu poder e à Sua providência que tudo domina. Pode mover o coração dos estadistas, e desviar a ira dos amotinados e dos adversários, dos que aborrecem a Deus, Sua verdade e Seu povo, como se desviam as correntes dos rios, se assim o entender conveniente. A oração move o braço da Onipotência. Aquele que sustenta em suas órbitas as estrelas, e cuja palavra domina as ondas do grande abismo, o grande Criador, operará a favor de Seu povo se este Lhe suplicar com fé. Restringirá as forças das trevas até que a advertência tenha sido proclamada ao mundo, e todos que a aceitarem estejam preparados para o conflito.” *Testemunhos para a Igreja* 5:452, 453.

Que ninguém cometa o erro de subscrever o conceito popular de que as actividades da natureza, uma vez iniciadas, estão programadas para funcionar dentro de linhas fixas de funcionamento para sempre. Se assim fosse, então o Criador ter-Se-ia tornado escravo da Sua própria criação. As criaturas seriam senhores do Criador. Isso nunca poderá acontecer!

“O mundo antediluviano raciocinava que durante séculos as leis da natureza tinham estado fixas. As estações, periódicas, tinham vindo em sua ordem. Até ali nunca havia caído a chuva; a terra era regada por uma neblina ou orvalho. Os rios jamais haviam passado os seus limites, mas com segurança tinham levado suas águas para o mar. Imutáveis decretos tinham impedido as águas de transbordarem. Mas tais raciocinadores não reconheceram a mão dAquele que conteve as águas dizendo: ‘Até aqui virás, e não mais adiante’. Jó 38:11.

“Passando-se o tempo, sem qualquer mudança aparente na natureza, os homens cujo coração tinha por vezes tremido pelo receio, começaram a refazer-se. Raciocinavam, como muitos fazem hoje, que a natureza está acima do Deus da natureza, e que suas leis são tão firmemente estabelecidas que o próprio Deus não as pode mudar. Raciocinando que a natureza se desviaria de seu curso, se a mensagem de Noé fosse correcta, tornavam aquela mensagem, na mente do povo uma ilusão, um grande engano. Manifestavam seu desprezo pela advertência de Deus, fazendo exactamente como haviam feito antes que fosse apregoada. Continuaram com suas festas e banquetes de glotonaria; comiam e bebiam, plantavam e edificavam, fazendo seus planos com referência às vantagens que esperavam adquirir no futuro; e mais longe foram eles em impiedade, em desatenção arrogante às ordens de Deus, a fim de testemunharem que não tinham medo do Ser infinito. Afirmavam que, se havia alguma verdade no que Noé dissera, os homens de fama — os

sábios, os prudentes, os grandes homens — compreenderiam essa questão.” {PP 58}, *Patriarcas e Profetas*, 96, 97.

Os factos reais do caso são que o Criador está em pleno comando de todas as forças da natureza que Ele chamou à existência. “O mecanismo do corpo humano não pode ser plenamente compreendido; apresenta mistérios que desconcertam o mais inteligente. Não é em resultado de um mecanismo que, uma vez posto a funcionar, continua sua obra, que o pulso bate, e respiração se segue a respiração. Em Deus vivemos e nos movemos, e existimos. O coração palpitante, o pulso em seu ritmo, cada nervo e músculo do organismo vivo é mantido em ordem e atividade pelo poder de um Deus sempre presente.” *A Ciência do Bom Viver*, 417.

Deus Não Limita O Seu Poder

O que significava tudo isto para Daniel quando começou a sua oração ao Todo-Poderoso Criador dos Céus e da Terra? O que significa para nós como base da nossa atitude na oração perante o Altíssimo? Significa que quando pedimos ao Senhor a libertação, sabemos que as Suas mãos não estão atadas pelas Suas próprias leis naturais, colocando-Se onde não nos pode ajudar. Em vez disso, devemos curvar-nos perante Ele, sabendo que:

“Deus está continuamente ocupado em manter e empregar como servos as coisas que criou. Opera por meio das leis da Natureza, delas Se servindo como instrumentos Seus. Elas não agem por si mesmas. A Natureza, em sua obra, testifica da presença inteligente e da atividade de um Ser que opera em tudo segundo a Sua vontade.

“Para sempre, ó Senhor,

A Tua palavra permanece no Céu.

A Tua fidelidade estende-se de geração em geração;

Tu firmaste a Terra, e firme permanece.

Conforme o que ordenaste, tudo se mantém até hoje;

Porque todas as coisas Te obedecem.’ Salmos 119:89-91.’

“Tudo o que o Senhor quis, Ele o fez,

Nos céus e na Terra, nos mares e em todos os abismos.’ Salmos 135:6.

“Mandou, e logo foram criados.

E os confirmou para sempre

E lhes deu uma lei que não ultrapassarão.’ Salmos 148:5-6.” *A Ciência do Bom Viver*, 416.

Evidentemente que o Senhor não opera poderosamente pelo Seu povo quando este não cumpre as condições divinamente indicadas. O verdadeiro arrependimento e a confissão sincera devem preceder a libertação. Quando isto não surge, apesar dos multiplicados avisos enviados ao desobediente, ao ingrato e ao ímpio, as punições ameaçadas não serão evitadas. Mas quando o verdadeiro arrependimento segue ao pecado, como aconteceu no tempo de Jonas e poderia ter sucedido nos dias de Noé, as multidões cujas vidas estão ameaçadas de destruição verão, em vez disso, a ordenada continuação das forças da natureza obedecendo à vontade do seu Criador.

“Se os antediluvianos tivessem acreditado na advertência, e se houvessem arrependido de suas más ações, o Senhor teria desviado Sua ira, como mais tarde fez em relação a Nínive. Entretanto, pela sua obstinada resistência às reprovações da consciência e advertências do profeta de Deus, aquela geração encheu a medida de sua iniquidade, e se tornou madura para a destruição.” {PP 58}, *Patriarcas e Profetas*, 97.

Por isso Daniel, que estava plenamente ciente destes princípios de operação, se virou para Deus com todo o seu coração, enquanto procurava a libertação total para o seu povo. Ele conhecia as muitas promessas registadas em *Isaias*, *Jeremias*, e até algumas dirigidas directamente a si mesmo, como nos capítulos 2, 7 e 8 do seu livro que estamos agora a estudar. Além disso, procurou a restauração de Israel à graça e ao serviço do seu Comandante Supremo. Enquanto orava,

identificava-se como um do seu povo confessando os seus pecados como se fossem os seus próprios pecados.

Pode parecer estranho que Daniel, com um historial de vida de justiça tão limpo como o seu, se confessasse culpado dos pecados de Israel, como se os tivesse cometido, juntamente com o povo em geral. Notai o testemunho seguinte a confirmar isto:

“Eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus”, declarou o profeta, ‘para O buscar com oração e rogos, com jejum, e saco e cinza. E orei ao Senhor meu Deus, e confessei’. Daniel 9:3, 4. Embora Daniel estivesse havia muito na obra de Deus, e dele tivesse sido dito que era ‘mui amado’, agora se apresentava ante Deus como um pecador, expondo veementemente a grande necessidade do povo que amava. Sua oração era eloqüente em sua simplicidade, e intensamente fervorosa.” {PR 282}, *Profetas e Reis*, 555.

Ao longo da sua maravilhosa oração, ele usa expressões como “a minha confissão”, “pecámos”, “rebelámo-nos contra Ele”, e assim por diante, uma e outra vez. Embora se esperasse que ele tivesse dito sobre o resto de Israel: “Eles pecaram”, “procederam com iniquidade”, “eles recusaram-se a ouvir os profetas”. Parecia que Daniel ao expressar-se da forma como fez, estaria a negar a sua experiência cristã. Mas, de facto, Daniel orava tanto por si próprio como por Israel, e nesse caso era inteiramente apropriado que ele incluísse a sua petição por ambos, por si e por Israel nas mesmas palavras na mesma oração.

Além disso, foi uma marca da grande humildade que se manifestou ao assumir a posição que assumiu. Se o espírito de orgulho reinasse dentro dele, ter-se-ia mantido separado e afastado do seu povo. Isto teria sido uma negação do cristianismo em que Cristo, o Rei e Salvador desceu e andou no meio de nós, como um de nós.

Capítulo 14

O Poder da Oração Importuna

Diante de nós avoluma-se ameaçadoramente a maior batalha de sempre nos anais do passado, presente, ou do futuro, a ser travada. O confronto final do grande conflito será travado até que os exércitos opostos dos reinos da iniquidade tenham chegado a um estado de total autodestruição, e não haverá possibilidade de as forças das trevas voltarem a colocar alguma oposição num campo de batalha. A paz eterna terá suplantado a agitação e o sofrimento.

Neste último e derradeiro conflito, os nossos inimigos serão a continuação das mesmas forças com que Daniel teve que lutar, e quanto melhor entendermos os seus confrontos com os governantes e poderes do seu tempo, juntamente com as revelações proféticas abertas perante ele, mais certos estaremos de ocupar o nosso lugar designado no reino vindouro. As mesmas questões estarão em jogo quando a imagem da besta se formar como sucedeu no tempo de Daniel e nos dias de hoje. As mesmas pressões serão exercidas sobre nós para quebrar a nossa confiança em Deus. Será o tempo de prova de todos os tempos, e apenas aqueles que fizerem uma preparação adequada para o mesmo irão ficar firmes. Devemos aprender a ser verdadeiramente competentes no manuseamento das armas da justiça, uma das quais é a verdadeira oração da fé viva – do tipo da que saiu do coração e dos lábios de Daniel. Com isto na mão, as vitórias possíveis para o guerreiro cristão são ilimitadas.

“Os filhos de Deus não foram deixados sós e indefesos. A oração move o braço do Onipotente. As orações ‘venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo’ — saberemos o que isto significa, quando ouvirmos o relato de mártires que morreram por sua fé — ‘puseram em fuga os exércitos dos estranhos’. Hebreus 11:33, 34.” {PJ 88}, *Parábolas de Jesus*, 172, 173.

A Oração Move o Braço do Onipotente

A frase-chave no parágrafo acima é esta. “A oração move o braço do Onipotente.” Um braço parado, excepto quando age como escudo defensivo, não realiza nada, mas um que está em movimento, é produtivo. No caso do Braço do Onipotente, quando está em movimento, executa coisas maravilhosas pela obra de Deus e pelas pessoas como acima se descreve. Tal era o carácter da oração de Daniel, e a razão que o levou a proferi-la.

Mas a questão prática é: como é que a oração persistente pôs em movimento o Braço do Onipotente? A distância não é um factor, pois Deus está instantaneamente em todo o lado e pode responder a todas as sinceras orações repletas de fé que são ditas em qualquer parte do globo simultaneamente.

Nem é o uso da força o instrumento a utilizar para mover o Braço do Onipotente, pois o poder compulsor só se encontra no reino de Satanás, como está escrito:

“Deus poderia haver destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua

autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

Daniel e os seus companheiros travaram grandes batalhas contra poderosas forças militares, políticas e religiosas do seu tempo, e foram triunfantes em todas as ocasiões, mas nunca o fizeram empunhando uma arma carnal, como as tropas armadas fariam. Tal como o seu Comandante, o poder compulsor não foi encontrado entre eles.

Mover o Braço do Onnipotente é então realizado da seguinte forma. É a vontade de Deus que o Seu povo esteja sempre a avançar de um nível para o seguinte mais elevado. Na verdade, “... Jesus lhe disse: ‘Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus.’” *Lucas 9:62*. Não importa quais são as dificuldades que se amontoam no nosso caminho, Deus aponta apenas numa direcção e que é seguir em frente. Este princípio de operação é aplicável em todo o reino de Deus, e em nenhum outro lugar é melhor ilustrado do que quando os israelitas, tão recentemente iniciaram a sua viagem do Egipto para Canaã, chegaram a um obstáculo “intransponível” impedindo qualquer progresso adicional – as águas profundas do Mar Vermelho. Mas para Deus, isso não era problema. Ele simplesmente disse através de Moisés: “Avante!”

“O povo estava cansado e aterrorizado; todavia, se se tivessem conservado para trás quando Moisés lhes ordenou avançar, Deus nunca lhes haveria aberto o caminho.” {PP 201}, *Patriarcas e Profetas*, 290.

Neste pequeno extracto, a forma como o Braço do Onnipotente é movido, é claramente revelada. Aqui está a sequência. Um perigo particular confronta-se com a causa da verdade, e os crentes, sejam eles apenas um ou mais, percebem a necessidade de solucionar a crise e resolver o problema. O Senhor dá a ordem para avançar, aparentemente na ignorância da magnitude do problema que aguarda a solução. Depois espera. O Braço do Onnipotente não se move nesta fase, pois há uma certa condição que deve ser satisfeita antes de poder ser posto em movimento. Esta é a introdução da oração da fé. Quando isso é exercido, o Braço do Onnipotente começa a mover-se. Ele continuará em movimento enquanto a fé permanecer, mas se isto for retirado, o Braço do Onnipotente cessa todo o movimento no avanço e a derrota vem a seguir.

Um convincente exemplo disso é fornecido quando Pedro caminhou sobre as águas tempestuosas de Galileia. Foi o Braço do Onnipotente, agindo em resposta à fé de Pedro, que o impediu de se afundar naquelas ondas furiosas. Enquanto manteve os olhos fixos no seu Salvador, o Braço do Onnipotente foi mais do que suficiente para o sustentar, mas no momento em que ele deixou de se agarrar com firmeza à fé, começou a afundar-se nas profundezas escuras em baixo.

No caso de Daniel, a necessidade de mover o Braço do Onnipotente foi tão grande como era quando Israel partiu do Egipto, e como será durante a nossa breve fuga de Babilónia. Daniel estava plenamente ciente das profecias que declaravam não só o que estava para acontecer, mas também quando isso aconteceria. A sua fé era uma fé abrangente que estava fundada, entre outras grandes verdades evangélicas, sobre a segura palavra da profecia. Isto motivou-o para se aproximar do trono da graça a fim de mover o Braço do Onnipotente.

“Com fé fundada na segura palavra da profecia, Daniel pleiteou do Senhor o imediato cumprimento dessas promessas. Suplicou que a honra de Deus fosse preservada. Em sua petição ele se identificou plenamente com os que não tinham correspondido ao propósito divino, confessando os pecados deles como seus próprios.” {PR 282}, *Profetas e Reis*, 554, 555.

A Profecia É Cumprida Sob Condição de Obediência

Na sua oração, Daniel confessou os muitos pecados de que Israel era culpado, e que tinham de ser afastados para alguma vez haver recuperação da sua liberdade e cumprirem a sua divina comissão. Uma característica muito importante da oração do profeta era que não havia nele um único traço de justificação própria. Israel tinha desobedecido aos expressos mandamentos do

Senhor que lhes foram dados sob forma escrita ou verbal. Ignoraram as advertências que lhes foram enviadas em amor, e perseguiram e mataram os mensageiros do Senhor. Estavam a colher os frutos terríveis de uma abundante sementeira. A rebelião marcou todos os passos que haviam dado.

Para inverter a direcção, para que a oração da fé se tornasse activamente eficaz mais uma vez, o povo tinha que ser levado a ver que a culpa era dele próprio e não de Deus. Satanás tinha-os feito acreditar que a sua perda de saúde e riqueza se devia aos flagelos que lhes foram infligidos por um Deus zangado e ofendido. Portanto, ele constantemente procurou convencê-los de que Deus era um déspota cujas leis exigentes foram de forma egoísta concebidas para exaltar a Si mesmo, enquanto cruelmente oprimia os Seus súbditos. De longe, a grande maioria de Israel, juntamente com os pagãos, geralmente acreditava nestas falsidades sobre o nosso amoroso Redentor e Salvador que Se sacrificou a Si mesmo. Satanás também nos faria acreditar que Deus é o único responsável que deve assumir toda a responsabilidade pela miséria que existe. A verdade é que todo o sofrimento e iniquidade no mundo se devem aos homens, mulheres e crianças que vivem ignorando a lei da causa e do efeito, apesar dos esforços da parte de Deus para tornar esta mensagem verdadeiramente clara, tropeçam cegamente, colhendo os multiplicados frutos da sua própria sementeira.

Mas esta verdade é repetida e reiterada uma e outra vez na oração de Daniel. O povo não obedeceu à voz de Deus nem guardou os Seus mandamentos. Por conseguinte, como consequência directa, todas estas catástrofes desoladoras vieram sobre eles. Não fazia sentido argumentar que todas estas perdas incapacitantes e calamidades empobrecedoras eram o acto de Deus, pois tinham diante deles provas abundantes em contrário. O magnífico templo, por exemplo, com o seu valor financeiro e glória inigualável foi provavelmente a maior perda sofrida, mas tinha sido incendiado pelo soldado babilónico e tinha-se tornado um sacrifício ardente por apenas uma razão. O desobediente recusara-se a abandonar o seu espírito de rebelião. Adicionando pecado ao pecado, tornaram-se maduros para a destruição.

O povo, especialmente ao nível da liderança, tinha rejeitado persistentemente as ofertas divinas, embora as poderosas forças do reino babilónico avançassem e não houvesse esperança de salvamento para além da intervenção do Céu. Na notável libertação do rei Ezequias e dos seus súbditos do formidável exército do rei Senaqueribe, o senhor dos Assírios, Deus revelou verdadeiramente o Seu infinito amor pelo Seu povo. Nesta emocionante demonstração do Seu amor e poder, Deus mostrou como Ele sempre habitaria entre eles, e estaria em paz com eles em condições de obediência fiel. Eles deviam obedecer, não só porque Deus o exigia, mas porque era a única maneira de preservar o glorioso tesouro da vida eterna que Deus em Cristo ganharia para eles no Calvário.

Não tinham desculpa para não saberem disto, pois cada parte foi ilustrada em detalhe no sistema sacrificial. Com o sacrifício de cada vítima, soava a verdade viva de que Deus em Cristo amava tanto os pecadores culpados que estava disposto a morrer no seu lugar. Daniel sabia que qualquer restauração da graça de Deus dependia de eles verem e reconhecerem as suas transgressões, após o que se afastariam todo o mal das suas vidas, e caminhariam desde então unicamente nos caminhos da justiça. Com este fim, fez súplica a Deus com grande importunidade, temendo que Israel não conseguisse mais uma vez cumprir o padrão exigido. Reparai, à medida que estudem repetidamente a maravilhosa oração de Daniel, como ele compreendeu claramente o princípio de que só através de uma obediência estrita, brotando de um coração puro e cheio com a presença do Espírito Santo, poderiam ter sucesso desta vez onde tinham falhado no passado.

Se alguma vez precisaram do Senhor, certamente precisavam d'Ele nesta altura em que os setenta anos da profecia de Jeremias estavam a chegar ao fim. Perante eles estavam as maravilhosas oportunidades contidas no prometido regresso à sua própria terra e a extensa

reconstrução da cidade e do santuário a estabelecer ali. Mas Daniel também sabia que, tão certo como a desobediência lhes tinha roubado a sua prosperidade, a sua saúde, a sua riqueza, e todas as outras bênçãos, não havia possibilidade de nenhum destes tesouros lhes ser restaurado enquanto a desobediência continuasse. Não era apenas uma questão de tempo esgotado, como uma pena de prisão que chegava ao fim. É verdade que os períodos de tempo estavam envolvidos, mas a sua realização estava condicionada à restauração da justiça na vida das pessoas. Quando isto fosse estabelecido dentro dos santos do Senhor, ao ponto de a justiça se ter tornado o seu modo de vida, então o período de tempo da profecia poderia certamente ser cumprido como predito.

A verdade encorajadora é que as importantes profecias do tempo estavam a ser cumpridas exactamente quando e onde Deus disse que estariam, o que só poderia significar que os judeus, ou pelo menos uma boa proporção deles, estavam a cumprir as condições que Daniel, em harmonia com Deus, estava desejoso de ver desenvolver-se entre eles. Eles estavam a aprender e aceitar a eterna verdade que o pecado e não Deus é a causa da morte e todas as desgraças que atormentam a humanidade, enquanto a obediência prestada através da fé no sacrifício de Cristo, é o maravilhoso preservador da vida. À medida que esta percepção nascia nas suas mentes, o inestimável dom do verdadeiro arrependimento tornou-se estabelecido nos seus corações, e como um povo completamente castigado, corrigiram os seus caminhos.

A Influência da Oração e da Vida de Daniel

Entretanto, Deus estava a trabalhar num segundo aspecto da sua libertação – o colapso do reino babilónico. Enquanto este grande poder universal permaneceu supremo no mundo, e foi, ao mesmo tempo caindo em apostasia cada vez mais profunda e rebelião incurável, não havia esperança de permitir que os judeus regressassem e reconstruíssem Jerusalém. Era muito mais provável que os babilónios completassem a destruição do povo judeu, em vez de os libertarem com as despesas pagas. (Vede *Esdras* 1:1-11; *Esdras* 6:8-10; *Esdras* 7:16-22; *Esdras* 8:24-34).

Na destruição de Babilónia, Deus empregava apenas as armas que eram consistentes com o Seu carácter, e em harmonia com a Sua forma de construir o reino. Neste trabalho, empregou tanto Dario, o Medo, como Ciro, o Persa.

“A oração de Daniel tinha sido proferida ‘no ano primeiro de Dario’ (Daniel 9:1), o rei medo cujo general, Ciro, tinha arrebatado de Babilónia o cetro do governo universal. O reinado de Dario foi honrado por Deus. A ele foi enviado o anjo Gabriel, ‘para o animar e fortalecer’. Daniel 11:1. Após sua morte, cerca de dois anos depois da queda de Babilónia, Ciro o sucedeu no trono, e o início do seu reinado marcou o fim dos setenta anos desde que o primeiro grupo de hebreus tinha sido levado cativo por Nabucodonosor, de sua pátria judaica para Babilónia.” {PR 283}, *Profetas e Reis*, 556, 557.

Sem dúvida, a poderosa oração de Daniel foi um factor muito real para tornar possível que o remanescente do povo judeu regressasse à sua terra natal, onde a obra de Deus se centrou na reconstrução da cidade de Jerusalém e do templo. Esta era uma obra que só podia ser realizada sob supervisão divina, e no poder de Deus todo-poderoso. Tais suprimentos só estavam disponíveis através do exercício da fé viva, como é demonstrado pela vida e pelo ministério do profeta Daniel. Foi para restaurar a causa da verdade e da justiça que Daniel orou tão sinceramente e com sucesso.

A oração de Daniel destinava-se a prepará-lo e ao povo judeu para o seu novo estatuto de homens e mulheres livres. Ela conseguiu isto da forma mais eficaz. Mas a sua oração repleta de poder não foi a única medida adoptada para conseguir este objectivo. Deus também usou acontecimentos notáveis como a libertação de Daniel da cova dos leões a fim de revelar o Seu poder de executar a Sua vontade. Outro passo na preparação da mente do Rei Ciro para o regresso dos

exilados à sua pátria foi realizado com a revelação ao rei de que tinha sido profetizado pelo nome para ser o ungido divino para servir assim o Governante do Céu e da Terra.

Ter conseguido este resultado constituiu uma vitória notável. Observemos estes factores decisivos como são resumidos no parágrafo seguinte:

“O livramento de Daniel da cova dos leões tinha sido usado por Deus para criar uma impressão favorável no espírito de Ciro o Grande. As excelentes qualidades do homem de Deus como estadista de vistas largas levou o governante persa a mostrar-lhe marcado respeito e a honrar suas decisões. E agora, justo no tempo em que Deus tinha dito que faria fosse o Seu templo em Jerusalém reconstruído, Ele moveu Ciro como Seu instrumento para discernir as profecias com respeito a ele mesmo, com as quais Daniel estava tão familiarizado, e a conceder ao povo judeu a sua libertação.” {PR 283}, *Profetas e Reis*, 557.

Havia pelo menos três razões para que uma influência extra poderosa fosse exercida sobre os reis medo-persas induzindo-os a libertar os seus cativos judeus. No primeiro caso, eles eram uma grande e valiosa força de trabalho que o rei preferia empregar na construção de grandes obras para o seu glorioso reinado e um fortalecido reino.

Uma segunda razão para um antigo e muito poderoso monarca manter os seus prisioneiros espalhados por todo o lado era para que assim fosse muito mais difícil para eles organizar uma revolta contra o império. Aqueles reis dos tempos antigos viviam com medo constante de perder os seus tronos e as suas cabeças.

Em terceiro lugar, Israel tinha uma grande reputação em regressar dos mortos. Quando, em certas ocasiões, parecia que não tinham esperança, tinham-se levantado para conseguir algumas das suas maiores façanhas. Eles provaram a si mesmos que eram uma força a ser levada em conta, e nenhum rei lhes daria a liberdade de ânimo leve. No entanto, sob a poderosa influência emanada de Daniel, e reforçada pela sua maravilhosa oração, os reis Medo-Persas estavam preparados para os libertar. Isto foi nada menos que um desenvolvimento notável.

Essa é a poderosa força da influência para o bem ou para o mal.

“Toda alma está circundada de uma atmosfera própria, que pode estar carregada do poder vivificante da fé, do ânimo, da esperança, e perfumada com a fragrância do amor. Ou pode estar pesada e fria com as nuvens do descontentamento e egoísmo, ou intoxicada com o contato mortal de um pecado acariciado. Pela atmosfera que nos envolve, toda pessoa com quem nos comunicamos é consciente ou inconscientemente afetada.” {PJ 181}, *Parábolas de Jesus*, 339.

Um Homem Muito Amado No Céu

Não há dúvida que a vida de Daniel foi uma influência do tipo mais positivo, tanto que o anjo Gabriel pôde dizer-lhe que ele era um homem muito amado no Céu. Ver *Daniel* 9:23. O que motivou a afirmação de que Daniel era muito amado, foi a sinceridade, integridade e poder encontrados na notável oração de Daniel, apoiada por uma vida inteiramente dedicada a Deus. Este é um nível de estima muito maravilhoso o qual deve ser mantido, ultrapassando como faz qualquer insígnia de excelência com que os homens possam procurar adornar uns aos outros. Na melhor das hipóteses, esta é conferida apenas, de acordo com o julgamento humano falível, transitório e humano que tem pouco se algum valor. Aqueles que perseguem os louvores dos homens à custa da aprovação do Céu tropeçarão na ruína mais cedo ou mais tarde.

Daniel foi muito amado não só porque era nascido de novo, como são todos os verdadeiros cristãos, e assim possuía dentro de si a vida e o espírito de Cristo, o Seu Redentor, mas também porque ele tinha vivido uma vida de grande utilidade para a causa de Deus. O seu espírito era de sacrifício, altruísmo e amor abnegado. Há muitos outros que foram amados no Céu, como todos os mártires que sacrificaram as suas vidas pela causa de Cristo. Alguns são descritos na Bíblia, como Dorcas, Lázaro, João (o discípulo mais jovem de Cristo), e o próprio Cristo.

Não é segredo como podemos chegar ao ponto onde o Senhor nos despreverá como sendo “muito amados”. Isto é conseguido dedicando as nossas vidas à comunhão com Deus e ao serviço abnegado. Mais uma vez, a grande oração de Daniel é um modelo do tipo de oração que nos leva a tal proximidade com o Pai, que seremos como o nosso Mestre em espírito e na vida.

Conhecer a Hora da Visitação

A grande oração de Daniel de fé viva foi um factor vital para garantir que fosse aberto o caminho para os reis Dario e Ciro ordenarem a libertação dos seus valiosos cativos, o que, por sua vez, abriu o caminho para a vinda do Messias e da Sua morte sacrificial. Na concretização bem-sucedida da libertação de Israel da escravidão em Babilónia, foi realizado um desenvolvimento muito importante e, de facto, significativo. Embora apenas um remanescente de cerca de cinquenta mil ser suficientemente dedicado para regressar, e apesar da praga da apostasia reaparecer como nos tempos antigos, ainda assim, os fundamentos de muitas gerações permaneceram e sobre eles homens nobres, como Esdras e Neemias e aqueles que os seguiram fielmente, levando a obra mais longe. Embora a apostasia tivesse roubado aos judeus a espiritualidade dos ensinamentos da sagrada palavra de Deus, eles ainda eram os guardiães da verdade. Isto continuou assim até ao final da sétima semana da profecia de *Daniel* 9. Infelizmente para a maioria, confundiram o Messias com o inimigo e foram assim levados a rejeitá-l’O. Com apenas sete anos para alcançar o recebimento da verdade viva no coração do Seu povo escolhido, antes de Ele e os seus fiéis seguidores serem separados do judaísmo para sempre, Cristo não teve descanso.

Este padrão tem sido repetido pelos judeus, pela Igreja Apostólica, pelos Reformadores Protestantes e pela Igreja Adventista do Sétimo-Dia. Todos proclamaram a verdade presente, a mensagem para o seu tempo. Infelizmente, porém, não foram mais longe e assim ficaram aquém, apesar da advertência para estarem atentos à apostasia. Mas deixaram para trás uma herança preciosa de uma verdade sempre a avançar. A nova luz foi sempre saudada por aqueles que estavam progressivamente a seguir onde Deus liderava o caminho, e períodos de grandes trevas foram dissipadas pelo brilho de novas e radiantes revelações da verdade.

Daniel foi um daqueles que, no seu tempo, caminhava à luz do que era a verdade presente para o seu tempo. Ao mesmo tempo, ele compreendeu a perigosa possibilidade do tempo de oportunidade chegar e passar sem que o povo do Senhor desse pela hora da sua visitação. Ver *Lucas* 19:44, *1 Pedro* 2:12. Isto produziu nele uma ansiedade que o levou a dobrar os seus joelhos para suplicar com importunidade para que os filhos de Israel não falhassem nesta hora crítica. Ele orou para que se dedicassem a essa estrita obediência que, se viesse de um coração em quem está o espírito vivo da obediência, garantiria que o trabalho de Deus na Terra avançaria de vitória em vitória.

Este trabalho por parte de Daniel será paralelo ao do povo de Deus na finalização do edifício sobre as fundações de muitas gerações quando:

“E os que de ti procederem edificarão as antigas ruínas; e levantarás os fundamentos de geração em geração; e chamar-te-ão reparador das roturas, e restaurador de veredas para morar.” *Isaías* 58:12.

Mais uma vez, homens e mulheres da hora compreenderão, de acordo com a segura palavra da profecia, exactamente onde está o povo de Deus. Compreenderão com profunda convicção que a violação da lei é a causa de todo o sofrimento e perda humana. Eles estarão tão conscientes como Daniel da sua necessidade de entrar no mais profundo arrependimento. E serão homens e mulheres que sabem como jejuar e orar. Deles está escrito:

“Os que forem fiéis a Deus serão ameaçados, denunciados, proscritos. Serão entregues ‘pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos’ até mesmo à morte. *Lucas* 21:15. Sua única esperança está na misericórdia de Deus; sua única defesa será a oração. Como Josué suplicou perante o anjo, assim a igreja remanescente, com quebrantamento de coração e inabalável fé, suplicará perdão

e livramento por meio de Jesus, seu Advogado. Estão inteiramente cômnicos da pecaminosidade de suas vidas, vêm sua fraqueza e indignidade; e estão a ponto de desesperar.” {PR 300}, *Profetas e Reis*, 588.

Desse povo que se aproxima, que faz orações importunas como a de Daniel, estudaremos mais tarde.

Capítulo 15

A Interpretação e a Visão

Foi com uma velocidade incrível que Deus ouviu e respondeu às orações de Daniel em *Daniel* 9, pois parece que assim que começou a orar, Gabriel veio das cortes celestiais com a resposta, como se escreve:

“Ao prosseguir a oração de Daniel, o anjo Gabriel vem voando das cortes celestiais para lhe dizer que suas petições foram ouvidas e atendidas. Este poderoso anjo é comissionado para dar-lhe perícia e compreensão — para abrir perante ele os mistérios dos séculos futuros. Assim, enquanto ardentemente buscava saber e compreender a verdade, Daniel foi levado em comunhão com o mensageiro delegado pelo Céu.” {Sa 54}, *Santificação*, 48.

Não fomos informados sobre que velocidade os anjos são capazes de voar, excepto que deve ser extremamente grande. Parece que a maior velocidade que podemos medir é a velocidade da luz, que está perto de 300 mil quilómetros por segundo. Um ano-luz é a distância que a luz viaja através de um vácuo em um ano. Ninguém pode mover-se a velocidades tão tremendas através do espaço. Quantos anos-luz existem entre esta Terra e as cortes celestiais que não conhecemos, mas é certo que serão consideráveis. O que somos capazes de dizer é que o Céu foi muito pronto a voar até ao profeta com a resposta que resolveu as questões que o perturbavam.

Isto recorda-nos a experiência de Elias que, com a mesma procura de coração, apelou à libertação de Israel da terrível seca. Tal como Daniel, Elias era um homem verdadeiramente justo, que reconheceu que não foi Deus, mas o pecado que tinha trazido Israel para tão desesperadas dificuldades, e que só o verdadeiro arrependimento, seguido de um regresso à obediência estrita, poderia restaurá-los à prosperidade mais uma vez. Em nome do seu amado povo, Elias suplicou ao Todo-Poderoso uma profunda, permanente experiência cristã.

“O servo observava enquanto Elias orava. Seis vezes voltou da sua vigia, dizendo: 'Não há nada, nem nuvem, nem sinal de chuva. Mas o profeta não desistiu nem desanimou. Ele manteve-se revendo a sua vida, para ver onde tinha falhado em honrar a Deus, confessou os seus pecados, e assim continuou a afligir a sua alma perante Deus, enquanto procurava um sinal de que a sua oração fora respondida. À medida que examinava o seu coração, parecia ser cada vez menor, tanto na sua própria opinião como à vista de Deus. Pareceu-lhe que ele não era nada, e que Deus era tudo; e quando ele chegou ao ponto de se renunciar a si mesmo, enquanto se agarrava ao Salvador como a sua única força e justiça, a resposta veio. O servo apareceu, e disse: 'Eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem, subindo do mar.'” *The S.D.A. Bible Commentary* 2:1035.

Quando Elias ouviu este anúncio do seu fiel servo, soube que a sua oração tinha sido respondida e agiu imediatamente.

No caso de Daniel, uma vez caído o reino de Babilónia, como ele sabia que aconteceria, virou a sua atenção mais particularmente para o estudo do livro de Jeremias, o que lhe permitiu compreender que os acontecimentos preditos estavam em vias de ser cumpridos. Acerca desta experiência escreveu:

“No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus,

“No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros que o número dos anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de cumprir-se as desolações de Jerusalém, era de setenta anos.” *Daniel* 9:1, 2.

Daniel aparentemente não teve dificuldade em compreender esta parte da palavra profética, mas outra questão foi entender qual era a relação entre os setenta anos desta previsão e os dois mil e trezentos dias da profecia, como registado em *Daniel* 8:14.

Mediante outra visão foi derramada luz adicional sobre os acontecimentos do futuro; e foi ao final desta visão que Daniel ouviu ‘um santo que falava; e disse a outro santo aquele que falava: Até quando durará a visão?’ *Daniel* 8:13. A resposta: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado’ (*Daniel* 8:14), encheu-o de perplexidade. Ferventemente procurou entender o significado da visão. Ele não podia compreender a relação dos setenta anos do cativo como preditos por Jeremias, para com os dois mil e trezentos anos que nessa visão ouvira o visitante declarar que decorreriam antes da purificação do santuário. O anjo Gabriel lhe deu uma interpretação parcial; mas quando o profeta ouviu as palavras: ‘Só daqui a muitos dias se cumprirá’, ele desmaiou. ‘Eu, Daniel, enfraqueci’, escreveu ele sobre esta experiência, ‘e estive enfermo alguns dias; então levantei-me, e tratei do negócio do rei. E espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse’. *Daniel* 8:26, 27.” {PR 281}, *Profetas e Reis*, 554.

A Parte da Visão Não Explicada

Com a chegada de Gabriel após a queda de Babilónia, trazendo consigo luz adicional sobre a visão, foi dito a Daniel “... considera, pois, a palavra, e entende a visão.” *Daniel* 9:23. Não lhe foi dito que o assunto e a visão seriam fáceis de compreender, mas que lhe seria dada a capacidade ou a acrescida aptidão de os compreender. Eis o seu anúncio nesse sentido: “Ele me instruiu, e falou comigo, dizendo: ‘Daniel, agora saí para fazer-te entender o sentido.’” *Daniel* 9:22.

Como referido acima, Daniel é instruído pelo poderoso anjo Gabriel a considerar o assunto e entender a visão. Embora a “interpretação” e a “visão” sejam duas coisas diferentes, estão inseparavelmente relacionadas. Aquilo que perturbou Daniel só pode ter sido a “interpretação” do período de tempo, nomeadamente quando e como a profecia de *Jeremias* 25:12 seria cumprida. A “visão” deve ser remetida ao ponto em que havia, de facto, uma visão ou uma parte de uma que precisava de ser explicada por Deus através de Gabriel.

Podemos encontrar essa porção da profecia para a qual faltava a explicação em *Daniel* 8:14, que diz: “E ele me disse: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.’” Isto definitivamente precisava de ser interpretado mais completamente. Pois quando foi apresentado a Daniel pela primeira vez, provou ser uma tristeza demasiado grande para ele suportar, fazendo com que desmaiasse, ficando doente durante um período de tempo, e ficar confinado à sua cama por alguns dias, como referido anteriormente.

Agora Gabriel tinha voltado para dar a parte seguinte da interpretação, como registado nos últimos quatro versículos de *Daniel* 9.

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo.

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos.

“E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações.

“E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.” *Daniel 9:24-27*.

Estes versículos não contêm uma visão ou mesmo uma parte dela que precise de uma explicação ou interpretação. Em vez disso, eles próprios são interpretações. Notai também que a parte de *Daniel 8* para a qual é necessária uma interpretação, é a parte que trata com o tempo. Assim, a interpretação trata do tempo. Por outras palavras, *Daniel 9:24-27*, é a explicação de *Daniel 8:14*. Caso contrário, *Daniel 9:24-27* não tem ligação com nada, e *Daniel 8:14* não tem explicação nem propósito ou direcção. Sem a colocação da profecia das setenta semanas na sua relação correcta com os dois mil e trezentos anos, toda a força e poder são separados da descrição do ponto alto do grande conflito.

A Razão para o Atraso da Explicação

Poderíamos desejar que Daniel não tivesse desmaiado, mas que tivesse sido especialmente fortalecido de modo a deixar-nos uma interpretação completa de *Daniel 8*. Poderia parecer-nos que seria muito mais fácil se *Daniel 8*, e o que está agora no capítulo nove, tivesse sido incluído no capítulo oito. Mas um propósito divino está subjacente a cada palavra nas Escrituras e não há erros na administração do plano de salvação. Nesse caso, temos de compreender que é muito melhor que a explicação do período de tempo tenha sido adiada para depois da queda de Babilónia.

Daniel podia ter sido fortalecido ao ponto de não ter sucumbido às pressões que o fizeram desmaiar. Como vimos, um excelente exemplo da capacidade de Deus para fortalecer os Seus filhos para receber revelações especiais de Si mesmo é fornecido na experiência de João, o apóstolo que sempre gostou de estar mais próximo do Salvador.

“João, que assim tem amado seu Senhor e resolutamente aderido à verdade em face de aprisionamento, açoites e ameaças de morte, não pode suportar a excelente glória da presença de Cristo, e cai por terra como ferido de morte. Jesus, então, põe a mão sobre o corpo prostrado de Seu servo, dizendo: ‘Não temas; Eu sou ... o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre’. João foi fortalecido para viver na presença de seu glorificado Senhor; e então foram apresentados perante ele, em santa visão, os propósitos de Deus para os séculos futuros. As gloriosas atrações do lar celestial foram-lhe reveladas. Foi-lhe permitido olhar para o trono de Deus e contemplar a multidão dos remidos com vestes brancas. Ouviu a música dos anjos celestiais e os cânticos triunfais daqueles que venceram pelo sangue do Cordeiro e a palavra do seu testemunho.” {Sa 86}, *Santificação*, 78.

Por que foi então alcançado um propósito divino no adiamento da explicação de *Daniel 8:14*? Foi para que se pudesse ver claramente que não havia mudança na obra do evangelho a ser realizada nos corações e na vida dos filhos de Deus. A mesma obra devia ser feita por aqueles que regressavam de Babilónia em 457 a.C. e no final dos 2.300 anos. Em ambos os casos, o Senhor trouxe-os para fora a fim de acabar com os pecados e introduzir a justiça eterna.

Mas, ao olhar para o chamamento de Deus aos doze filhos originais de Israel, Daniel viu um padrão ininterrupto de bons começos seguidos de uma repetição de desobediência, apostasia, opressão e escravidão. Este ciclo parecia ser repetido infinitamente. Depois veio o retrato de acontecimentos futuros dominados por mais exposições de opressão satânica que eram, ao que parecia, recorrentes e sem nunca ter fim. Não admira que a pergunta tenha sido feita em *Daniel 8:13* quanto ao tempo em que isto iria continuar.

Para o povo judeu como nação, foi estabelecido um período de tempo de provação, pois Deus previu que chegariam ao ponto de apostasia sem retorno do qual nunca poderiam regressar. Esse período de tempo de prova para eles é especificado nestas palavras: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar

fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo.” *Daniel* 9:24.

Não havia qualquer questão de inevitabilidade envolvida em tudo isto. Tanto Deus como os Seus fiéis mensageiros se esforçaram ao máximo para salvar o povo judeu do terrível destino que escolheram na sua determinação de fazer o que estava errado. Nem o período de tempo foi arbitrariamente seleccionado. Deus, conhecendo todos os detalhes do seu futuro, e assim compreendendo todos os factores que viriam para eles suportarem no seu caso, sabia de antemão exactamente quanto tempo seria gasto por eles nas suas idas e vindas a favor e contra Ele. Portanto, o tempo não foi determinado pelo julgamento humano, mas indicado por Deus como um anúncio de quando todas estas forças e contra-forças chegariam à maturidade total. Isso seria no final das setenta semanas de tempo profético ou quatrocentos e noventa anos de tempo literal.

A Identificação do Tempo Profético

Nos livros de *Daniel* e *Apocalipse* todas as grandes profecias de tempo simbólico devem ser interpretadas de acordo com o princípio de que um dia simbólico é igual a um ano literal. Assim, os períodos de 1, 7 e 62 semanas, e 490, 1.260, 1.290, 1.335, e 2.300 dias são cumpridos como esse número em anos.

Com a complexa inter-relação destas profecias de tempo específico, é essencial que pelo menos um exemplo tenha um ponto de partida e final claramente identificável e incontestável e claramente identificado como confirmação do sistema. Isto é fornecido dentro da profecia das setenta semanas ou 490 dias, que são 490 anos literais. O ponto de partida histórico é a conclusão da ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém. Da mesma forma, há um ponto final histórico fixo que é determinado pelo aparecimento do Messias no início da última semana. O Messias iniciou o Seu ministério exactamente 483 anos depois do ponto de partida, em 27 d.C.

Tanto o ponto inicial como o final destas 69 semanas estão contidos em *Daniel* 9:25: “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos.”

Há três acontecimentos muito significativos que ocorreram na missão de Cristo no início do Seu ministério público que marcou o fim dos 483 anos. O primeiro deles foi a Sua unção pelo Espírito Santo como o ungido ou o Messias. Assim está escrito:

“Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Messias, o Príncipe, sete semanas, e sessenta e duas semanas’ — a saber, sessenta e nove semanas ou 483 anos. O decreto de Artaxerxes entrou em vigor no outono de 457 antes de Cristo. A partir desta data, 483 anos estendem-se até o outono do ano 27 de nossa era. Naquele tempo esta profecia se cumpriu. A palavra ‘Messias’ significa o ‘Ungido.’ No outono do ano 27 de nossa era, Cristo foi batizado por João, e recebeu a unção do Espírito. O apóstolo Pedro testifica que ‘Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude.’ Atos 10:38. E o próprio Salvador declarou: ‘O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres.’ Lucas 4:18. Depois de Seu batismo Ele foi para a Galiléia, ‘pregando o evangelho do reino de Deus, e dizendo: O tempo está cumprido.’ Marcos 1:14, 15.” *O Grande Conflito*, 327.

Sem a unção especial do Espírito Santo, teria sido impossível Cristo ter desempenhado a missão do Messias. Mas, tragicamente, embora o anúncio de que o Messias estava entre eles fosse

tão claro e tão visível que os judeus não tinham necessidade de procurar mais, nem esperar mais para que Ele aparecesse, não conheceram o dia da sua visitação.

“Entre a multidão à beira do Jordão, poucos, além do Batista, divisaram essa visão celeste. Entretanto, a solemnidade da divina presença repousou sobre a assembléia. O povo ficou silencioso, a contemplar a Cristo. Seu vulto achava-se banhado pela luz que circunda sem cessar o trono de Deus. Seu rosto erguido estava glorificado como nunca dantes tinham visto um rosto de homem. Dos céus abertos, ouviu-se uma voz, dizendo: ‘Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo’. Mateus 3:17.” {DTN 68}, *O Desejado de Todas as Nações*, 112.

Mas o facto de o acontecimento não ter sido reconhecido pelo que era, não mudou o seu significado. O Messias tinha chegado, tinha sido ungido para o seu ofício pelo Espírito Santo, e Ele cumpriria na plenitude o que tinha vindo realizar. Não havia ninguém nem nada que pudesse mudar esses factos. A profecia tinha declarado que desde a saída do decreto para reconstruir e restaurar a cidade de Jerusalém, o templo e os seus serviços, até à chegada do Messias, o Príncipe, seriam necessários 483 anos, e exactamente no tempo, no Outono de 27 d.C., Ele veio à Sua unção.

O Dom de Cristo

O segundo evento que marcou o início do Seu ministério como Messias, foi a ocasião do Seu primeiro milagre, a transformação da água em vinho nas bodas em Caná, na Galileia. Ao descrever o significado desse episódio está escrito que: “Jesus não começou Seu ministério por alguma grande obra perante o Sinédrio em Jerusalém. Numa reunião familiar, em pequenina vila galiléia, foi manifestado Seu poder para aumentar a alegria das bodas. Assim mostrou Sua simpatia para com os homens, e desejo de lhes proporcionar felicidade. Tentado, no deserto, bebera Ele próprio o cálice da aflição. Dali saíra para oferecer aos homens uma taça de graças celestiais, mediante Sua bênção que santificaria as relações da vida humana. {DTN 92}.” *O Desejado de Todas as Nações*, 144.

Seria impossível para nós encontrar uma declaração mais apropriada do que Cristo veio cumprir, do que o Seu milagre de transformar a água em vinho na festa do casamento. Isto é enfaticamente verdade, pois a salvação é realizada pelas bodas que o Pai faz para o Seu Filho, como declarado na parábola da veste nupcial. Ver *Mateus 22:1-14*.

Por outras palavras, todas as pessoas, sem excepção, que recebem o dom da salvação, estão, na verdade, a entrar numa relação muito real de matrimónio com Cristo. Ver *Romanos 7:1-4*. Torna-se da mais elevada consequência que compreendamos a verdadeira realidade desta relação, pois não é uma mera forma de dizer, mas uma experiência pessoal viva. A divindade é um dos parceiros; a humanidade é o outro; e a veste nupcial é o manto da verdadeira justiça que todos devem vestir para se qualificarem para um lugar na sala das bodas.

“A parábola das bodas apresenta-nos uma lição da mais elevada importância. Pelas bodas é representada a união da humanidade com a divindade; a veste nupcial simboliza o carácter que precisa possuir todo aquele que há de ser considerado hóspede digno para as bodas.” {PJ 164}, *Parábolas de Jesus*, 307.

Examinemos resumidamente a verdade pela qual Cristo agiu ao fazer o Seu primeiro milagre. A validade desta lição baseia-se no facto de que no plano de salvação, o vinho simboliza a vida.

Há três acontecimentos muito significativos que ocorreram na missão de Cristo no início do Seu ministério público.

1. A Sua unção pelo Espírito Santo como o ungido ou o Messias. (*O Grande Conflito*, 327.)
2. A ocasião do Seu primeiro milagre. (*O Desejado de Todas as Nações*, 144, {DTN 92}.)
3. A purificação do templo em Jerusalém. (*O Desejado de Todas as Nações*, 161, DTN 103.)

Assim, a vida que Deus deu a Adão e Eva no Éden foi simbolizada pelo vinho na festa das bodas. A falta do suprimento na festa do casamento significou a perda de vidas através do pecado. Por isso que Jesus foi a um casamento, o cenário para a perpetuação da vida, e verificou-se que o vinho tinha acabado. Era necessário um novo suprimento. Jesus completou essa necessidade no casamento, pelo qual Ele declarou que podia e daria outra vida à humanidade para substituir aquela que esta tinha perdido. O que eles precisavam era de um novo suprimento de vida, como Cristo veio dar. Simbolicamente, fê-lo fornecendo uma renovada importância do casamento declarando assim o que Ele pela promessa do concerto faria realmente.

Mas a mensagem não fica por aqui. Quando o vinho foi provado à mesa, verificou-se que era de qualidade superior. Da mesma forma, a vida que Cristo nos dá é superior à vida que Adão possuía, mas perdida através do pecado. Deve ser lembrado, neste contexto, que o plano de salvação se destina a fazer mais por nós do que fornecer-nos o perdão, vital e indispensável como esse dom é. Também tem o objectivo de restaurar a vida em nós. Tem que ser assim, pois um homem morto perdoado não é melhor ou pior do que um homem morto sem perdão. Ele precisa tanto de perdão como de vida, como simbolizado pelo vinho superior fornecido na festa das bodas em Caná. Tal foi a promessa feita por Cristo em produzir pessoas justas a partir daqueles outrora mergulhados em iniquidade, e apresentá-los sem faltas perante o trono da graça.

“Jesus recusou receber a homenagem de Seu povo até haver obtido a certeza de estar Seu sacrifício aceito pelo Pai. Subiu às cortes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação de que Sua expiação pelos pecados dos homens fora ampla, de que por meio de Seu sangue todos poderiam obter a vida eterna. O Pai ratificou o concerto feito com Cristo, de que receberia os homens arrependidos e obedientes, e os amaria mesmo como ama a Seu Filho. Cristo devia completar Sua obra, e cumprir Sua promessa de que ‘o varão será mais precioso que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado’ (Isaías 13:12, Trad. Figueiredo). Todo o poder no Céu e na Terra foi dado ao Príncipe da Vida, e Ele voltou para Seus seguidores num mundo de pecado, a fim de lhes comunicar Seu poder e glória.” {DTN 559}, *O Desejado de Todas as Nações*, 790.

O terceiro acontecimento que sucedeu 483 anos após o decreto real ter sido emitido pelo rei medo-persa em 457 a.C. foi a purificação do templo em Jerusalém. Isto ocorreu quando Jesus chegou à capital nacional pela primeira vez após o Seu baptismo, e depois de ter sido tentado três vezes no deserto pelo diabo. Sozinho e sem ajuda, expulsou os compradores e vendedores, e todas as suas aves e animais. Foi um feito dramático, que os relatos foram logo espalhados por toda a terra. Desta forma, Cristo confirmou pessoalmente que Ele era, de facto, o Messias em cuja obra Ele estava então a entrar.

A Purificação do Templo

“Com a purificação do templo, anunciou Jesus Sua missão como Messias.” {DTN 103}, *O Desejado de Todas as Nações*, 161.

Ele não fez um discurso público anunciando quem era, nem a missão a que vinha. Todas essas informações tinham sido enviadas antes através do ministério dos profetas, tinham sido representadas nos maravilhosos rituais do sistema sacrificial, e tinham sido reveladas nas relações providenciais de Deus com o Seu povo. Muito antes e até Ele vir, os filhos de Israel deveriam ter sido os mais bem informados de todos os povos na Terra em relação ao modo de salvação e vida de Deus, mas eles tinham permitido que uma nuvem escura e pesada de incredulidade lhes roubasse a capacidade de distinguir a luz da escuridão, da verdade do erro, e a voz de Deus da de Satanás.

Em teoria, eram bem versados nas Escrituras, o que significava que no dia em que Cristo esvaziou o templo do seu tráfico profano, deveriam ter sido capazes de ler o significado das Suas acções justas. Mas não viram luz nelas. Em vez disso, usaram-nas como fonte de amarga hostilidade em relação ao Salvador. Por isso, eles e o Messias ficaram presos numa terrível batalha que

se prolongou com fúria implacável ao longo de todos os dias do Seu ministério como Ungido de Deus.

O poder dirigido contra o Messias e os seus seguidores não era de magnitude média, como Paulo e os seus companheiros descobriram no campo de batalha onde quer que enfrentassem o inimigo. Paulo, portanto, avisou os seguidores de Cristo da verdade de que enfrentariam forças sobrenaturais que lhes poderiam causar grandes danos, e, na verdade, poderiam acabar com eles completamente. Por isso, escreveu:

“Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.” *Efésios 6:12*.

Cristo também compreendeu com mais clareza a natureza e a força das forças alinhadas contra Ele, e que seria impossível para qualquer ser humano manter com sucesso um argumento com o diabo.

“Tende em mente que não há outro além de Deus que pode manter uma discussão com Satanás. Os sentimentos do inimigo devem ser enfrentados com o claro: ‘Assim diz o Senhor.’ Fui instruída que a enfermidade humana não será capaz de resistir ao diabo.” *The Review and Herald*, 6 de Setembro de 1909.

“Cristo levou as mentes dos Seus discípulos a um monte, e mostrou-lhes a vasta confederação disposta contra Si para a batalha, Ele que veio como a luz e a vida dos homens. Ele disse-lhes que lutariam não só contra a carne e o sangue, mas contra os principados e poderes, contra o senhor das trevas deste mundo, contra a maldade espiritual em lugares elevados. Lembrou-lhes que estavam envolvidos numa guerra da qual dependiam resultados eternos. Observados pelo universo celestial, estavam a lutar contra principados e potestades. Mas não foram deixados dependentes da sabedoria humana ou recursos humanos. Eles deviam trabalhar como vendo Aquele que é invisível.” *The Review and Herald*, 15 de Março de 1898.

A Necessidade de Poder Ilimitado

No Seu terceiro anúncio de que tinha chegado o início da Sua obra como Messias, Jesus mostrou que entendia as forças com as quais teria de batalhar, dando uma demonstração do Seu ilimitado poder para derrotar os poderes das trevas e pôr o inimigo em fuga. Recapitulemos resumidamente a cena no pátio do templo. Durante muitos anos, tinha sido prática aceite usar o pátio do templo como um mercado onde animais e aves sacrificiais eram vendidos a pessoas que não podiam trazer as suas oferendas com eles de longas distâncias.

“Grande era o número de sacrifícios oferecidos por ocasião da Páscoa, e avultadas as vendas no templo. A conseqüente confusão dava a idéia de uma ruidosa feira de gado, e não do sagrado templo de Deus. Ali se podiam ouvir ásperos ajustes de compras, o mugir do gado, o balir de ovelhas, o arrulho de pombos, de mistura com o tinir de moedas e violentas discussões. Tão grande era a confusão, que os sacerdotes eram perturbados, e as palavras dirigidas ao Altíssimo, afogadas pelo tumulto que invadia o templo. Os judeus orgulhavam-se extremamente de sua piedade. Regozijavam-se por causa de seu templo, e reputavam blasfêmia uma palavra proferida em desmerecimento do mesmo; eram muito rigorosos quanto à execução das cerimônias com ele relacionadas; o amor do dinheiro, porém, desfazia todos os escrúpulos. Mal se apercebiam de quão longe tinham sido levados do original desígnio do serviço instituído pelo próprio Deus.” {DTN 101}, *O Desejado de Todas as Nações*, 155.

Sem citar todos os detalhes do imenso problema que Cristo enfrentou, e que confrontaria qualquer reformador dedicado que entrasse pela primeira vez no templo, pode ver-se que prevalecia uma situação muito grave que exigia uma solução profunda. “Cristo viu que era necessário fazer alguma coisa.” {DTN 102}, *O Desejado de Todas as Nações*, 157.

Mas, tentai imaginar o poder necessário para expulsar os gananciosos mercadores dos seus lugares, separá-los das suas adquiridas riquezas pecaminosas, e permitir a restauração da presença de Deus no templo e nos seus arredores. Aqueles homens eram duros, inflexíveis e implacáveis, como as suas perseguições posteriores de Cristo confirmaram. A ninguém foi permitido ficar no seu caminho. Seria preciso grande poder para derrubar as suas defesas. Para apreciar a dificuldade que isso traria, colocai-vos no lugar onde Cristo viu que algo devia ser feito e tentai avaliar a vossa possibilidade, de sozinhos e sem auxílio, limpar o templo com os recursos presentemente ao vosso alcance.

É evidente que, para Cristo ter sucesso na Sua missão como Messias, teve que estar cheio do poder do alto, poder tão grande que os resultados eram visíveis mesmo para aqueles que eram hostis ao seu ministério, e esse poder tinha a capacidade de esvaziar completamente os recintos sagrados do templo de todos aqueles cuja presença profanava os lugares santos. A poderosa decisiva ordem de Cristo era muito diferente das mensagens silenciosas dadas tanto na Sua unção, como na festa das bodas. Desta vez a tônica estava na presença de um poder irresistível que possuía a capacidade de realizar tudo o que lhe era exigido.

E uma enorme quantidade tem sido, ainda é, e será necessária deste poder, antes que o grande conflito acabe. Considerai, por exemplo, que a Terra transporta hoje cerca de 5,4 biliões de passageiros, enquanto atravessa o espaço a caminho do seu destino final, as mentes de muito maior proporção dos quais estão endurecidas para além da penetração. No entanto, o Salvador da humanidade atribuiu aos Seus filhos a incrível tarefa de levar a luz da verdade presente a todos estes habitantes. Nem uma única pessoa deve ser ignorada. A cada um desses milhares de milhões deve a mensagem ser apresentada com tanta clareza e força quando se provar necessário para persuadir cada um deles a decidir sem reservas a quem seguir para sempre.

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: ‘É-me dado todo o poder no céu e na terra.

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

“Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.’ Amém.” *Mateus 28:18-20.*

Este é o testemunho que Cristo fez no final da Sua jornada terrestre, pouco antes de ascender ao Seu ministério mediador no santuário celestial. Três anos e meio antes, ao purificar sozinho o templo de Jerusalém, Ele tinha feito a mesma proclamação com uma demonstração do facto de que a Sua obra exigiria um poder sobrenatural ilimitado para o conseguir. À medida que os gananciosos mercadores debandavam descontroladamente à frente d’Ele, não precisavam que os convencessem de que aqui estava um Homem de poder, como nunca tinham anteriormente encontrado.

A partir desse momento, em todo o Seu ministério, o poder de Cristo nunca O traiu, mas estava continuamente presente para Lhe permitir fazer as obras da Onnipotência. Homens furiosos, homens possuídos por demónios, animais selvagens no deserto, tempestades assustadoras, príncipes e potentados, todos alinhados contra o Seu infinito poder, todos descobriram estar capturados nos braços do amor, ou lançados numa rebelião incurável, e apostasia sem remédio.

Capítulo 16

O Início dos 483 Anos

Como aprendemos no último capítulo, três grandes acontecimentos marcaram o início do ministério de Cristo como o Messias, que começou 483 anos após o decreto para a reconstrução de Jerusalém ter sido emitido pelo rei Medo-Persa em 457 a.C. O primeiro acontecimento foi a unção do Seu Filho por Deus, o Pai, depois do Seu baptismo, o segundo foi a transformação da água em vinho na festa das bodas, e o terceiro, que ocorreu pouco depois, foi a purificação do templo em Jerusalém. Chegou a altura de reunir os factos relativos ao ponto de partida deste período de 483 anos, quando foi emitida a ordem para restaurar Jerusalém e o santuário. Isto requer, apenas um pouco mais do que anotar os acontecimentos apropriados e quando ocorreram na história.

O ponto de partida foi a conclusão do decreto real escrito e selado no Outono de 457 a.C., que foi 483 anos antes de Cristo anunciar a Sua missão como Messias. Ao todo, foram emitidos três decretos reais antes da ordem para restaurar Jerusalém estar completa. Estes três decretos foram os seguintes:

O primeiro foi escrito no primeiro ano do Rei Ciro, como está registado em *Esdras* 1:1-4, *Esdras* 5:13-17. Este pronuncia-

mento por parte do rei previa apenas a reconstrução do templo, e entrou em vigor cerca de 537 a.C. Isto cumpriu parcialmente a profecia de setenta anos de *Jeremias* 25:11, 12 e *Jeremias* 29:10 e a profecia de *Isaías* 44:28 e *Isaías* 45:13.

O segundo seguiu-se pouco depois de 520 a.C., durante o reinado do rei Dario I, e está escrito em *Esdras* 6:1-12. Mais

O início do ministério de Cristo e a profecia das 70 Semanas.

457 a.C. ← → 27 d.C. (483 anos)

Profecia

Jeremias 25:11, 12 e *Jeremias* 29:10;
Isaías 44:28 e *Isaías* 45:13.

Cumprimento – decretos

- 1º. 537 a.C. – Ciro – *Esdras* 1:1-4; *Esdras* 5:13-17.
- 2º. 520 a.C. – Dario I – *Esdras* 6:1-12.
- 3º. 457 a.C. – 7º ano de Artaxerxes (Outono) – *Esdras* 7:1-26.
(Este 3º decreto dava a liberdade como nação ao povo judeu.)

uma vez, este decreto previa que as operações de construção prosseguissem em relação ao templo de Jerusalém, mas não restaurou os judeus como uma nação soberana livre de novo, em cumprimento das profecias de Jeremias e Isaías.

Mas o terceiro decreto sim. Está escrito em *Esdras* 7:1-26, e entrou em vigor no sétimo ano do rei Artaxerxes, que foi em 457 a.C. Este decreto previa a restauração total da liberdade dos judeus que tinham sido levados para o cativeiro de Babilónia. Mais uma vez eram uma nação com todos os direitos soberanos de um reino. Uma vez mais, estavam a entrar num novo dia de oportunidade durante o qual se esperava que Deus cumprisse o verdadeiro destino deles como Seu povo escolhido. O objectivo definido por Deus para eles foi ordenado por uma razão, que era eles entenderem as questões do grande conflito neste mundo, e aprenderem a cumprir o seu papel

como ministros de Deus em acabar com o mal, enquanto estabeleciam a justiça de Deus no seu lugar.

Mas, apesar de existirem alguns fiéis que viviam esperando o dia em que seriam novamente libertados, quando o rei Ciro, e mais tarde, os reis Dario e Artaxerxes ascenderam ao trono do domínio mundial, havia muitos que, considerando o seu próprio conforto, conveniência e vantagens materiais, optaram por classificar os interesses de Deus como apenas de segunda importância para si próprios. Uma das razões foi que os israelitas preferiram continuar a viver na terra do seu cativo em vez de enfrentarem a longa viagem de regresso a casa, e à chegada lá, a reconstrução das suas casas e cidades em ruínas. Muitos haviam nascido no cativeiro, e nunca tinham visto a sua pátria. Uma pessoa, por exemplo, que tivesse nascido quando os exércitos de Babilónia por fim derrotaram as forças dos judeus, estaria perto dos setenta anos de idade por altura da sua libertação. Durante o tempo da sua vida, podia ter visto nascerem duas ou três gerações, para cada uma das quais o esforço e o custo do regresso a casa teriam sido cada vez mais indesejáveis. As gerações mais novas nunca teriam saudades da terra que nunca conheceram. E por causa disso apenas um remanescente de cinquenta mil escolheu aceitar o caminho da obediência.

“Graças ao favor que lhes fora mostrado por Ciro, aproximadamente cinquenta mil dos filhos do cativeiro tinham tirado vantagem do decreto que lhes permitia voltar. Esses, entretanto, em comparação com as centenas de milhares espalhados através das províncias da Medo-Pérsia, eram apenas um simples remanescente. A grande maioria dos israelitas tinha escolhido permanecer na terra do seu exílio, antes que enfrentarem as durezas da jornada de retorno e o restabelecimento de suas desoladas cidades e lares.” {PR 306}, *Profetas e Reis*, 598.

Os exilados que se recusaram a fazer o sacrifício pessoal envolvido, sentiram que podiam justificar a sua decisão com base no facto de estarem a receber bênçãos consideráveis do Senhor dia após dia e a prosperar sob a gentil governação dos reis medo-persas. Eles terão interpretado estas indicações para dizer que Deus aprovou a sua decisão. Mas nisto estavam enganados. É verdade que o Senhor está continuamente a derramar as Suas bênçãos sobre todos os seres humanos, tal como está escrito:

“Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.” *Mateus* 5:45.

É também verdade que o esforço despendido sabiamente de acordo com as leis de diligência e do trabalho traz as suas próprias recompensas, mesmo para os incrédulos. Isto não quer dizer, no entanto, que Deus aprova as suas decisões.

O reino de Babilónia, que fizera o povo de Deus cativo tinha caído. O seu poder foi quebrado para que fosse aberto o caminho de fuga para os crentes. Excepto em casos especiais, seguir a vontade de Deus significa escapar do país assim que a oportunidade se apresentasse. “Fugi do meio de Babilônia, e livrai cada um a sua alma, e não vos destruais na sua maldade; porque este é o tempo da vingança do Senhor; que lhe dará a sua recompensa.” *Jeremias* 51:6.

O apelo para fugir de Babilónia tem eco no Novo Testamento, onde a sua aplicação espiritual diz respeito a nós hoje. “E outro anjo seguiu, dizendo: ‘Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua fornicação.’” *Apocalipse* 14:8. “E ouvi outra voz do céu, que dizia: ‘Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.’” *Apocalipse* 18:4.

Quando uma organização religiosa apostata de Deus ao ponto de já não poder ser reformada, Deus ordena ao Seu povo que saia. Ele dá à igreja a oportunidade de ouvir a Sua palavra antes de dizer aos Seus fiéis, “Sai dela, povo meu povo.”

“Não mais têm as forças do mal poder para conservar cativa a igreja; pois ‘caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição’ (Apocalipse 14:8); e ao Israel espiritual é dada a mensagem: ‘Sai dela, povo Meu, para que não

sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas'. Apocalipse 18:4. Assim como os exilados ouviram a mensagem: 'Saí do meio de Babilônia' (Jeremias 51:6), e foram restaurados à terra da promessa, assim os que temem a Deus hoje estão aceitando a mensagem para retirar-se da Babilônia espiritual, e logo devem permanecer como troféus da graça divina na Terra renovada, a Canã celestial." {PR 367}, *Profetas e Reis*, 715.

Deus Chama o Seu Povo

Nos casos das tribos amplamente dispersas, feitas assim pelas conquistas da Assíria seguidas de Babilônia, o Senhor estava tão desejoso para que eles deixassem a terra do seu cativeiro e regressassem à Judeia e Jerusalém que "... inspirou também Zacarias a que se empenhasse com os exilados para que voltassem." {PR 306}, *Profetas e Reis*, 599.

Foram instados a fazer o assunto do reino de Deus a primeira consideração das suas vidas, o seu interesse supremo, e o tema de cada pensamento. Eles deviam levar em frente a obra de construção do reino de Deus na Terra como ele é construído no Céu. Tal dedicação, tanta sinceridade de propósito exige um nível de abnegado amor que Deus, desde o início, tem trabalhado para estabelecer dentro de cada crente. Quando Ele por fim tiver sucesso, então serão cumpridas estas maravilhosas palavras:

"Próximo está o fim! Não temos um momento a perder! Do povo de Deus deve irradiar a luz, em vívidos raios, apresentando Cristo às igrejas e ao mundo. A nossa obra não deve limitar-se aos que já conhecem a verdade; o nosso campo é o mundo. Os instrumentos a serem usados são as pessoas que recebem de boa vontade a luz da verdade a elas comunicadas por Deus. Estes são os meios pelos quais Deus comunica o conhecimento da verdade ao mundo. Se mediante a graça de Cristo o Seu povo se tornar novos odres, Ele os encherá com o vinho novo. Deus dará mais luz, e velhas verdades serão recuperadas e postas no campo da verdade; e onde quer que forem os obreiros hão de triunfar. Como embaixadores de Cristo, cumpre-lhes pesquisar as Escrituras, procurar as verdades ocultas sob o pó do erro. E todo raio de luz recebido deve ser comunicado aos outros. Um interesse predominará, um assunto absorverá todos os outros — Cristo, Justiça nossa." *The Review and Herald*, 23 de Dezembro de 1890.

Quando esse dia glorioso chegar, cada membro do verdadeiro povo de Deus estará a sair das terras do seu cativeiro – da escravidão para a liberdade. Mesmo agora, há aqueles que estão prontos para virar as costas à vida que parece oferecer, embora apenas temporariamente, vantagens monetárias e materiais superiores às riquezas eternas. Temos que ouvir a voz de Deus a chamar-nos como Ele chamou o remanescente disperso e devemos obedecer como eles deviam ter feito. Se não o fizermos, conduzirá certamente a uma terrível e eventualmente incurável apostasia.

"'Olá, oh fugi agora da terra do norte', era a mensagem dada às tribos dispersas de Israel que se tinham estabelecido em muitas terras longe do seu antigo lar, 'porque Eu vos espalhei como os quatro ventos do céu, diz o Senhor. Oh Sião livra-te tu, que habitas com a filha de Babilônia. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Depois da glória ele me enviou às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do Seu olho. Porque eis aí levantarei a Minha mão sobre eles, e eles virão a ser a presa daqueles que os serviram; assim sabereis vós que o Senhor dos Exércitos me enviou'. Zacarias 2:6-9." {PR 306}, *Profetas e Reis*, 599.

Israel, embora totalmente indigno dos esforços constantes de Deus para que formassem uma avaliação correcta das realidades eternas da justiça viva, continuou a ser o foco do convite de Jeová para regressar a Ele. Qualquer outro governante, com um carácter sem a infinita virtude de Deus, tê-los-ia dispensado sem mais demoras, mas enquanto houvesse alguma esperança, outra oportunidade proporcionava o tempo e o espaço necessários, onde, com as lições do cativeiro aprendidas, a vitória poderia ser alcançada.

Apesar de entenebrecida com apostasia como estava a história do antigo Israel que antecedeu a sua restauração após a queda de Babilónia, Deus ainda não estava preparado para os abandonar. Quando saíram do cativeiro babilónico, “Era ainda o propósito do Senhor como tinha sido desde o início, que Seu povo fosse um louvor na Terra, para glória do Seu nome. Durante os longos anos do seu exílio, Ele lhes havia dado muitas oportunidades de retornar a sua obediência a Ele. Alguns tinham escolhido ouvir e aprender; outros tinham encontrado salvação em meio de aflições. Muitos desses deviam ser contados entre o remanescente que retornaria. Eles foram assemelhados pela Inspiração ao ‘topo do cedro’, que devia ser plantado ‘sobre um monte alto e sublime, no monte alto de Israel’. Ezequiel 17:22, 23.” {PR 306}, *Profetas e Reis*, 599.

Tão paciente foi Deus com o Seu povo escolhido, tão pródigos foram os Seus dons para ele, tão grande a sua prosperidade sob a Sua governação todo-poderosa, e tantas foram as suas brilhantes promessas de serem os primeiros e não os últimos, os melhores e não os piores, que há aqueles que concluem que, por alguma razão misteriosa lhes foi concedida a posição de serem os incondicionais favoritos do Céu. Os mais enganados de todos os que trabalharam sob esta ilusão foram os próprios dirigentes judeus durante o tempo em que Cristo ministrava entre eles na Terra.

“O povo judeu acarinhava a ideia de que eram os favoritos do céu, e que sempre se exaltavam como a igreja de Deus. Eram filhos de Abraão, declararam, e assim a firmeza da sua prosperidade pareceu-lhes que desafiaram a Terra e o Céu a despossuí-los dos seus direitos. Mas por vidas de infiel preparavam-se para a condenação do céu e para a separação de Deus.” {PJ 156}, *Parábolas de Jesus*, 294.

Mas todas as promessas feitas aos judeus, todas as posições em que foram instalados, e cada manifestação do carácter divino que lhes foi concedida, foi com base em condições divinas que nenhum deles poderia mudar da mais pequena forma. Se, e somente se, essas condições fossem cumpridas, todas as promessas, por muito grandes, abrangentes ou brilhantes que fossem seriam cumpridas em toda a sua plenitude. Mas se as condições não fossem recebidas, cridas e obedecidas, seriam os meios da destruição de Israel. Haveria um tão terrível endurecimento do coração, que os impediria de aceitar a mensagem e serem protegidos por ela. Assim tinha sido na destruição de Sodoma. Ló e a sua família deviam fugir sem lançar um único olhar de saudade para trás deles. A única pessoa que o fez, a mulher de Ló, perdeu a vida, ali mesmo quando olhou. Os israelitas que não aproveitaram a oportunidade de regressar a Jerusalém sofreram o mesmo destino. Tendo morrido espiritualmente, ficaram insensíveis aos apelos posteriores e não responderam a quaisquer deles.

“Eram esses aqueles ‘cujo espírito Deus despertou’ (Esdras 1:5), que tinham retornado sob o decreto de Ciro. Mas Deus não cessou de apelar aos que voluntariamente permaneceram na terra do exílio; e através de múltiplas providências Ele tornou-lhes possível o retorno. O grande número, entretanto, dos que deixaram de responder ao decreto de Ciro, permaneceram insusceptíveis a posteriores influências; e mesmo quando Zacarias os advertiu a que fugissem de Babilônia sem mais delongas, eles não deram ouvidos ao convite.” {PR 307}, *Profetas e Reis*, 599, 600.

De tal forma as marcas da apostasia começaram a surgir por volta do tempo em que Deus abria as portas para o Seu povo voltar para reconstruir Jerusalém e o templo. Em *Daniel* 9:24 Deus advertiu o Seu povo que tinha apenas 490 anos para cumprir o seu propósito divinamente apontado. Se não aproveitassem esta oportunidade, afundar-se-iam numa apostasia tão incurável que nada nem ninguém os podia salvar.

Capítulo 17

Dias de Oportunidade

O dia específico de oportunidade que começou para os judeus em 457 a.C., não foi o primeiro, embora certamente fosse o último que lhes foi dado como um povo, uma nação, ou uma igreja, a fim de lhes permitir cumprir o seu destino. Isto não significa que a porta da misericórdia estivesse fechada contra todos os israelitas individuais simplesmente porque ele ou ela é de ascendência hebraica. Pelo contrário, a salvação está disponível para todos os judeus numa base individual e isso é o que conta no final. Não há racismo em Deus, não há favoritismo de acordo com eleições especiais, não há parcialidade na atribuição de dons exclusivos a uma raça escolhida. Hoje, na questão vital da salvação do pecado e da recompensa da vida eterna, estas provisões estão igualmente disponíveis para os judeus que se agarram à salvação de Deus, como para qualquer outra secção de habitantes da Terra.

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” *João 3:16*.

“Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite.” *Isaías 55:1*.

Este convite está amplamente aberto aos judeus individualmente hoje. Além disso, somos informados de que os judeus convertidos desempenharão um papel activo na proclamação final da verdade. A sua origem judaica não os impedirá de servir a Deus numa base individual. Assim lemos:

“Haverá muitos conversos entre os judeus, e esses conversos ajudarão a preparar o caminho do Senhor, e fazer no deserto caminho direto para nosso Deus. Judeus conversos hão de ter parte importante a desempenhar nos grandes preparativos a serem feitos no futuro para receber a Cristo, nosso Príncipe. Nascerá uma nação em um dia. Como? Por homens que Deus designou se converterem à verdade. Ver-se-á ‘primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga’. Cumprir-se-ão as predições da profecia.” *Evangelismo*, 579.

Ao longo das Escrituras, a porta da misericórdia é mostrada como estando totalmente aberta para os que quiserem entrar enquanto o seu tempo de provação continuar. Na verdade, todas as pessoas são instadas a entrar antes que seja para sempre tarde para o fazer. Noé, por exemplo, pregou durante 120 anos de aviso enquanto a porta da oportunidade da salvação era mantida aberta. No entanto, esta era uma questão individual e muito diferente da responsabilidade que repousa sobre um povo inteiro como organização para aceitar a advertência de Deus. Aqui deve ser feita uma clara distinção. Notai as palavras que descrevem o período de oportunidade para a aquisição da salvação pessoal, diferente do trabalho a realizar por um corpo de pessoas durante um determinado período. Às vezes, embora nem sempre, está definido o período de tempo durante o qual a oportunidade para realizar a tarefa divinamente indicada permanece aberta.

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade...” *Daniel 9:24*. De acordo com A.T. Jones, “a palavra ‘determinadas’ significa ‘limitadas’, ‘restritas a um período’, ‘para marcar e fixar os limites’.” *O Caminho Consagrado para a Perfeição Cristã*, 108. Por

outras palavras, setenta semanas ou 490 anos marcaram a duração do último dia de oportunidade atribuído ao povo judeu.

A obra a realizar pela nação como um todo dentro desse período de tempo foi claramente especificada, embora escrito a diferentes gerações em palavras diferentes. Por exemplo, em *Apocalipse* 10:7, embora não se referindo aos judeus pelo nome, diz-se que a mesma obra termina, “o mistério de Deus”, enquanto em *Daniel*, é: “acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungi o Santo dos Santos.” *Daniel* 9:24, (NAA.)

Outros Dias Históricos de Oportunidade

Tem havido uma série de dias de oportunidade muito reais ao longo da história quando a obra de Deus poderia ter sido terminada rápida e decididamente. Começando pela peregrinação no deserto, à qual Paulo dirige a nossa atenção no capítulo 3 de *Hebreus*, como o primeiro dia de oportunidade para os judeus, houve vários dias de oportunidade que se seguiram quando as questões em causa eram as mesmas. Cada um deles foi um tempo em que poderia ter sido dado um fim aos pecados e trazida a justiça eterna, mas em vez disso, a incredulidade e a desobediência invariavelmente se tornaram as forças de controlo. Sem fazer uma lista completa, identifiquemos a maior parte dos dias de oportunidade, começando pelos que Paulo aponta em *Hebreus* 4.

Depois da rebelião no deserto, a próxima oportunidade passou por Josué, depois sob o comando de Davi.

A oportunidade seguinte depois de Davi foram os 490 anos que começando nos dias de Daniel no ano 457 a.C. terminaram em 34 d.C. com o apedrejamento de Estevão. Neste caso, houve um período específico de tempo de provação definido para os judeus. Sem dúvida, a era da Igreja Apostólica foi um período da maior oportunidade para levar a obra à sua conclusão e abrir as portas para a grande segunda vinda de Cristo.

Contudo, tragicamente mais uma vez o triste padrão do passado continuou, com o resultado que a igreja desceu à mais negra condição espiritual, decadência moral e ruína material, jamais experimentada por ela até então. A apostasia tornou-se profundamente enraizada e aparentemente impossível de erradicar. Certamente, a obra do Senhor esteve mais perto de ser apagada da face da Terra nesse tempo, quando caiu em sorte aos valdenses e outros cristãos individuais isolados e dedicados, preservar as sagradas verdades de Deus durante o negro período papal de grande sacrifício e sofrimento. Uma e outra vez pareceu que a igreja estava condenada à destruição por dentro e por fora, mas depois de cada purificação, emergiu mais pura e mais forte do que antes.

Neste período de transição, o papel destes cristãos fiéis era manter a verdade até que nascesse um dia melhor. Uma vez concluído o seu trabalho de valor inestimável, então um novo dia começou com os primeiros raios de luz que produziram a grande Reforma Protestante. Nessa altura chegou mais um precioso dia de oportunidade para acabar com os pecados e trazer a justiça eterna. Então a igreja de Cristo seguiu em frente e através das suas poderosas obras deu a promessa de grandes coisas. Mas o que foi abençoado com um início maravilhoso, terminou tão mal que o testemunho contra ela, como Igreja de Sardes, foi que tinha um nome de que estava viva, mas estava morta. Ver *Apocalipse* 3:1-6.

Em seguida, veio o grande segundo movimento do advento do qual o Espírito de Profecia testemunha que a obra poderia ter sido terminada. Nunca desde os dias dos apóstolos tinha a promessa da esperança abençoada parecido mais próxima da realização, mas mais uma vez, o precioso dia de oportunidade passou. Então, a partir de 1888, vieram as mensagens da viva eterna justiça para o povo do advento em Minneapolis, Minnesota. Embora estas mensagens tenham sido perdidas por um período de tempo, foram reavivadas novamente na década de 1950 e têm-

se espalhado ao longo do comprimento e largura da Terra desde então. Mais uma vez, pelo que esperamos ardentemente provar ser a última vez, vivemos em mais um dia de oportunidade.

Um Tempo de Apostasia

Coloca-se agora a questão do que constitui um novo dia de oportunidade. É crucial que tenhamos uma clara compreensão desta questão, pois é preciso tempo para Deus criar um. O tempo é necessário porque, para qualquer dia de qualificação, certas condições devem ser satisfeitas e estabelecidas tanto entre o povo de Deus como entre as nações que o rodeiam. O período que antecede a chegada de um dia típico de oportunidade é um tempo de apostasia cada vez mais profunda entre os inimigos do povo de Deus. O resultado é um aumento correspondente na probabilidade de ruína, que geralmente acontece repentinamente no final. A destruição de Sodoma e Gomorra, a queda da antiga Babilónia, as pragas do Egipto, o cativo do papado, e outros são exemplos deste processo. Mas podemos descansar seguros de que nenhum destes povos sofreu uma ruína ilimitada sem primeiro ter chegado a um estado de apostasia total.

Foi à luz destes princípios que Deus explicou a Abraão que a sua semente não poderia possuir a Terra Prometida enquanto a iniquidade dos amorreus não fosse total. O seu tempo de provação continuaria até esse ponto e enquanto a sua iniquidade ainda não estivesse completamente desenvolvida, Deus não conduziria o Seu povo para os conquistar. O momento da sua destruição chegou quando os israelitas invadiram a terra pouco tempo depois da sua chegada a Cades-Barneia pela segunda vez. Foi nas seguintes palavras que Deus revelou a Abraão por que Ele os levaria a ocupar a Terra Prometida naquele tempo:

“Na quarta geração, voltarão para cá; porque a medida da iniquidade dos amorreus ainda não se encheu.” *Génesis* 15:16.

“Pelo estudo da história dos amorreus, podemos aprender uma lição sobre o tratamento de Deus com os transgressores da Sua lei. Deus prometeu a Abraão e à sua posteridade a terra de Canaã; mas séculos passaram antes que esta promessa fosse cumprida. Uma das razões dadas foi que a iniquidade dos amorreus ainda não estava completa. Apesar de praticarem a idolatria, ainda não tinham atingido a medida completa de culpa que lhes traria a vingança de Deus. Finalmente, quando o seu período de provação estava terminado, foi dada a ordem para a sua destruição.” *The Review and Herald*, 18 de Outubro de 1906.

Chegou inevitavelmente o dia quando a desobediência dos amorreus a Deus aumentou ao ponto de atingirem o seu nível mais baixo de impiedade e imoralidade. Isto levou-os à ruína nacional.

Um outro exemplo é dado pelos egípcios, cujo poder foi quebrado pelas pragas. A sua separação total de Deus levou à devastação do seu país, que por sua vez deu aos israelitas a oportunidade de ganhar a sua liberdade.

No tempo de Davi, a escravidão era de um carácter diferente. Os israelitas estavam firmemente empenhados em construir o reino de Deus através do uso da força. Eles acreditavam que era responsabilidade sua limpar a terra da promessa usando a espada para matar todos os habitantes do país até que nenhum deles fosse deixado, excepto algum que se arrependesse. As suas mentes estavam presas no conceito de que o reino seria adquirido, desenvolvido, fortalecido e fortificado pelo uso da força. Assim, embora fossem fisicamente livres, e eram, de facto, conquistadores das nações vizinhas, não estavam de modo algum, livres do erro de que o reino da justiça se estabeleceria pelas armas da injustiça. Eles estavam a tentar construir o reino de Deus à maneira do homem.

Ainda assim, Davi e o seu povo eram profundamente religiosos. Davi escreveu salmos inspirados, e levou o povo a cantá-los. Amavam o seu Senhor e regozijaram-se com a Sua salvação. Viveram para o dia em que o Messias apareceria e varreram todos os seus inimigos da face da Terra. Eles fielmente realizaram todas as cerimónias típicas apontando para o Salvador vindouro

e concentraram todos os seus recursos e energias na construção, a custo prodigioso, do templo para o culto do verdadeiro Deus. Fielmente observaram o sétimo dia, o sábado. Eram cuidadosos em fazer tudo o que o Senhor lhes ordenou de acordo com o seu entendimento. Seria de esperar que aqui estivesse um dia de oportunidade que não podia falhar.

Mas, apesar de terem sido abençoados com tanta luz, os israelitas ainda não conseguiram entrar no repouso de Deus, como é testemunhado pela sua retenção das armas de guerra sangrenta que imaginavam serem os meios para construir o Seu reino justo. Deixemos que nos estabeleçamos eternamente no princípio de que é absolutamente impossível trazer a justiça eterna e acabar com o pecado recorrendo ao uso de tais armas. É como tentar usar água suja para lavar roupa e alegar que o resultado são roupas completamente limpas. Esse dia de oportunidade tinha que falhar a menos que a escuridão espiritual que escravizava as suas mentes pudesse ser penetrada, a deficiência reparada, e a falha corrigida. Porém, a incredulidade e desobediência prevaleceram. Este foi especialmente o caso de todos os reis que sucederam a Davi até Zedequias e Jeoiaquim, os últimos deles. Mesmo Neemias usou a espada durante a restauração. Ver *Neemias* 4:13.

Quando Cristo apareceu na Terra para morrer pela humanidade, o Seu povo tinha-se afastado muito mais da luz para as trevas, enquanto os romanos possuíam a maior quantidade de poder e força de armas que lhes permitiam impor o seu governo ao povo.

Então, qual era o problema?

“E então, que diremos? Acaso Deus é injusto? De maneira nenhuma!” *Romanos* 9:14, (NVI.)

Nenhuma culpa pode ser atribuída a Deus que está muito, muito desejoso que esta triste situação seja terminada o mais rápido possível. A culpa reside no facto de eles não reconhecerem a absoluta justiça dadora de vida presente em todas as ordens do Senhor. Sem esta convicção, viram-se destituídos dessa confiança pela qual a fé traz a vitória segura e certa.

Um Tempo de Educação

Assim que o Senhor libertar o Seu povo dos seus opressores, Ele prossegue iluminando as suas mentes com as verdades necessárias para o seu crescimento e a construção de mais um dia de oportunidade. Durante esta fase de operação, Deus coloca-os ou recoloca-os em lugares onde estarão o mais isolados possível de todas as influências prejudiciais à sua preparação para acabar com o pecado e trazer a justiça eterna. O que é necessário nesta fase são lugares onde possam ser preparados por um processo de educação para trazer a luz da salvação da verdade a todas as nações do mundo. Um lugar de obscuridade, dificuldades e austeridade, tal como a área deserta do Monte Sinai era exactamente o cenário adequado para o propósito de Deus no momento da libertação de Israel da escravidão. Foi assim que o grande Mestre conduziu o Seu povo pelo deserto durante quarenta anos de árdua escolaridade, onde a grande lição que eles tinham de aprender era a da fé e da obediência; a lição que tinham tanta dificuldade em compreender e que eram tão propensos a esquecer.

“Quando Cristo disse ao tentador: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus’, repetiu as palavras que, mais de mil e quatrocentos anos atrás, Ele dissera a Israel: ‘O Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, [...] e te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram; para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem’. Deuteronomio 8:2, 3. No deserto, quando falharam todos os meios de subsistência, Deus enviou a Seu povo maná do Céu; e foi-lhe dada suficiente e constante provisão. Essa providência visava a ensinar-lhes que, enquanto confiassem em Deus, e andassem em Seus caminhos, Ele os não abandonaria. O Salvador pôs agora em prática a lição que dera a Israel. Pela Palavra de Deus, fora prestado socorro às hostes hebraicas, e pela palavra seria ele concedido a Jesus. Ele aguardava o tempo designado por Deus, para O socorrer.

Achava-Se no deserto em obediência a Deus, e não obteria alimento por seguir as sugestões de Satanás. Em presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus." {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 121.

Assim, Cristo como indivíduo, demonstrou ao extinguir a transgressão, dar um fim aos pecados, e fazer a reconciliação pela iniquidade em Si mesmo, que a eterna justiça pode ser trazida para a experiência de vida de todos os que acreditem e obedeçam de coração aos princípios vivos das leis divinas para sempre. Também demonstra que estabelecida essa justiça eterna colectivamente na vida das pessoas individualmente, então estão prontos para possuir o reino, primeiro nesta Terra e muito em breve no Céu.

Nos dias da partida dos israelitas do Egito, a nação iniciou a sua caminhada até Canaã com grandes esperanças de rápida posse da terra prometida. Mas quando descobriram que em primeiro lugar tinham de ter uma educação abrangente para acabar com os pecados e trazer a justiça eterna, levantaram-se em rebelião. Deixaram bem claro que não tinham deixado o Egito para entrarem na escola, mas para enriquecerem, e endureceram os seus corações quando deveriam ter escolhido que Deus os abrandasse, e os enchesse com o espírito de um aluno. Se tivessem visto quanto as suas esperanças e aspirações estavam em desacordo com a pureza dos caminhos de Deus, teria sido mais do que suficiente para os alertar do perigo mortal em que se encontravam no caminho pelo qual determinaram que caminhariam. A sua atitude pessoal contra a vontade de Deus devia ter-lhes trazido uma profunda convicção da necessidade de mudança em si mesmos, até que o espírito dentro deles fosse um verdadeiro reflexo da perfeita e santa lei de Deus.

O Conhecimento de Si Próprio

Esta é a necessidade premente de todos os filhos de Deus que estão decididos a entrar no dia de oportunidade de Deus. É saber o que somos em nós mesmos. Por outras palavras, temos que perguntar a nós mesmos seriamente se, tendo abraçado a mensagem da justiça viva, ela tem literal e efectivamente, realizado mudanças em nós. Verificamos nós que interiormente nos tornámos amáveis, amorosos, gentis, misericordiosos e pacientes, ou ainda é a triste verdade de que tais qualidades não se tornaram realmente a nossa experiência pessoal? Paulo, pela inspiração do Espírito Santo aconselha vivamente cada um a ver por si próprio se está de facto na fé. Ele escreve: "Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós." *2 Coríntios* 13:5.

"Que os chefes de família olhem para a sua vida doméstica. É este amor exemplificado no círculo familiar? Ide mais longe em examinar-vos; na vossa associação com os vossos irmãos na capacidade da igreja, sois indelicados, egoístas ou até mesmo desonestos? Certificai-vos de que examinais e provais a vós mesmos, como Paulo ordenou: 'Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos.' À luz da palavra de Deus, procurai cuidadosamente se realmente tendes o amor de Deus no coração. 'Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós.' 'Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está em trevas.'" *The Review and Herald*, 16 de Novembro de 1886.

"'Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos.' *2 Coríntios* 13:5. Criticai rigorosamente o temperamento, a disposição, os pensamentos, palavras, inclinações, desígnios e ações. Como podemos pedir inteligentemente as coisas de que necessitamos a menos que provemos pelas Escrituras a condição de nossa saúde espiritual? *Mensagens Escolhidas* 1:89.

Lembre-mos de que estamos a estudar o começo de um movimento, não de um indivíduo isolado aqui e ali. Isto é evidente pelas palavras de Paulo, onde ele se referiu àqueles a quem

Deus estava a guiar, mas que se rebelaram contra Ele dizendo: ‘Onde vossos pais me tentaram, me provaram...’ E mais uma vez, Paulo fala daquela ‘geração’.

Estas palavras referem-se aos pais de uma geração específica que foram rebeldes e, portanto, não estavam dispostos a dar um fim completo a todo o pecado e transgressão, e a trazer a justiça eterna. Os membros daquela geração que estavam vivos na Terra no tempo dos apóstolos não eram melhores do que aqueles que tinham saído do Egito para Canaã. Paulo apelou-lhes poderosamente para que não endurecessem os seus corações, como havia sido o caso de todos aqueles que tinham vivido antes. Aqui estão as palavras do seu apelo solene:

“Portanto, como diz o Espírito Santo: Se ouvirdes hoje a sua voz,

“Não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto.

“Onde vossos pais me tentaram, me provaram, e viram por quarenta anos as minhas obras.

“Por isso me indignei contra esta geração, E disse: ‘Estes sempre erram em seu coração, E não conheceram os meus caminhos.’

“Assim jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso.” *Hebreus 3:7-11*.

Tal como Paulo afirma, o dia deles foi um dia de oportunidade que falhou como outros tinham falhado antes. Deus disse: “me indignei contra esta geração.” E assim foi, pois rejeitou todos eles excepto Calebe e Josué, e a tribo não numerada de Levi. Como organização ou movimento, eles fracassaram, com o resultado que a partir daí Deus voltou-se para outro dia de oportunidade “... dizendo por Davi, muito tempo depois, como está dito: ‘Hoje,’ se ouvirdes a sua voz, Não endureçais os vossos corações. Porque, se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso de outro dia.” *Hebreus 4:7, 8*.

O Esforço Combinado dos Membros da Igreja

Alguns indivíduos foram salvos durante estes períodos em que os vários movimentos caminhavam na escuridão da incredulidade e da desobediência, mas a obra não pôde ser terminada por esses indivíduos. Isso exigirá o esforço combinado de todos os membros da igreja trabalhando juntos, cada um dotado do poder do alto pelo ilimitado derramamento da chuva serôdia. Na vida de cada indivíduo, a transgressão estará terminada, o pecado terá finalizado, e a justiça eterna terá sido trazida. Mas não importa quão perfeitamente cada um destes poucos revele o carácter de Deus em palavras e acções, nenhum deles pode sair da igreja e ir para o Céu antes dos seus companheiros crentes.

Todo o capítulo 11 de *Hebreus* é uma maravilhosa lista de honras das grandes conquistas daqueles que, no exercício da fé e obediência, derrotaram o inimigo, no entanto, para além de vários casos especiais como Enoque, Moisés, Elias, e as primícias que ressuscitaram com Cristo, nenhum deles foi levado para o Céu quando o trabalho da sua vida terminou. Também não se esperava que nenhum deles, sozinho e sem apoio, enchesse toda a Terra com a justiça eterna para acabar com toda a pecaminosidade para sempre. Por isso Paulo escreveu:

“E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa,

“Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados.” *Hebreus 11:39, 40*.

Paulo fez um dos seus grandes apelos ao povo de Deus para não destruir o seu dia de oportunidade, independentemente da fase em que pudessem estar, quando escreveu:

“Tenham cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha um coração mau e descrente, que se afaste do Deus vivo.

“Pelo contrário, animem uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama ‘hoje’, a fim de que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado.

“Porque temos nos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até o fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.

“Como se diz: ‘Hoje, se ouvirem a sua voz, não endureçam o coração, como foi na rebelião.’

“E quem foram os que ouviram e, mesmo assim, se rebelaram? Não foram todos os que saíram do Egito por meio de Moisés?

“E contra quem Deus se indignou durante quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto?

“E a quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão aos que foram desobedientes?

“Assim, vemos que não puderam entrar por causa da incredulidade.” *Hebreus 3:12-19*, (NAA.)

O dia referido por Paulo foi o dia de oportunidade que em primeiro lugar foi dado ao povo judeu, começando com a sua viagem do Egito para Canaã. Nos seus avisos, Paulo falou sobre o seu fracasso em cumprir as especificações que Deus destinou que fossem cumpridas num dia de oportunidade. Claro que aqueles, como vimos, deviam “... cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos.” (NAA.)

Estes componentes deviam necessariamente ter sido estabelecidos em primeiro lugar nos seus próprios corações e vidas antes de poderem ser instalados nos corações e nas vidas do mundo em geral, isto é, se eles tiverem que ser a experiência das almas dos que ainda estão fora da igreja de Deus. Mas, segundo Paulo, as duas falhas mais dominantes que marcaram o fracasso daquela geração foram a incredulidade e a desobediência. Devido à presença destes dois males, não podiam entrar no repouso de Deus.

O repouso de Deus teria sido alcançado quando todo o pecado fosse total e permanentemente eliminado das vidas de cada membro do povo de Deus. Além disso, as vidas daqueles que têm rejeitado o evangelho de Jesus como seu Salvador e, portanto, transportam o pecado para onde quer que vão, deviam ser destruídas com os seus pecados. Também, os pecados confessados daqueles que se qualificam totalmente para a salvação devem ter sido colocados sobre o bode expiatório e levados por ele a um lugar do qual nunca poderá regressar – o abismo sem fundo no qual ficará acorrentado por mil anos. E por fim, Satanás e os pecados dos justos de todas as eras, com os quais será carregado, devem passar ao esquecimento. Quando tudo isto estiver concluído, a transgressão acabará, o pecado terminará, a reconciliação pela iniquidade será feita, a justiça eterna será trazida, a visão e a profecia serão seladas, e o Santo dos Santos Ungido.

“Justiça eterna, lembrai. Não uma justiça para hoje e pecar amanhã, e justiça novamente e pecar outra vez. *Isto não é justiça eterna. A justiça eterna é a justiça que é trazida e permanece eternamente na vida daquele que acreditou e confessou, e que ainda acredita e recebe esta eterna justiça no lugar de toda a transgressão e de todos os pecados. Só isto é a justiça eterna; só isto é a redenção eterna do pecado. E esta bênção indescritível é o dom gracioso de Deus pelo ministério celestial que Ele estabeleceu para nosso benefício no sacerdócio e ministério de Cristo no santuário celestial.*” *O Caminho Consagrado para a Perfeição Cristã*, 123 por A. T. Jones.

Quando compreendemos, como devemos, o significado e a necessidade de entrar completamente e finalmente no último dia de oportunidade que alguma vez será concedido à humanidade, responderemos de forma mais sincera ao apelo terrivelmente solene do Espírito Santo: “Portanto, visto que nos foi deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, tenhamos cuidado para não parecer que algum de vocês deixou de alcançá-la.” *Hebreus 4:1*, (NAA.)

Capítulo 18

Alterações Importantes na Situação

Como vimos no último capítulo, o grande movimento do Segundo Advento foi um importante dia de oportunidade dado ao povo de Deus para terminar o Seu trabalho e trazer a justiça eterna.

“A passagem que, mais que todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.’ Daniel 8:14. Estas palavras haviam sido familiares a todos os crentes na próxima vinda do Senhor. Era esta profecia repetida pelos lábios de milhares, como a senha de sua fé. Todos sentiam que dos acontecimentos nela preditos dependiam suas mais brilhantes expectativas e mais acariciadas esperanças. Ficara demonstrado que esses dias proféticos terminariam no outono de 1844. Em conformidade com o resto do mundo cristão, os adventistas admitiam, nesse tempo, que a Terra, ou alguma parte dela, era o santuário. Entendiam que a purificação do santuário fosse a purificação da Terra pelos fogos do último grande dia, e que ocorreria por ocasião do segundo advento. Daí a conclusão de que Cristo voltaria à Terra em 1844.” *O Grande Conflito*, 409.

Só aqueles que viviam na Terra quando aqueles acontecimentos profetizados importantes estavam a ocorrer, podiam realmente apreciar a profundidade, a altura e a amplitude da experiência cristã a que os crentes foram trazidos pelo derramamento da luz contida naquele curto versículo de *Daniel* 8:14. Atrás deles estava uma série de marcos mostrando-lhes o ponto a que tinham chegado na sua jornada através da história, desde a queda do homem até à sua restauração final na Terra renovada. Quatro grandes impérios mundiais tinham nascido e desaparecido, seguidos por dez reinos que rapidamente perderam três do seu número, para dar espaço ao poder da ponta pequena que dominou todo o mundo com a máxima opressão e crueldade através da longa Idade das Trevas.

Os crentes que viviam no tempo em que *Daniel* 8:14 estava prestes a ser cumprido, viram a administração da chaga mortal sobre a besta (correctamente identificada como o papado), exactamente em 1798. Eles tinham testemunhado que em 1798 o Papa Pio VI fora levado cativo para França pelo general Bertier às ordens de Napoleão, e a combinação com a profecia correcta, nomeadamente, o fim do tempo, tempos e a metade de um tempo de *Daniel* 7:25. Uma vez que esta profecia tinha sido identificada e cumprida quando terminaram os 1.260 anos, o Espírito Santo dirigiu então as suas mentes para a Escritura: “Ele me disse: — ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois, o santuário será purificado.’” *Daniel* 8:14, (NAA.)

LeRoy Edwin Froom comenta esta mudança nas seguintes palavras: “Por volta da viragem do século, (século XVIII), duas mudanças notáveis no estudo e ênfase, mas intimamente relacionadas, ocorreram no campo da interpretação profética – uma mudança de interesse de *Daniel* 7, com os seus 1.260 anos, para *Daniel* 8 e o grande período de 2.300 anos; e em segundo, do *Apocalipse* 13 para *Apocalipse* 14.” *The Prophetic Faith of Our Fathers*, 4:207.

Como sabemos pelos nossos estudos, os 2.300 anos, o mais longo de todos os períodos proféticos, começou no Outono de 457 a.C. e terminou em 22 de Outubro de 1844. O acontecimento que marcou o seu início foi a conclusão do decreto assinado pelos sucessivos reis persas,

conforme registado por Esdras, o escriba. Como seria de esperar, a atenção dos estudantes da Bíblia de ambos os lados do Oceano Atlântico, foi em seguida virada para a obra de compreensão da predição que os 2.300 anos terminariam em 1844. Sob o poderoso ministério do Espírito Santo, o povo de Deus tomou consciência de que esta é uma profecia de grande importância. Não basta apenas compreender quando o tempo começou, nem quando terminou, embora os estudantes cuidadosos se certifiquem de que compreendem quando é que estes eventos deveriam ocorrer, ou realmente passaram para a história. O início desse período foi marcado pelo povo de Deus que saiu de Babilónia sob a liderança de Zorobabel, Esdras e Neemias. Embora o Império Babilónico já tivesse caído, foi apenas o poder militar, que impunha e apoiava as suas políticas e princípios, que deixou de existir. A verdadeira Babilónia, que continuou apesar da ascensão e queda das grandes nações, foi encarnada no despotismo medo-persa. Foi no início da soberania daquele reino, quando o povo de Deus regressava à sua própria terra para reconstruir a cidade de Jerusalém e o templo sagrado, quando esse longo período de 2.300 anos começou.

Em alguns aspectos vitais, o fim desse período, 2.300 anos depois de ter começado, foi marcado pelo movimento paralelo do povo de Deus que saiu de Babilónia espiritual em 1844. O propósito eterno de Deus em tirar o Seu povo das trevas para a Sua luz é tornar a salvação livremente disponível para todos. É também o meio pelo qual o carácter de Deus ficará totalmente revelado e justificado juntamente com a exposição total e final de Satanás. Para acabar dessa maneira o grande conflito é preciso o ilimitado fluxo da luz divina e a energia criadora do santuário no Céu para o povo de Deus. Pois, na luz que salva a alma brilhando d'Aquele que habita entre os querubins por cima do propiciatório no santuário celestial, está guardado tudo o que Cristo ganhou para nós no Calvário.

Portanto, "A intercessão de Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como o foi Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressurgir. Pela fé devemos penetrar até o interior do véu, onde nosso Precursor entrou por nós. Hebreus 6:20. Ali se reflete a luz da cruz do Calvário. Ali podemos obter intuição mais clara dos mistérios da redenção. A salvação do homem se efetua a preço infinito para o Céu; o sacrifício feito é igual aos mais amplos requisitos da violada lei de Deus. Jesus abriu o caminho para o trono do Pai, e por meio de Sua mediação pode ser apresentado a Deus o desejo sincero de todos os que a Ele se chegam pela fé." *O Grande Conflito*, 489.

Essencialmente, a salvação é a restauração de tudo o que se perdeu através do pecado. Essa restauração está disponível através do ministério do sacerdócio celestial no santuário celestial, e a sua aplicação a cada alma arrependida. Portanto, qualquer esforço eficaz para transformar a Igreja de Deus na Terra num exército invencível deve envolver a elevação do santuário ao seu lugar legítimo no coração do povo de Deus, para que ele seja estabelecido ali para sempre. Além disso, será necessária a inversão da obra do homem do pecado, que continuamente procura tirar o diário e derrubar o lugar do santuário de Cristo para esta Terra. Ver *Daniel* 8:11.

Portanto, quando um grande novo movimento é formado na Terra com o propósito de tornar todas as coisas novas, a reinstalação do santuário e seus serviços ocuparão um lugar predominante em todo o programa do início ao fim. Considerai o êxodo dos israelitas na saída do Egito. O Senhor trouxe-os para fora da terra da escravidão pelo Seu poderoso poder e poderia tê-los encaminhado bastante rapidamente pela relativamente curta distância da costa até Canaã. Em vez disso, Ele, em primeiro lugar, acampou-os no deserto a fim dar tempo para estabelecer o santuário e os seus serviços na Terra mais uma vez. Só quando esse trabalho foi concluído, é que a coluna de nuvem orientadora assinalou o recomeço da sua viagem para a Terra Prometida. Deus conduziu-os de acordo com este plano porque há três factores aos quais devem ser dados plena liberdade de operação para que a obra do Senhor avance com sucesso. Ele precisa de:

- Um povo livre,
- Um templo ou santuário elevado ao seu alto e santo lugar, e
- O regresso do diário ao seu papel apontado em pleno funcionamento.

Para a confirmação disto, vamos examinar alguns dos grandes movimentos que Deus chamou para sair de Babilônia e receber as Suas promessas. Ao fazê-lo, não definiremos “grandes movimentos” como sendo necessariamente grandes na contagem numérica, mas aqueles que são grandes no poder espiritual.

Os Primeiros Altares Terrestres

A nossa pesquisa começa com a primeira introdução do sistema sacrificial. Isto aconteceu quando os leais entre a família de Adão eram fisicamente livres, e os seus santuários eram os mais simples de todos – um altar de pedra erguido onde quer que descansassem da viagem. Mas os serviços diários dos sacrifícios da manhã e da tarde eram fielmente observados, cumprindo assim as três condições exigidas. “O próprio sistema de sacrifícios foi planejado por Cristo, e dado a Adão como típico de um Salvador vindouro, que havia de levar os pecados do mundo, e morrer por sua redenção.” *A Maravilhosa Graça de Deus*, 49.

Depois do Dilúvio, Abraão, Isaque, Jacó e os seus descendentes seguiram a prática de erguer o altar de família sobre o qual ofereciam os sacrifícios diários.

“Abraão, ‘o amigo de Deus,’ dá-nos um digno exemplo. A sua vida foi uma vida de oração. Onde quer que ele armasse a tenda, junto construía o altar, convocando todos os que faziam parte de seu acampamento para o sacrifício da manhã e da tarde. Quando a tenda era removida, o altar ficava. Nos anos subseqüentes, houve os que entre os cananeus errantes receberam instrução de Abraão; e, quando quer que um desses vinha àquele altar, sabia quem havia estado ali antes; e, depois de armar a tenda, reparava o altar, e ali adorava o Deus vivo.” {PP 82}, *Patriarcas e Profetas*, 128.

Notai que até esta fase da história da igreja de Deus, nenhum edifício para servir de templo tinha sido construído, nem mesmo uma tenda armada como lugar de habitação do Senhor. Ainda não tinha saído a ordem em termos tão explícitos como esta: “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles.” *Êxodo* 25:8.

A intenção divina era que deveria ser erguida uma estrutura muito maior e mais substancial. Isso não podia ser feito no Egito pelo menos por duas razões. No primeiro caso, o povo de Deus estava em escravidão, onde eram obrigados a cumprir as ordens dos seus senhores. No entanto, a classe dominante no Egito não tinha interesse em construir o santuário, realizar os sacrifícios diários, ou proteger a liberdade dos israelitas. Na verdade, os interesses dos governantes eram bem o oposto.

No segundo caso, o Egito já estava repleto de templos, nenhum dos quais era de alguma forma adequado à adoração de Jeová. Teriam que ser demolidos e substituídos por um verdadeiro antítipo do santuário no Céu. Tal empreendimento não era impossível, desde que envolvesse a total conversão do Faraó e suficientes súbditos leais que ocupassem posições de poder de modo que o poderoso monarca mantivesse o poder decisor no reino. Embora tal eventualidade pudesse ter-se desenvolvido, não aconteceu, e como o reino do Egito rejeitou o evangelho que lhes foi apresentado por Deus através de Moisés e Aarão, sofreu ataque após ataque até ficar reduzido à ruína nacional. Isto marcou o fim do período de sofrimento terrível imposto ao povo de Deus pelos governantes do Egito e seus súbditos, durante os quais o lugar do santuário de Deus foi derrubado, os israelitas perderam a sua liberdade, e os sacrifícios diários foram interrompidos.

O Primeiro Santuário Terrestre

Chegou o momento em que o poder do Egito foi quebrado, o que deu a Deus a liberdade de conduzir os israelitas onde quer que Ele desejasse. Levou-os para um local onde, por uma questão de prioridade imediata, os três pré-requisitos para acabar com o pecado e trazer a justiça eterna pudessem ser restabelecidos. Conduziu-os através do Mar Vermelho, e até ao deserto antes do Monte Sinai, como um povo livre. Lá Deus deu-lhes instruções para construir o santuário de modo a que Ele pudesse habitar entre eles. O povo obedeceu voluntariamente à ordem divina e construiu a estrutura sagrada sem um traço de planeamento humano na estrutura como lemos:

“Quando Moisés estava para construir o santuário como lugar de habitação de Deus, recebeu instruções para fazer tudo segundo o modelo que lhe fora mostrado no monte. Moisés era todo zeloso para fazer a obra de Deus; os homens mais talentosos e hábeis lhe estavam ao lado para realizar suas sugestões. No entanto, não devia fazer uma campainha, uma romã, uma borla, uma franja, uma cortina ou qualquer vaso do santuário, que não fosse segundo o modelo mostrado. Deus o chamara ao monte e lhe revelara as coisas celestiais. O Senhor o cobrira com Sua glória, a fim de que pudesse ver o modelo, e segundo ele foram feitas todas as coisas.” {DTN 139}, *O Desejado de Todas as Nações*, 208.

“Aproximadamente meio ano foi ocupado na construção do tabernáculo.” {PP 248}, *Patriarcas e Profetas*, 349.

Esta era a versão temporária portátil que era desmontada sempre que tinham de passar o dia marchando em frente. Eles transportaram-na durante todas as suas jornadas no deserto, e, uma vez chegados à posse da Terra Prometida, foi montada em Siló. Aí permaneceu durante os trezentos anos seguintes, após os quais foi transferido para Jerusalém.

“A arca ficou em Siló, durante trezentos anos, até que, por causa dos pecados da casa de Eli, caiu nas mãos dos filisteus, e Siló foi arruinada. A arca nunca mais voltou ao tabernáculo ali; o cerimonial do santuário transferiu-se finalmente para o templo em Jerusalém, e Siló tornou-se decadente.” {PP 375}, *Patriarcas e Profetas*, 514.

A era dos juízes desde a morte de Josué até ao clamor do povo pedindo um rei como as nações à sua volta, foi um tempo marcado pela sua triste repetição de terríveis retrocessos. O parágrafo seguinte resume a história da sua ascensão e queda sucessiva de tempos a tempos.

“Deixaram ao Senhor Deus de seus pais, que os tirara da terra do Egito’ (Juízes 2:12), ‘e os guiou pelo deserto como a um rebanho’. Salmos 78:52. ‘Pois Lhe provocaram a ira com os seus altos, e despertaram-Lhe o zelo com as suas imagens de escultura’. Salmos 78:58. Portanto o Senhor ‘desamparou o tabernáculo em Siló, a tenda que estabelecera como Sua morada entre os homens. E deu a Sua força em cativo; e a Sua glória à mão do inimigo’. Salmos 78:60, 61. Todavia Ele não desamparou completamente o Seu povo. Houve sempre uns remanescentes que eram fiéis a Jeová; e de tempos em tempos o Senhor suscitava homens fiéis e valentes para derribar a idolatria e livrar os israelitas de seus inimigos. Mas quando morria o libertador, e o povo ficava livre de sua autoridade, voltavam gradualmente aos seus ídolos. E assim a história de apostasias e castigos, de confissão e livramento, repetia-se reiteradas vezes.” {PP 400}, *Patriarcas e Profetas*, 545.

Este era o padrão que precisava de ser estabilizado antes que o plano de salvação de Deus pudesse ser levado a uma conclusão satisfatória. O pecado tinha que ser terminado e a justiça eterna trazida, sem mais quedas, como as que continuamente atormentavam o povo de Deus.

Incríveis foram os sofrimentos sofridos pelo povo apóstata que não encontrou prosperidade no seu curso de acção escolhido. Cada vez que se afastavam da verdade, os serviços no santuário eram interrompidos, os ídolos de Baal eram adorados numa base diária, e o povo de Deus era privado da sua liberdade. Considerai o terrível quadro de privação mesmo das necessidades mais básicas que o povo desnecessariamente suportou devido à sua desobediência. Devem ter sido trazidos muito perto da morte pela fome.

“Os amalequitas ao sul de Canaã, bem como os midianitas na sua fronteira oriental e nos desertos além, eram ainda os implacáveis inimigos de Israel. Esta última nação havia sido quase destruída pelos israelitas nos dias de Moisés; mas desde então aumentaram grandemente, e se tornaram numerosos e poderosos. Tinham tido sede de vingança; e agora que a mão protetora de Deus se retirara de Israel, chegara a oportunidade. Não somente as tribos ao este do Jordão, mas todo o país sofreu com suas devastações. Os habitantes selvagens e cruéis do deserto, numerosos ‘como gafanhotos’ (Juízes 6:5), vinham como enxame sobre a terra, com seus rebanhos e gado. Como uma praga devoradora, espalhavam-se pelo país, desde o rio Jordão até à planície filistéia. Vinham logo que as searas começavam a amadurecer e ficavam até que os últimos frutos da terra fossem colhidos. Despojavam os campos de seus produtos, e roubavam e maltratavam os habitantes; e então voltavam aos desertos. Assim os israelitas que moravam em território aberto eram obrigados a abandonar suas casas, e a congregar-se nas cidades muradas, a fim de procurar refúgio nas fortalezas, e mesmo a encontrar abrigo nas cavernas e no recesso das rochas, entre as montanhas. Por sete anos continuou esta opressão, e então, como o povo em sua angústia atendeu à reprovação do Senhor, e confessasse seus pecados, Deus levantou de novo um auxiliador para eles.” {PP 401}, *Patriarcas e Profetas*, 545, 546.

Assim, o Senhor chamou libertadores como Gideão e Sansão através dos quais, na condição do arrependimento do povo, trabalhou para restabelecer o santuário, o diário e o povo, aos seus lugares legítimos.

Se ao menos o povo tivesse estabilizado num ponto fixo do qual nunca mais recuassem, o santuário nunca mais precisaria de ser purificado, o seu lugar nunca mais teria sido derrubado, e o diário nunca mais teria sido pisado. Mas séculos ainda haviam de passar antes que essa condição de coisas pudesse ser estabelecida.

O Primeiro Templo Terrestre

À medida que prosseguimos a nossa pesquisa, vemos um rei justo no trono de Israel – o rei Davi, um homem segundo o coração de Deus. Ver *1 Samuel 13:14*. Apesar dos seus terríveis erros ao ceder à tentação, exerceu uma influência poderosa para o bem em Israel, tanto que durante o seu reinado e o de seu filho Salomão, Israel atingiu o auge da grandeza. Nenhuma das nações vizinhas se atrevia a entrar em guerra com ele. O santuário ocupava o seu lugar legítimo, o diário estava em operação contínua, e o povo era livre. Que história incrível se teria desenvolvido se tanto Davi como Salomão tivessem vivido em perfeita justiça, em vez de semear a semente do mal que brotou com a boa semente que tinham plantado durante as suas vidas!

De acordo com isso, embora fosse um tempo de grande promessa, e um maravilhoso dia de admirável oportunidade, a semente maligna semeada multiplicou-se para produzir a sua colheita de mau fruto, o efeito e o poder do qual começou a manifestar-se assim que o filho de Salomão subiu ao trono. Roboão provou ser arrogante e altivo ao ponto de a nação ter sido logo dividida em dois reinos, o norte constituído por dez tribos, e o sul incluindo as tribos de Judá e Benjamim, com Jerusalém como sua capital.

Assim, após o reinado do Rei Salomão, a situação seguiu o mesmo padrão como antes de Davi chegar ao trono. Em ambos os casos, a nação mostrou falta da capacidade vital para aprender a pensar da causa para o efeito. Como resultado, Israel afundou-se rapidamente numa cada vez maior treva e na destruição. Se tivesse havido uma tendência na direcção oposta, veríamos esperança onde tudo parecia negro com desespero. Era verdade, claro, que havia inversões de direcção de tempos a tempos, mas eram tão temporárias e tantas vezes relacionadas com a fuga aos seus sofrimentos, que a sua eficácia era de curta duração. Ao mesmo tempo, havia espalhadas por todo o reino, almas que eram verdadeiras e leais a Deus, e para o seu bem, o Senhor protegia a nação desde que fosse possível fazê-lo.

Um estudo detalhado do período entre os dias de Davi e o cativo babilónico mais uma vez revela que quando o povo de Deus se afasta da lealdade a Ele, perde a sua liberdade, cessam os serviços diários e o lugar do Seu santuário é derrubado. Até à destruição de Jerusalém, a desolação da terra de Israel, e a destruição do templo que o Senhor construiu através do rei Salomão, Babilónia nunca tinha feito coisas tão terríveis contra Deus, Seu povo e Seu santuário.

O Início dos 2.300 Anos

Na nossa pesquisa, chegámos ao momento em que Daniel viveu. Atrás dele estava a história que tão resumidamente revimos nestas poucas páginas. Para nós isto também é história. Além disso, temos muito mais do que ele tinha, pois, o tempo não parou. O que era profecia no seu tempo, é história nos nossos dias. Para além do presente, o futuro, tanto para Daniel como para nós, o que ainda está para acontecer só pode ser conhecido pela segura palavra de profecia.

Daniel era verdadeiramente conhecedor da história do passado e das profecias do futuro, e ele era bem capaz de entender o significado da relação entre ambas. Ele entendeu a incrível indicação da futura vinda do homem do pecado que se aproximava, o qual mais uma vez tentaria derrubar o lugar do verdadeiro santuário das mentes e corações do povo de Deus.

Depois da ascensão do papado, durante o período conhecido como a Idade das Trevas, a igreja de Deus sofreu perseguições terríveis. Isto começou às mãos dos romanos e dos judeus, e estendeu-se a muitas nações especialmente na Europa, apenas terminando pouco antes do final da profecia dos 1.260 anos em 1798. Foi durante aqueles tempos de trevas as idades sombrias mais do que em qualquer outro período no passado, que o santuário foi derrubado, o diário removido, e o povo do Senhor pisado a pés.

Ainda está para vir o confronto final quando, num futuro muito próximo, a besta regressará ao poder com armas de tortura muito mais terríveis sob o seu comando do que alguma vez teve antes. Pela última vez, usará todos os meios à sua disposição na sua determinação desesperada de derrubar o santuário de Deus do seu lugar legítimo, para acabar com os serviços diários, e pisar o verdadeiro povo do Senhor para sempre. Não subestimemos a sua capacidade de trazer as coisas ao lugar onde a vitória para o lado dela ficará por um fio de cabelo.

As visões dadas ao profeta Daniel podem ser encaradas como desencorajadoras e alarmantes. Isto porque, depois de quase seis mil anos a lutar para aprender e viver a Sua verdade, o povo de Deus ainda não conseguiu pôr um fim absoluto ao pecado nas suas vidas, nem estabelecer a justiça eterna. O pensamento perturbador é que se o Todo-Poderoso fosse tão limitado pela fraqueza da natureza humana que não conseguisse alcançar estes objectivos críticos através dela em todo esse tempo, como podemos nós alguma vez esperar que Ele faça melhor no futuro. Deste ponto de vista, as perspectivas são, de facto, alarmantes e desencorajadoras.

O Final dos 2.300 Anos

Mas há outro ponto de vista que é projectado para nos encher de fé viva – uma fé baseada na promessa de Deus que não pode falhar. É nosso privilégio procurar e encontrar essa promessa, que vem à luz como resultado da nossa pesquisa da história. Foi porque aquela análise apresentou um quadro tão angustiante, e pediu uma resposta tão positiva, que surgiu uma pergunta natural. Depois de ter sido mostrado a Daniel a incrível perda e sofrimento que constantemente cairia sobre o povo de Deus, surgiu então a pergunta muito significativa: “Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: ‘Até quando durará a visão do [sacrifício] contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?’” *Daniel 8:13.*

Esta questão diz respeito apenas a uma coisa – por quanto tempo o diário seria pisado e a transgressão assoladora continuaria? A clara resposta dada foi a seguinte: “E ele me disse: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.’” *Daniel* 8:14.

Da pergunta feita, e da resposta dada, é evidente que chegaria a uma conclusão bem-sucedida do reinado do homem do pecado. Ele não seria capaz de ir em frente para sempre lançando por terra o santuário, tirando o diário, e roubando ao povo de Deus a sua liberdade. Esse tempo seria terminado no final dos 2.300 anos, desde a saída da ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém. Por outras palavras, depois de 22 de Outubro de 1844, nunca mais o povo de Deus poderia ser ignorante da existência, propósito e ministério do santuário no Céu. Nem o ministério diário poderia ser retirado da igreja, nem os santos poderiam ser pisados outra vez. No passado, Satanás foi capaz de negar àqueles que procuram a salvação os meios necessários, mas nestes últimos dias os filhos de Deus terão acesso ilimitado a toda a luz e poder necessários para triunfar gloriosamente.

Em tudo isto encontramos uma maravilhosa fonte de encorajamento para as ocasiões em que Satanás apresenta perante nós um quadro sombrio em que ele argumenta que o fim nunca chegará. Assim que ele fizer isto, podemos virar a nossa atenção para esta Escritura de *Daniel* 8:14 e ficar muito confortados, pois não é um testemunho duvidoso, mas uma afirmação muito positiva. A palavra de Deus não diz: “Se o santuário for purificado”, ou “o santuário pode ser purificado”, mas simplesmente declara que “o santuário será purificado”. Quando estas palavras forem lidas tal como estão escritas, podemos saber com certeza que o santuário será purificado, o fim chegará, as condições serão cumpridas, e a vitória será obtida.

Também não precisamos de descansar apenas na fé, pois está a ser acrescentado um cada vez maior testemunho da vista, para que seja preciso cada vez menos fé para confirmar a certeza da pergunta e da resposta contida em *Daniel* 8:13, 14. O testemunho da vista aponta para o facto de que existe uma diferença definitiva entre a situação na igreja antes e depois de 22 de Outubro de 1844. As diferenças a esperar são que, em primeiro lugar, antes dessa data crucial, o santuário seria derrubado, mas que depois seria restaurado para o seu lugar de direito. Em segundo lugar, anteriormente, o diário seria retirado do povo de Deus, mas depois de 1844 seriam abençoados pelo seu ministério contínuo. A terceira expectativa é que, enquanto antes de 1844 teria havido uma perseguição implacável, isso teria secado quando a mudança chegasse. As provas que demonstram que estas alterações ocorreram de facto desde o final do período de 2.300 anos serão detalhadas nos próximos capítulos.

Capítulo 19

Não Mais Pisado a Pés

No último capítulo, fechámos com a ideia de que o fim dos 2.300 anos em 1844 era o início de uma nova era em que o santuário nunca mais seria derrubado, tirado o diário, ou o povo de Deus pisado. Ver *Daniel* 8:10-14.

A fim de confirmar esta verdade, começaremos por observar a precisão da profecia bíblica, como ela se aplicava primeiro ao fim dos serviços terrenos do tabernáculo terrestre, e depois à mudança nos serviços celestiais do santuário celeste.

O Fim dos Serviços do Santuário Terrestre

Conforme revelado pela profecia, os serviços terrestres deviam ser terminados no dia de Páscoa, no ano 31 d.C. Isto foi três anos e meio depois de Cristo ter começado o Seu ministério como o Messias, ou o Ungido, em 27 d.C. O momento no tempo fornecido por Gabriel a Daniel e registado em *Daniel* 9:24-27 disse que a meio da última semana, o Messias "... dará fim ao sacrifício e à oferta." *Daniel* 9:27. A partir desse momento, o santuário na terra e os seus serviços deixaram de ter qualquer validade, excepto como um meio de revelar o evangelho de Cristo. A morte do Messias acabaria com todas as observâncias de sacrifícios e ofertas. O tipo seria substituído pelo antítipo para sempre.

Não havia ambiguidade quanto ao tempo para a realização desta profecia. Isso não aconteceu de forma aleatória durante esse ano em alguma outra localidade, mas o tipo encontrou o antítipo num momento preciso no tempo e no local. Foi exactamente à hora do sacrifício da tarde, no dia em que Cristo foi crucificado, que chegou a hora do fim do sistema cerimonial de sacrifícios, ofertas e ordenanças. Jesus morreu fora das portas de Jerusalém, e no templo o fim do sistema cerimonial tornou-se óbvio para todos.

"Ao irromper dos lábios de Cristo o grande brado: 'Está consumado' (João 19:30), oficiavam os sacerdotes no templo. Era a hora do sacrifício da tarde. O cordeiro, que representava Cristo, fora levado para ser morto. Trajando o significativo e belo vestuário, estava o sacerdote com o cutelo erguido, qual Abraão quando prestes a matar o filho. Vivamente interessado, o povo acompanhava a cena. Mas eis que a Terra treme e vacila; pois o próprio Senhor Se aproxima. Com ruído rompe-se de alto a baixo o véu interior do templo, rasgado por mão invisível, expondo aos olhares da multidão um lugar antes pleno da presença divina. Ali habitara o shekinah. Ali manifestara Deus Sua glória sobre o propiciatório. Ninguém, senão o sumo sacerdote, jamais erguera o véu que separava esse compartimento do resto do templo. Nele penetrava uma vez por ano, para fazer expiação pelos pecados do povo. Mas eis que esse véu é rasgado em dois. O santíssimo do santuário terrestre não mais é um lugar sagrado.

"Tudo é terror e confusão. O sacerdote está para matar a vítima; mas o cutelo cai-lhe da mão paralisada, e o cordeiro escapa. O tipo encontrara o antítipo por ocasião da morte do Filho de Deus. Foi feito o grande sacrifício. Acha-se aberto o caminho para o santíssimo. Um novo, vivo caminho está para todos preparado. Não mais necessita a pecadora, aflita humanidade esperar

a chegada do sumo sacerdote. Daí em diante, devia o Salvador officiar como Sacerdote e Advogado no Céu dos Céus. Era como se uma voz viva houvesse dito aos adoradores: Agora têm fim todos os sacrifícios e ofertas pelo pecado. O Filho de Deus veio, segundo a Sua palavra: ‘Eis aqui venho (no princípio do Livro está escrito de Mim), para fazer, ó Deus, a Tua vontade’. Hebreus 10:7. ‘Por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção’. Hebreus 9:12.” {DTN 535}, *O Desejado de Todas as Nações*, 756-757.

Embora este acontecimento tenha trazido um fim “... a todos os sacrifícios e ofertas pelo pecado”, o seu significado não foi imediatamente discernido, como evidenciado no início da igreja pelas lutas sobre a necessidade de respeitar a lei cerimonial. Esta triste desunião com a verdade viva do evangelho de Jesus Cristo acabou por ser substituída pela luz que penetrou a escuridão do erro. Paulo foi o grande campeão através de quem Deus foi capaz de realinhar o pensamento dos crentes no seu tempo. Aos colossenses, conseguiu, através da inspiração do Espírito Santo, escrever:

“E, quando vós estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas,

“Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.

“E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo.

“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados,

“Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo.” *Colossenses 2:13-17*.

A Mudança nos Serviços do Santuário Celestial

A mesma exactidão se encontra no tempo dos eventos programados para o fim dos 2.300 anos. O grande acontecimento, como sabemos, implicou a transferência do ministério do nosso grande Sumo Sacerdote do primeiro para o segundo compartimento do santuário celestial no dia antitípico da expiação. Esta transferência ocorreu exactamente em 22 de Outubro de 1844.

Satanás obviamente entendeu isto, pois ele é um estudante bíblico muito inteligente que conhece e compreende as Escrituras, como está escrito: “Parece ainda um anjo de luz, e mostra claramente estar familiarizado com as Escrituras, entendendo a significação do que está escrito.” {DTN 78}, *O Desejado de Todas as Nações*, 124.

Vamos agora estudar essas mesmas Escrituras, para que nós também compreendamos a mensagem de tempo exacto para a ocorrência destes acontecimentos críticos. Em *Daniel 8:14* encontramos a informação dada pelo anjo Gabriel, que deviam passar 2.300 anos antes da purificação do santuário ter lugar. Apesar de estar envolvido um tão longo período de tempo, não enfraqueceu de forma alguma a certeza do acontecimento. Os 2.300 anos começaram e terminaram rigorosamente no tempo previsto, e nessa altura o santuário foi purificado. Embora saibamos que 23 de Outubro de 1844 é a data exacta em que a purificação começou, não sabemos, nem saberemos, o ponto final senão depois da porta da graça fechar. Quando esta obra começou exactamente no tempo, como era devido, os crentes foram fortalecidos por esta confirmação da infalibilidade de Deus como supremo Solucionador de Problemas, no preciso momento em que mais precisavam.

Por outro lado, o inimigo trabalhou com determinação para frustrar o plano divino para a restauração do homem, desviando a atenção dos filhos de Deus do lugar do santuário de Deus para outro lugar completamente diferente. Durante a Idade Média, por exemplo, o papado ensinou as pessoas a contemplar em todas as Catedrais ou igrejas católicas romanas um antítipo do Santuário do Antigo Testamento. Por este meio, o acesso ao único lugar onde a verdade da sagrada palavra de Deus podia ser encontrada foi negado, e as multidões acreditaram no que lhes

foi dito. Embora a Palavra de Deus fale claramente de um santuário celestial, a visão de que o templo de Deus é encontrado nesta Terra tornou-se tão estabelecida que toldou o entendimento dos crentes do advento, tanto nas fileiras do Protestantismo como do Adventismo. Este erro revelou-se a causa de perplexo desapontamento.

Quando olhamos para trás na história para o tempo em que a grande apostasia se desenvolveu após a queda da Igreja Cristã, é óbvio que Paulo viu a terrível escuridão aproximar-se. Um aspecto muito real disto foi a perda da compreensão do Ministério de Cristo no santuário celestial. Paulo procurou transmitir essa grande necessidade através do ministério do Espírito Santo escrevendo o livro dos *Hebreus*. Em termos mais claros possíveis, ele declarou que Cristo e o Seu templo não estão nesta Terra, mas muito decididamente no Céu. Que palavras a este respeito poderiam ser mais claras do que estas:

“Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade,

“Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem.” *Hebreus* 8:1, 2.

Este facto é de novo confirmado nas seguintes palavras:

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho,

“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.

“O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas.” *Hebreus* 1:1-3.

Após a Sua ressurreição, Cristo não assumiu o cargo de Sumo-Sacerdote no templo de Jerusalém ou em qualquer outro templo da Terra, mas ascendeu ao Céu onde assumiu a Sua posição oficial como Sumo-Sacerdote à direita do Seu Pai – o Sumo-Sacerdote celestial no santuário celestial. Ele foi nomeado para ministrar nesta tarefa, no primeiro compartimento, até que o período de 2.300 anos chegasse ao fim. Ele fez isto fielmente de acordo com tudo o que o Pai lhe tinha atribuído, por isso, o acontecimento profetizado realmente ocorreu no mesmo dia especificado na profecia.

O Fim dos 2.300 Anos

Tudo aconteceu de acordo com a seguinte sequência. Começaremos com o encerramento dos 490 anos de tempo de graça para os judeus como nação, e como igreja, que terminou com o apedrejamento de Estêvão. (Ver a profecia das 70 semanas de *Daniel* 9:24-27.) A Igreja Apostólica, que na época era composta pelo povo de Deus, mais tarde passou a ser a Igreja Papal da Idade Média. Depois o poderoso reavivamento da Reforma Protestante aproximou o povo do Senhor e ainda mais próximo do fim preciso dos 2.300 anos.

À medida que este tempo se aproximava, o primeiro anjo chegou à cena anunciando que a hora do julgamento de Deus tinha chegado, apelando ao povo de todo o lado para que aceitasse o evangelho eterno e adorasse a Deus como o Criador dos Céus e da Terra. Aqueles que responderam a este apelo ficaram conhecidos como o Movimento do Primeiro Anjo cujos membros acariciavam a expectativa do iminente advento de Cristo. Eles esperavam este acontecimento entre 21 de Março de 1843 e 21 de Março de 1844, sem saber exactamente quando o Senhor chegaria dentro desse período. Esta aproximação não correspondia à precisão que aprendemos a esperar em relação ao cumprimento da profecia dos 2.300 anos.

Uma vez que a Primavera de 1844 tinha vindo e ido, os crentes encontraram-se no tempo de espera sem data definida para olhar em frente, até Samuel S. Snow despertar de novo o movimento apresentando convincentemente a verdade de que 22 de Outubro era o dia exacto em que os 2.300 dias terminariam. Os crentes aceitaram esta luz, embora ainda estivessem enganados

em relação ao acontecimento que teria lugar naquela altura. Esperavam que Jesus regressasse nesse dia, quando na verdade, Ele entrou no Lugar Santíssimo para continuar a etapa seguinte da obra da expiação.

Consideremos as horas finais da história desses acontecimentos à medida que se aproximavam do momento exacto em que os 2.300 anos terminariam.

Foi em Agosto de 1844 que Samuel Snow chegou a uma reunião campal em Exeter, no Maine, com o anúncio surpreendente de que o segundo advento de Cristo teria lugar no dia 22 de Outubro de 1844, que estava a pouco mais de dois meses de distância. Uma sensação de grande e poderosa urgência marcou a resposta dos crentes que se apressaram a sair daquele lugar a fim de levar as notícias o mais rápido e o mais longe que puderam. Todas as oportunidades foram aproveitadas ansiosamente para espalhar a luz, e maravilhosos foram os resultados. Assim, cada dia estava um dia mais perto do momento do destino.

22 de Outubro de 1844

No dia 22 de Outubro chegou o último dia dos 2.300 anos. Hora após hora passou até que veio a noite sem sinal do glorioso aparecimento de Cristo. A profecia não podia ser cumprida enquanto qualquer parte dos 2.300 anos faltasse, o que de facto, durou até acabar a tarde de 22 de Outubro. (Para confirmação de que um dia começa no final da tarde do dia anterior, vede *Génesis* capítulo 1, onde lemos:

“E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro... e foi a tarde e a manhã, o dia sexto.”

Na manhã seguinte, ficou claro que Cristo não tinha vindo no dia 22 de Outubro, pois esse dia tinha chegado e passado sem que o Seu aparecimento fosse visível para todos. L.E. Froom conta-nos a seguir o que aconteceu depois:

“Depois do pequeno-almoço, Edson disse a um dos seus companheiros: ‘Vamos ver e encorajar alguns dos nossos irmãos.’ (De acordo com Loughborough, o segundo homem era Crosier). Eles evitaram a estrada, pois Edson não queria encontrar pessoas, pois ainda não sabia o que lhes dizer. Então eles atravessaram o campo de Edson, onde o milho ainda estava nas espigas e as abóboras nos ramos. Caminhavam silenciosamente, pensativos e corações meditativos mais ou menos alheios um ao outro. De repente Edson parou, como se por uma mão pousada sobre o ombro. Ele ficou ali, em meditação profunda, o seu rosto virado para cima melancólico em direcção ao cinzento céu nublado, orando por luz. Ele ponderou nas evidências bíblicas sobre o ministério do Sacerdote, Cristo Jesus, no santuário antitípico de Deus no Céu, e como esperavam que Ele aparecesse, naquele antitípico Dia de Expição, para abençoar o Seu povo expectante. Edson estava à espera de uma resposta para a sua perplexidade. De repente, rompeu na sua mente o pensamento de que havia duas fases para o ministério de Cristo no céu dos céus, tal como no santuário terrestre antigo. Nas suas próprias palavras, veio sobre ele uma convicção esmagadora – “que o nosso Sumo-Sacerdote em vez do sair do lugar Santíssimo do santuário celestial para vir a esta Terra no décimo dia do sétimo mês, no final dos 2.300 dias, entrou pela primeira vez nesse dia no segundo compartimento daquele santuário e que tinha uma obra a realizar no Lugar Santíssimo antes de vir para esta Terra.” *The Prophetic Faith of our Fathers* 4:881.

O grande momento do tempo tinha chegado, mas os crentes do advento permaneceram na ignorância do acontecimento a suceder no final dos 2.300 anos até 22 de Outubro. Em vez da entrada de Cristo no segundo compartimento para completar o trabalho de expiação final, eles imaginaram que Ele vinha a esta Terra para a purificar pelo fogo. Mas este engano foi corrigido e a profecia devidamente compreendida. Pela fé, os servos fiéis de Cristo seguiram-no até ao segundo compartimento do santuário celestial, enquanto se apresentava perante o Seu Pai. Em seguida, iniciou a purificação do santuário ou, por outras palavras, a restauração do santuário para o seu estado legítimo.

O Exército não É Mais Entregue para Ser Pisado.

A pergunta específica feita e respondida em *Daniel* 8:13, 14, sobre este acontecimento, era “Até quando durará a visão do [sacrifício] contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” Como vimos, pisar o santuário significa que o seu lugar legítimo no Céu foi usurpado por um erro popular. Na madrugada de 23 de Outubro de 1844, este conceito errado foi destronado, o que foi um grande conforto e alegria para todos aqueles que tinham passado o teste que lhes foi imposto pelo desapontamento. Agora sabiam que o santuário em questão, o que seria purificado no final do período de 2.300 anos, era o santuário no Céu em que o Senhor, o nosso grande Sumo-Sacerdote, ministrava o Seu sangue para a salvação deles. Este é o santuário que o Senhor construiu e não o homem.

Aquele santuário e aquele exército, temos a promessa, nunca mais serão pisados depois de 22 de Outubro de 1844. Mas permanecem as perguntas: quem é o exército e quem o irá derrubar?

A palavra “exército” descreve um grande número de pessoas. Não é difícil ver que estas pessoas são pessoas justas porque em *Daniel* 8:10 lemos:

“E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou.”

Este testemunho da visão dada a Daniel e escrita no versículo 10 acima refere-se às acções da ponta pequena do versículo 9 e é explicado mais detalhadamente no versículo 24 (falando do rei com aspecto feroz): “E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo.” *Daniel* 8:24. Estes versículos mostram que a ponta pequena, ou o rei com as feições ferozes, é um destruidor que destrói o povo santo de Deus.

Mas este pisar do exército não poderia continuar para sempre, pois, se se repetisse, essas atrocidades certamente teriam aniquilado o povo de Deus. Portanto, o tempo foi abreviado como prometido pelo maior dos Profetas.

“Da destruição de Jerusalém, passou Cristo rapidamente ao maior evento, o último elo na cadeia da história terrestre — a vinda do Filho de Deus em majestade e glória. Entre estes dois acontecimentos, jaziam abertos aos olhos de Cristo longos séculos de trevas, séculos assinalados para sua igreja por sangue e lágrimas e agonia. A contemplação dessas cenas não podiam então os discípulos suportar, e Jesus passou-as com breve menção. ‘Porque haverá então grande aflição’, disse, ‘como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tão pouco haverá. E, se aqueles dias não fossem abreviados nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias’. Mateus 24:21, 22. Por mais de mil anos, perseguições como o mundo nunca antes presenciara, sobreviriam aos seguidores de Cristo. Milhões e milhões de Suas fiéis testemunhas haveriam de ser mortas. Não se houvesse estendido a mão de Deus, para preservar Seu povo, e todos teriam perecido. ‘Mas por causa dos escolhidos’, disse Ele, ‘serão abreviados aqueles dias.’” {DTN 445}, *O Desejado de Todas as Nações*, 630, 631.

A Perseguição Futura

Não temos qualquer dificuldade em compreender por quem e a quem estas coisas aconteceram no passado. Mas também precisamos de entender que, no futuro, haverá uma repetição de acontecimentos semelhantes. Isto é claramente profetizado nas Escrituras que predizem um decreto de compra e venda, e um decreto de morte, como está escrito:

“A Palavra de Deus deu aviso do perigo iminente; se este for desatendido, o mundo protestante saberá quais são realmente os propósitos de Roma, apenas quando for demasiado tarde para escapar da cilada. Ela está silenciosamente crescendo em poder. Suas doutrinas estão a exercer influência nas assembléias legislativas, nas igrejas e no coração dos homens. Está a erguer suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as anteriores

perseguições. Sorrateiramente, e sem despertar suspeitas, está aumentando suas forças para realizar seus objetivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo que deseja é a oportunidade, e esta já lhe está sendo dada. Logo veremos e sentiremos qual é o propósito do romanismo. Quem quer que creia na Palavra de Deus e a ela obedeça, incorrerá, por esse motivo em censura e perseguição.” *O Grande Conflito*, 581.

Um outro testemunho de que ainda haverá mártires é dado nestas palavras:

“E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos.” *Apocalipse* 20:4.

Aqui está uma classe de crentes que obviamente terão vivido na Terra durante o tempo de prova imposto ao povo do Senhor pela besta e pela sua imagem. Testemunha-se que se tornarão mártires porque, à custa das suas vidas, se recusaram a adorar a besta ou a sua imagem. Como a imagem da besta não é criada antes do fim dos 2.300 anos, os juízos referidos neste versículo pertencem ao último período da história deste mundo.

No testemunho que se segue, somos informados de que muitos nestes últimos dias serão mártires por causa da verdade:

“Os dois exércitos permanecerão distintos e separados, e essa distinção será tão acentuada que muitos que estarão convencidos da verdade colocar-se-ão ao lado do povo que guarda os mandamentos de Deus. Quando essa grandiosa obra ocorrer na batalha, antes do conflito final, muitos serão encarcerados, muitos fugirão das cidades e vilas para salvar a vida, e muitos serão mártires por amor a Cristo, colocando-se em defesa da verdade. ... Não sereis tentados acima do que sois capazes de suportar. Jesus suportou tudo isso e muito mais.” *Mensagens Escolhidas* 3:397, 398.

Entendemos que não será derramado mais sangue de mártir depois do tempo de prova estar terminado, pois isso deixaria de ter qualquer utilidade para a causa da verdade (ver *O Grande Conflito*, 634). Mas somos claramente ensinados que, após o fim dos 2.300 anos até ao fecho da porta da graça, haverá muitos mártires – homens, mulheres e crianças que sacrificarão a própria vida por Deus.

Uma Contradição?

Como vimos, nem o santuário nem o exército seriam pisados depois do fim dos 2.300 anos. Daniel ouviu a pergunta: “Até quando durará a visão do [sacrifício] contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” *Daniel* 8:13. A resposta foi 2.300 anos. Também vimos que o pisar o exército se refere à perseguição do povo de Deus. Portanto, alguns podem concluir que, depois de 1844, o tempo especificado se esgotou durante o qual o santuário e o exército poderiam ser pisados e o diário tirado, não veremos tais ataques contra o povo de Deus.

Isto não será assim, pois os sofrimentos ainda por suportar estão fora de descrição. Como vamos então entender esta Escritura?

A resposta está no facto que a purificação do santuário não é um evento limitado apenas a um curto período de tempo. Em vez disso, a obra a realizar nesta purificação já precisou de 154 anos e ainda não terminou, de facto continuará por um tempo indeterminado até Cristo poder dizer: “Está feito”. *O Grande Conflito*, 613. Só quando o santuário estiver completamente limpo será o pisar do povo de Deus e do santuário, e a retirada do diário, terminado para sempre.

Ainda há uma diferença entre os mártires do passado e os futuros – a grande linha divisória entre os dois está localizada no ponto em que os 2.300 anos chegaram ao fim. A verdade revelada nessa altura marcou uma mudança decisiva na história do grande conflito. Nessa altura, o povo de Deus experimentou uma libertação que nunca mais deixará. A compreensão de que o nosso

Sumo-Sacerdote celestial está a fazer mediação no santuário celestial através dos méritos do Seu próprio sangue é o fundamento para a eterna justiça. Só com base nesta purificação, pode a obra do Senhor ser terminada e o padrão contínuo de apostasia e arrependimento cessar para sempre.

Capítulo 20

Antes e Depois do Fim dos 2.300 Anos

Como aprendemos, o fim da profecia dos 2.300 anos foi em 22 de Outubro de 1844, um ponto no tempo de grande importância. A partir desse dia, a Igreja de Deus alcançou um lugar na sua fuga às perseguições do senhor do pecado, do qual nunca retrocederia. Isto foi revelado na seguinte pergunta:

“Até quando durará a visão do [sacrifício] contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” *Daniel* 8:13.

E a resposta:

“... Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” *Daniel* 8:14.

Não pode haver engano quanto ao facto de que os 2.300 anos terminaram com a passagem de 22 de Outubro de 1844. Assim como o sacrifício de Cristo pôs fim ao sistema sacrificial na Terra precisamente no momento do sacrifício da tarde – pois no dia da Páscoa o cordeiro fugiu do paralisado sacerdote e o véu foi rasgado no momento em que Cristo morreu – assim os 2.300 anos terminaram exactamente no início da última festa do ano judaico, no décimo dia do sétimo mês, o dia da expiação.

Deus trabalha no cumprimento das Suas predições com extrema precisão e faz avançar as Suas maravilhosas obras exactamente como programado. A profecia dos 2.300 anos é um marco vital no conflito em curso entre a justiça e a iniquidade, como é revelado pelo facto de Cristo ter morrido precisamente a meio da septuagésima semana, como predito em *Daniel* 9:27, pouco tempo antes dos 490 anos determinados para o povo judeu terminarem. Dado que a crucificação ocorreu precisamente na altura profetizada, esperaríamos que o fim dos 2.300 anos fosse igualmente cumprido com a mesma precisão. E assim foi.

A Condição Antes de 1844

A cessação do diário e derrubar o santuário e pisar o exército eram condições que tinham de ser alteradas para a obra de Deus ser terminada. Estes eram obstáculos à purificação final dos filhos de Deus e do santuário celestial, por isso tiveram que ser removidos sem demora. Uma vez que os 2.300 anos tinham passado e a nova ordem tinha sido estabelecida, não foi prometido ao povo de Deus o fim da perseguição, pois a batalha ainda não está terminada. Mas ao longo dos anos restantes do grande conflito, o precioso dom da verdade já não pode ser tirado.

A condição antes de 1844 foi marcada por recorrentes retrocessos a tal ponto que o trabalho de Deus foi frustrado em todos os casos. Cada dia de oportunidade começou com uma maravilhosa manhã em que o poder divino foi derramado sobre o povo de Deus em ricas correntes. Mas como sabemos, apesar dos muitos começos promissores, nenhum movimento terminou ainda o grande conflito. Até a Igreja Apostólica, que começou tão bem, perdeu o seu zelo num surpreendente curto espaço de tempo e caiu numa inacreditável apostasia. O pior de tudo, o lugar do

santuário de Cristo foi derrubado, o diário foi tirado, e o exército foi pisado a pés. Enquanto estas condições prevaleceram, não houve possibilidade de terminar a obra Deus.

Satanás percebe esta ligação e, conseqüentemente, trabalha para manter esta desordem, um feito em que ele tem provado ser demasiado bem-sucedido. Assim, através da história humana, todos os reavivamentos tiveram a sua oposição, e em vez da esperada reforma, seguiu-se uma apostasia terrível. Estes retrocessos parecem ter continuado desde 1844, porque não demorou muito até que os adventistas também tivessem que lutar contra os sinais de apostasia. Então, em que sentido a condição da obra de Deus mudou desde o fim dos 2.300 anos?

Uma Comparação

Num certo sentido, o padrão de apostasia mudou, como podemos ver pela comparação das diferentes condições que existiam antes e depois de 1844. Tal como os movimentos anteriores, o grande movimento do Segundo Advento começou muito forte e favoravelmente. Os membros que entravam para o grupo eram leais, fiéis e verdadeiros. Amavam o Senhor e ansiavam pelo Seu aparecimento. Eram zelosos pela verdade, pela lei, pelo evangelho e pelo movimento. A intensidade da sua experiência pessoal era uma inspiração para aqueles a quem ministravam de forma altruísta. Acerca dos crentes do advento durante o tempo imediatamente anterior ao encerramento dos 2.300 anos, está escrito:

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte da salvação. O povo de Deus era então aceito por Ele. Jesus olhava para eles com prazer, pois Sua imagem neles se refletia. Havia feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade.” *Primeiros Escritos*, 239.

Apesar do seu grande desapontamento quando Cristo não apareceu em 1844 como esperado, os que tinham uma fé pura e activa continuaram a preparar-se para a trasladação.

“O povo, porém, ainda não estava preparado para encontrar-se com o Senhor. Havia ainda uma obra de preparo a ser por eles cumprida. Ser-lhes-ia proporcionada luz, dirigindo-lhes a mente ao templo de Deus, no Céu; e, ao seguirem eles, pela fé, ao Sumo Sacerdote em Seu ministério ali, novos deveres seriam revelados. Outra mensagem de advertência e instrução deveria dar-se à igreja.” *O Grande Conflito*, 425, 426.

Foi um começo maravilhoso, mas como todos os que tinham vindo antes, o movimento do advento rapidamente começou a descer para a apostasia. Antes desse tempo, tais retrocessos da igreja tinham resultado em que os fiéis fossem colocados numa posição de escravidão tão cruel, poderosa e eficaz, que pelo menos em alguns aspectos, foram forçados a modelar as suas vidas de acordo com os ditames dos governantes profundamente apostatados. Na Idade das Trevas, por exemplo, o sábado foi substituído pela observância do domingo, a doutrina de um inferno em chamas, a imortalidade da alma, e outros falsos ensinamentos estabeleceram-se na igreja, e desse modo o culto idólatra tomou a sua morada no templo do Senhor. Era essa a condição da igreja até pouco antes do fim dos 2.300 anos.

Mas depois de 1844 a situação mudou. Apesar do retrocesso da igreja, os fiéis não foram sujeitos a escravidão física. Além disso, pelo menos a teoria da verdade foi mantida. Assim, as grandes doutrinas como o sábado, o estado dos mortos, as revelações proféticas do futuro, a exposição do verdadeiro carácter do homem do pecado, e o carácter oposto de Deus, foram livremente promulgadas.

O que fez a diferença?

Foi a quebra do poder detido pelo homem do pecado. Este mistério da iniquidade já estava a operar nos tempos de João e Paulo, e foi rotulado por eles:

“O espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo.”
1 João 4:3.

“Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que agora o retém até que do meio seja tirado.” 2 Tessalonicenses 2:7.

A Exposição do Homem do Pecado

Desmascarar e destronar o homem do pecado não é tarefa simples. Tem sido um projecto que já custou literalmente milhões de vidas. Inúmeros crentes foram perseguidos por causa da justiça durante o período do Antigo Testamento. Depois, no tempo de Cristo, as torturas e massacres continuaram sob o domínio romano com o seu terrível espírito de rebelião. Isto atingiu a maior intensidade sob o reinado cruel do imperador Nero. “Estas perseguições, iniciadas sob o governo de Nero, aproximadamente ao tempo do martírio de Paulo, continuaram com maior ou menor fúria durante séculos.” *O Grande Conflito*, 40.

Os cristãos naqueles dias tiveram que dar testemunho por Cristo nas condições mais desumanas. Enquanto estas prevalecessem, era impossível que a obra de Deus fosse terminada. Sua fé foi proscrita, restrita e afastada da verdade viva. Tudo o que os cristãos podiam fazer era sobreviver. A verdade e aqueles que a entesouravam tinham de ser libertados. As janelas e as portas espirituais da igreja tiveram que ser abertas para que uma poderosa inundação de luz radiante pudesse encher todos os espaços do edifício, e a grande igreja de Deus na Terra despertar para terminar a obra.

Esta transição das profundezas da apostasia para as alturas da verdade do evangelho tem custado não só a vida de milhões e provocou um longo atraso na segunda vinda do Senhor, mas também demorou 2.300 anos a acontecer. Mesmo assim, temos grandes motivos para nos regozijarmos com o terreno conquistado que nunca será perdido.

“Hoje a igreja de Deus é livre para levar a êxito o plano divino para a salvação de uma raça perdida. Por muitos séculos o povo de Deus sofreu restrição de sua liberdade. A pregação do evangelho em sua pureza foi proibida, e as mais severas penalidades aplicadas aos que ousaram desobedecer aos mandamentos de homens. Como consequência, a grande vinha moral do Senhor ficou quase inteiramente desabitada. O povo viu-se privado da luz da Palavra de Deus. As trevas do erro e da superstição ameaçavam obliterar o conhecimento da verdadeira religião. A igreja de Deus na Terra esteve tão verdadeiramente em cativeiro durante este longo período de feroz perseguição, como estiveram os filhos de Israel em Babilônia durante o período do exílio.

“Mas, graças a Deus, Sua igreja não está mais em cativeiro. Ao Israel espiritual foram restaurados os privilégios concedidos ao povo de Deus por ocasião do seu livramento de Babilônia. Em todas as partes da Terra homens e mulheres estão respondendo à mensagem enviada do Céu, da qual João o revelador profetizou que seria proclamada antes da segunda vinda de Cristo: ‘Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo’. Apocalipse 14:7.

“Não mais têm as forças do mal poder para conservar cativa a igreja; pois ‘caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição’ (Apocalipse 14:8); e ao Israel espiritual é dada a mensagem: ‘Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas’. Apocalipse 18:4. Assim como os exilados ouviram a mensagem: ‘Saí do meio de Babilônia’ (Jeremias 51:6), e foram restaurados à terra da promessa, assim os que temem a Deus hoje estão aceitando a mensagem para retirar-se da Babilônia espiritual, e logo devem permanecer como troféus da graça divina na Terra renovada, a Canaã celestial.” *Profetas e Reis*, 714, 715.

O Desenvolvimento Desde 1844

Foi pouco depois do grande desapontamento de 1844, que o povo do advento caiu na condição de Laodiceia, embora não se apercebesse do quão grande era a sua perda. Apesar da apostasia, mantiveram a verdade, embora apenas em teoria. Em vez de serem totalmente pobres, espiritualmente e moralmente, e de regressarem ao cativeiro, gozavam de uma relativa liberdade teológica.

Este foi um período durante o qual a palavra de Deus foi testada e provou ser verdadeira. Daniel tinha declarado que quase até ao final dos 2.300 anos, o verdadeiro povo de Deus seria submetido a uma terrível tribulação. Uma vez passados os 2.300 anos, no entanto, a história seria muito diferente. Assim foi e tem sido desde então e continuará a ser até ao fim. Nós sabemos que será esse o caso, pois embora o homem do pecado consiga levar alguns de nós para a prisão e matar outros, perderá o poder de esconder o seu verdadeiro carácter. Não seremos mais escravizados na ignorância e na falsidade.

Décadas vieram e passaram durante as quais o povo do advento se manteve em Laodiceia – enriquecido, e de nada tendo falta. Mas por causa do precioso dom da verdade, pensavam que eram ricos e não foram capazes de avaliar a sua pobreza real. Durante a Conferência Geral realizada em Minneapolis, Minnesota, no ano de 1888, o Senhor ofereceu-lhes a cura completa para a sua miserável apostasia – vestes brancas, ouro refinado e colírio. Estes três dons correspondiam à impoluta justiça de Cristo, à fé que opera pelo amor, e ao discernimento espiritual.

Deste modo, em 1888, o quarto anjo chamou a atenção do povo do advento para a mensagem do terceiro anjo em verdade – o mais terrível aviso alguma vez transmitido à humanidade.

“A mais terrível ameaça que já foi dirigida aos mortais, acha-se contida na mensagem do terceiro anjo. Deverá ser um terrível pecado que acarretará a ira de Deus, sem mistura de misericórdia. Os homens não devem ser deixados em trevas quanto a este importante assunto; a advertência contra tal pecado deve ser dada ao mundo antes da visitação dos juízos de Deus, a fim de que todos possam saber por que esses juízos são infligidos, e tenham oportunidade de escapar. A profecia declara que o primeiro anjo faria o anúncio a ‘toda a nação, e tribo, e língua, e povo.’ A advertência do terceiro anjo, que faz parte da mesma tríplice mensagem, deve ser não menos difundida. É representada na profecia como sendo proclamada com grande voz, por um anjo voando pelo meio do céu; e se imporá à atenção do mundo.” *O Grande Conflito*, 449, 450.

Apesar da urgência e da solenidade do aviso enviado pelo Céu, a sua cegueira laodiceana teve tanto sucesso em ofuscar a luz, que os delegados presentes na Conferência Geral de 1888 não entenderam a glória que lhes era oferecida. Eles só viram o que consideravam perigoso e, grandemente alarmados, levantaram-se em oposição aos tesouros de luz. Dificilmente há um crime mais ousado contra o Céu do que um tal desprezo pela verdade. A terrível advertência do terceiro anjo foi desprezada por todos, excepto por alguns fiéis, e independentemente dos esforços diligentes dos servos de Deus, a luz não foi compreendida. A partir daí, os membros do movimento do terceiro anjo estavam no mais grave problema à medida que iam acrescentando apostasia à apostasia.

Mas, ainda assim, apesar de tal flagrante rejeição, isso não lançou os adventistas outra vez na escravidão, os privou da luz da verdade presente, nem os sujeitou a um longo período de perseguição implacável. A grande vinha moral do Senhor não foi esvaziada devido à liberdade adquirida a um custo tão grande antes do final dos 2.300 anos. Esta liberdade nunca mais será perdida, nem pode ser, porque é garantido que ela permanecerá aberta pelo próprio Senhor.

“E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre:

“Conheço as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome.” *Apocalipse* 3:7-8.

Passaram-se mais de 150 anos desde 1844. Ao longo de todos estes anos, a verdade de que o lugar do santuário de Cristo não seria derrubado, nem o diário tirado, nem o exército pisado sob os pés, tem sido firmemente mantida independentemente das pressões que foram exercidas pela apostasia.

Uma Experiência

Pensando nos anos ao longo dos quais o meu conhecimento da profecia bíblica se alargou e aprofundou, lembrei-me de como, através de certas circunstâncias, fui habilitado a ganhar uma imagem completa do grande conflito. Nessa altura, a consciência começou a surgir na minha mente de como o fim dos 2.300 anos iniciou uma nova era de liberdade para a igreja de Deus. Isso aconteceu da seguinte forma:

Durante todo o ano de 1964, troquei correspondência acerca da mensagem com um irmão na Nigéria. O interesse cresceu até que se formou um grupo envolvido que mantinha o pedido para os visitar. Por isso, acabou por ser decidido que eu deveria fazer a visita em 1966 no meu caminho para as reuniões agendadas para a Alemanha. O meu voo tinha escala no Egito, mas à chegada ao Cairo, fui informado de que o meu voo para Lagos, na Nigéria, fora cancelado devido à necessidade de manutenção do avião, e o próximo voo só partiria do Cairo uma semana depois. Isto foi frustrante, porém, como eu constaria, não deixou de trazer as suas bênçãos.

No início, perguntei se havia algum voo alternativo disponível, mas isto revelou-se um esforço infrutífero. Então, instalei-me num hotel barato reconciliado com o atraso da semana. Passei os dois primeiros dias a visitar a cidade, o museu, as pirâmides, a esfinge, e tudo o que conseguisse fazer. Depois lembrei-me que tinha uma cópia de *O Grande Conflito* comigo. Por isso senti que devia lê-lo do princípio ao fim, um plano que coloquei imediatamente em prática. Que revelação isso provou ser! Anteriormente, tinha-o lido em porções grandes e pequenas, e por esse meio tinha obtido informações valiosas dos tópicos abordados nas suas páginas.

Todavia, esta abordagem de o ler de seguida deu-me uma visão geral maravilhosa do grande conflito. Os dois capítulos iniciais expuseram ao meu entendimento o terrível poder nas mãos dos inimigos mortais do povo de Deus. Este poder estava expresso no intenso ódio e determinação de eliminar os verdadeiros e fiéis para sempre. Como parecia que nenhum poder na Terra poderia salvar o povo de Deus, um sentimento de depressão instalou-se em mim.

Olhei de novo, não tão baixo, mas para cima, e aí vi os filhos de Deus, mais fortes, mais puros, mais resolutos, e cujo conhecimento da verdade tinha crescido consideravelmente. Ao mesmo tempo, o homem do pecado envelheceu, perdeu apoio e enfraqueceu. As suas tentativas para destruir o povo de Deus custou-lhe um grande esforço, mas o esforço estava a revelar-se ineficaz, pois quanto mais os atacava, mais fortemente era derrotado. Agora, um sentimento de feliz confiança encheu todo o meu ser enquanto via o inimigo perder terreno.

Mas a minha alegria foi temperada com a percepção de que viria outro revés tão grave que ameaçava acabar com a igreja de Deus para sempre. Às vezes parecia que a igreja tinha desaparecido para nunca mais se erguer, mas sempre reapareceu, com maior força, mais luz, poder, unidade e fé. Foi assim que o homem do pecado que teve o poder de queimar John Huss, foi incapaz, séculos mais tarde, de fazer mal a Martinho Lutero. Embora o homem do pecado estivesse ainda mais determinado a destruir o povo de Deus, ele não poderia sequer aprisionar o mensageiro do Senhor.

E por isso li, página após página. Ao fazê-lo, a imagem tornou-se cada vez mais clara. A cada ataque feito pelo mistério da iniquidade contra o povo do Senhor dos exércitos, foi forçado a retroceder cada vez mais, ao passo que os membros aparentemente fracos e indefesos do corpo de Cristo ficaram mais fortes. Quando a minha leitura me trouxe ao início do grande movimento do Segundo Advento, o Papa estava no exílio, o trono papal estava vago, e a maior e mais gloriosa

luz que devia brilhar sobre a humanidade até agora estava a abrir-se. Foi um tempo de grande emancipação para o povo de Deus e para a Sua verdade. E logo a seguir foi o fim dos 2.300 anos.

Vi então o que tenho visto ainda mais claramente desde então, que enquanto cada batalha era travada e ganha ou perdida, a guerra em si também deve ser travada até à sua conclusão final. Em harmonia com isto, vi como as forças de Deus tinham ganho triunfos progressivos em cada vitória, cada uma das quais estava a reduzir a capacidade de Satanás de efectivamente travar uma guerra contra eles. Vi o profetizado levantamento dos movimentos do primeiro, segundo, terceiro e quarto anjos ao poder. E pude ver como a luz acumulada e o poder de todas as vitórias ganhas pela igreja do Senhor seriam combinadas sob o ministério desses poderosos movimentos para trazer o grande, final e absolutamente certo triunfo sobre o reinado do pecado e da morte.

Quando aquela semana no Cairo acabou, eu tinha finalizado a leitura do livro, mas a grandiosa inspiração das suas infundidas poderosas verdades vivia em mim. A pergunta, “Até quando durará a visão do [sacrifício] contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” estava completamente respondida para mim nas palavras:

“E ele me disse: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.’”
Daniel 8:13, 14.

Não há dúvida quanto à mensagem destes dois versículos. Alegremo-nos e rejubilemos porque o fim do curto dia de vitória aparente do pecado em breve passará para a gloriosa luz do eterno dia da justiça. Que o próprio espírito de louvor encontre a sua verdadeira expressão de gratidão na confiança de que em breve veremos o nosso Salvador, e o fim do pecado, da doença e da morte para sempre.

Capítulo 21

O Santuário a Ser Purificado Após os 2.300 Anos

Como registado em *Daniel* 8:13, um certo santo perguntou quanto tempo estava atribuído para que o santuário e o exército fossem pisados. “Até quando durará a visão do [sacrifício] contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” A resposta dada pode não parecer directamente relacionada com a pergunta: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” *Daniel* 8:14. Na verdade, parece estar a referir-se ao estado do santuário e não ao seu tratamento e do exército. Mas a nossa fé na integridade dos mensageiros angélicos não nos permite tirar essa conclusão. Pelo contrário, como vimos no capítulo anterior, à pergunta: “Até Quando?”, a resposta é dada pela declaração do período de 2.300 anos que iria passar antes de esta amarga escravidão terminar. *Daniel* 8:13, 14 informa-nos que há uma estreita ligação entre o fim da entrega do exército e do santuário para serem pisados por um lado e a purificação do santuário por outro.

Isto levanta imediatamente várias questões, tais como: O que é o santuário? Onde está localizado? O que é a sua purificação? Porque é que a sua limpeza ocorre depois dos 2.300 anos terem terminado, e não antes?

Este é um assunto vasto, mas essencial para aqueles que conseguirão alcançar com sucesso uma aptidão para o Céu. A importância da pergunta e a resposta dada em *Daniel* 8:13, 14 não pode ser subestimada. Deve ser dada atenção à sua solene advertência e instrução antes que seja para sempre demasiado tarde para o fazer.

“Os que desejam participar dos benefícios da mediação do Salvador, não devem permitir que coisa alguma interfira com seu dever de aperfeiçoar a santidade no temor de Deus. As preciosas horas, em vez de serem entregues ao prazer, à ostentação ou ambição de ganho, devem ser dedicadas ao estudo da Palavra da verdade, com fervor e oração. O assunto do santuário e do juízo de investigação, deve ser claramente compreendido pelo povo de Deus. Todos necessitam para si mesmos de conhecimento sobre a posição e obra de seu grande Sumo Sacerdote. Aliás, ser-lhes-á impossível exercerem a fé que é essencial neste tempo, ou ocupar a posição que Deus lhes deseja confiar. Cada indivíduo tem uma alma a salvar ou perder. Cada qual tem um caso pendente no tribunal de Deus. Cada um há de defrontar face a face o grande Juiz. Quão importante é, pois, que todos contemplem muitas vezes a cena solene em que o juízo se assentará e os livros se abrirão, e em que, juntamente com Daniel, cada pessoa deve estar na sua sorte, no fim dos dias!” *O Grande Conflito*, 488.

Este apelo solene ao exame pessoal diário não deve ser estimado ligeiramente. Em vez disso, deve tornar-se um hábito bem estabelecido se quisermos que ele nos proporcione uma avaliação precisa e diária da nossa condição pessoal e espiritual. Então entenderemos o que o santuário significa para nós, e como nos fornece os meios pelos quais tudo o que Cristo ganhou no Calvário

é trazido até nós. Compreenderemos a necessidade de todos os pecados serem perdoados e abandonados todos os dias, e assegurar-nos fielmente que sejam, como aconselhado:

“Vivemos hoje no grande dia da expiação. No cerimonial típico, enquanto o sumo sacerdote fazia expiação por Israel, exigia-se de todos que afligissem a alma pelo arrependimento do pecado e pela humilhação, perante o Senhor, para que não acontecesse serem extirpados dentre o povo. De igual modo, todos quantos desejem seja seu nome conservado no livro da vida, devem, agora, nos poucos dias de graça que restam, afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro. Deve haver um exame de coração, profundo e fiel. O espírito leviano e frívolo, alimentado por tantos cristãos professos, deve ser deixado. Há uma luta intensa diante de todos os que desejam subjugar as más tendências que insistem no predomínio. A obra de preparação é uma obra individual. Não somos salvos em grupos. A pureza e devoção de um, não suprirá a falta dessas qualidades em outro. Embora todas as nações devam passar em juízo perante Deus, examinará Ele o caso de cada indivíduo, com um exame tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na Terra. Cada um deve ser provado, e achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante.” *O Grande Conflito*, 489, 490.

Então, onde está o santuário que devia ser limpo em 1844 no final dos 2.300 anos? Não pode ser a purificação do tabernáculo terrestre erguido à ordem de Deus quando Israel morou no Monte Sinai no deserto. Aquele santuário tinha deixado de existir muito antes de 1844.

Também não foi o magnífico edifício erguido pelo rei Salomão, destruído pelo rei Nabucodonosor, e reconstruído no regresso dos judeus do seu cativeiro babilónico. Este edifício reconstruído não tinha a magnificência do templo de Salomão, embora se tenha tornado muito grandioso e bonito depois de Herodes, o Grande, ter usado prodigiosamente nele tanto a riqueza romana como o tesouro judaico. (Vede *O Grande Conflito*, 24, 25.) Este foi finalmente destruído em 70 d.C.

Há ainda outro santuário ao qual se pode referir a purificação, e este é o que está localizado no Céu. (Ver *hebreus* 8:2, 5; *Hebreus* 9:11, 23.) coloca-se agora a questão: como é que a impureza encontrou um lugar no Céu, e como é purificada e retirada daquele lugar puro e santo? Ao responder a essas perguntas, chegaremos ao conhecimento de como as ministrações de Cristo no santuário celestial nos proporcionam a graça necessária para obter a eterna redenção do pecado.

Precisamos ver e acreditar que há impureza no santuário no Céu, e ao mesmo tempo, entender como chegou lá. Então não teremos dificuldade em aceitar que o santuário celestial, que o Senhor construiu e não o homem, deve ser purificado. Um breve exame do edifício e dos serviços distintos nele realizados revelará a forma ampla como Deus lida com o problema da pecaminosidade na raça humana.

O Propósito do Santuário Terrestre

A obra de Deus na Terra nem sempre teve um edifício real com o qual demonstrar o plano de salvação. Isto foi fornecido pela primeira vez ao povo de Deus quando os israelitas estavam no Monte Sinai, onde Deus lhes disse através de Moisés, o profeta:

“E me farão um santuário, e habitarei no meio deles.

“Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis.” *Êxodo* 25:8, 9.

Então, o propósito directo de Deus ao pedir ao Seu povo para construir um santuário era para que Ele pudesse habitar no meio deles. Este propósito divino não foi satisfeito meramente por fazer a Sua morada numa construção localizada no meio do seu acampamento. O eterno não ficaria satisfeito com algo menos do que morar pessoal e individualmente dentro de cada um deles. E por isso está escrito pelo Espírito Santo através do Apóstolo Paulo, que juntou este tesouro da verdade de Deus através de Moisés:

“Deus disse: ‘Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.

“Por isso saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; E não toqueis nada imundo, E eu vos receberei;

“E eu serei para vós Pai, E vós sereis para mim filhos e filhas, Diz o Senhor Todo-Poderoso.”
2 Coríntios 6:16-18.

O povo judeu tirava grande conforto da presença do tabernáculo no meio do seu acampamento, mas não compreendia o ponto que o tabernáculo dentro deles determinava os frutos que brotavam deles. Semelhantemente hoje, os homens e as mulheres descansam satisfeitos em estarem rodeados de todas as actividades e ensinamentos da igreja de Deus, sem garantir que o próprio espírito da vida de justiça esteja enraizado e alicerçado dentro deles. Assim, sentem-se qualificados para afirmar que são nascidos de novo com base no facto de terem tomado o seu lugar no campo da igreja, em vez de assegurarem que o espírito de vida e o amor de Deus os encham. Qualquer pessoa cheia dos atributos divinos, o principal deles é o activo amor de Deus, não tem espaço para o ódio e o orgulho. O sinal “Esgotado” foi aceso e não há mais alojamento disponível. Cada membro da igreja de Deus precisa, portanto, de estudar as respostas que saem do seu próprio coração sempre que fustigado pela tentação, lembrando sempre que “Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço.” *Salmos* 119:165. Estas palavras simplesmente significam que a reacção do verdadeiro crente que ama a lei de Deus é retribuir o mal com o bem e o bem com o bem.

Por outras palavras, os verdadeiramente nascidos de novo darão expressão ao espírito da vida dentro deles, que, por sua vez, é manifestar o verdadeiro espírito do seu Salvador. Isto pode ser alcançado em todos os momentos, porque a vida do verdadeiro cristão é uma combinação da humanidade com a divindade, da carne e do espírito, de Cristo em vós, a esperança de glória, e de vasos de barro cheios com tesouros celestiais. Tão crucial é esta provisão para as nossas necessidades espirituais diárias, que não podemos viver vitoriosamente sobre o pecado e a doença sem ela. Portanto, o Senhor fornece muitas e variadas ilustrações cada uma das quais se destina a revelar aspectos deste maravilhoso dom.

Uma Lição Objectiva

A mais abrangente destas lições objectivas dadas para a nossa redenção foi o tabernáculo, cujos detalhes originais foram revelados a Moisés no monte sobranceiro ao acampamento no Sinai. Cada parte da estrutura real do tabernáculo fora desenhada para ensinar lições necessárias para a salvação do povo de Deus, assim como as vestes do Sumo Sacerdote e os serviços. Este último também revelava como o padrão de serviços no santuário celestial traz a bênção da expiação ao crente individual. Façamos primeiramente uma breve pesquisa do edifício como uma lição objectiva.

O tabernáculo terrestre foi desenhado por Deus para ser o local de habitação do Altíssimo. Mas isto, por sua vez, devia ser uma imagem do Seu propósito de entrar no coração de todos os crentes e habitar ali também. Se Deus limitasse a Sua presença apenas ao santuário, de modo que o Seu espírito não fosse encontrado nos Seus seguidores, que contradição seria! Infelizmente, isso foi muitas vezes o caso, pois o Seu povo, por causa da incredulidade, não conseguiu ver além do símbolo para a realidade espiritual. Como resultado, podemos ver o contraste entre a vida de Cristo e as vidas dos dirigentes judeus naquele tempo. O amor e a paz brilhavam na vida de Cristo, enquanto os corações dos judeus estavam cheios de ódio e agitação.

Que colisão entre os dois!

“Os judeus pegaram então outra vez em pedras para o apedrejar.

“Respondeu-lhes Jesus: ‘Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual destas obras me apedrejais?’

“Os judeus responderam, dizendo-lhe: ‘Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia; porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.’

“Respondeu-lhes Jesus: ‘Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses?’

“Pois, se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida, e a Escritura não pode ser anulada,

“Aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?

“Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis.

“Mas, se as faço, e não credes em mim, crede nas obras; para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu nele.

“Procuravam, pois, prendê-lo outra vez, mas ele escapou-se de suas mãos.” *João 10:31-39.*

Não pode haver paz com Deus sempre e onde quer que o Espírito de Deus difere de alguma forma do espírito que está no Seu povo. Ambos devem ser iguais como, por exemplo, o espírito de pai e filho quando eles são nascidos de Deus. No entanto, as relações terrenas ilustram inadequadamente este princípio, que é melhor revelado no laço entre o Pai eterno no Céu, e o Seu Filho enquanto Ele estava nesta Terra. Era uma relação verdadeiramente perfeita, a perfeição e o poder que Cristo constantemente testemunhou tanto pelas Suas palavras como pelas Suas Obras. Ela será do maior poder e glória para a igreja de Deus quando nós também pudermos testemunhar a nossa unidade com o Espírito do Pai tão poderosamente como Jesus fez.

“Com a purificação do templo, anunciou Jesus Sua missão como Messias. Aquele templo, erigido, para morada divina, destinava-se a ser uma lição objetiva para Israel e o mundo. Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador. Devido ao pecado, a humanidade cessou de ser o templo de Deus. Obscurecido e contaminado pelo pecado, o coração do homem não mais revelava a glória da Divindade. Pela encarnação do Filho de Deus, porém, cumpriu-se o desígnio do Céu. Deus habita na humanidade, e mediante a salvadora graça, o coração humano se torna novamente um templo.

“O Senhor tinha em vista que o templo de Jerusalém fosse um testemunho contínuo do elevado destino franqueado a todas as pessoas. Os judeus, no entanto, não haviam compreendido a significação do edifício de que tanto se orgulhavam. Não se entregavam como templos santos para o divino Espírito. Os pátios do templo de Jerusalém, cheios do tumulto de um tráfico profano, representavam com exatidão o templo da alma, contaminado por paixões sensuais e pensamentos profanos. Purificando o templo dos compradores e vendilhões mundanos, Jesus anunciou Sua missão de limpar a pessoa da contaminação do pecado — dos desejos terrenos, das ambições egoístas, dos maus hábitos que a corrompem. ‘De repente virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da Sua vinda? E quem subsistirá quando Ele aparecer? porque Ele será como o fogo dos ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-Se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata’. Malaquias 3:1-3.” **{DTN 103}**, *O Desejado de Todas as Nações*, 161.

Quando finalmente entrarmos na Nova Terra, compreenderemos e apreciaremos completamente este princípio de unidade com o nosso Criador, a aplicação do qual encherá cada alma remida com indescritível gozo e alegria.

“Não é indicação adicional de que precisamos, mas a impressão da verdade que já entendemos tornada profunda e minuciosa por uma fiel imputação dela aos outros. Cada um é o primeiro a tratar do seu próprio caso individual. Então ele deve agir em perfeita unidade com os seus irmãos. Os corações dos crentes devem ser como o coração de Cristo. Cada pulsar é um batimento em harmonia com o coração de Cristo. Devemos ser um com Cristo, e um com o outro, para que

o mundo possa acreditar que Deus enviou o Seu Filho ao mundo.” *Bible Training School*, 1 de Dezembro de 1903.

A Estrutura do Santuário Terrestre

Embora houvesse uma grande diferença entre a grandeza, glória e estrutura temporária do tabernáculo no deserto, por um lado, e o magnífico templo construído pelo Rei Salomão, por outro, o desenho era, na sua maioria, essencialmente o mesmo. Em cada caso havia um edifício dividido em duas divisões ou compartimentos. Cada uma destas salas era mobilada de acordo com a necessidade da realização dos serviços do santuário nessa divisão. Em torno de tudo havia um pátio que também continha seus artigos particulares de mobiliário.

Eram muitos os serviços realizados nestas três áreas, mas vamos focar-nos particularmente nos envolvidos na purificação real do santuário, pois é essa a obra que está a acontecer neste momento no santuário celestial. Como vimos, esta obra começou com o fim dos 2.300 anos em 1844.

Os dois compartimentos do tabernáculo ou templo real e seus móveis são descritos em *Êxodo* 25-30 com grande detalhe, mas há uma versão mais breve que é resumida por Paulo nestas palavras:

“Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de culto divino e o seu santuário terrestre.

“Porque foi edificado um tabernáculo, cuja parte da frente, onde estavam o candelabro, a mesa e os pães da proposição, se chama o Santo Lugar.

“Por trás do segundo véu se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos,

“Ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, o bordão de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança.

“Sobre a arca estavam os querubins de glória, que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório. Mas dessas coisas não falaremos, agora, com mais detalhes.” *Hebreus* 9:1-5. (NAA).

Assim, é muito claramente afirmado que havia dois compartimentos no santuário na Terra. Foram designados como Santo Lugar e Santo dos Santos. O primeiro compartimento ou lugar santo continha três artigos de mobiliário. Quando se entrava no tabernáculo, a mesa dos pães asmos estava posicionada à direita. No lado oposto estava o castiçal dourado de sete braços que iluminava a sala com um brilho dourado suave. Por fim, o altar do suave incenso estava junto à parede mais afastada, embora Paulo o localizasse como pertencente ao lugar Santíssimo. Isto é perfeitamente compreensível, pois o altar é o símbolo da mediação entre Deus e o homem. Embora isso seja necessário ao longo de todo o tempo de provação, a maior necessidade será durante o encerramento do grande dia de expiação. Por conseguinte, o incenso como símbolo da mediação é mostrado em tipo para suprir protecção em todo o ministério, tanto no primeiro como no segundo compartimento do santuário.

Havia apenas uma peça de mobiliário no segundo compartimento – a arca sobre a qual estava o querubim, e na qual se encontrava a vara de Arão que floresceu, o pote de maná, e as duas tábuas de pedra.

Tal como havia dois compartimentos, assim os serviços do santuário estavam divididos em duas categorias diferentes. A primeira envolvia os sacerdotes diariamente entrando no primeiro compartimento a fim de realizar as várias expiações diárias, e a segunda era o serviço anual realizado pela entrada do Sumo-Sacerdote no lugar Santíssimo para ministrar os benefícios das expiações finais aos Seus filhos que esperavam. Paulo direcciona a nossa atenção para estes factos da seguinte forma:

“Ora, depois que foram feitos todos esses preparativos, os sacerdotes entram continuamente no primeiro tabernáculo para realizar os serviços sagrados.

Mas, no segundo, o sumo sacerdote entra sozinho uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo.” *Hebreus 9:6, 7.* (NAA).

No pátio, fora da entrada do tabernáculo propriamente dito, erguia-se o altar do sacrifício, que também era usado nos serviços diários.

Actualmente já não realizamos os rituais diários nem os anuais, mas são de valor indispensável para compreender o significado de cada passo necessário para aperfeiçoar e completar a nossa salvação. Apesar de serem apenas um tipo, eram ricos em verdade salvadora. Isto significa que quanto melhor compreendermos os serviços típicos, mais claramente compreenderemos e seremos abençoados pela realidade.

“Ora, visto que a lei é apenas uma sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca consegue aperfeiçoar aqueles que se aproximam de Deus com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, continuamente, eles oferecem.

“Se isto fosse possível, será que os sacrifícios não teriam deixado de ser oferecidos? Porque os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados!

“Entretanto, nesses sacrifícios ocorre recordação de pecados todos os anos,

“Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.” *Hebreus 10:1-4.* (NAA).

Assim, Paulo, que compreendeu estes princípios com grande poder e clareza, declarou que, embora os rituais terrestres servissem muito bem a causa de Deus como educador, não possuíam valor como salvador real.

“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” *Atos 4:12.*

No entanto, o sangue dos touros e das cabras era uma forma muito importante de revelar às pessoas o custo e os passos da salvação unicamente pelos quais nós podemos ser reconciliados com Deus. Por isso, recomenda-se que seja cuidadosamente estudado o capítulo, “O santuário celestial, centro de nossa esperança” em *O Grande Conflito*, 409, antes de prosseguir com o próximo capítulo desta série.

Capítulo 22

A Purificação do Santuário Celestial

Não há dúvida de que o santuário celestial terá que ser literalmente purificado antes que o ministério do plano de salvação seja concluído e todos os santos estejam reunidos no seu lar há tanto tempo perdido. Isto não será apenas uma acção simbólica, mas será uma verdadeira purificação na realidade. Um estudo cuidadoso da palavra de Deus confirmará esta verdade. Por exemplo, Paulo afirmou que da mesma maneira como as coisas terrenas eram simbolicamente purificadas com o sangue dos animais, as coisas celestiais em si seriam purificadas com melhores sacrifícios do que estes, o sacrifício do nosso grande Sumo Sacerdote.

“De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes.” *Hebreus 9:23*

A cópia, o tabernáculo terrestre, era purificada simbolicamente, enquanto o celestial propriamente dito deverá ser de facto purificado. A fonte da impureza do santuário celestial é o pecado. Mas para compreender esta verdade, precisamos de ter uma definição correcta e adequada do pecado. Quando falamos das acções do pecado, da culpa do pecado, e do registo do pecado, não nos referimos ao pecado em si, mas apenas ao resultado do pecado. Quando pecamos, incorremos não só pela responsabilidade e culpa pelas nossas acções pecaminosas, mas também somos na realidade impuros. O que precisamos é de perdão pelo nosso pecado.

“O perdão, porém, tem sentido mais amplo do que muitos supõem. Dando a promessa de que perdoará ‘abundantemente’, Deus acrescenta, como se o significado dessa promessa excedesse a tudo que pudéssemos compreender: ‘Os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os Meus caminhos os vossos caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.’ *Isaías 55:7-9*. O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão pelo pecado, mas livramento do pecado. É o transbordamento de amor redentor que transforma o coração. Davi tinha a verdadeira concepção do perdão ao orar: ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto.’ *Salmos 51:10*. E noutro lugar ele diz: ‘Quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.’ *Salmos 103:12*.” *O Maior Discurso de Cristo*, 114.

A Transferência do Pecado para a Vítima Sacrificial

Por outras palavras, a menos que sejamos purificados do próprio pecado, não somos perdoados. O princípio orientador é que a responsabilidade pelo pecado cabe a quem o suporta. Portanto, se ainda carregamos o nosso próprio pecado, então não foi perdoado, mesmo que suponhamos que sim. O verdadeiro perdão envolve transferir a responsabilidade do pecador para outra pessoa ou agente. Esse outro agente é a vítima sacrificial como se prefigurado nos rituais do Antigo Testamento. O procedimento era o seguinte:

Quando o pecador era convencido de pecado, resultando numa tristeza genuína pelo pecado, ele ou ela arrepentiam-se verdadeiramente, e desejavam ser perdoados. Em seguida, o pecador

escolhia uma ave ou animal sacrificial e levava-o à porta do santuário. Ali, na presença do sacerdote, o pecador confessava o seu pecado sobre a cabeça da vítima inocente, e matava-a com a própria mão. O sangue era recolhido e levado para o santuário onde permanecia até à purificação do santuário.

Havia várias etapas na erradicação completa e final do pecado, desde a confissão do pecador até à eliminação final do mesmo nos fogos da destruição eterna. Como vimos, em primeiro lugar, o pecado é transferido do pecador para o sacrifício, depois do sacrifício para o santuário, e por último, do santuário para o bode expiatório que o levará para o esquecimento total da morte eterna. Em todas as fases, o agente de purificação usado é o sangue, sem o qual não pode haver remissão dos pecados. Isto é porque só pelo sangue de Jesus é que o pecado pode ser afastado.

No Seu sangue reside todo o poder necessário para resolver qualquer problema até à aniquilação final do pecado, como está escrito:

“E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.” *Hebreus 9:22.*

“A purificação, tanto no serviço típico como no real, deveria executar-se com sangue: no primeiro com sangue de animais, no último com o sangue de Cristo. Paulo declara, como razão por que esta purificação deve ser efetuada com sangue, que sem derramamento de sangue não há remissão. Remissão, ou ato de lançar fora o pecado, é a obra a efetuar-se. Mas, como poderia haver pecado em relação com o santuário, quer no Céu quer na Terra? Isto se pode compreender por uma referência ao culto simbólico; pois que os sacerdotes que oficiavam na Terra serviam de ‘exemplar e sombra das coisas celestiais.’ *Hebreus 8:5.*” *O Grande Conflito*, 417, 418.

A Transferência do Pecado para o Santuário

Uma vez que o pecador, pela imposição das mãos, tivesse feito uma confissão verdadeiramente aceitável do seu pecado, e completava a primeira fase da remissão dos pecados, estava preparado o caminho para a aplicação do sangue do sacrifício. Este era levado pelo sacerdote para o primeiro compartimento e espargido perante o véu que separava o primeiro do segundo compartimento.

“A lei de Deus, sendo violada, exige a vida do transgressor. O sangue, representando a vida que o pecador perdera, pecador cuja culpa a vítima arrostava, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimônia, o pecado transferia-se, mediante o sangue, em figura, para o santuário. Em alguns casos o sangue não era levado para o lugar santo; mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote, conforme Moisés determinou aos filhos de Arão, dizendo: ‘O Senhor a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação.’ *Levítico 10:17.* Ambas as cerimônias simbolizavam, de igual modo, a transferência do pecado do penitente para o santuário.” *O Grande Conflito*, 418.

Um ponto-chave que precisamos entender é que tudo o que o pecado toque, ele profana. Portanto, pelo mesmo acto de purificar o pecador da profanação do pecado, o santuário torna-se impuro. É a segunda fase, a transferência do pecado do pecador para o santuário, o que torna necessário purificar o santuário. Uma quantidade extremamente grande de pecado tem-se acumulado no santuário celestial desde que o primeiro pecador – o nosso pai Adão – foi perdoado e o seu pecado foi transferido para o santuário celestial. Isto é verdade, apesar do facto que os ímpios nunca confessaram os seus pecados nem pediram que eles fossem transferidos para o santuário. Em vez de serem acumulados no santuário acima, o seu pecado com toda a sua profanação permanece sobre eles. Por isso, eles não têm qualquer participação na purificação do santuário, pois eles próprios nunca experimentaram a purificação.

A transferência bem-sucedida da iniquidade do pecador para o santuário, depende da fase anterior ter sido concluída com sucesso. O processo é uma série de passos numa sequência

lógica. Até que, na primeira fase, a morte do sacrifício tenha ocorrido, não pode haver sangue para ser transferido para o santuário. Essa transferência é necessária antes que o pecador arrependido possa obter perdão pelo seu pecado.

A Purificação do Santuário

Assim como as bênçãos da expiação diária ou contínua são condicionais, também é a expiação no lugar Santíssimo. Ali, através do sangue espargido perante o propiciatório, é fornecido o caminho pelo qual o santuário como um todo é purificado. Este processo remove o pecado que foi ali guardado, antes da sua transferência final para o bode expiatório, o diabo. Esta é a última e final purificação objectiva do santuário no Céu, e um paraíso do qual todos os vestígios de impureza foram limpos eternamente.

Mas não pode haver essa purificação do santuário celestial até que a corrente contínua de pecado, que tem a sua fonte no coração do povo, termine. Isto deve ser óbvio para todos os crentes em Jesus espiritualmente iluminados, pois se houvesse um constante fluxo de pecado do povo, então logo que o santuário no Céu fosse purificado seria profanado novamente. Isto significaria que nem o santuário nem o Céu seriam totalmente purificados, o que, por sua vez, nunca resultaria na reunião dos santos no lar. O pastor A.T. Jones mostrou este princípio com clareza e força:

“O serviço no santuário terrestre mostra também que, para que o santuário seja purificado e o curso do serviço do evangelho ali seja concluído, tem primeiro de ser terminado nas pessoas que participam no serviço. Ou seja: No próprio santuário, não era possível cessar a transgressão, dar um fim aos pecados e expiar a iniquidade a fim de trazer a justiça eterna, até que tudo isto tivesse sido realizado em cada pessoa que participava no serviço do santuário. O santuário em si não podia ser limpo até que cada um dos adoradores tivesse sido purificado. O santuário em si não podia ser purificado enquanto, pelas confissões do povo e pelo serviço dos sacerdotes, houvesse o derramamento no santuário de um fluxo de iniquidades, transgressões e pecados. A purificação do santuário, quanto ao próprio santuário, era a retirada e afastamento do santuário para longe de todas as transgressões do povo que, pelo serviço dos sacerdotes, tinha sido levado para o santuário durante o serviço anual. E esta corrente tem de ser terminada na sua fonte nos corações e vidas dos adoradores, antes que o santuário em si mesmo possa ser purificado.

“Portanto, a primeira obra na purificação do santuário era a purificação das pessoas. O que era preliminar e essencial para a purificação do próprio santuário, para finalizar a transgressão e trazer a justiça eterna, tinha de haver a finalização da transgressão, e o fim dos pecados, e a expiação pela iniquidade, e trazer a eterna justiça no coração e na vida de cada um do próprio povo individualmente. Quando a corrente que fluía para o santuário era desse modo parada na sua fonte, então, e somente então, poderia o próprio santuário ser purificado dos pecados e transgressões que, do povo, pela intercessão dos sacerdotes, tinham fluído para o santuário.

“E tudo isso ‘alegoria para o tempo presente.’ – uma ‘figura do verdadeiro.’ Portanto, com isto somos ensinados claramente que o serviço do nosso grande Sumo Sacerdote na purificação do verdadeiro santuário deve ser precedido pela purificação de cada um dos crentes, purificação de cada um dos que participam nesse serviço do verdadeiro Sumo Sacerdote no verdadeiro santuário. É evidente que a transgressão deve ser terminada, o fim dos pecados e a reconciliação por todas as iniquidades devem ser feitas, e a justiça eterna deve ser trazida, na experiência do coração de todos os crentes em Jesus, antes que a purificação do verdadeiro santuário possa ser realizada.

“E este é o objecto do verdadeiro sacerdócio no verdadeiro santuário. Os sacrifícios, o sacerdócio, e o ministério no santuário que era apenas uma figura para o tempo presente, não podiam realmente tirar o pecado, não poderia fazer os que lá iam perfeitos, ao passo que o sacrifício, o sacerdócio, e o ministério de Cristo no verdadeiro santuário tira os pecados para sempre, faz os

que participam nele perfeitos, aperfeiçoa ‘para sempre os que são santificados.’” *Consecrated Way to Christian Perfection*, 117-119.

A purificação do santuário não é, portanto, obra de um momento, mas ocupa um largo período de tempo. Começou em Outubro de 1844, mas hoje ainda está incompleta devido à fonte do pecado ainda não estar seca nas nossas vidas. Em vez disso, o fluxo de iniquidade ainda flui de nós para o santuário, tornando impossível que a purificação do santuário seja feita. Os casos daqueles que morreram no Senhor na fé de Jesus são diferentes. De cada um deles, o fluxo de pecado foi verdadeiramente interrompido na sua origem, e em virtude do facto de os mortos não fazerem nada, os seus pecados já não podem ser transferidos para dentro do véu.

Por conseguinte, desde o fim dos 2.300 anos em 1844, a obra de purificação dos pecados dos justos mortos do santuário tem estado em andamento. Estes pecados serão no final colocados sobre Satanás, o nosso grande inimigo, que então não terá outra escolha senão carregá-los para a destruição e total esquecimento eterno.

“Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame. Atualmente, mais do que em qualquer outro tempo, importa a toda alma atender à admoestação do Salvador: ‘Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.’ Marcos 13:33. ‘Se não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.’ Apocalipse 3:3.

“Quando se encerrar a obra do juízo de investigação, o destino de todos terá sido decidido, ou para a vida, ou para a morte. O tempo da graça finaliza pouco antes do aparecimento do Senhor nas nuvens do céu. Cristo, no Apocalipse, prevendo aquele tempo, declara: ‘Quem é injusto, faça injustiça ainda; quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.’ Apocalipse 22:11, 12.” *O Grande Conflito*, 490, 491.

Cristo Confessa os Pecados do Seu Povo

Há um testemunho em *Primeiros Escritos* descrevendo os acontecimentos na purificação do santuário celestial que foi mal interpretado, e, portanto, mal compreendido. Lê-se como segue:

“Retirando-Se Jesus do lugar santíssimo, ouvi o tilintar das campainhas sobre as Suas vestes; e, ao sair Ele, uma nuvem de trevas cobriu os habitantes da Terra. Não havia então mediador entre o homem culpado e Deus, que fora ofendido. Enquanto Jesus permanecera entre Deus e o homem culposo, achava-se o povo sob repressão; quando, porém, Ele saiu de entre o homem e o Pai, essa restrição foi removida, e Satanás teve completo domínio sobre os que afinal se não arrependeram. Era impossível serem derramadas as pragas enquanto Jesus oficiava no santuário; mas, terminando ali a Sua obra, e encerrando-se a Sua intercessão, nada havia para deter a ira de Deus, e ela irrompeu com fúria sobre a cabeça desabrigada do pecador culpado, que desde-nhou a salvação e odiou a correção. Naquele tempo terrível, depois de finalizada a mediação de Jesus, os santos estavam a viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Cada caso estava decidido, cada jóia contada. Jesus demorou um momento no compartimento exterior do santuário celestial, e os pecados que tinham sido confessados enquanto Ele esteve no lugar santíssimo, foram colocados sobre Satanás, o originador do pecado, que deve sofrer o castigo deles.” *Primeiros Escritos*, 280, 281.

Alguns interpretaram a última frase para significar que apenas os pecados que são confessados enquanto Jesus ministra no lugar santíssimo são colocados sobre o bode expiatório. Mas a chave para a verdadeira compreensão desta Escritura, é identificar este ministério por aquilo que é – parte da expiação final pela qual o pecado e a sua culpa serão transferidos do lugar santíssimo para o diabo que é o bode expiatório, e não da expiação para a transferência diária do

pecador e sua culpa para o santuário. Os pecados referidos neste testemunho, são aqueles que tendo sido confessados por Cristo, o nosso grande Sumo Sacerdote, em favor daqueles do Seu povo que, pela verdadeira fé e penitência, se colocaram sob a protecção da expiação final.

A aplicação da graça de Deus naquele dia crítico é descrita em *Levítico* 16. No dia da expiação, o sumo sacerdote trazia dois bodes à porta do tabernáculo perante a congregação de Israel reunida. Ao lançar sortes, um deles tornava-se um bode para o Senhor, e o outro o bode expiatório. O propósito directo dos ministérios daquele dia era a remoção total em tipo da impureza de todas as pessoas do acampamento, bem como do tabernáculo e de tudo o que lhe pertencia. Todos deviam ter em mente que isto não era mais do que uma realização simbólica, a única virtude da qual era revelar o que Deus faria na verdade quando chegasse o tempo para a expiação final no santuário celestial.

Semelhantemente, no típico dia da expiação, o sumo sacerdote, depois de matar o bode do Senhor, tomava o seu sangue e espargia-o sobre e perante o propiciatório. Esta acção da parte dele era a sua confissão em nome de todas as pessoas que se qualificaram. Tinha chegado o momento, não para guardar mais pecado no santuário, mas, em vez disso, removê-lo do santuário. Quer fosse ele devolvido ao pecador onde foi a sua origem, ou colocado sobre o bode expiatório – o símbolo de Satanás, o criador do pecado. Era enquanto estava no lugar santíssimo que o sumo sacerdote confessava os pecados do povo. Qualquer cujos pecados não tivessem sido confessados seria cortado de Israel para sempre.

Por isso, é claramente alcançada uma compreensão correcta deste testemunho adicionando duas palavras, que dão à frase o seu verdadeiro significado, de modo que se lê então: “Jesus demorou um momento no compartimento exterior do santuário celestial, e os pecados que tinham sido confessados [por Cristo] enquanto Ele esteve no lugar santíssimo, foram colocados sobre Satanás, o originador do pecado, que deve sofrer o castigo deles.” *Escritos Primitivos*, 280, 281.

Assim, a chegada do povo de Deus ao final da profecia dos 2.300 anos, foi um ponto de grande importância. Uma nova fase tinha começado e estava preparado o palco para o final da obra de Deus em toda a Terra. Não há nada que possa agora impedir que seja terminada. O tempo de espera acabará, as virgens sábias serão despertadas com as suas lâmpadas cheias de óleo, o santuário será purificado, e nosso abençoado Salvador aparecerá em toda a glória de Seu Pai, a Sua própria glória, e a glória dos Seus anjos. Quando Jesus nos diz:

“Aquele que testifica estas coisas diz: ‘Certamente cedo venho.’ Amém. Ora vem, Senhor Jesus.

“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.” *Apocalipse* 22:20, 21.

Capítulo 23

Avanço Através da Comunhão com Deus

No capítulo anterior, estudámos a purificação do santuário celestial. Ao fazê-lo, fizemos apenas uma mera análise superficial de um vasto oceano sem fronteiras de verdade viva sobre este assunto. Ele é tão infinitamente vasto que nem a eternidade esgotará os tesouros da luz que se encontra no evangelho de Jesus Cristo como é revelado nas mensagens do santuário. De acordo com isso, o nosso objectivo aqui é registar o que nos foi revelado até agora, sendo instruídos por Deus, que “é o Mestre de Seu povo.” {AA 224}, *Atos dos Apóstolos*, 401.

“As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.” *Deuteronomio 29:29*.

Uma grande quantidade de luz preciosa tem sido derramada para nós desde a primeira proclamação da mensagem do quarto anjo em 1888. Ela começou a ser revelada nessa altura, mas foi perdida de vista durante algumas décadas, até ser redescoberta e o seu renascimento cresceu a partir de 1950. Verifica-se que estas incríveis revelações da verdade são os instrumentos adequados para enfrentar os enganamentos mortais e destruidores da imagem da besta. Nenhuma mente humana poderia ter produzido uma solução tão perfeita para o problema do homem do pecado nos últimos dias. Especialmente apropriada é a poderosa e bela luz do evangelho quando brilha das profecias de *Daniel* e de *Apocalipse*.

Fracasso Aparente

Daniel 10 fornece a introdução aos capítulos 11 e 12, e começa com a luta de Daniel sob um enorme fardo pela causa da justiça. Aqui, este poderoso homem de Deus mostra uma intensidade fora do comum de sincero desejo de ver a obra de Deus libertada da opressão estrangeira para sempre. Aquilo que o terá preocupado tão profundamente foi a continuação do povo de Deus mantido em escravidão, apesar do facto de o reino de Babilónia ter sido destruído três anos antes. Sem dúvida, começava a parecer que a profecia de Jeremias tinha falhado. (Vede *Jeremias 25:11, 12; Jeremias 29:10*.)

Todavia, Daniel era um homem da mais extraordinária fé que, tal como o patriarca Jacó, não largava as promessas até que Deus as cumprisse. Ele era o homem certo no lugar certo, aquele através de quem Deus poderia operar os propósitos divinos da Sua vontade. Da mesma forma, é através da cooperação do divino e do humano que a obra será finalmente concluída. Esta experiência de Daniel será repetida no encerramento do grande conflito, quando mais uma vez vai parecer que a igreja está prestes a cair enquanto Satanás traz uma forte pressão para ela suportar.

A maioria, se não todos, os patriarcas e profetas de Deus também chegaram ao ponto onde parecia que o seu trabalho se provaria um fracasso e que a causa de Deus estava perdida.

Considerai, por exemplo, Noé que, depois de pregar durante 120 anos, foi acompanhado na arca apenas por sete almas.

Estudai também a experiência de Abraão que, com Sara, lamentou o seu longo estado de infertilidade antes de ter nascido um filho ao envelhecido casal.

Vede Moisés fugido do Faraó depois de ter matado o egípcio. Depois estabeleceu-se como um homem casado e pastor durante quarenta anos, sem tentar criar um exército para destruir os egípcios durante esse período. Isso prova claramente que ele tirou por completo da sua mente qualquer expectativa de ser o homem através de quem Deus libertaria os israelitas do Egito.

Depois, houve Elias que desesperadamente se queixou por ser a única pessoa ainda leal a Deus. Paulo relata o ponto baixo a que o desanimado Elias chegou quando disse: “Senhor, mata-ram os teus profetas, e derribaram os teus altares; e só eu fiquei, e buscam a minha alma?” *Romanos* 11:3.

João Batista também estava profundamente perturbado com o medo do fracasso. “Ao profeta do deserto tudo isso se afigurava um mistério além de sua penetração. Havia horas em que os cochichos dos demônios lhe torturavam o espírito, e a sombra de um terrível temor, dele se apoderava. Poder-se-ia dar que o longamente esperado Libertador ainda não houvesse aparecido? Então, que significaria a mensagem que ele próprio fora compelido a anunciar? João sentira-se cruelmente decepcionado com o resultado de sua missão. Esperara que a mensagem de Deus tivesse o mesmo efeito que produzira a leitura da lei nos dias de Josias (2 Crônicas 34) e de Esdras (Neemias 8, 9); que se seguiria uma profunda obra de arrependimento e volta ao Senhor. Ao êxito dessa obra, toda a sua existência fora sacrificada. Havia isso sido em vão?” {DTN 145}, *O Desejado de Todas as Nações*, 216.

Até Cristo Se viu confrontado com o mais desencorajador de todos os factores – o aparente fracasso da Sua obra. “Como Redentor do mundo, Cristo foi constantemente confrontado por aparentes fracassos. Ele, o Mensageiro da misericórdia ao nosso mundo, pouco parecia fazer da obra que anelava realizar em erguer e salvar. Satânicas influências estavam sempre operando para Lhe obstar o caminho. Mas Ele não Se desanimava. Através da profecia de Isaías, declara: ‘Em vão tenho trabalhado, inútil e vãmente gastei as Minhas forças; todavia o Meu direito está perante o Senhor, e o Meu galardão perante o Meu Deus. [...] Israel se deixou ajuntar; contudo aos olhos do Senhor serei glorificado, e o Meu Deus será a Minha força.’” {DTN 481}, *O Desejado de Todas as Nações*, 678.

Uma Renovada Certeza no Omnipotente

Tal como o seu Mestre, quase 500 anos depois, Daniel viu-se numa situação em que precisava de uma solução infalível. Parecia que o problema que o confrontava tornar-se-ia um completo e duradouro fracasso para a causa de Deus. A resposta para o problema de Daniel foi a mesma que foi para Cristo – ganhar uma nova certeza no Omnipotente. Isto significava entrar na oração oportuna necessária para enfrentar a crise com sucesso. Semelhantemente, nos últimos dias surgirá a necessidade de o povo do Senhor se elevar acima do sinistro e probante testemunho da vista e das circunstâncias e fixar o seu olhar firmemente no testemunho da fé nas promessas absolutamente confiáveis do Senhor. Caso contrário, a situação revelar-se-á um emaranhado sem esperança.

“É no monte com Deus — no lugar secreto da comunhão — que devemos contemplar Seu glorioso ideal para a humanidade. Em todas as eras, por meio de comunicação com o Céu, Deus tem realizado Seu propósito por Seus filhos pelo gradual desdobrar em seu espírito das doutrinas da graça. Sua maneira de repartir a verdade é ilustrada nas palavras: ‘Como a alva será a Sua saída’. Oséias 6:3.” {AA 316}, *Atos dos Apóstolos*, 564.

Este é um testemunho muito significativo. Ele detalha a forma como, através de todas as eras, Deus opera o seu glorioso propósito para a humanidade. Lembremo-nos que é o propósito *de*

Deus que está a ser revelado – não é principalmente a revelação do nosso propósito para nós mesmos. Claro que o propósito de Deus pode tornar-se nosso, quando passamos muito tempo em comunhão com o Céu. Por este meio, Deus pode fazer a Sua parte, enquanto nós podemos aprender a ocupar a nossa posição correcta como humildes cooperadores de trabalho. Infelizmente, os propósitos de Deus são inaceitáveis para a humanidade em geral, e mais frequentemente do que devia para o Seu professo povo também. Mesmo o verdadeiro povo de Deus muitas vezes experimenta sérias dificuldades com os Seus desígnios, tanto para eles individualmente, como para a Sua igreja como um todo. Este tem sido o grande obstáculo com que o Senhor teve que lutar. Os Seus filhos estão felizes em pertencer à Sua igreja e em construir o Seu reino, mas, como não conseguem compreender a forma de Ele atingir os Seus objectivos, não são capazes de trabalhar com Ele. Eles não podem entrar sem reservas nos seus desígnios perfeitos até aprenderem a comungar com o Céu. Entretanto, muitas vezes consideram o sacrifício de trocar os seus próprios caminhos pelos caminhos de Deus demasiado grande.

À medida que aprendemos a comunicar com o Céu, precisamos confiar que aquilo que nos está a alimentar é, de facto, a verdade de Deus. A nossa posição como alunos de confiança é semelhante à dos anjos que, durante os 4.000 anos que antecederam a crucificação, tiveram que aceitar a declaração de Deus de que o Seu reino é um reino de justiça e amor no qual não há qualquer injustiça. Para os anjos esse deve ter sido um período muito difícil, exigindo como aconteceu a absoluta aceitação da sua parte de que tudo o que procedesse da boca do Senhor estava, de facto, correcto. Vede {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

Os poderosos servos de Deus são aqueles que aprenderam a curvar-se aos Seus pés como humildes aprendizes em comunhão com Ele, em vez de passarem o seu tempo de oração a apresentar-Lhe uma lista de coisas que querem que Ele faça por eles. Há, naturalmente, um lugar para apresentar as nossas necessidades a Deus, e somos encorajados a fazê-lo, mas somos capacitados do alto pelas horas passadas em comunhão com o Céu. Permitamos que a súplica de Moisés para que Deus lhe mostrasse a Sua glória seja vivida nas nossas vidas de oração pessoais. Tal comunhão diligente com o Céu sempre trouxe avanço na luz para o mundo. Estas revelações registadas na Sua palavra dão-nos a garantia de que o método de Deus de trabalhar o Seu propósito para os Seus filhos é altamente bem-sucedido quando eles aprendem a cooperar com Ele.

À medida que os filhos de Deus aprendem a ganhar uma confiança mais profunda no Omnipotente, serão confrontados com crises nas suas vidas pessoais ou na igreja. O verdadeiro filho de Deus não deixará tudo para Deus resolver sem qualquer participação humana, mas, por outro lado, também não se nomeará como o solucionador de problemas que apela a Deus para que o ajude a levar a cabo as suas soluções para a crise. Entre estes dois extremos está o propósito de Deus para nós como seus colaboradores de trabalho. O que podemos fazer, espera-se que façamos, e devemos fazer para cumprir a nossa parte com sucesso na finalização da obra de Deus. Devemos seguir as pisadas de Daniel quando foi confrontado com cada uma das crises terríveis que ameaçavam a sua vida e o futuro da igreja de Deus. Ele agonizou em oração a um nível extraordinário, como fez Jesus. O remanescente dos últimos dias também se levantará para fazer a vontade do seu Pai.

Inevitavelmente, surgirão situações de teste que exigirão maiores suprimentos de fé viva por parte dos filhos de Deus. Isto exigirá a importunação mais intensa para os levar ao lugar onde são plena e confiantemente submissos à ordem divina. Inicialmente, terão que exercer obediência inquestionável a Deus, apesar de muitas objecções que possam procurar afirmar-se. Gradualmente, a luz tornar-se-á cada vez mais brilhante à medida que os filhos de Deus entendem cada vez mais o plano divino. À compreensão segue-se a obediência, até que por fim os crentes em Jesus serão abençoados com perfeita pureza. Então, finalmente, o fim deste mundo de pecado virá. Em contraste com isto, os caminhos de Deus crescerão para a eternidade.

O Poder da Oração Importuna

Mesmo agora temos de aprender a importunar o trono da graça, tal como Daniel no terceiro ano do reinado do rei persa, Ciro. Ao mesmo tempo, negou-se a todo o conforto da vida de modo a poder ganhar todos os disponíveis raios de luz possíveis. Aqui está o seu testemunho daquela experiência de extrema abnegação:

“Naqueles dias eu, Daniel, estive triste por três semanas.

“Alimento desejável não comi, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com unguento, até que se cumpriram as três semanas.” *Daniel* 10:2, 3

Podemos ter a certeza de que as horas adicionais que lhe foram concedidas não foram passadas em ociosidade, na busca do prazer, ou na indulgência do apetite. Há apenas um interesse que poderia envolver e manter a atenção de Daniel, e esse era a causa de Deus e a prosperidade do Seu povo. A sua vida tinha-se identificado tanto com estes assuntos, que ele mantinha uma comunhão muito próxima com Deus. Sabemos disso porque uma incrível compreensão da profecia só poderia ter sido alcançada através de um nível de comunhão raramente visto ao longo da história humana.

Daniel, juntamente com Moisés, João, e muitos outros, incluindo o próprio Jesus, entenderam as bênçãos obtidas com a comunhão profunda e consistente com Deus. Cada um destes homens sabia que havia um poder tremendo na oração e viraram-se para esse recurso sempre que grandes ou pequenas crises ameaçavam transformar a obra de Deus num triste fracasso. Este entendimento é especialmente importante e significativo à medida que Deus reúne e equipa o Seu exército para a luta final dos séculos. O povo de Deus deve tornar-se tão completamente habilitado para a batalha como estava Daniel, cujos poderes espirituais atingiram um nível de desenvolvimento muito elevado.

No final daquelas três semanas em que Daniel se privou de todos os obstáculos à mais profunda comunhão com o Céu, foi aberta diante dele uma visão de eventos futuros que revelavam o propósito divino para a igreja até ao fim dos tempos. Toda a profecia começou com Daniel sendo abordado como um homem muito amado (ver *Daniel* 10:19), e terminou com a revelação da verdade detalhada anteriormente escondida da humanidade. Assim será nos últimos dias em que a grande luz brilhará, muito além de tudo o que fora revelado até essa altura, o que significará um aumento correspondente da nossa comunhão com Deus. Esta grande luz a ser derramada sobre o povo de Deus nos últimos dias é profetizada em *Daniel* 11 e 12, juntamente com as maravilhosas profecias de *Apocalipse*.

“E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória.” *Apocalipse* 18:1.

A presença de um derramamento tão poderoso de luz sobre a Terra é um indicador do desenvolvimento dos filhos de Deus a uma profundidade, amplitude e altura de compreensão que os marcarão como sendo um povo de grande fé e extraordinária insistência na oração.

Foi porque Daniel era um homem de fé e oração tão poderoso que Deus podia abrir diante dele revelações maravilhosas da verdade como estão descritas em *Daniel* 10-12. E quando chegar a altura destas profecias serem cumpridas, será necessário o mesmo nível de insistência na oração para realmente as compreender e aplicar, como está escrito acerca do tempo da angústia de Jacó que se aproxima.

“O tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião. Jacó prevaleceu porque era perseverante e decidido. Sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem-sucedidos como ele o foi. Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção,

não a obterão. Lutar com Deus — quão poucos sabem o que isto significa! Quão poucos têm buscado a Deus com contrição de alma, com intenso anelo, até que toda faculdade se encontre em sua máxima tensão! Quando ondas de desespero que linguagem alguma pode exprimir assoberbaram os que fazem suas súplicas, quão poucos se apegam com fé inquebrantável às promessas de Deus!" *O Grande Conflito*, 621.

Aqueles que aprendem agora como desenvolver uma experiência na oração importuna enquanto a porta da oportunidade permanece aberta, reunirão força suficiente para lidar com os poderes das trevas. Mas quem negligenciar esta obra vital de preparação fá-lo-á com risco da vida eterna. O aviso solene é que:

"Os que agora exercem pouca fé, correm maior perigo de cair sob o poder dos enganos de Satanás, e do decreto que violentará a consciência. E mesmo resistindo à prova, serão, imersos em uma agonia e aflição mais profundas no tempo de angústia, porque nunca adquiriram o hábito de confiar em Deus. As lições da fé as quais negligenciaram, serão obrigados a aprender sob a pressão terrível do desânimo." *O Grande Conflito*, 622.

Capítulo 24

O Anjo Gabriel

As profecias nos três capítulos finais do livro de *Daniel* foram explicadas ao profeta pelo anjo Gabriel. Houve uma série de casos em que mensageiros do Céu apareceram aos humanos. Normalmente, os visitados desta forma não sabiam ao princípio quem os tinha homenageado com a sua presença visível, mas não demorava muito até que a identidade dos seus visitantes se tornasse evidente. Foi assim quando Abraão viu três homens a aproximarem-se da sua tenda, “no calor do dia”. *Gênesis* 18:1. Sem saber quem eram, apressou-se deles quando pareciam tomar uma direcção diferente, instando-os a refrescarem-se antes de viajarem mais longe. Eles aceitaram a sua hospitalidade, e não demorou muito até que o discernimento espiritual do patriarca lhe revelasse que um deles era o Filho de Deus. Ver *Patriarcas e Profetas*, 138, 139, {PP 91}.

Quando Moisés foi confrontado pela sarça ardente, não sabia no início que estava na presença do mesmo Ser que tinha visitado Abraão. Mas quando a Pessoa na sarça em chamas se dirigiu a ele, não havia mais dúvidas sobre quem estava a falar com ele.

Da mesma forma, quando Josué procurou conselho sobre a conquista de Jericó, apareceu diante dele um guerreiro armado com a sua espada desembainhada na Sua mão. Josué instou-o a identificar-Se. Em resposta, a revelação foi dada, “Venho agora como Príncipe do Senhor... Era Cristo, o exaltado Ser, que estava em pé diante do chefe de Israel. Tomado de assombro, Josué caiu sobre seu rosto e adorou; e ouviu esta segurança: ‘Tenho dado na tua mão a Jericó e ao seu rei, os seus valentes e valorosos’ (Josué 6:2); e recebeu instruções para a tomada da cidade.” {PP 356}, *Patriarcas e Profetas*, 488.

Outro exemplo é a experiência dos expectantes pais de Sansão – Manoá e sua mulher. O seu visitante era, como nos casos acima, o próprio Cristo em Pessoa.

“Manoá e sua esposa não sabiam que Aquele que a eles Se dirigia era Jesus Cristo. Imaginaram-n’O como um mensageiro do Senhor, não conseguindo, contudo, determinar se era um profeta ou um anjo. Desejando manifestar hospitalidade para com o visitante, convidaram-n’O a permanecer enquanto Lhe preparavam um cabrito. Desconhecendo, porém, a natureza do hóspede, não sabiam se deveriam colocar a oferta diante d’Ele como alimento ou como oferta queimada.” *The S.D.A. Bible Commentary* 2:1006. (Ver {VA 115}.)

Enoque, Moisés e Elias

Assim, também nós podemos não reconhecer a verdadeira identidade daqueles que já estão no Céu, incluindo homens como Enoque, Moisés e Elias, um dos quais é o anjo Gabriel. Sabemos que estes homens de fé foram levados para o Céu para cumprirem certas tarefas intimamente ligadas com o plano de salvação. Na verdade, os três voltaram a esta Terra em pontos específicos de tempo para cumprir certos papéis-chave. Podemos ter a certeza que os acontecimentos que se verificam nesta Terra são do maior interesse para eles.

Examinemos resumidamente as provas bíblicas de que estes três homens já foram levados para o Céu. Começaremos com Enoque, pela simples razão de que foi o primeiro homem a ir.

Aqui está a citação directa da Bíblia e do Espírito da Profecia testemunhando que ele foi trasladado para o Céu sem nunca passar sob o poder da morte:

“Pela fé Enoque ‘foi trasladado para não ver a morte, [...] visto como antes da sua transladação alcançou testemunho de que agradara a Deus’. Hebreus 11:5. Em meio de um mundo condenado à destruição por sua iniquidade, viveu Enoque uma vida de tão íntima comunhão com Deus que não lhe foi permitido cair sob o poder da morte.” {PP 53}, *Patriarcas e Profetas*, 88.

Em seguida, consideraremos o testemunho sobre a ressurreição de Moisés e a sua ascensão.

“Cristo ressuscitou a Moisés e levou-o para o Céu. Isto exasperou Satanás, levando-o a acusar o Filho de Deus de invadir o seu domínio, roubando da sepultura a sua legítima presa. Judas disse, referindo-se à ressurreição de Moisés: ‘Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda.’” *The Review and Herald*, 3 de Março de 1874.

Por último, houve a transladação de Elias da qual está escrito: “Elias havia andado com Deus. Sua obra tinha sido penosa e probante, pois o Senhor, por intermédio dele, havia reprovado os pecados de Israel. Elias fora um profeta de Deus; todavia vira-se compelido a fugir de um lugar para outro a fim de salvar a vida. Sua própria nação caçara-o como um animal feroz a fim de destruí-lo. Mas Deus trasladara Elias. Anjos levaram-no para o Céu em glória e triunfo.” *Primeiros Escritos*, 162.

Estas referências, confirmando que os três homens estão literalmente e realmente no Céu, são apenas algumas de muitas que poderiam ser citadas para confirmar este facto.

Quem é Gabriel?

Agora precisamos de concentrar a nossa atenção num dos poderosos anjos, nomeadamente Gabriel, para saber quem ele é, qual é o seu trabalho especial, e qual é a grande bênção que nos espera ao ser enviado para mostrar a Daniel o significado das profecias que lhe foram reveladas. Em breve haverá uma reabertura da ligação entre o Céu e a Terra sob a liderança de Gabriel, que nos inspirará o espírito de gratidão e louvor. Seremos abençoados como nunca antes perante o dia de glória que em breve se abrirá diante de nós, quando Gabriel e os exércitos dos anjos sob o seu comando manterão a comunhão constante conosco. O caminho pelo qual os anjos descem e sobem do Céu à Terra estará tão vivo com anjos como quando foi dada a Jacó uma visão dele durante a noite em que ele fugiu da fúria do seu irmão. Que maravilhosa restauração será esta! Ssegue-se o anúncio dessa próxima corrente de actividade ilimitada.

“Satanás é diligente estudante da Bíblia. Sabe que seu tempo é curto e procura em todos os pontos opor-se à obra do Senhor na Terra. É impossível dar uma idéia da experiência do povo de Deus que há de viver na Terra quando se misturarem a glória celestial e a repetição das perseguições do passado. Eles andarão à luz que procede do trono de Deus. Por meio dos anjos haverá constante comunicação entre o Céu e a Terra.” *Testemunhos para a Igreja* 9:16.

Há apenas quatro referências em todas as Escrituras em que Gabriel é mencionado pelo nome.

“E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, a qual gritou, e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão.” *Daniel* 8:16.

“Estando eu, digo, ainda falando na oração, o homem Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princípio, veio, voando rapidamente, e tocou-me, à hora do sacrifício da tarde.” *Daniel* 9:21.

“E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas.” *Lucas* 1:19

“E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré.” *Lucas* 1:26.

Embora existam apenas estas quatro referências a Gabriel na Bíblia, há um número muito maior no Espírito de Profecia. Estes lançam consideravelmente mais luz sobre o poder emanando do poderoso anjo Gabriel.

“As palavras do anjo: ‘Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus’, mostram que ocupa posição de elevada honra, nas cortes celestiais. Quando viera com uma mensagem para Daniel, dissera: ‘Ninguém há que se esforce comigo contra aqueles, a não ser Miguel [Cristo], vosso príncipe’. Daniel 10:21. De Gabriel, diz o Salvador em Apocalipse: ‘Pelo Seu anjo as enviou, e as notificou a João Seu servo’. Apocalipse 1:1. E a João o anjo declarou: ‘Eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas’. Apocalipse 22:9. Maravilhoso pensamento — que o anjo que ocupa, em honra, o lugar logo abaixo do Filho de Deus, é o escolhido para revelar os desígnios de Deus a homens pecadores.” {DTN 58}, *O Desejado de Todas as Nações*, 99.

Gabriel no Jardim de Getsémani

Vamos agora investigar dois acontecimentos, ambos darão novas informações sobre o anjo Gabriel. Primeiro vamos estudar o relato da agonia de Jesus no Jardim de Getsémani, a partir do momento em que a crise atingiu o seu auge.

“Os mundos não caídos e os anjos celestiais vigiavam com intenso interesse o conflito que se aproximava do desfecho. Satanás e suas hostes do mal, as legiões da apostasia, seguiam muito atentamente essa grande crise na obra da redenção. Os poderes do bem e do mal aguardavam para ver qual a resposta que seria dada à oração de Cristo — três vezes repetida. Os anjos anelavam trazer alívio ao divino Sofredor, mas isso não podia ser. Nenhum meio de escape havia para o Filho de Deus. Nessa horrível crise, quando tudo estava em jogo, quando o misterioso cálice tremia nas mãos do Sofredor, abriu-se o Céu, surgiu uma luz por entre a tempestuosa treva da hora da crise, e o poderoso anjo que se acha na presença de Deus, ocupando a posição da qual Satanás caíra, veio para junto de Cristo. O anjo não veio para tomar-Lhe o cálice das mãos, mas para fortalecê-Lo a fim de que o bebesse, com a certeza do amor do Pai. Veio para dar força ao divino-humano Suplicante. Ele Lhe apontou os Céus abertos, falando-Lhe das almas que seriam salvas em resultado de Seus sofrimentos. Afirmou-Lhe que Seu Pai é maior e mais poderoso que Satanás, que Sua morte redundaria na sua inteira derrota, e que o reino deste mundo seria dado aos santos do Altíssimo. Disse-Lhe que Ele veria o trabalho de Sua alma, e ficaria satisfeito, pois contemplaria uma multidão de membros da família humana salvos, eternamente salvos.” {DTN 489}, *O Desejado de Todas as Nações*, 693, 694.

Embora este parágrafo não diga abertamente que foi o anjo Gabriel que visitou Cristo no Jardim, há outro que o faz. Lê-se assim:

“Na crise suprema, quando coração e alma se rompiam sob o fardo do pecado, Gabriel é enviado para fortalecer o divino sofrimento. E ajuda-O a trilhar a Sua vereda sangrenta. E enquanto o anjo ampara o Seu desfalecido corpo, Cristo toma o amargo cálice e consente em beber-Lhe o conteúdo. Diante do Sofredor surge o lamento de um mundo perdido, e dos lábios manchados de sangue brotam as palavras: ‘Se a raça caída deve perecer, a menos que Eu beba este cálice, faça-se a Tua vontade, e não a Minha.’” *The S.D.A. Bible Commentary* 5:1123, (Vede {CT 293}).

Gabriel na Ressurreição

Com estes factos em mente, voltemos ao aparecimento de Gabriel na ressurreição de Cristo. Pela descrição desse evento, podemos vislumbrar mais luz sobre este importante assunto.

“Lentamente passara a noite do primeiro dia da semana. Havia soado a hora mais escura, exatamente antes do raiar da aurora. Cristo continuava prisioneiro em Seu estreito sepulcro. A grande pedra estava em seu lugar; intato, o selo romano; a guarda, de sentinela. Vigias invisíveis ali estavam também. Hostes de anjos maus se achavam reunidas em torno daquele lugar.

Houvesse sido possível, e o príncipe das trevas, com seu exército de apóstatas, teria mantido para sempre fechado o túmulo que guardava o Filho de Deus. Uma hoste celeste, porém, circundava o sepulcro. Anjos magníficos em poder o guardavam, esperando o momento de saudar o Príncipe da Vida.

“E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do Céu, chegou’. Mateus 28:2. Vestido com a armadura de Deus, deixou este anjo as cortes celestiais. Os brilhantes raios da glória divina o precediam, iluminando-lhe o caminho. ‘E o seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido branco como a neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados, e como mortos’. Mateus 28:3, 4.

“Onde está, sacerdotes e príncipes, o poder de vossa guarda? — Bravos soldados que nunca se atemorizaram diante do poder humano, são agora como cativos aprisionados sem espada nem lança. O rosto que contemplam não é o de um guerreiro mortal; é a face do mais poderoso das hostes do Senhor. Este mensageiro é o que ocupa a posição da qual caiu Satanás. Fora aquele que nas colinas de Belém proclamara o nascimento de Cristo. A terra treme à sua aproximação, fogem as hostes das trevas, e enquanto ele rola a pedra, dir-se-ia que o Céu baixara à Terra. Os soldados o vêem removendo a pedra como se fora um seixo, e ouvem-no exclamar: Filho de Deus, ressurge! Teu Pai Te chama. Vêem Jesus sair do sepulcro, e ouvem-no proclamar sobre o túmulo aberto: ‘Eu sou a ressurreição e a vida.’ Ao ressurgir Ele em majestade e glória, a hoste angélica se prostra perante o Redentor, em adoração, saudando-O com hinos de louvor.” {DTN 552}, *O Desejado de Todas as Nações*, 779, 780.

A Visão Dada a Moisés

Chegamos agora ao texto final que identifica positivamente qual dos três homens era Gabriel. A quem Cristo profetizou que seria exaltado a essa posição? Foi ao próprio Moisés, pouco antes da sua morte na montanha solitária de Nebo, no topo do Pisga, de onde lhe foi concedida uma visão panorâmica e profética da história da igreja através de todas as eras até ao culminar triunfante do grande conflito. Quando ele viu os sofrimentos de Cristo no Jardim de Getsêmani, o Seu suposto julgamento, a Sua perseguição às mãos dos judeus, a Sua crucificação, o Seu sepultamento, a Sua ressurreição e o regresso triunfal ao Céu retratados, foi-lhe mostrado que Ele próprio seria quem assistiria ao Salvador nestas terríveis e maravilhosas vitórias. Em *Patriarcas e Profetas* lemos acerca de Moisés:

“Seguiu o Salvador ao Getsêmani, e viu a agonia no horto, a traição, a zombaria e os açoites — e a crucifixão. Moisés viu que assim como levantara a serpente no deserto, do mesmo modo o Filho de Deus deveria ser levantado, para que quem quer que nEle cresse, não perecesse mas tivesse a vida eterna. João 3:15. Mágoa, indignação e horror encheram o coração de Moisés, ao ver a hipocrisia e ódio satânico manifestados pela nação judaica contra seu Redentor, o poderoso Anjo que havia ido diante de seus pais. Ouviu o grito agonizante de Cristo: ‘Meu Deus, Meu Deus, por que Me desamparaste?’ Marcos 15:34. Viu-O jazendo no túmulo novo de José. As trevas da aflição sem esperanças pareciam rodear o mundo. Mas olhou de novo, e viu-O saindo como vencedor, e subindo ao Céu acompanhado por anjos em adoração, e levando uma multidão de cativos. Viu as portas resplendentes abrirem-se para O receberem, e a hoste celestial com cânticos de triunfo dar as boas-vindas ao seu Comandante. E aí foi-lhe revelado que ele mesmo seria um dos que serviriam ao Salvador, e abrir-Lhe-iam as portas eternas. Olhando para aquela cena, seu rosto resplandeceu com um santo brilho. Quão pequenas pareciam as provações e sacrifícios de sua vida, comparados com os do Filho de Deus! quão leves em contraste com o ‘peso eterno de glória mui excelente’! 2 Coríntios 4:17. Regozijou-se de que se lhe tivesse permitido, mesmo em pequena medida, ser participante dos sofrimentos de Cristo.” {PP 346}, *Patriarcas e Profetas*, 475, 476.

O sucesso para o povo de Deus na batalha final do grande conflito dependerá da cooperação mais estreita entre os agentes celestiais e os terrestres. Portanto, teremos de ser capazes de distinguir entre os nossos amigos e os nossos inimigos. Enquanto Gabriel sabe quem nós somos e o quanto pode depender de nós, a questão é: sabemos nós quem ele é? Cada um de nós terá de ter uma compreensão clara da identidade e fiabilidade de Gabriel.

A Posição de Lúcifer

Temos agora evidências suficientes para confirmar que o anjo que apareceu no Jardim para fortalecer Cristo, e aquele que chamou o Salvador dos mortos era um e o mesmo, o poderoso Gabriel. Foi também afirmado que Gabriel foi o anjo que ocupou o cargo deixado vago por Satanás, e que ele é o mais poderoso do exército do Senhor. O ser que ocupa a posição deixada por Satanás devia ser tirado de entre os homens, assim como foi o nosso Salvador. (Vede o estudo sobre Melquisedeque, por exemplo no *The Messenger and News Review* de Janeiro a Setembro de 1990.)

A sua posição é cobiçada por Lúcifer que se tornou o nosso adversário, o diabo. Depois de Satanás ter ficado tão cheio de inveja do Filho de Deus que se revoltou contra a ordem divina e entrou em guerra com Deus para lutar pelo que pensava serem os seus direitos, a cegueira espiritual venceu-o. Isto impediu-o de ver que quem ocupava o cargo preenchido por Cristo tinha de ter, em primeiro lugar, a natureza divina para que pudesse ter acesso ilimitado à Fonte infinita da vida. Ao mesmo tempo, tinha que ser uma criatura para poder trazer vida e luz a todos os seres criados sem os destruir. É por esta razão que Jesus Cristo é Deus e homem, e o Seu nome é, “Emmanuel, Deus conosco.”

“Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, E chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, Que traduzido é: ‘Deus conosco.’” *Mateus 1:23*.

Originalmente, Cristo era o único que era Deus e criatura ao mesmo tempo. Mas quando Adão e Eva transgrediram, perderam as suas vidas e precisaram de redenção divina. O perdão, como é geralmente entendido, era insuficiente por si só para mudar o seu destino. Eles tinham morrido espiritualmente, e uma pessoa morta perdoada não é melhor do que uma pessoa morta não perdoada. Por esta razão, o perdão divino inclui mais. A pessoa morta precisa do dom da vida. E por isso, num acto de amor incrível, Deus em Cristo tornou possível que fôssemos participantes da Sua vida, capazes de nascer na verdadeira família de Deus. Deste modo, é cumprida a promessa que é o mistério de Deus “... Cristo em vós, esperança da glória.” *Colossenses 1:27*.

Ninguém pode entrar no reino de Deus sem nascer de novo. Isto significa que devemos ter a vida de Deus dentro de nós. Como resultado, enquanto havia apenas um ser divino-humano servindo o Universo, agora há uma grande multidão deles. Até Satanás sabe que foi substituído, como será evidenciado pelas palavras escarneadoras que proferirá enquanto luta pelos seus supostos direitos até mesmo ao fim.

“Satanás insiste perante Deus com suas acusações contra eles, declarando que por seus pecados perderam o direito à proteção divina, e reclamando o direito de destruí-los como transgressores. Pronuncia-os tão merecedores como ele mesmo, de exclusão do favor de Deus. ‘São estas’, diz ele, ‘as pessoas que não de tomar meu lugar no Céu e o lugar dos anjos que se uniram a mim? Embora professem obedecer à lei de Deus, têm porventura guardado os seus preceitos? Não têm sido amantes de si mesmos, mais do que de Deus? Não colocaram seus próprios interesses acima do Seu serviço? Não amaram as coisas do mundo? Eis os pecados que lhes assinalaram a vida. Eis o seu egoísmo, sua maldade, seu ódio uns para com os outros.” *Testemunhos para a Igreja 5:473, 474*.

Quando Satanás se rebelou, levou consigo um terço dos anjos.

“E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho.” *Apocalipse* 12:4.

Estas deserções produziram vagas que requerem substituições, sendo estas as do ministério do plano de salvação. O nosso grande Redentor está a preparar homens e mulheres com as qualificações necessárias para compensar a falta no número de anjos.

Deus criou o homem para Sua própria glória, para que depois de passar pela prova e aflição da família humana, pudesse ele tornar-se um com a família celestial. Era o propósito de Deus repovoar o Céu com a família humana, caso ela se demonstrasse obediente a cada palavra Sua. Adão deveria ser provado a fim de demonstrar se seria obediente, tal como os anjos fiéis, ou desobediente. Se fosse aprovado no teste, sua instrução aos filhos teria sido apenas de lealdade. Sua mente e seus pensamentos teriam sido a mente e os pensamentos de Deus. Ele teria sido ensinado por Deus como Sua família e edifício. O seu carácter teria sido moldado à semelhança do carácter de Deus.” *The S.D.A. Bible Commentary* 1:1082.

O papel de substituição daqueles que caíram no pecado e na morte é uma grande responsabilidade. Aqueles que tão tragicamente perderam os seus lugares no reino de Deus compõem um terço do total, e essa perda não deve voltar a acontecer. Os dois terços que permaneceram leais são referidos na Bíblia como somando “o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares.” *Apocalipse* 5:11. Embora isso possa soar como um grande número de seres, na realidade, quando comparado com os habitantes em todo o Universo, seria relativamente pequeno. No entanto, a perda do terço que caiu deixou uma ferida grave.

Até agora, aprendemos que Gabriel é o anjo mais poderoso no exército do Senhor; um homem tirado da família humana; aquele que substitui o Lúcifer caído; o anjo que está na presença de Deus; e aquele que apoiou Cristo em cada passo que Ele deu durante as Suas horas de sofrimento no Getsémani. Ele também era o mais poderoso do exército que chamou Cristo para voltar à vida na manhã da ressurreição.

Capítulo 25

A Interpretação da Visão

Daniel 10-12 foi registado com o propósito de fazer entender a visão a Daniel e ao seu povo até ao final do grande conflito. Portanto, foi-lhe entregue uma mensagem com o aviso de que o tempo marcado seria de grande duração. Ele devia ser tão longo que Daniel precisaria de um fortalecimento especial para suportar as revelações dos terríveis sofrimentos ainda por vir sobre o seu povo antes que o fim pudesse chegar.

Mas que visão devia ser entendida? É a revelada em *Daniel* 7 e 8 cuja referência está a ser feita, ou é uma continuação da visão em *Daniel* 10:5-7 do homem glorioso perante a glória de quem Daniel desmaiou? A resposta não é difícil de determinar. A visão do homem glorioso não requer uma explicação, pois é uma descrição da Pessoa de Cristo, e só requer uma compreensão do propósito da Sua revelação a Daniel.

Obviamente, Gabriel voltou de novo a Daniel para continuar a sua explicação da visão relatada nos capítulos 7 e 8. Isto é visto, por exemplo, pelo facto que os capítulos 7, 8, 11 e 12 terem o mesmo ponto de partida se descontarmos os impérios mundiais que, entretanto, tinham desaparecido da cena de acção. Babilónia, representada pelo leão alado no capítulo 7, não está incluído em *Daniel* 8 simplesmente porque aquele império mundial, no momento em que esta visão foi dada, já não era profecia, mas história e, portanto, tinha perdido o seu lugar num livro de profecias. Quando chegamos a *Daniel* 11, nenhum outro poder mundial tinha substituído os que estavam na posição de domínio mundial, de modo que a Medo-Pérsia ainda estava referida. Temos que salientar claramente o facto que a explicação continua aqui porque este conhecimento é essencial na identificação exacta dos reis do Norte e do Sul nos tempos terríveis por vir. Nessa altura, precisamos de saber exactamente quem são os nossos inimigos, para nos protegermos deles.

Explicação dos Símbolos

Por isso, olhemos atentamente *Daniel* 11 à luz da seguinte pergunta: Esse capítulo é uma explicação de uma visão já dada, ou é mais uma apresentação simbólica dos próximos acontecimentos? Com o estudo do capítulo 11, podemos ver que símbolos como um leão, urso, leopardo, carneiro ou bode não são usados para ilustrar os acontecimentos que se aproximam. Nem dias, meses, águas, cavaleiros, nem abismos usados para transmitir certas verdades. Em vez disso, são dadas explicações cuidadosamente formuladas de alguns destes símbolos como usados em visões previamente registadas. Isto significa que, no nosso estudo do capítulo 11 das profecias de Daniel, estamos vinculados ao princípio de que cada símbolo deve ter a sua interpretação correspondente, e todas as interpretações devem ter o seu símbolo correspondente – nenhum dos dois pode faltar. Por vezes, a explicação correspondente pode estar separada do seu símbolo por capítulos e versículos, mas um pouco de procura irá fazer a ponte entre a separação e ligá-los.

Por exemplo, os primeiros versículos de *Daniel* 11 são dados para nos lembrar os símbolos usados anteriormente no livro deste grande profeta:

“E agora te declararei a verdade: Eis que ainda três reis estarão na Pérsia, e o quarto acumulará grandes riquezas, mais do que todos; e, tornando-se forte, por suas riquezas, suscitará a todos contra o reino da Grécia.

“Depois se levantará um rei valente, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver.” *Daniel* 11:2, 3.

Esta não é certamente uma visão simbólica, mas uma clara interpretação das visões anteriores. Por exemplo, foram mostrados ao profeta os mesmos poderes, nomeadamente Medo-Pérsia e Grécia entrando em conflito entre eles como simbolizados pelo carneiro e o bode. Os factos são que o revelado anteriormente em termos bastante amplos, usando linguagem simbólica, está nestes versículos aberto com muito maior pormenor através da utilização da linguagem directa.

Da mesma forma, o primeiro versículo de *Daniel* 10 é uma declaração concisa do conteúdo de todo o livro de *Daniel*.

“No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome era Beltessazar; a palavra era verdadeira e envolvia grande conflito; e ele entendeu esta palavra, e tinha entendimento da visão.” *Daniel* 10:1.

Como resultado da entrega desta mensagem a Daniel, que suplicava pela luz nos termos mais insistentes, foi capaz de compreender tanto a mensagem como a visão. Além do mais, ele compreendeu a terrível verdade de que todo o drama exigiria muito tempo antes que o conflito temível chegasse por fim ao final. Este pensamento é mencionado duas vezes só em *Daniel* 10, é introduzido no versículo 1 e repetido no versículo 14.

O “tempo definido” não estava obviamente destinado a incluir anos de facilidade e abundância tornado possível pelo mundo. Pelo contrário, haveria séculos de mais amarga perseguição contra a verdadeira igreja, durante a qual literalmente milhões dos seus membros sofreriam o martírio por causa da sua fé, ou sofreriam as torturas mais terríveis. Tudo isto serviu apenas para acentuar o intenso desejo sentido pelos verdadeiros crentes para irem para o lar e estar com o seu abençoado Redentor. Como resultado, a partir do meio das mais sombrias eras de trevas, os crentes em Jesus simbolicamente expressaram a questão de quanto tempo a sua separação ia continuar:

“E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram.

“E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

“E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram.” *Apocalipse* 6:9-11.

Sobre eles será dito: “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.” *Apocalipse* 14:12. Este texto também se aplica à igreja nos últimos dias.

A Paciência dos Santos

O actual período de tempo é certamente um tempo na história da Igreja de Deus em que os santos estão a ser obrigados a desenvolver grande paciência. Eu era apenas um garoto quando a minha mãe viúva ouviu falar e aceitou as boas novas de um Salvador vindouro em breve. Por isso, eu vivi numa atmosfera de expectativa contínua do fim do mundo, assim como os membros da igreja vivendo a sua fé e esperança à minha volta. Essa esperança estendeu-se a partir desse dia. Pudemos ver que o mais intenso desejo de pessoa após pessoa na fé era de que seriam membros dos 144.000 e, por isso, seriam trasladados para o Céu sem ver a morte. Toda a minha vida proclamei a verdade de que Cristo está a chegar muito em breve, apesar do facto que ano após passou sem o Seu real aparecimento. Tem havido tantas esperanças, tanto desejo pelo fim dos

horrores da crueldade, doenças incuráveis, guerras e rumores de guerras, e subsequentes desilusões que têm tentado a nossa paciência, que em muitos casos permitimos que o nosso zelo perdesse o seu primeiro brilho. Há alturas em que somos tentados a sentir que nos tornamos falsos profetas. Os incrédulos perguntam com desdém: “Onde está o seu Deus, onde está a promessa da Sua vinda?” (ver *2 Pedro* 3:4.) Nos tristes casos de alguns que outrora se regozijaram com a verdade, a pressão tem sido tão grande que os fez perder a fé e abandonar completamente a sua esperança.

Mas temos as promessas inquebráveis de Cristo de que Ele virá mais uma vez, tal como nos assegurou. A sua realização, como revelado em Daniel, seria preciso muito tempo até que o Seu advento se tornasse realidade. Apesar de predições como estas quanto à longa duração dos acontecimentos que culminam no tempo de angústia, não há razão para abandonar a nossa fé no regresso de Cristo. Ao mesmo tempo, temos que ter em mente as repetidas advertências contra ser apanhados desprevenidos e fatalmente sem preparação para a Sua vinda. Devemos também considerar o facto de que o nosso tempo de provação pode terminar com a morte a qualquer momento, inesperadamente. Temos de sacudir toda a tendência para o laodiceanismo, “sê pois zeloso, e arrepende-te.” (*Apocalipse* 3:19).

A Inspiração de Gabriel

Com uma vívida clareza sob a tutela do poderoso Gabriel, Daniel viu que o grande conflito duraria na verdade muito tempo. O povo do Senhor também aparecia tão fraco e disperso, tão poucos em número, e com um arsenal limitado de armamento em poder da fé e do amor, que parecia a Daniel que iriam desaparecer rapidamente e permanentemente. Deus sabia que o efeito deste entendimento sobre o profeta seria devastador, especialmente quando viu o poder das forças empenhadas contra a verdadeira igreja. Portanto, Daniel necessitava de uma visão das coisas celestiais para fortalecer a sua fé e dar-lhe esperança e coragem. Quando também nós obtivermos uma avaliação precisa e abrangente das forças armadas contra nós, precisaremos também de uma revelação das incríveis forças da luz que estão reunidas do lado da verdade e da justiça, a fim de apreciar o poder pelo qual o triunfo da nossa causa é garantido.

No último capítulo, vimos algo da incrível glória, beleza e poder residente em Gabriel, o homem Moisés, que é hoje o mais poderoso do exército do Senhor. Precisamos de nos inspirar na revelação de Gabriel, como dado no relato de que ele está na ordem da ressurreição de Jesus da seguinte forma:

“E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do Céu, chegou’. *Mateus* 28:2. Vestido com a armadura de Deus, deixou este anjo as cortes celestiais. Os brilhantes raios da glória divina o precediam, iluminando-lhe o caminho. ‘E o seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido branco como a neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados, e como mortos’. *Mateus* 28:3, 4.

“Onde está, sacerdotes e príncipes, o poder de vossa guarda? — Bravos soldados que nunca se atemorizaram diante do poder humano, são agora como cativos aprisionados sem espada nem lança. O rosto que contemplam não é o de um guerreiro mortal; é a face do mais poderoso das hostes do Senhor... A terra treme à sua aproximação, fogem as hostes das trevas, e enquanto ele rola a pedra, dir-se-ia que o Céu baixara à Terra. Os soldados o vêem removendo a pedra como se fora um seixo.” {DTN 552}, *O Desejado de Todas as Nações*, 779, 780.

O mesmo anjo Gabriel, o glorificado Moisés, que devia estar no comando da ressurreição de Jesus, foi o revelador nomeado para Daniel da conclusão triunfante do grande conflito.

O Efeito de Miguel

Mas ainda mais gloriosa e poderosa foi a revelação de Miguel, o Arcanjo. Acerca d'Ele Daniel escreveu:

“E levantei os meus olhos, e olhei, e eis um homem vestido de linho, e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz;

“E o seu corpo era como berilo, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como a voz de uma multidão.” *Daniel 10:5, 6.*

Este poderoso e glorioso Ser era nada mais nada menos do que o Filho de Deus, resplandecente na Sua glória, e incrível no poder investido n'Ele.

“Foi o próprio Filho de Deus que apareceu a Daniel. Esta descrição é semelhante à dada por João quando Cristo lhe foi revelado na Ilha de Patmos. Nosso Senhor vem agora com outro mensageiro celestial para ensinar Daniel o que aconteceria nos últimos dias. Este conhecimento foi dado a Daniel e registado pela Inspiração para nós sobre quem os finais do mundo estão vindo.” *The S.D.A. Bible Commentary 4:1173.*

O aparecimento de Cristo, o Mensageiro, foi súbito e inesperado, mas a reacção daqueles que viram a visão foi rápida e total. Como é relatado para nossa bênção, todas as pessoas excepto Daniel foram atingidas por um medo terrível, e fugiram em todas as direcções à procura de um lugar onde se julgavam a salvo.

“E só eu, Daniel, tive aquela visão. Os homens que estavam comigo não a viram; contudo caiu sobre eles um grande temor, e fugiram, escondendo-se.” *Daniel 10:7.*

Daniel sozinho permaneceu, mas ele também foi ultrapassado até certo ponto.

“Fiquei, pois, eu só, a contemplar esta grande visão, e não ficou força em mim; transmudou-se o meu semblante em corrupção, e não tive força alguma.

“Contudo ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo o som das suas palavras, eu caí sobre o meu rosto num profundo sono, com o meu rosto em terra.” *Daniel 10:8, 9.*

Cristo, obviamente, não estava a tentar intimidar Daniel. Pelo contrário, estava a fornecer o que Daniel precisava desesperadamente – encorajamento, fortalecimento de fé, e certeza de que a causa da verdade e da justiça triunfaria.

O que podemos aprender com Daniel prostrado, perdendo a consciência, e ficar esgotado de todas as suas forças pessoais sem ficar fôlego nele? Encontramos muitas vezes os mesmos sinais nas vidas daqueles que estavam muito perto de Deus no momento em que receberam visões. Essa experiência só é possível quando a respectiva pessoa é dotada de poderes sobrenaturais. Testemunhos sobre o ministério de Ellen White dão prova de que quando ela era levada em visão, todos estes sinais físicos de um profeta estavam presentes. Aqui está uma descrição de um desses sinais – ela falava com prolongada, total ausência de fôlego.

“‘Agora’, o irmão White disse, ‘temos que ver se há alguma respiração no seu corpo.’ Não parecia haver nenhum. Tudo parecia bem, só que não havia fôlego. O irmão White disse: ‘Vamos agora pedir um espelho, e fazer o teste.’ Então alguém foi à casa ao lado e arranhou um espelho, e manteve-o perto do rosto dela, mas não havia sinais de humidade. Por isso, não havia respiração.” *Ellen G. White 2 - The Progressive Years, 234.*

Para que Daniel lidasse com a visão e os acontecimentos subsequentes, precisava de ser imerso numa inundação de forças sobrenaturais. Estes poderes transmitir-lhe-iam uma nova avaliação daquilo que o seu povo enfrentou e como lidar com os acontecimentos futuros. Deste modo, seguiria em frente armado pelo Onnipotente para combater com as trevas da injustiça, portanto, destinadas a serem derrotadas. Da mesma forma, o povo de Deus continuaria por todos os séculos seguintes até que o seu Salvador regressasse. Profecias como estas permitem-nos conhecer o resultado da batalha entre as forças da luz e das trevas antes mesmo delas terem começado. Desta maneira, podemos ser fortalecidos e preparados para o conflito à nossa frente, tal

como Daniel estava. A voz de Gabriel instruiu o profeta prostrado, que se tinha levantando dos joelhos e mãos, para ficar em pé. Isto ele foi capaz de fazer.

A Resposta à Oração

Em seguida, ao longo do resto do capítulo, de *Daniel* 10:12-21 começa uma série de revelações de verdades vivas que revelam como o Céu e a Terra estão intimamente ligados, encorajando-nos com a percepção de que não somos deixados sozinhos.

Há muitas ocasiões em que o testemunho da vista e das circunstâncias declara de forma demasiado convincente que Deus, de facto, nos abandonou, mas podemos saber que isso nunca é realmente verdade. Daniel teve que esperar três semanas por qualquer indicação de que a sua oração tinha sido ouvida.

“Então me disse: ‘Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras.

“Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias,...” *Daniel* 10:12, 13.

Às vezes podemos sentir-nos abandonados, e podemos lamentar como Daniel, mas a nossa fé, fortalecida pela sua experiência, pode dizer-nos que as nossas orações são ouvidas. Considerai o poder transmitido nas promessas de Deus para este efeito.

“Em todos os tempos e lugares, em todas as dores e aflições, quando a perspectiva se afigura sombria e cheio de perplexidade o futuro, e nos sentimos desamparados e sós, o Consolador será enviado em resposta à oração da fé. As circunstâncias podem-nos separar de todos os amigos terrestres; nenhuma, porém, nem mesmo a distância, nos pode separar do celeste Consolador. Onde quer que estejamos, aonde quer que vamos, Ele Se encontra sempre à nossa direita, para apoiar, sustentar, erguer e animar.” {DTN 474}, *O Desejado de Todas as Nações*, 669, 670.

Assim, nas mais fortes afirmações, Deus declarou que nunca somos deixados sozinhos, abandonados ou desamparados. Isto pode ser difícil de aceitar quando na escura hora da aflição precisamos de ser fortalecidos e estabelecidos, mas com o olho da fé devemos penetrar na escuridão da incredulidade. Então, saberemos que fomos enviados para a batalha com Cristo liderando triunfantemente o caminho. Experimentaremos o cumprimento das Suas promessas tal como Daniel fez.

“Não deve haver nenhum desalento em relação com o trabalho de Deus. A fé do consagrado obreiro tem de resistir a cada prova que o alcance. Deus pode e está disposto a outorgar a Seus servos toda a fortaleza de que precisem e a dar-lhes a sabedoria que suas variadas necessidades imponham. Ele fará mais que cumprir as mais altas expectativas dos que nEle põem sua confiança.” {AA 134}, *Atos dos Apóstolos*, 242.

Então, não haverá ocasião para desânimo, duvidando da vontade de Deus de nos sustentar, ou causa para procurar conforto de outras fontes. Pelo contrário, em todos os momentos haverá ocasião para regozijo e alegria de coração.

“Exultai, ó céus, e alegra-te, ó terra, e vós, montes, estalai com júbilo, porque o Senhor consolou o seu povo, e dos seus aflitos se compadecerá.

“Porém Sião diz: ‘Já me desamparou o Senhor, e o meu Senhor se esqueceu de mim.’

“Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse dele, contudo eu não me esquecerei de ti.

“Eis que nas palmas das minhas mãos eu te gravei; os teus muros estão continuamente diante de mim.” *Isaias* 49:13-16.

Há muitas mais grandes e maravilhosas promessas na palavra de Deus e no Espírito de Profecia para nós descobrirmos e pelas quais viveremos como Daniel.

O Moisés Ressuscitado

Já examinámos provas suficientes para identificar que Gabriel é o Moisés ressuscitado. Como é reconfortante, encorajador e inspirador este conhecimento para todos os que de nós passaram a conhecer Moisés através do estudo das Escrituras. Durante os quarenta anos de ministério altruísta e dedicação total aos interesses de Deus e do Seu povo, Moisés demonstrou uma obediência contínua, excepto no único acto pelo qual manchou o seu serviço a Deus e ao homem – batendo na rocha quando só deveria ter falado com ela. Dessa forma tirou o crédito que pertencia a Deus, tomando para si a glória, que pertencia ao infinito.

À medida que estudamos a maravilhosa vida de Moisés obtemos uma convicção cada vez mais profunda de que temos um poderoso campeão que, juntamente com Miguel, o Arcanjo, está investido com o poder e autoridade do Céu e, portanto, não pode falhar. Cristo Arcanjo, em cujas mãos todo o poder no Céu e na Terra foi dado, e Moisés, que é Gabriel, o mais poderoso do exército do Senhor, formam uma equipa invencível. É a mesma equipa que trabalhou junta no caso de Daniel.

Uma das grandes características que marcou o ministério de Moisés foi a fidelidade. Nisto ele é comparado com Jesus que também foi fiel no Seu ministério como está escrito:

“Por isso, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão,

“Sendo fiel ao que o constituiu, como também o foi Moisés em toda a sua casa.” *Hebreus 3:1, 2.*

Aqui a fidelidade de Jesus está a ser medida e avaliada pela encontrada em Moisés. Isto é uma indicação para nós das alturas a que podemos ascender na nossa sede de justiça. À luz destas conquistas, não deixemos que nenhum humano ou anjo diga que a perfeição é impossível ou que entraremos no conflito final mal equipados, ou liderados por generais fracos e incompetentes. Quando tentados a sucumbir a tais pensamentos, fixemo-nos na glória radiante de Gabriel, ou seja, Moisés, realizando o seu trabalho com tanta certeza total, poder e perfeição.

Capítulo 26

A Vitória Sobre a Pressão da Vista e das Circunstâncias

Depois de esperar três semanas completas sem lhe chegar uma resposta, deve ter parecido ao profeta Daniel, que por alguma razão, Deus não estava a responder às suas orações. Imaginai orar ao Céu com grande intensidade de propósito, apenas para ser recebido por Deus com o silêncio de quem está aparentemente ocupado com outras coisas. Essa foi a experiência de Daniel, semelhante foi a de Elias quando orou pela chuva que Deus tinha prometido enviar. As seis vezes que Elias teve que sofrer a aparente derrota foi um teste de fé suficiente, mas ter de enfrentar vinte e um dias, como no caso de Daniel, sem saber o que se passava por detrás da aparência visível – isso deve ter exercido uma forte pressão sobre o suplicante.

Quando Gabriel finalmente chegou junto do profeta Daniel, trouxe consigo uma explicação e uma revelação.

“Então me disse: ‘Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras.

“Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia.

“Agora vim, para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias; porque a visão é ainda para muitos dias.” *Daniel* 10:12-14.

Esta explicação deixou claro a Daniel o que atrasou a vinda de Gabriel por vinte e um dias. Gabriel aconselhou Daniel a não temer que a resposta estivesse longe, quer no que respeita à distância, ou ao tempo. Na verdade, não foi nenhum dos dois, embora pudesse parecer assim para Daniel. Esta revelação foi o desvendar para Daniel a importância dos acontecimentos que causaram esse atraso, e as razões para o impedimento de Gabriel para atender às necessidades de Daniel.

Foi revelado ao suplicante que desde o momento em que ele começou a orar, foi ouvido, e foram dados passos imediatos no Céu para responder a essa oração. Havia um obstáculo que tinha de ser removido antes de ser dada uma resposta às súplicas insistentes de Daniel. A demora fora causada pela resistência de Ciro, o rei Medo-Persa, à influência do Espírito Santo. Ao poderoso anjo Gabriel tinha sido designado o trabalho de obter o apoio de Ciro na libertação dos judeus da sua escravidão terrestre. Gabriel não conseguiu alcançar isso sem a ajuda adicional prestada pela chegada de Miguel, o Arcanjo. Uma vez realizado esse trabalho, Gabriel estava livre para continuar a instrução dada por Deus para Daniel.

A Oração da Fé

O voo de Gabriel de onde estava, para junto do homem de Deus, foi de facto iniciado por Daniel ao suplicar ao trono de Deus em oração. “Eu vim por causa das tuas palavras” (*Daniel* 10:12), declarou Gabriel. A oração de Daniel, através da fé viva, moveu o braço da Omnipotência, e os recursos todo-poderosos do Universo vieram em seu auxílio. Foi uma demonstração das incríveis reservas de poder e luz disponíveis para todos aqueles que forem para a guerra em justiça na batalha que em breve se aproxima contra a besta e a sua imagem.

Neste contexto, consideremos o seguinte testemunho e recebamos a sua luz e poder nas nossas almas até ficarmos carregados de vida, luz e glória de cima.

“Os filhos de Deus não foram deixados sós e indefesos. A oração move o braço do Onipotente. As orações ‘venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo’ — saberemos o que isto significa, quando ouvirmos o relato de mártires que morreram por sua fé — ‘puseram em fuga os exércitos dos estranhos’. Hebreus 11:33, 34.” {PJ 88.2}, *Parábolas de Jesus*, 172.

Mesmo que a oração da fé pareça não gerar resposta, na verdade transmite grande benefício até mesmo ao mais firme dos crentes, como Daniel e Elias. Estes dois homens entenderam que tal oração da fé não traz apenas a solução divina, mas no processo, produz novas alturas de realização no cristão em luta. Elias agarrou-se às poderosas promessas de Deus até receber a bênção tão necessária para si e para o seu povo. Enquanto o fazia ele próprio recebeu uma grande limpeza e foi atraído para mais perto de Deus. A fé de Elias foi conseqüentemente aprofundada.

Daniel no Circuito da Beneficência

Elias e Daniel foram habilitados a fazer um trabalho poderoso para o Senhor como resultado da sua cooperação com os Seus princípios. Semelhantemente, aqueles que nunca tentam posicionar-se em qualquer lugar onde Deus não os colocou, irão verdadeiramente caminhar na Sua luz. A menos que mantenham a sua lealdade a este princípio divino de operação, e formem as suas vidas em conformidade, os seus nomes não serão gravados no livro da vida. Mas aqueles que escolheram o caminho de Deus estão em minoria, como Daniel, que seguiu os caminhos de Deus tão de perto que o Céu o classificou como aquele que foi “muito amado”. Ver *Daniel* 10:11, 19. Ser assim reconhecido no Céu é ser o destinatário das mais ricas bênçãos celestiais, altamente honrado do Senhor. Todos os verdadeiros crentes no Senhor são muito amados, porque em virtude de terem sido salvos, ele ou ela torna-se parte do grande fluxo de amor que flui do trono de Deus para cercar o Universo e regressar à Fonte da Vida e do Amor mais uma vez. Este processo é a lei da vida para o Universo tal como está escrito:

“Volvendo-nos, porém, de todas as representações secundárias, contemplamos Deus em Cristo. Olhando para Jesus, vemos que a glória de nosso Deus é dar. ‘Nada faço por Mim mesmo’ (João 8:28), disse Cristo; ‘o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai’. João 6:57. ‘Eu não busco a Minha glória’ (João 8:50), mas ‘a dAquele que Me enviou’. João 7:18. Manifesta-se nestas palavras o grande princípio que é a lei da vida para o Universo. Todas as coisas Cristo recebeu de Deus, mas recebeu-as para dar. Assim nas cortes celestes, em Seu ministério por todos os seres criados: através do amado Filho, flui para todos a vida do Pai; por meio do Filho ela volve em louvor e jubiloso serviço, uma onda de amor, à grande Fonte de tudo. E assim, através de Cristo, completa-se o circuito da beneficência, representando o caráter do grande Doador, a lei da vida.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 21.

É claro que Daniel esteve neste circuito de beneficência e foi, portanto, um participante daquele fluxo de vida que tem origem na grande Fonte da vida, luz e bênção. Ao fazê-lo, cumpriu a sua posição dada por Deus ao longo da sua vida e avançou a causa de Deus nesta Terra.

As Nossas Posições Indicadas

Só pode haver uma maneira de construir o reino de Deus, e essa é a que Deus determinou. Essa maneira envolve o posicionamento de todos os seres no Universo no lugar exacto onde Deus na Sua infinita sabedoria sabe que ser pertence à ordem total das coisas. Isto é confirmado pelas seguintes palavras:

“Seres celestiais são designados para responder às orações daqueles que estão a trabalhar abnegadamente pelos interesses da causa de Deus. Os anjos mais exaltados nas cortes celestes são designados para responder às petições que ascendem a Deus em favor do avanço da Sua causa. Cada anjo tem o seu particular posto do dever, e não lhe é permitido deixá-lo para qualquer outro lugar. Se um anjo sáísse, os poderes das trevas obteriam vantagem” *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

Lúcifer e os seus seguidores tinham deixado os postos de serviço e, ao fazê-lo, criaram um desequilíbrio no Céu. Uma grande brecha tinha sido feita na população do Céu. A fim de evitar que os poderes das trevas ganhassem vantagem, era necessário preencher essas vagas para que a harmonia perfeita reinasse em todo o Universo ilimitado mais uma vez, e para toda a eternidade. Tal como a perfeita ordem marcou o reino que Deus desenhou originalmente, assim também ele se apresenta no desenho de Deus para restaurar o equilíbrio.

Para começar, uma nova e distinta ordem de seres criados com Adão e Eva como pais devia povoar a Terra. Eles foram criados à imagem de Deus com o poder de se reproduzirem. Com este processo, deviam multiplicar-se até encher toda a Terra. Desta forma, o Céu seria repovoado com a família humana. Este elevado objectivo foi oferecido aos seres humanos com a condição de manterem uma obediência contínua a todos os princípios consagrados na justiça em que o reino de Deus é construído. Desequilíbrio algum sob qualquer aspecto ou forma poderia ser tolerado, pois a sua presença admitiria elementos de destruição que não poderiam existir no Céu.

Como resultado da desobediência dos nossos primeiros pais, o plano perfeito de Deus foi frustrado. Em vez de ser resolvido, o grande conflito continua dia após dia. Nos bastidores, invisíveis aos olhos humanos, anjos do bem e do mal estão em constante conflito. Embora não possamos testemunhar esta luta, é um conflito de vida ou morte. Satanás e os seus anjos do mal trabalham com fúria incansável para tentar dificultar o propósito de Deus de preencher as posições deixadas vagas, enquanto o Céu faz tudo o que está ao seu alcance para alcançar o objectivo de Deus e garantir a cooperação da humanidade para este propósito. Se Satanás tivesse conseguido impedir que Cristo libertasse o povo de Deus no tempo de Daniel, teria atrasado o propósito divino mais uma vez, mas a súplica inabalável de Daniel impediu o seu esquema. Em Daniel, o Rei dos Reis tinha um poderoso aliado, que através da oração abriu o caminho para que os agentes celestiais influenciassem o rei persa a cumprir o plano divino.

Precisamos Entender a Batalha Invisível

É essencial que nós, como membros dos exércitos de Deus, possuamos uma compreensão clara da realidade deste conflito mortal. Então veremos com muito maior preocupação a expectativa de Deus do nosso apoio inspirado no Espírito. Podemos fortalecer a causa de Deus poderosamente quando compreendemos que os anjos mais elevados são destacados para responder às orações altruístas daqueles cujas petições sobem ao Céu para fazer avançar os interesses da causa que amam. É vital que compreendamos muito mais desta batalha do que actualmente entendemos, e actuemos em conformidade. As forças exercidas por seres invisíveis continuam a trabalhar a favor e contra nós hoje, mesmo que não possamos vê-las.

“Como povo, não entendemos como devemos o grande conflito que se vive entre agentes invisíveis, a luta entre anjos leais e desleais. Os anjos maus estão constantemente em acção, planeando a sua estratégia de ataque, controlando como comandantes os reis, governantes e as forças

humanas desleais.... Peço aos ministros de Cristo que forcem sobre o entendimento de todos os que lhes chegarem ao alcance da voz, a verdade do ministério dos anjos. Não condescendais com fantasiosas especulações. A palavra escrita é a nossa única segurança. Importa orarmos como Daniel, para que sejamos guardados por seres celestiais. Como espíritos ministradores, os anjos são enviados para ministrar aqueles que serão herdeiros da salvação. Orai, meus irmãos, orai como nunca orastes antes. Não estamos preparados para a vinda do Senhor. Precisamos fazer uma obra minuciosa para a eternidade.” *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

Tal é a grande necessidade da hora, que a menos que aprendamos a orar como nunca antes, não seremos encontrados nas nossas posições divinamente designadas. O apelo é que abdiquemos de todas as “especulações fantasiosas” e do sentimentalismo, e que repousemos e nos demoremos na Palavra de Deus. Precisamos cooperar com os anjos celestiais para evitar que o inimigo ganhe mais uma vantagem, e para evitar mais atrasos na vinda de Cristo.

Como Deus Controla os Governantes

Se compreendermos a relação entre as orações de Daniel e o seu efeito sobre Gabriel, ficaremos a compreender os esforços feitos por ambos os lados do conflito para obter a colaboração do rei da Pérsia, e entenderemos melhor o apoio especial de Miguel. Temos de perceber que:

“Dia após dia o conflito entre o bem e o mal está em movimento. Porque é que aqueles que tiveram muitas oportunidades e vantagens não se apercebem da intensidade deste trabalho? Eles deviam ser inteligentes a este respeito. Deus é o Governante. Pelo seu poder supremo, Ele mantém sob controlo e controla os potentados terrestres. Através dos Seus agentes, faz a obra que foi ordenada antes da fundação do mundo.” *The S.D.A. Bible Commentary*. 4:1173.

É fundamental para a nossa compreensão do carácter de Deus, e, portanto, para a nossa compreensão e participação na construção do Seu reino, saber como Deus “reprime e domina os potentados terrestres”. Estas são áreas de estudo que devem ser entendidas pelos filhos de Deus em grau cada vez maior, à medida que o grande conflito se intensifica até nos movermos para as cenas da última grande batalha – Armagedom. Então será revelado de que lado estamos verdadeiramente.

O grande problema para as nossas mentes humanas compreenderem é entender como Deus pode reprimir e controlar os poderes terrestres sem, ao mesmo tempo, os privar da sua liberdade de escolha. Este é um mistério profundo para as nossas mentes, que continuará a ocupar o nosso estudo por toda a eternidade, e sempre haverá novos vislumbres da verdade que colocarão as nossas mentes em acção. Não estudaremos esta questão em profundidade aqui, mas consideraremos apenas um exemplo como revelado na experiência de Daniel.

As palavras de Daniel ao rei Nabucodonosor durante a sua interpretação do sonho da grande árvore foram:

“Serás tirado dentre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e te farão comer erva como os bois, e serás molhado do orvalho do céu; e passar-se-ão sete tempos por cima de ti; até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer.” *Daniel* 4:25.

À primeira vista, esta Escritura pode parecer significar que Deus está em completo comando do Universo e exerce essa autoridade na nomeação dos governantes que Ele escolhe. Porém, tal explicação ignora o facto de que esta escolha de governantes não se limita a homens nobres de grande integridade, nem mesmo a homens que mostraram ser tudo menos honrados, mas que inclui homens dos mais ímpios. Além disso, por mais ímpio que um governante possa revelar-se, Deus tem conhecimento total do seu carácter e reina até ao menor detalhe. Nada sobre qualquer governante apanha Deus de surpresa.

Versículos das Escrituras como *Daniel* 4:25 significam que Deus é, portanto, directamente responsável pelos incríveis sofrimentos que os governantes despóticos impuseram aos seus povos?

Um dos governantes mais ímpios que já viveu foi o Imperador Romano, Nero, descrito como “aquele monstro da crueldade e vício.” *O Grande Conflito*, 667. Nenhum cristão culparia, por um instante, o Altíssimo pelas atrocidades de Nero.

A forma como o “Altíssimo domina sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer.” (*Daniel* 4:32) não é arbitrária. Ele reprime e controla os potentados terrestres através da operação da causa e efeito, a acção e contra acção das forças do bem e do mal. Há o efeito curador de abertura da mente à verdade, por um lado, e as consequências destruidoras da alma de permitir o orgulho e o preconceito de recusar a luz do outro.

Assim, durante aqueles períodos da história em que Deus teve um mensageiro de grande força espiritual e pureza de coração e vida, Ele foi capaz de trabalhar com muito maior eficácia pelo respectivo governante, desde que ele abrisse o seu coração à luz. Por exemplo, na pessoa de Daniel, o Céu tinha um cooperador que, ao orar muito sinceramente pelo monarca persa, abriu a porta para que a luz do Céu brilhasse sobre ele. Finalmente, Ciro abriu o seu coração para a luz, e Deus foi capaz de governar através dele.

Mas durante aquelas eras de obscurantismo da apostasia, onde nenhum suplicante espiritual abriu o caminho para que a luz do Céu brilhasse sobre o rei dominante, Deus foi excluído do processo de tomada de decisão, e o Seu controlo sobre os governantes limitou-se a um grau maior ou menor. E quando a luz brilhou sobre o rei através do ministério de um filho de Deus, mas foi rejeitada pelo potentado, como no caso de Nero, Deus não podia governar através dele. Nestas alturas, o grande conflito foi aparentemente dominado por Satanás e pelos seus anjos. Mas homens maus como Nero, Hitler, e outros de carácter semelhante foram autorizados a erguer-se e governar com facilidade terrível apenas por um curto período de tempo, a fim de mostrar mais plenamente o carácter do inimigo. O conflito continua a ser travado.

Capítulo 27

Aprender Com o Passado

“**A** obra de Deus na Terra apresenta, século após século, uma surpreendente semelhança, em todas as grandes reformas ou movimentos religiosos. Os princípios envolvidos no trato de Deus com os homens são sempre os mesmos. Os movimentos importantes do presente têm seu paralelo nos do passado, e a experiência da igreja nos séculos antigos encerra lições de grande valor para o nosso tempo.” *O Grande Conflito*, 343.

Quanto melhor compreendermos o resultado do confronto entre as forças da luz e das trevas no passado, mais claramente compreenderemos as profecias relativas ao futuro, e melhor estaremos equipados para suportar a terrível pressão ainda por vir sobre os habitantes da Terra. Aquela que o povo de Deus já experimentou no passado, a igreja deve como um teste voltar a enfrentar no futuro. Embora possamos considerar os acontecimentos históricos como pertencentes ao passado, a verdade é que, apesar das grandes nações da história terem passado para nunca mais voltarem, os princípios envolvidos na sua ascensão ao poder e na sua subsequente queda estão a repetir-se. Esta é a área de estudo definida nos últimos três capítulos do livro de *Daniel*.

Pela nossa parte, há uma forte disposição para repetir os fracassos e os erros que foram a causa de um novo movimento perder o seu ímpeto para a frente e voltar a afundar-se numa apostasia sem esperança. Abundam exemplos de tais padrões de desenvolvimento.

O Grande Movimento do Segundo Advento

Um deles é a gloriosa ascensão do grande movimento do segundo advento. Considerai o entusiasmo, a fé, a coragem, a dedicação, o afastamento do pecado, e o espírito de sacrifício que levou estes crentes a prostrarem-se de joelhos. Aqui está uma descrição da elevada experiência espiritual a que ascenderam:

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte da salvação. O povo de Deus era então aceito por Ele. Jesus olhava para eles com prazer, pois Sua imagem neles se refletia. Havia feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade. Mas estavam de novo destinados a ser tristemente decepcionados. O tempo para o qual tinham eles olhado, na expectativa de livramento, passou-se; ainda se achavam sobre a Terra, e os efeitos da maldição nunca pareceram mais visíveis do que então. Havia posto suas afeições no Céu, e com doce antegozo provaram o livramento imortal; suas esperanças, porém, não se realizaram.” *Primeiros Escritos*, 239.

Com retrospectiva, podemos ver como o grande desapontamento privou os primeiros adventistas da fé positiva. O diabo foi rápido a aproveitar-se desta situação, levando os crentes à apostasia até se encontrarem profundamente encurralados. O movimento que tinha começado tão

bem estava finalmente fechado na rejeição da verdade viva. A mornidão laodicense manteve os membros sob o seu controlo, e a esperança da breve vinda de Cristo logo ficou distante.

A Igreja Apostólica

Outro caso de um início inspirador que se dissolveu numa apostasia incurável é a Igreja Apostólica. O registo da sua história pode encher-nos de grande expectativa de que terminaria rapidamente o trabalho, se não fosse o facto de conhecermos o seu triste desenvolvimento. Se não fosse por isso, estaríamos confiantes de que Deus finalmente encontrara um povo que viveria firmemente até ao fim absoluto sem dar a Satanás a menor vantagem. Uma imagem maravilhosa do seu estado santo e elevado é descrita pela caneta da inspiração:

“No início, a experiência da igreja de Éfeso foi marcada por simplicidade e puro fervor. Os crentes procuravam fervorosamente obedecer a cada ordem de Deus, e sua vida revelava fervoroso e sincero amor por Cristo. Regozijavam-se em fazer a vontade de Deus porque o Salvador estava sempre presente em seu coração. Cheios de amor pelo Redentor, era seu mais alto objetivo conquistar almas para Ele. Não pensavam em reter o precioso tesouro da graça de Cristo. Sentiam a importância do seu chamado; e com a responsabilidade da mensagem, ‘Paz na Terra, boa vontade para com os homens’ (Lucas 2:14), ardiam em desejo de levar as alegres novas de salvação aos recantos mais remotos da Terra. E o mundo teve conhecimento de que haviam estado com Jesus. Homens pecadores, arrependidos, perdoados, purificados e santificados, foram levados em participação com Deus através de Seu Filho.

“Os membros da igreja estavam unidos em sentimento e ação. O amor a Cristo era a cadeia de ouro que os unia. Prosseguiram em conhecer o Senhor mais e mais perfeitamente, e a vida deles revelava o júbilo e a paz de Cristo. Visitavam os órfãos e as viúvas em suas aflições, e guardavam-se imaculados do mundo, sentindo que deixar de fazer isto seria uma contradição de sua fé e uma negação de seu Redentor.

“Em cada cidade a obra era levada para frente. Pessoas eram convertidas e essas por sua vez sentiam que precisavam falar do inestimável tesouro que haviam recebido. Não tinham repouso sem que a luz que lhes iluminara a mente brilhasse sobre outros. Multidões de incrédulos ficavam.” {AA 323}, *Atos dos Apóstolos*, 578-580.

Ao lermos como o ardor dos crentes estava carregado do Espírito Santo, naturalmente concluiríamos que este era um fogo insaciável contra o qual os poderes das trevas não poderiam ter efeito. Contudo, as mesmas forças mortais, que mais tarde produziram a apostasia dos adventistas, conseguiram penetrar nas defesas que haviam estado tão firmes contra elas. A trágica situação que começou a desenvolver-se é descrita nas seguintes palavras:

“Depois de algum tempo, porém, começou a minguar o zelo dos crentes, bem assim seu amor a Deus e de uns para com os outros. A frieza invadiu a igreja. Alguns esqueceram a maneira maravilhosa em que haviam recebido a verdade. Os velhos porta-estandartes caíram em seu posto um após outro. Alguns dos obreiros mais jovens, que poderiam haver partilhado das responsabilidades desses pioneiros e assim ser preparado para assumir direção sábia, haviam-se cansado das tão repetidas verdades. Em seu desejo de alguma coisa nova e estimulante, buscaram introduzir novos aspectos da doutrina, mais agradáveis a muitos espíritos, mas não em harmonia com os princípios fundamentais do evangelho. Em sua confiança própria e cegueira espiritual deixaram de discernir que esses sofismas levariam muitos a pôr em dúvida as experiências do passado, conduzindo assim à confusão e incredulidade.” {AA 324}, *Atos dos Apóstolos*, 580.

A Igreja de Hoje Enfrenta o Mesmo Perigo

Nestes últimos dias, à medida que enfrentamos novamente os testes dos nossos antepassados, o padrão do passado corre o risco de ser repetido. A história da igreja de Deus é de grande

benefício para nós, pois permite familiarizar-nos com as forças do inimigo e as suas táticas. Precisamos de compreender o suficiente das nossas fraquezas, e do terrível poder do nosso inimigo, para nos fazer fugir para o Todo-Poderoso em busca de poder para vencer. Precisamos agora de desenvolver a fidelidade que impedirá a igreja de voltar a apostatar. É tempo de aprendermos as lições da história dos nossos antepassados e aplicá-las. Está a ser-nos dada a oportunidade de ter sucesso onde as gerações passadas falharam.

“Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a se cumprir em rápida sucessão. Cada elemento de energia está prestes a ser posto em ação. Repetir-se-á a história passada. Antigas controvérsias serão revivescidas, e perigos rodearão de todos os lados o povo de Deus. A tensão está se apoderando da família humana. Está permeando tudo na Terra...” *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 116.

Quem É o “Povo de Daniel” nos Últimos Dias?

Gabriel disse ao idoso profeta Daniel:

“Agora vim, para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias; porque a visão é ainda para muitos dias.” *Daniel* 10:14.

A área de particular interesse tanto nos dias de Daniel como nos nossos é a questão do que vai acontecer ao povo de Deus nos últimos dias. É de importância vital que não esqueçamos que o tema da profecia que Gabriel trouxe a Daniel (e através dele para nós) não foi a ascensão e queda de poderes políticos, mas os acontecimentos do que aconteceria ao povo de Daniel nos últimos dias. Portanto, a questão surge naturalmente: Quem é o povo de Daniel nos últimos dias?

Uma interpretação popular está centrada nos poderes políticos para resolver este problema de identificação. Embora tal explicação possa parecer uma solução convincente, chega-se sempre a um ponto em que a profecia não pode ser encaixada. No entanto, existe uma explicação alternativa disponível que harmoniza com todos os elementos da profecia.

Quando correctamente compreendida, a Bíblia não apresenta poderes políticos como coobreiros de Deus que Ele usa para terminar a obra, pois em espírito e prática eles estão fora de harmonia com o Seu carácter. Deus nunca empunha as armas carnais da força e destruição, nem mata aqueles que não Lhe obedecem. As suas armas são as forças construtivas da fé e do amor (vede *Eis Aqui o Vosso Deus* por F.T. Wright). No entanto, Satanás tem seduzido tão eficazmente o povo de Deus com a tentação de recorrer às mesmas armas que ele próprio usa, que muitas vezes caíram no engano. Como resultado, eles não conseguiram dar um testemunho claro do carácter de Deus, e o nosso Pai celestial é apresentado como parecendo como o grande destruidor, em vez do amoroso Criador que Ele realmente é. Durante seis mil anos, este conceito errado tem prevalecido, fazendo com que a escuridão e a morte envolva o nosso triste planeta.

“A escuridão do falso conceito acerca de Deus é que está envolvendo o mundo. Os homens estão perdendo o conhecimento de Seu carácter. Este tem sido mal compreendido e mal-interpretado. Neste tempo deve ser proclamada uma mensagem de Deus, uma mensagem de influência iluminante e capacidade salvadora. O carácter de Deus deve tornar-se conhecido. Deve ser difundida nas trevas do mundo a luz de Sua glória, a luz de Sua benignidade, misericórdia e verdade... Os últimos raios da luz misericordiosa, a última mensagem de graça a ser dada ao mundo, é uma revelação do carácter do amor divino.” {PJ 226}, *Parábolas de Jesus*, 415, 416, (comparar com original em inglês.)

É uma momentosa tarefa de todos os crentes em Jesus servir sob o comando de Cristo no trabalho de erradicar absolutamente todos os vestígios de injustiça na revelação do carácter de Deus. Na batalha final, a justiça deve prevalecer sobre o mal. Isto não pode ser feito pela força, pois a utilização da força é usada pela injustiça. Com efeito, podemos simplesmente classificar o uso da força como sendo o exercício da injustiça. Sempre que a força é aplicada para obrigar uma pessoa a obedecer, o executor toma a posição de cabeça no lugar de Jesus Cristo, que é a única

verdadeira Cabeça de cada pessoa no reino de Deus. Cristo nunca ganha a posição de cabeça sobre qualquer membro da igreja pelo uso de força coerciva. Isso é completamente estranho à Sua maneira de operar.

“Deus poderia haver destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

Quando se diz: ‘Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás’, conclui-se que o poder opressor nunca é encontrado sob o governo de Deus. Porque os princípios de operação de Deus são obra do Seu carácter de bondade, misericórdia, justiça e amor, eles excluem todo o uso da força. Se o povo de Deus usasse a força para resolver os seus problemas, desqualificar-se-ia para um lugar no Seu reino. Qualquer problema entre dois reinos, que seja resolvido pelo uso da força, requer que o reino vitorioso use uma força maior do que o seu opositor. Então, uma vez estabelecido o domínio do reino mais forte, outra força maior é necessária, uma força maior ainda para manter o controlo conquistado. Desta forma, a regra da força torna-se parte integrante da solução, e a sua utilização nunca poderá abandonar-se sem o medo de represálias. Essa circunstância cria um estado contínuo de insegurança, que desqualifica um reino de qualquer esperança de ser classificado como o reino da paz.

A história demonstrou repetidamente a operação destes princípios. Por exemplo, quando os judeus foram conquistados pelos babilónios, e mais tarde pelos romanos, houve luta contínua e rebelião. Os judeus odiavam os seus opressores, que os odiavam e desprezavam em troca. Este espírito dominante desqualificou os judeus para serem um reino de justiça e paz. Nenhum reino como este poderia afirmar ser o reino de Deus, nem os seus súbditos poderiam jamais afirmar serem o povo de Deus, o que significa que eles também nunca poderiam ser classificados como o povo de Daniel. Portanto, eles não podiam ser o assunto das revelações dadas a Daniel quando lhe foi dito: “Agora vim, para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias.” *Daniel* 10:14.

Temos que evitar o erro comum e desastroso de interpretar a expressão de Gabriel “povo nos derradeiros dias”, como sendo os descendentes físicos de Abraão, Isaque ou Jacó. Em vez disso, Paulo ensina-nos:

“Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa.” *Gálatas* 3:29.

Se não somos de Cristo, isto é, se não nascemos de novo para que a Sua vida real esteja dentro de nós, então não somos a semente de Abraão, e não somos herdeiros de acordo com a promessa.

O povo de Daniel nos últimos dias possuirá o carácter de Deus que alcança o seu objectivo sem o uso da força. Eles serão abençoados com o mesmo espírito interior da vida e divindade como está eternamente presente na vida e carácter do nosso maravilhoso Pai Celestial. Assim, o povo de Daniel pode ser identificado com precisão como aqueles que têm a vida de Cristo dentro de si, como em Daniel. Este é o povo referido nesta profecia de Daniel sobre os últimos dias.

À medida que avançamos no nosso estudo deste período relevante da história, compreendamos o nosso grande privilégio em ter esta oportunidade de testemunhar e viver como o nosso homónimo como verdadeiro povo de Daniel.

Capítulo 28

O Ministério dos Anjos

Tal como profetizado no livro de *Daniel*, haverá desenvolvimentos surpreendentes à medida que nos aproximamos dos acontecimentos finais da história humana. Entre eles estará um acesso muito maior dos filhos de Deus ao ministério dos anjos. Este será o resultado de afastarem o seu pecado de uma forma nunca antes experimentada pelo povo de Deus. E este, por sua vez, será o resultado de examinarem os seus corações como nunca antes. Este período será o antítipo da aflição da alma de Israel imediatamente antes do grande dia de expiação.

Em segundo lugar, haverá um grande aumento da súplica pelo ministério dos anjos, enquanto voam de um lado para o outro entre o Céu e a Terra. Não há dúvida de que os anjos estão mais ocupados umas vezes do que noutras. Um exemplo disso pode ser visto quando Gabriel precisou, e foi escolhido, como ajuda adicional depois do rei persa resistir às doces influências do Espírito Santo, cedendo apenas quando Miguel acrescentou a Sua poderosa influência.

Esta união de forças por parte destes seres poderosos, nomeadamente Gabriel e Miguel, dá-nos alguma percepção do incrível poder necessário para resolver tais ocorrências. Poder semelhante será necessário para eventos futuros, que terão lugar como profetizados. A importância atribuída pelo Céu a estes acontecimentos é tal que são classificados nada menos do que prioridade máxima.

“Seres celestiais são designados para responder às orações daqueles que estão a trabalhar abnegadamente pelos interesses da causa de Deus. Os anjos mais exaltados nas cortes celestes são designados para responder às petições que ascendem a Deus em favor do avanço da Sua causa. Cada anjo tem o seu particular posto do dever, e não lhe é permitido deixá-lo para qualquer outro lugar. Se um anjo sáísse, os poderes das trevas obteriam vantagem....” *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

Quem São os Anjos Mais Exaltados?

Para entender o poder da verdade contido na citação acima, é necessário determinar quem são, de facto, os anjos mais exaltados nas cortes celestiais. Depois de investigar, descobrimos que o anjo mais elevado é o Arcanjo ou o Anjo Chefe. Em todas as Escrituras, é referido por esse nome apenas duas vezes:

“Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.” *1 Tessalonicenses* 4:16.

“Mas o Arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: ‘O Senhor te repreenda.’” *Judas* 1:9.

No Espírito da Profecia, há inúmeras referências ao Arcanjo, cada uma das quais se refere a Jesus Cristo. A seguinte citação fornece uma identificação directa:

“Que grande honra é outorgada a Daniel pela Majestade do Céu! Conforta Seu servo trememente e lhe assegura que sua oração foi ouvida no Céu. Em resposta àquela fervorosa petição, o anjo

Gabriel foi enviado para influenciar o coração do rei persa. O monarca havia resistido às impressões do Espírito de Deus durante as três semanas em que Daniel estivera jejuando e orando, mas o Príncipe dos Céus, o Arcanjo Miguel, foi enviado para convencer o coração do obstinado rei, a fim de que tomasse alguma decisão para atender à oração de Daniel.” *Santificação*, 51.

Estas palavras não deixam dúvidas sobre Miguel ser o Príncipe do Céu, que por sua vez é o Arcanjo, Jesus Cristo.

A próxima referência ao Arcanjo é muito interessante, e encontra-se em *Daniel* 10:13. Nela Ele é classificado como sendo um dos príncipes-supremos.

“Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias. Então Miguel, um dos príncipes supremos, veio em minha ajuda, pois eu fui impedido de prosseguir ali com os reis da Pérsia.” *Daniel* 10:13. (NVI.)

Portanto, Miguel é um dos vários príncipes-principais, cada um dos quais habita nas cortes celestiais. Isto coloca-o na companhia de Gabriel, que é o mais poderoso do exército do Senhor. Mas aqueles que ocuparão as posições mais elevadas na restaurada estrutura do reino terão sido resgatados de entre os homens. Há uma ampla confirmação disso nos escritos inspirados.

“A obra da redenção envolve conseqüências das quais é difícil ao homem ter qualquer concepção. ‘As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que O amam.’ 1 Coríntios 2:9. Aproximando-se o pecador da cruz erguida, e prostrando-se junto à mesma, atraído pelo poder de Cristo, dá-se uma nova criação. É-lhe dado um novo coração. Torna-se uma nova criatura em Cristo Jesus. A santidade acha que nada mais há para requerer. Deus mesmo é ‘justificador daquele que tem fé em Jesus’. Romanos 3:26. E ‘aos que justificou, a esses também glorificou’. Romanos 8:30. Grande como seja a vergonha e degeneração pelo pecado ainda maior será a honra e exaltação pelo amor redentor. Aos seres humanos que lutam por conformidade com a imagem divina, será concedido um suprimento do tesouro celeste, uma excelência de poder que os colocarão acima dos próprios anjos que jamais caíram.” {PJ 82}, *Parábolas de Jesus*, 162, 163.

Distinguido nas Escrituras da Verdade

“Mas eu te declararei o que está escrito na escritura da verdade; e ninguém há que se esforce comigo contra aqueles, a não ser Miguel, vosso príncipe.” *Daniel* 10:21.

Temos que ter em mente que Gabriel, que estava aqui a falar com Daniel, o profeta, era, de facto, Moisés. O que foi mostrado por Miguel a Moisés enquanto aguardava a sua morte no Monte Nebo estava ele agora a mostrar a Daniel. Pouco antes de Moisés descansar, antes da sua iminente ressurreição, foi-lhe mostrada uma visão de tudo ainda por acontecer desde essa altura até que a Terra fosse renovada. Mas não era uma mera série de acontecimentos históricos que se estendiam à sua frente, e que ele viu com o maior interesse. Ele viu muito, muito mais do que isso.

Moisés compreendeu o grande conflito – os dois poderosos princípios antagónicos colocados frente a frente – os totalmente justos contra os ímpios. Ele viu ambos os poderes a lutar pela supremacia, mas impulsionados por espíritos contrários, de maneira que não havia absolutamente nenhum terreno comum entre eles. Um conduz inevitavelmente à morte eterna, mergulhando os seus seguidores numa garantida destruição total da qual nunca poderá haver qualquer recuperação. O outro tão plenamente satisfaz todos aqueles que escolhem seguir o seu caminho que continuarão a louvar o Pai Eterno, o Filho e o Espírito Santo. (Ver *Apocalipse* 5:13, 14.)

Não há dúvida, depois de todos estes milénios de luta, que o tempo marcado para o advento do nosso Salvador não veio tão rápido como nós, os seguidores de Jesus, teríamos gostado. Isto porque a paciência dos santos, baseada na fé de Jesus, ainda não foi revelada. E isto tornou-se necessário porque Satanás desafiou todos os passos de Deus para a restauração da Sua criação perdida. Todos os princípios da justiça estão a ser desafiados para garantir aquilo que é

absolutamente perfeito. Os crentes que finalmente serão selados também estão a ser testados para ver se permanecerão fiéis seja qual for a pressão sobre eles exercida. O resultado final de tudo isto será um reino eternamente seguro de qualquer contaminação destruidora pelo pecado sob qualquer forma ou feitio.

Esta positiva garantia, que nos mantém informados do triunfo final da causa da justiça, apesar dos sucessos iniciais do homem do pecado, é uma forte característica das profecias de *Daniel*. Cada profecia termina sempre com a garantia do glorioso estabelecimento do reino de Deus com tanta certeza que nunca passará. Tal como o que aconteceu até agora foi estritamente de acordo com a profecia, também as restantes profecias serão cumpridas como declarado.

As Escrituras da Verdade são uma revelação às nossas mentes finitas do que já aconteceu, bem como do que ainda está para acontecer. Podemos identificar o lugar exacto na sequência do cumprimento onde as nossas vidas estão localizadas. Obviamente, aqueles que vivem hoje têm a oportunidade de ver muito mais profecia cumprida do que aqueles que viveram nos dias em que as Escrituras estavam a ser escritas. À nossa frente, as profecias restantes tornar-se-ão rapidamente história, à medida que os acontecimentos dos últimos dias se seguem um após outro. Como nunca antes, tornar-se-á cada vez mais fácil confiar em Deus quanto ao desconhecido, porque Ele terá revelado muito mais de Si próprio antes desconhecido. A verdadeira fé tem crescido sempre à medida que o povo de Deus aprendeu a conhecer tanto do Seu carácter quanto tem sido possível nas suas circunstâncias, enquanto confia plenamente nele quanto ao desconhecido.

Todos estes princípios estavam salientados nas Escrituras da Verdade no dia em que Gabriel veio a Daniel para alargar o seu entendimento, e para confirmar a certeza de que este caminho de Deus não poderia falhar.

Capítulo 29

A Revelação Profética em Maior Detalhe

Cada uma das profecias contidas no livro de Daniel cobre o mesmo período da história – desde o tempo em que foram dadas até que o mundo seja renovado. As diferenças entre as profecias residem nos detalhes cada vez maiores fornecidos a cada visão sucessiva. Assim, a primeira delas, a grande imagem de *Daniel 2*, apresenta uma descrição relativamente simples da obra dos princípios das trevas e da luz, desde o tempo do reino babilônico. Em *Daniel 7* encontram-se informações adicionais sobre este período profético. Mais luz é dada nos capítulos 8 e 9, que ainda lidam com as mesmas predições. Esperaríamos, portanto, que os capítulos 11 e 12 seguissem o mesmo padrão. E assim é, acrescentando ainda mais luz à que já estava predita nos capítulos anteriores de *Daniel*.

Como Babilônia se tinha tornado história pouco antes da luz contida em *Daniel 11 e 12* ter sido revelada ao povo de Deus, a informação começa com Medo-Pérsia.

“Eu, pois, no primeiro ano de Dario, medo, levantei-me para o animar e fortalecer.

“E agora te declararei a verdade: Eis que ainda três reis estarão na Pérsia, e o quarto será cumulado de grandes riquezas mais do que todos; e, esforçando-se com as suas riquezas, agitará todos contra o reino da Grécia.” *Daniel 11:1, 2*.

Nesses dois versículos começa a descrição profética. O ponto de partida foi o primeiro ano do reinado de Dario, o Medo. Segue-se a história bastante detalhada do reino medo-persa, que prediz que se seguiriam mais três reis, o quarto dos quais seria o mais rico e poderoso de todos, usando os seus grandíssimos poderes para agitar todos contra o reino da Grécia.

Tal como apresentado em *Daniel 8*, a Grécia foi o próximo reino a aparecer em cena. Alexandre, o Grande, estabeleceu o seu domínio com uma velocidade incrível em todo o mundo então conhecido. A velocidade das suas conquistas é simbolizada pela besta leopardo de *Daniel 7*, e pela rapidez do bode de *Daniel 8*. Mas quando estava no auge do seu poder, este poderoso libertador foi cortado sem um herdeiro legítimo. Consequentemente, o seu reino foi dividido em quatro partes – o norte, sul, este e oeste. Assim terminou a dinastia de Alexandre, o Grande.

Os Literais Reis do Norte e do Sul

A secção seguinte da história a ser coberta pelas profecias de Daniel, estende-se entre a queda do Império Grego, e o aparecimento de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Embora o Império de Alexandre fosse dividido entre os quatro principais generais do conquistador após a sua morte, não permaneceu assim por muito tempo. Passados alguns anos, havia apenas o rei do reino Seleuco no Norte, que ocupava o território agora conhecido como Ásia Menor, e o rei do Sul, que ocupava a terra do Egito. Estes dois reis estavam quase continuamente em guerra um contra o outro, enquanto ambos se esforçavam para ganhar a ascendência.

Aquilo que chama a atenção do povo de Deus é que a rota, ou itinerário principal, entre estas nações em guerra invariavelmente passava pela terra de Israel. Isto significava que Israel sofria uma terrível desolação sempre que o rei do Norte ou do Sul iam para a guerra. Podemos imaginar em que estado a terra de Israel terá ficado depois de, por exemplo, duzentos mil soldados, juntamente com um enorme esquadrão de cavalaria, marcharem pela terra para irem ao encontro e lutarem contra os exércitos dos seus inimigos. As árvores terão sido despidas dos seus frutos, colhidos os campos de cereais amadurecidos, explorações e correntes limpas e cristalinas esvaziadas de animais e peixes, e as estradas ter-se-ão tornado intransitáveis.

Sempre que se espalhavam notícias por Israel que o rei do Norte ou do Sul tinham decidido ir para a guerra, a consternação deve ter-se espalhado por toda a terra dos judeus. Terão sabido que, apesar de não estarem envolvidos no conflito iminente, teriam ainda que pagar um preço terrível. Com que interesse então, os israelitas terão seguido os movimentos e movimentos contrários dos reis do Norte e do Sul.

O Mesmo Conflito no Nosso Tempo

Tudo isso aconteceu há muito, muito tempo. Mas as crises que agora estão a desenvolver-se entre os reis homólogos do Norte e do Sul serão muito mais terríveis e muito mais devastadoras do que as resultantes das batalhas travadas nos antigos campos de batalha. O rei do Norte já está a dirigir-se contra o rei do Sul. Pela segura palavra da profecia, sabemos o que está por vir e, à medida que se aproxima, o nosso interesse por estes desenvolvimentos intensificar-se-á. Os versículos críticos que descrevem o que virá sobre o povo de Deus nos últimos dias, mas que trará estes poderosos reis ao seu fim sem ninguém para os ajudar, lêem-se como segue:

“E, no fim do tempo, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte o acometerá com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará, e passará.

“E entrará também na terra gloriosa, e muitos países serão derribados, mas escaparão da sua mão estes: Edom e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom.

“E estenderá a sua mão às terras, e a terra do Egito não escapará.

“E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata, e de todas as cousas desejáveis do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão.

“Mas os rumores do Oriente e do Norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.

“E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.” *Daniel 11:40-45.*

Observemos com incessante vigilância cada movimento feito por estes dois reis enquanto as suas forças marcham para o seu confronto final e decisivo.

A Força e a Força Oposta na História

Tudo isto será melhor compreendido quando considerarmos primeiramente as posições ocupadas pelos antigos reis do Sul e do Norte, por isso estudemos agora progressivamente *Daniel 11*.

“E se fortalecerá o rei do Sul, e um de seus príncipes; e este se fortalecerá, mais do que ele, e reinará, e domínio grande será o seu domínio,

“Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão; e a filha do rei do Sul virá ao rei do Norte para fazer um tratado; mas não conservará a força de seu braço; nem ele persistirá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e os que a tiverem trazido, e seu pai, e o que a fortalecia naqueles tempos.

“Mas do renovo das suas raízes um se levantará em seu lugar, e virá com o exército, e entrará nas fortalezas do rei do Norte, e operará contra elas, e prevalecerá.

“E também os seus deuses com a multidão das suas imagens, com os seus vasos preciosos de prata e ouro, levará cativos para o Egito; e por alguns anos ele persistirá contra o rei do Norte.

“E entrará no reino do rei do Sul, e tornará para a sua terra.

“Mas seus filhos intervirão e reunirão grande número de exércitos: e um deles virá apressadamente, e inundará, e passará; e, voltando, levará a guerra até à sua fortaleza.

“Então o rei do Sul se exasperará, e sairá, e pelejará contra ele, contra o rei do Norte: ele porá em campo grande multidão, e a multidão será entregue na sua mão.

“E, aumentando a multidão, o seu coração se exaltará; mas, ainda que derribará muitos milhares, não prevalecerá.

“Porque o rei do Norte tornará, e porá em campo uma multidão maior do que a primeira, e ao cabo de tempos, isto é, de anos, virá à pressa com grande exército e com muita fazenda.

“E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do Sul; e os filhos dos prevaricadores do teu povo se levantarão para confirmar a visão; mas eles cairão.

“E o rei do Norte virá, e levantará baluartes, e tomará a cidade forte; e os braços do Sul não poderão subsistir, nem o seu povo escolhido, pois não haverá força que possa subsistir.

“O que pois há de vir contra ele fará segundo a sua vontade, e ninguém poderá permanecer diante dele; e estará na terra gloriosa, e por sua mão se fará destruição.

“E porá o seu rosto, para vir com a força de todo o seu reino, e com ele os retos, e fará, o que lhe aprouver: e lhe dará uma filha das mulheres, para a corromper; mas ela não subsistirá, nem será para ele.

“Depois virará o seu rosto para as ilhas, e tomará muitas; mas um príncipe fará cessar o seu opróbrio contra ele, e ainda fará tornar sobre ele o seu opróbrio.

“Virará então o seu rosto para as fortalezas da sua própria terra, mas tropeçará, e cairá, e não será achado.

“E em seu lugar se levantará quem fará passar um arrecadador pela glória real; mas em poucos dias será quebrantado, e isto sem ira e sem batalha.

“Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano.

“E com os braços de uma inundação serão arrancados de diante dele; e serão quebrantados, como também o príncipe do concerto.” *Daniel 11:5-22.*

As Lições da História Não Aprendidas

O breve levantamento da história fornecido nestas predições abrange aproximadamente meio milénio, desde os primeiros anos do reino Medo-Persa até ao primeiro advento de Cristo. Um dos aspectos mais notáveis deste período foi o óbvio fracasso tanto dos israelitas como dos povos do mundo em tirar benefício das mensagens que Deus lhes enviou através das lições da História. Estas foram, de facto, as lições simples de causa e efeito. Perante ambas as classes de pessoas, os resultados eram tão claros que até os espiritualmente cegos devem ter sido capazes de os ler com sucesso.

Mas os chefes dos grandes impérios prosseguiram com as suas ambições grandiosas de conquistar o mundo usando armas de guerra. Os métodos comuns que empregavam eram a compulsão e o engano, que também eram usados tão livremente pelo professo povo de Deus sempre que surgia a oportunidade. Assim, ficou demonstrado que o caminho da força levou a uma garantida derrota e destruição. Isto porque nem o mundo nem Babilónia têm nada a oferecer para a libertação da escravidão do pecado, da doença e da morte.

Ao libertar o Seu povo do cativo babilónico, Deus demonstrou uma alternativa ao uso da força. Ele desejava que estivessem totalmente convencidos que aqueles que vivem pela espada, morrerão pela espada, que aqueles que recusassem a recorrer ao uso de qualquer força ou engano para sempre. Ele apresentou-lhes a história futura de Medo-Pérsia, Grécia e Roma, para

lhes mostrar que a lei da causa e do efeito continuaria tão seguramente como a noite se segue ao dia. Eles podiam ter a certeza de que o seu futuro seria apenas uma repetição do seu passado miserável se permitissem que uma única semente de apostasia se alojasse dentro deles. Precisavam de ver que apenas uma semente, se permitisse germinar, se tornaria, com o tempo, uma vasta floresta impenetrável.

Assim, Deus repetiu a verdade, tanto para os judeus como para os gentios, que se as lições do passado fossem cuidadosamente aprendidas e fielmente aplicadas, então certamente estabeleceriam um reino em justiça, permanente e em paz. Caso contrário, se não fosse tomado um grande cuidado desde o início, só poderiam esperar conflitos, divisões, guerras, derramamento de sangue, destruição final e permanente obliteração. Os versículos proféticos de *Daniel* 11 pre-disseram muito claramente e com exactidão o que iriam passar, ou do que escapariam, dependendo da sua escolha. Se tivessem aprendido com o passado e se arrependessem de terem utilizado a força como método de construção do reino, teriam colhido os resultados prometidos.

Não Só o Objectivo de Deus, Mas Também o Seu Caminho

O Senhor deixou bem claro que se o povo se arrependesse, as descrições de morte e destruição profetizadas seriam canceladas em favor da paz e da abundância. Através de Jeremias, ele tinha declarado este princípio de condicionalidade das declarações e proféticas.

“No momento em que falar contra uma nação, e contra um reino para arrancar, e para derri-bar, e para destruir.

“Se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe.

“E no momento em que falar de uma gente e de um reino, para edificar e para plantar,

“Se ela fizer o mal diante dos meus olhos, não dando ouvidos à minha voz, então me arrepen-derei do bem que tinha dito lhe faria.” *Jeremias* 18:7-10.

Após o colapso de Babilónia, o reino Medo-Persa começou a restabelecer a supremacia mun-dial, sem dúvida com o objectivo de que todas as pessoas pudessem viver numa ordem livre de dificuldade e temor. Este é, de facto, um objectivo louvável, pois Deus prometeu estabelecer exac-tamente um reino assim. Devemos orar: “Venha o Teu reino”, e depois devemos trabalhar mais diligentemente nesse sentido. Esta é a nossa responsabilidade. Mas, embora seja louvável ter o objectivo certo, isso não é suficiente por si só. Temos também que utilizar métodos correctos para atingir esse objectivo.

Portanto, mesmo que uma nação se decida a estabelecer um reino universal de paz com a intenção de construir o reino de Deus, o problema continua a ser quais os meios usados para realizar este fim que são exactamente o oposto daqueles que Deus usa em justiça. Esses gover-nantes terrestres vêem o mundo inteiro como uma estrutura governamental unificada – um po-deroso projecto que, na realidade, exige que os seus construtores não só tenham o objectivo cor-recto sempre em vista, mas também actuem no seu cumprimento em estrita obediência à forma de construção do reino de Deus.

Isto significaria que, antes de serem feitos quaisquer planos para executar um esquema tão grande, a mais profunda e sincera oração devia ser feita considerando se o rei e o seu povo en-tendem a forma de Deus construir o reino, e estão totalmente e sem reservas comprometidos com esse método. Temos de contemplar cuidadosamente este ponto, pois é um erro comum ima-ginar que, uma vez que nos dedicámos à construção do reino de Deus, isso é suficiente.

O Exemplo de Caim

Mas não é suficiente, mais do que a oferta de Caim aceitável para Deus (ver *Génesis* 4:1-5). Caim estava muito pronto e disposto a fazer uma oferta generosa, mas não de acordo com a

maneira de Deus. Caim pensou que era suficiente dar tudo para construir o reino de Deus, mas ignorou o facto de que tinha de o fazer à maneira de Deus se quisesse ser bem-sucedido. O Omnipotente tinha escolhido esta forma porque é a única maneira pela qual um reino eterno pode ser estruturado. Não há alternativa. Para que um reino dure para a eternidade, ele não pode ser construído com base no princípio da força ou do poder compulsor. Todo o que tente fazê-lo certamente falhará.

A história de Caim demonstra claramente o resultado do caminho que ele escolheu. A lição que podemos aprender com isto é que, onde quer que resultados semelhantes se tornem evidentes na história de qualquer pessoa ou povo, o mesmo espírito deve ser encontrado. Da mesma forma, o futuro de um povo pode ser predito se este entende e se compromete com a forma como Deus constrói o Seu reino ou não. Se escolherem o caminho de Deus, certamente vencerão como Cristo venceu.

A flutuante ascensão e queda dos reis do Norte e do Sul, como descrito em *Daniel* 11, são revelações claras do que faltava nos seus planos de construção do reino. Embora, por vezes, eles tenham sido capazes de manter a sua autoridade sobre grandes porções do mundo, perderão por fim a força até ao estado de exaustão total. A sua autoridade e poder não valerão nada, pois, apesar da fúria conquistadora do rei do Norte (vede *Daniel* 11:40-44), “virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.” *Daniel* 11:45.

Capítulo 30

O Povo de Daniel nos Últimos Dias

O povo de Deus pode ganhar grande inspiração no estudo de *Daniel* 11, à medida que revela os acontecimentos dos últimos dias. A leitura de *Daniel* 11, com as suas crónicas de guerras intermináveis e rumores de guerras, projecta a nossa atenção para aquele tempo em que o Rei do Sul, e depois o Rei do Norte chegarão ao amargo fim das suas carreiras. Não haverá ninguém a quem possam recorrer pedindo ajuda. A ameaça do rei do Sul será a primeira a ser eliminada. Então o rei do Norte seguirá o exemplo. Ele chegará ao fim do qual nunca recuperará, e o povo do Senhor será eternamente libertado da sua opressão, como está escrito: “virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.” *Daniel* 11:45.

À medida que contemplamos a incrível precisão da profecia bíblica descrevendo vários reis e rainhas que vêm e vão, e como o verdadeiro povo do Senhor será finalmente libertado dos seus cruéis opressores, os nossos corações ficarão cheios de admiração pela forma como Deus é o perfeito Solucionador de Problemas. Também veremos o supremo interesse e amor que o Pai Celestial tem pela Sua igreja, como lemos:

“Durante séculos de trevas espirituais, a igreja de Deus tem sido como uma cidade edificada sobre um monte. De século em século, através de sucessivas gerações, as puras doutrinas do Céu têm sido desdobradas dentro de seus limites. Fraca e defeituosa como possa parecer, a igreja é o único objeto sobre que Deus concede em sentido especial Sua suprema atenção. É o cenário de Sua graça, na qual Se deleita em revelar Seu poder de transformar corações.” {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

O Encorajamento da Profecia

O conflito entre o bem e o mal dura há tanto tempo, e por isso parece ser interminável, que tenta a fé e a paciência dos santos ao máximo. Por esta razão, é necessário Deus fornecer provas que fortaleçam uma fé pessoal e viva n’Ele. Uma forma de atingir este propósito é fazer um relato detalhado e preciso do que irá acontecer no futuro. Então, quando a profecia acontecer exactamente como predita, o povo de Deus descansará no seguro conhecimento de que Ele não foi apanhado de surpresa, mas sabe o que está a fazer, para onde vai e quando chega lá. Isto inspirá-los-á a confiar no maravilhoso plano de Deus para a libertação do Seu povo, sabendo que está a ser perfeitamente executado e que nada pode correr mal. Desta forma, os verdadeiros estudantes bíblicos podem ser libertados de todo o receio do futuro. As palavras ditas pelo mestre Professor e Profeta impedir-nos-ão de desencorajar: “Eu vo-lo disse agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis.” *João* 14:29. Um pouco mais tarde, Jesus repetiu o mesmo pensamento quando disse: “Mas tenho-vos dito isto, a fim de que, quando chegar aquela hora, vos lembreis de que já vo-lo tinha dito.” *João* 16:4.

Quando, sob a tutela do Espírito Santo, lemos os versículos de *Daniel* 11 em sequência, não podemos deixar de ser inspirados e abençoados com uma paz cada vez maior que penetra todo o nosso ser à medida que comparamos a profecia com a história. Tal leitura irá refrigerar-nos,

fortalecer a nossa fé e capacitar-nos para alcançar grandes vitórias nas nossas próprias vidas, ao mesmo tempo que são uma influência positiva na vida dos outros.

Em *Daniel* 11 está registada uma lista de batalhas travadas, ganhas e perdidas. Uma vez que estas lutas políticas e os seus resultados são explicados adequadamente noutras publicações, não repetiremos o que já está escrito noutros locais. Concentrar-nos-emos na tarefa de ganhar mais luz disponível.

Eventos Que Englobam Todo o Nosso Mundo

O ponto mais importante a lembrar é que *Daniel* 11 foi especificamente concebido pelo Senhor para nos informar dos acontecimentos que acontecerão ao povo de Daniel nos últimos dias. (Vede *Daniel* 10:14). Estas ocorrências não serão locais, mas cobrirão o mundo inteiro. Nada menos do que uma solução global resolverá a necessidade dessa hora, e nada menos do que isso irá satisfazer os anseios dos nossos corações.

Deus pensa apenas em termos de salvação global – salvação para todos os povos, se isso for possível. A promessa do derramamento mundial do Espírito Santo confirma este desejo. “E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne;... E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” *Atos* 2:17, 21.

Os acontecimentos retratados em *Daniel* 11 que acontecerão ao povo de Deus nos últimos dias são os mesmos descritos em *Apocalipse* 12, 14, 16 e 17-20. O que acontecerá ao povo de Deus nessa altura terá lugar em todo o mundo.

“Não está longe o tempo quando virá a prova a cada alma. A observância do falso sábado será imposta sobre todos. A controvérsia será entre os mandamentos de Deus e os mandamentos dos homens. Os que passo a passo têm-se rendido às exigências mundanas e se conformado a mundanos costumes, então render-se-ão aos poderes existentes, em vez de se sujeitarem ao escárnio, ao insulto, às ameaças de prisão e morte. Nesse tempo o ouro será separado da escória. A verdadeira piedade será claramente distinguida da piedade aparente e fictícia. Muitas estrelas que temos admirado por seu brilho tornar-se-ão trevas. Os que têm cingido os ornamentos do santuário, mas não estão vestidos com a justiça de Cristo, aparecerão então na vergonha de sua própria nudez.”

“Entre os habitantes do mundo, espalhados por toda a Terra, há os que não têm dobrado os joelhos a Baal. Como as estrelas do céu, que aparecem à noite, esses fiéis brilharão quando as trevas cobrirem a Terra, e densa escuridão os povos. Na África pagã, nas terras católicas da Europa e da América do Sul, na China, na Índia, nas ilhas do mar e em todos os escuros recantos da Terra, Deus tem em reserva um firmamento de escolhidos que brilharão em meio às trevas, revelando claramente a um mundo apóstata o poder transformador da obediência a Sua lei. Mesmo agora eles estão aparecendo em toda nação, entre toda língua e povo; e na hora da mais profunda apostasia, quando o supremo esforço de Satanás for feito no sentido de que ‘todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos’ (*Apocalipse* 13:16), recebam, sob pena de morte, o sinal de submissão a um falso dia de repouso, esses fiéis, ‘irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa’, resplandecerão ‘como astros no mundo’. *Filipenses* 2:15. Quanto mais escura a noite, com maior brilho eles refulgirão.” {PR 94}, *Profetas e Reis*, 188.

A Ascensão e Queda de Roma

Vamos começar o nosso estudo dos acontecimentos que chegaram ao ponto mais alto nos últimos dias, com *Daniel* 11:29. Como seria de esperar, o relato da ascensão e queda do Império Romano ocorreu na sua vez, e na sua correcta posição cronológica no desenrolar da lista

profética. Este lugar encontra-se nos versículos 29 e 30, onde se declara que o rei do Norte sairia e regressaria, mas não com as suas antigas riquezas e poder.

“No tempo determinado ele invadirá de novo o sul, mas dessa vez o resultado será diferente do anterior.” *Daniel* 11:29 (NVI).

Não é difícil determinar que “ele” se refere ao rei do Norte. Roma era um reino decadente neste período da nossa investigação. Este declínio não foi sem o seu correspondente oposto, pois quando um rei terrestre começa a subir, há sempre outro que, tendo passado o seu zénite, está no caminho descendente. Poderosa como a Roma pagã se tornara através das suas conquistas sobre os seres humanos em todas as classes sociais, e em todos os aperfeiçoamentos nas artes e ciências, tanto quanto eram então conhecidas, ainda tinha em si as sementes da morte em todas as fibras da sua existência. Portanto, devia morrer e morreu. Foram os sinais da sua morte que foram vistos pelo profeta quando lhe foi mostrado este outrora tão poderoso, e aparentemente invencível, rei regressando de uma forma muito diferente da forma como saiu.

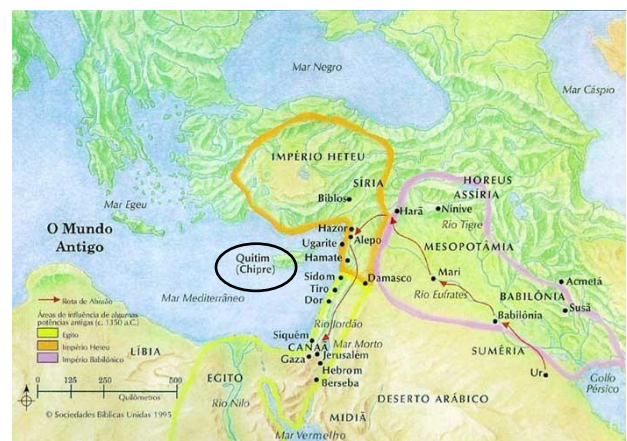
Quem São os Navios de Chipre (Quitim)?

“Porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; e voltará, e se indignará contra o santo concerto, e fará como lhe apraz; e ainda voltará e atenderá aos que tiverem desamparado o santo concerto.” *Daniel* 11:30.

Aqueles navios cipriotas representam os poderes seguintes que deviam levantar-se das ruínas do Império Romano. Correspondem às dez poderosas divisões simbolizadas pelas dez pontas grandes da quarta besta de *Daniel* 7. As dez divisões do que tinha sido o Império unificado, tinha-se fragmentado em dez reinos hostis, três dos quais em breve seriam destruídos, deixando assim os restantes sete. Eles, por sua vez, deviam mudar fronteiras e domínios à medida que o tempo passava, embora estas faces da Europa em constante mudança não tivessem consequências significativas para o estudante da profecia. A razão para isto é que uma vez destruídos estes três reinos originais, a atenção do profeta centrou-se no domínio da Europa pela ponta pequena, que já vimos ser o papado, que governou o mundo durante 1260 anos. Mas, tal como todos os reinos terrestres, chegou o momento em que nem ela saía ou regressava como já tinha feito.

A vinda dos navios de Chipre contra o rei do Norte causou-lhe tristeza ao ponto de regressar em fúria contra o santo concerto. Não pode haver engano sobre o que é o santo concerto. É a aliança celebrada entre o Pai Eterno e Jesus Cristo, que ofereceria a salvação às almas arrependidas e consequentemente obedientes.

“Jesus recusou receber a homenagem de Seu povo até haver obtido a certeza de estar Seu sacrifício aceito pelo Pai. Subiu às cortes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação de que Sua expiação pelos pecados dos homens fora ampla, de que por meio de Seu sangue todos poderiam obter a vida eterna. O Pai ratificou o concerto feito com Cristo, de que receberia os homens arrependidos e obedientes, e os amaria mesmo como ama a Seu Filho. Cristo devia completar Sua obra, e cumprir Sua promessa de que “o varão será mais precioso que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado” (Isaías 13:12, Trad. Figueiredo). Todo o poder no Céu e na Terra foi dado ao Príncipe da Vida, e Ele voltou para Seus seguidores num mundo de pecado, a fim de lhes comunicar Seu poder e glória.” {DTN 559}, *O Desejado de Todas as Nações*, 790.



Assim como os injustos sempre odeiam e perseguem os verdadeiros filhos de Deus, o rei do Norte dirigiu a sua ira contra o evangelho. Estas mudanças, nomeadamente o colapso do poder romano, e a viragem contra o santo concerto, constituíram a transição por toda a Europa do poder militar para a autoridade eclesiástica, ou da autoridade pagã para a autoridade papal.

A Reforma

Vamos agora concentrar a nossa atenção em *Daniel* 11:31-39 que diz o seguinte:

“E sairão a ele uns braços, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o contínuo sacrifício, estabelecendo a abominação desoladora.

“E aos violadores do concerto ele com lisonjas perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se esforçará e fará proezas.

“E os entendidos entre o povo ensinarão a muitos; todavia cairão pela espada, e pelo fogo, e pelo cativoiro, e pelo roubo, por muitos dias.

“E, caindo eles, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se ajuntarão a eles com lisonjas.

“E alguns dos entendidos cairão para serem provados, e purificados, e embranquecidos, até ao fim do tempo, porque será ainda no tempo determinado.

“E este rei fará conforme a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo o deus; e contra o Deus dos deuses falará cousas maravilhosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito.

“E não terá respeito aos deuses de seus pais, nem terá respeito ao amor das mulheres, nem a qualquer deus, porque sobre tudo se engrandecerá.

“Mas ao deus das fortalezas honrará em seu lugar: e a um deus a quem seus pais não conheceram honrará com ouro, e com prata, e com pedras preciosas, e com cousas agradáveis.

“E haver-se-á com os castelos fortes com o auxílio do deus estranho; aos que o reconhecerem multiplicará a honra, e os fará reinar sobre muitos, e repartirá a terra por preço.” *Daniel* 11:31-39.

Estes versículos retratam uma cena terrível de grande guerra espiritual, durante a qual o homem do pecado exerce todos os poderes ao seu dispor para tentar apagar a verdade de Deus, destruir a força do santuário, acabar com o ministério diário de Cristo no santuário celestial, substituí-lo pela abominação da desolação, e aniquilar os seguidores da verdade de Deus. O carácter maligno da sua obra é descrito como “perverter com lisonjas”. É um longo período de apostasia temível, mas depois de 1.260 anos de opressão papal, o povo de Deus saiu da situação com força e poder. Realizaram grandes feitos e assim estragaram as conspirações do maligno, que está determinado a destruir os planos de Deus para a construção do Seu reino na Terra tal como é construído no Céu.

O Evangelho Eterno nas Escrituras

No versículo 33, é feito o ponto de que foi pelo poder vivo das Escrituras que a igreja devia suportar esta mais feroz das tentações. Assim, está escrito que aqueles que têm entendimento instruíam muitos, como foi o caso no desenvolvimento da poderosa obra de Deus na Reforma Protestante. Foi pela pregação da Palavra de Deus que a Reforma começou, porque se o evangelho não tivesse sido redescoberto, nunca teria havido uma reforma.

Só havia uma maneira de mudar a condição opressiva do período de pré-reforma para melhor, e essa era através da introdução do evangelho eterno. Esta era a única forma de transformar as mentes e os corações das pessoas, pois é dentro das próprias pessoas que a mudança tem que começar. Esta mudança não poderia ser efectuada através da utilização da força, pois serviria

apenas para endurecer o pecador na transgressão, e nunca para realizar o verdadeiro arrependimento.

Embora tenha havido muitas apostasias após os grandes renascimentos ao longo dos séculos, sempre houve um remanescente fiel de verdadeiros crentes que em cada caso fiavelmente se levantaram na ocasião. Foi assim que, durante a longa opressão dos 1.260 anos em que a verdadeira igreja foi repetidamente derrubada, algumas vezes aparentemente para nunca mais se erguer, surgiu mais forte do que nunca para fazer avanços definitivos na construção do reino de Deus. E assim será no futuro – a hora mais sombria da história humana será a mais gloriosa para a igreja. Quando a Terra está envolta nas trevas da meia-noite, a luz do evangelho eterno penetrará nesta escuridão com brilho fulgurante.

É imperativo que o povo de Deus nunca perca o seu conhecimento do verdadeiro evangelho tal como ele está nas Sagradas Escrituras, pois esse é o vivo poder de Deus. O evangelho é o único meio que tem a infinita capacidade de mudar o coração do pecador. Ele é poder criador. Só quem nos criou tem a capacidade de nos criar outra vez. Uma vez que esse imenso poder tenha sido introduzido numa situação, uma nova vida começa, um novo movimento é formado, e um novo dia amanhece. Mas só pelo evangelho. Nenhum outro poder servirá para efectuar mudanças tão profundas e duradouras.

A Meia-Noite Moral do Mundo

Antes da Reforma, as nações estavam mergulhadas nas trevas da meia-noite, apesar dos esforços daqueles que em lugares altos e baixos procuravam aliviar o terrível fardo da corrupção que ameaçava destruir a humanidade. Mesmo os que odiavam os reformistas desejavam os benefícios do evangelho. No entanto, rejeitaram as suas pré-requeridas condições porque não estavam dispostos a vender tudo a fim de possuir a Pérola de alto preço. A respeito das terríveis condições que existiam durante este período de escuridão e perseguição terrível, está escrito:

“Mas ‘o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo.’ — História do Protestantismo, de Wylie. As Sagradas Escrituras eram quase desconhecidas, não somente pelo povo mas pelos sacerdotes. Como os fariseus de outrora, os dirigentes papais odiavam a luz que revelaria os seus pecados. Removida a lei de Deus — a norma de justiça — exerciam eles poder sem limites e praticavam os vícios sem restrições. Prevalciam a fraude, a avareza, a libertinagem. Os homens não recuavam de crime algum pelo qual pudessem adquirir riqueza ou posição. Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão. Alguns dos pontífices reinantes eram acusados de crimes tão revoltantes que os governadores seculares se esforçavam por depor esses dignitários da igreja como monstros demasiado vis para serem tolerados. Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade.” *O Grande Conflito*, 60.

Por Que Tais Perseguições Terríveis?

Durante a Reforma, a pregação do evangelho foi recebida de frente pelas forças das trevas, como se pode ver em *Daniel* 11:33, “... muitos; todavia cairão pela espada, e pelo fogo, e pelo cativeiro, e pelo roubo, por muitos dias.” Este mesmo poder terrível é retratado em *Daniel* 7:19 da seguinte forma: “Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro e as suas unhas de bronze; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava.”

Podemos perguntar-nos porque é que o povo de Deus foi submetido a perseguições tão terríveis em que perderam todas as posses terrestres, foram forçados ao exílio, perderam a sua saúde, sacrificaram as suas vidas, e foram para sempre separados dos seus mais próximos e

queridos. Em resumo, porque é que os inocentes têm de sofrer tão terrivelmente quando tudo o que pedem é a liberdade de viver vidas inofensivas e não profanadas?

A resposta encontra-se na Escritura perante nós, na qual é declarada: “E alguns dos entendidos cairão para serem provados, e purificados, e embranquecidos, até ao fim do tempo, porque será ainda no tempo determinado.” *Daniel* 11:35.

Jesus confirmou este raciocínio durante o Seu sermão no monte quando disse bem-aventurados os que sofrem perseguição, e emergem das suas amargas tribulações espiritualmente enriquecidos e melhor preparados para herdar o reino.

“Pelo sofrimento e perseguição, a glória — o caráter — de Deus será manifestada em Seus escolhidos. A igreja de Deus, odiada e perseguida pelo mundo, é educada e disciplinada na escola de Cristo; caminha na Terra pela estrada estreita, é purificada na fornalha da aflição, segue o Senhor através de duras batalhas, exercita-se na abnegação e sofre amargas experiências, mas reconhece por tudo isso a culpa e a miséria do pecado e aprende a afugentá-lo.

“Visto tomar parte nos sofrimentos de Cristo, participará também de Sua glória. Em visão, contemplou o profeta a vitória do povo de Deus. Diz ele: ‘E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e de sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.’ Apocalipse 15:2, 3. ‘Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra.’ Apocalipse 7:14, 15.” *Maior Discurso de Cristo*, 31.

Nunca poderemos esperar amargas perseguições, a menos que estejamos plenamente vencidos de que por este meio nos espera uma grande bênção. Aqueles que, de facto, se gloriam na tribulação atingem um nível muito elevado de experiência espiritual, como Paulo escreveu:

“Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança;

“A perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança.” *Romanos* 5:3, 4 (NVI.)

O verdadeiro filho de Deus não duvida do valor espiritual destas características. Uma pessoa assim, ficará faminta e sedenta por estes atributos até estar imbuída deles. Durante a Reforma, os cristãos que foram submetidos a um sofrimento incrível infligido pelos seus odiosos perseguidores, emergiram com maior firmeza de propósito do que antes do início das suas tribulações. Pelas suas vidas piedosas de integridade e fidelidade, demonstraram que muito trabalho tinha sido feito dentro deles. Deste feliz resultado, a perseguição foi em parte a causa.

Inversão do Poder

Quando chegou a hora dos reinos de Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma pagã abandonarem o trono da supremacia mundial, seguiram o mesmo padrão geral. O reino agonizante chegou ao lugar onde se tornou demasiado fraco para se proteger do poder ambicioso do reino em ascensão. O antigo reino estava completamente desfeito até que uma nova força política e militar, com pouca, se alguma, relação com o poder em declínio, tomou o seu lugar. Aos restos sobreviventes da nação conquistada foi atribuída a força laboral onde serviam como escravos. O seu novo estilo de vida não devia ser de invejar. A linha entre o conquistador e o conquistado era claramente demarcada. Lembremo-nos, por exemplo, das circunstâncias em que José sobreviveu como escravo no Egipto.

Vemos uma medida destas condições persistindo após a queda de Roma pagã, mas o novo reino romano diferia essencialmente de outros, ele era uma combinação da igreja com estado

em que os poderes civis se tornaram cada vez mais os servos da igreja. (Vede *Princípios Opostos* por A.T. Jones.) Esta era uma nova ordem de coisas em que o poder religioso foi transferido para uma posição forte, ao passo que os poderes civis foram reduzidos aos meios pelos quais ela poderia realizar os seus fins. A estrutura anterior em que o rei ou imperador governava sobre a igreja e o povo foi invertida. Nesta nova ordem, os sacerdotes, ou a igreja, governavam reis e imperadores. Esta inversão de posições e a transferência de poder fez com que Daniel concentrasse a sua atenção nestes novos papéis, bem como no terrível abuso de poder sob o controlo da igreja.

Tempos de Grande Tribulação e Angústia

De grande interesse e preocupação para todos os verdadeiros protestantes é o confronto final, quando todo o mundo se unirá para tentar esmagar os que se recusam a apoiar o governo da Igreja e do Estado juntos. Então o teste será trazido novamente sobre o povo de Deus, desta vez com uma severidade muito pior do que jamais se poderia imaginar. Quando isso acontecer, as lições da Reforma serão do maior valor. Então, através do terrível sofrimento que seremos chamados a suportar, compreenderemos porque está Satanás a combinar as forças da Igreja e do Estado na sua desesperada determinação para destruir o reino eterno de Deus. E compreenderemos exactamente quão perto da vitória ele vai estar.

“A igreja remanescente terá de passar por grande prova e aflicção. Aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e de suas hostes. Satanás reputa por súditos seus os habitantes do mundo; adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas eis um pequeno grupo que resiste à sua supremacia. Se ele os pudesse desarraigar da Terra, completo seria seu triunfo. Como influenciava nas nações pagãs para destruírem Israel, assim, num próximo futuro, ele incitará as maléficas potências terrestres para destruir o povo de Deus. Exigir-se-á de todos que rendam obediência a decretos humanos, para violação da lei divina. Aqueles que se conservarem fiéis a Deus e ao dever, serão traídos ‘pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos’. Lucas 21:16.” *Testemunhos para a Igreja* 9:231.

O grande inimigo sabe que se pudesse erradicar da Terra o remanescente de Deus, o seu triunfo estaria completo. Ele está plenamente ciente de que esta será também a sua última oportunidade de ir para a guerra contra o Filho de Deus. Portanto, reunirá todas as forças que puder, enganando o povo para lhe dar todo o seu apoio. A confederação resultante da Igreja e do Estado fornecer-lhe-á a mais formidável combinação de forças nesta Terra.

Depois de lidar com a luta do povo de Deus durante a Reforma em *Daniel* 11:31-35, os três versículos seguintes descrevem o carácter e as actividades do homem do pecado. Aprendemos que ele seguiria a sua própria vontade, exaltar-se-ia ao mais alto nível possível, e proferiria blasfémia contra o Altíssimo. Daniel predisse que ele teria sucesso nos seus objectivos de adquirir imensa riqueza e poder. Isto proporcionou-nos uma demonstração do que acontece às nações do mundo quando a Igreja e o Estado se combinam para governar a Terra para seu próprio benefício pessoal. Podemos ver o resultado das classes ricas enriquecerem excessivamente à custa dos pobres, a quem oprimem para além do que se acreditaria, a fim de satisfazer a sua ganância insaciável pela riqueza e poder. (Vede *Daniel* 11:36-39.) Quando nos apercebemos do auge do poder que o homem do pecado alcançará, é difícil imaginar que só seis versículos depois, “virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.” *Daniel* 11:45.

Capítulo 31

O Que Sois Define Quem Sois

Chegámos agora ao nosso estudo dos últimos versículos de *Daniel* 11. As mensagens contidas nesses versículos não são figuras de verdades que aconteceram no passado distante, nem apresentam profecias de acontecimentos ainda por acontecer num futuro distante. No entanto, trata-se de acontecimentos que deverão acontecer no presente e no futuro imediato. No capítulo onze lemos:

“E, no fim do tempo, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte o acometerá com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará, e passará.

“E entrará também na terra gloriosa, e muitos países serão derribados, mas escaparão da sua mão estes: Edom e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom.

“E estenderá a sua mão às terras, e a terra do Egito não escapará.

“E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata, e de todas as cousas desejáveis do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão.

“Mas os rumores do Oriente e do Norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.

“E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.” *Daniel* 11:40-45.

A nossa primeira tarefa é obter uma compreensão correcta de todos os termos utilizados nestes poucos versos. A lista na ordem em que são mencionados é a seguinte:

- O rei do Sul,
- O rei do Norte,
- A Terra Gloriosa,
- Edom,
- Moabe,
- Primícias dos filhos de Amom,
- A Terra do Egito,
- Os líbios,
- Os etíopes,
- Notícias do Leste e do Norte,
- As tendas do seu palácio,
- Os mares e
- O monte santo e glorioso.

O Método Geográfico de Interpretação

Existem duas opções de interpretação disponíveis, das quais temos de escolher.

A primeira chamar-se-á “Método de Interpretação Geográfica”.

A segunda é “O Método de Interpretação Simbólica”.

Começaremos por examinar o método geográfico, para ver se é verdadeiramente bíblico de acordo com os princípios de interpretação profética de Deus. Se este falhar em resolver, recorreremos então ao outro método para uma compreensão mais clara desta profecia.

O sistema geográfico propõe que *onde estais* determina *quem sois*. Uriah Smith, que usou o método geográfico, declarou este princípio no seu livro *Daniel e o Apocalipse*. Não queremos criticar ou condenar nem ele nem qualquer outra pessoa. Citamos apenas os dois testemunhos seguintes por causa do seu valor como testemunhos a favor ou contra a verdade.

“Após longo intervalo o rei do sul e o rei do norte voltam a aparecer no cenário da ação. Até aqui nada encontramos a indicar que devemos procurar em outros territórios essas potências senão as que, pouco depois da morte de Alexandre, constituíram respectivamente as divisões setentrional e meridional de seu império. O rei do sul era nesse tempo o Egito e o rei do norte era a Síria, incluindo a Trácia e a Ásia Menor. O Egito continuou regendo o território designado como pertencente ao rei do sul; e Turquia durante mais de quatrocentos anos governou o território que constituiu a princípio o domínio do reino do norte.” *Considerações Sobre Daniel e Apocalipse*, 181, por Uriah Smith, (Série: Legados dos Pioneiros Adventistas.)

“Mas se a Turquia, agora ocupando o território que constituiu a divisão setentrional do império de Alexandre, não é o rei do norte desta profecia, então ficamos sem qualquer princípio para nos guiar na interpretação.” *Considerações Sobre Daniel e Apocalipse*, 184, por Uriah Smith (Série: Legados dos Pioneiros Adventistas.)

Nestas declarações, o escritor declara a sua crença de que *onde estais* determina *quem sois*. Não estamos a afirmar que ele compreendeu claramente isso, mas as suas palavras não podem ser interpretadas de outra forma. Pela mesma linha de raciocínio, ele determina quem será o rei do Norte durante os últimos dias, quando esse tempo chegar. Assim, nestas poucas palavras, declara-se que o único procedimento pelo qual uma nação pode ser identificada correctamente na profecia, é perguntar que nação ocupa o território outrora detido pelo rei em questão. É, portanto, considerado que a nação da Turquia é o moderno rei do Norte, porque ela é o poder que ocupa o mesmo território que o antigo rei do Norte.

Este princípio torna-se imediatamente suspeito quando vemos que não pode ser aplicado de forma consistente e nem mesmo o próprio Uriah Smith foi capaz de o aplicar de forma consistente. Por exemplo, o poder que irá figurar em grande parte nestes últimos dias será Babilónia, a Grande, mas ninguém a identifica perguntando que poder ocupa agora o território da antiga Babilónia. Seria, de facto, uma busca inútil, pois essa procura demonstraria que o local outrora ocupado por Babilónia está agora completamente deserto de pessoas. Dele, o profeta Isaías escreveu:

“E Babilônia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou.

“Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração: nem o árabe armará ali a sua tenda, nem tão pouco os pastores ali farão deitar os seus rebanhos.

“Mas as feras do deserto repousarão ali, e as suas casas se encherão de horríveis animais; e ali habitarão as avestruzes, e os sátiros pularão ali.

“E as feras que uivam gritarão umas às outras nos seus palácios vazios, como também os chacais nos seus palácios de prazer; pois bem perto já vem chegando o seu tempo, e os seus dias não se prolongarão.” *Isaías* 13:19-22.

Hoje, perderíamos o nosso tempo procurando ao longo do rio Eufrates para identificar aquela grande e poderosa cidade presentemente. A geografia não tem nada a ver com a determinação desta questão. Por conseguinte, concluímos que o princípio geográfico de interpretação é inválido.

O Método de Interpretação Simbólica

O verdadeiro princípio que deve substituir a interpretação geográfica é que “o que sois determina quem és”. Este é o princípio apresentado no evangelho, e é uma chave vital para a sua compreensão. Uma ilustração é fornecida pelo nosso Salvador quando Ele instruiu os seus discípulos de que os enviaria como cordeiros para o meio de lobos. (Vede *Lucas* 10:3.) Um lobo não conhece restrição alguma, especialmente quando conduzido pela fome. Se realojásseis um lobo em qualquer lugar do mundo, nunca descobriríeis que se tornou um cordeiro ou algo minimamente parecido com um cordeiro no seu comportamento. As ovelhas gentis têm muito a temer dos lobos onde quer que ainda possam ser encontrados na Terra. É fácil ver a partir desta ilustração que não é uma questão de onde estais, que determina quem sois, mas o que sois.

Portanto, já não podemos esperar descobrir que o Egito seja o rei do Sul, ou a Turquia o rei do Norte, ou que a Terra Gloriosa é a Palestina. No entanto, descobriremos que nos últimos dias os reis do Norte e do Sul e da Terra Gloriosa são três poderosos poderes. Estes três terão de ser identificados de novo. Temos de reconhecer estes poderes correctamente, pois não podemos dar-nos ao luxo de ser enganados durante os acontecimentos finais da história deste mundo.

França Ateísta

Passaremos agora a um desses poderes para uma demonstração adicional da validade do Método de Interpretação Simbólica, que é quem sois que determina quem és. As provas serão retiradas de *Apocalipse* 11 onde o Egito é mencionado.

“E os seus cadáveres estarão na rua da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também nosso Senhor foi crucificado.” *Apocalipse* 11:8.

Este versículo vai ajudar-nos a compreender os mesmos termos usados no livro de *Daniel*.

“No Apocalipse, todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem. Ali está o complemento do livro de Daniel. Um é uma profecia; o outro uma revelação. O livro que foi selado não é o Apocalipse, mas a porção da profecia de Daniel relativa aos últimos dias. O anjo ordenou: ‘E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo’. Daniel 12:4.” {AA 326}, *Os Atos dos Apóstolos*, 585.

Para identificar o rei do Sul, como descrito em *Daniel*, só precisamos de procurar a interpretação desse mesmo poder dado em *Apocalipse*. Aí encontraremos informações claramente apresentadas no sentido de que o rei do Egito, que é o rei do Sul, é, de facto, o ateísmo mundial. Aqui está a declaração do Espírito de Profecia relativa a esta Escritura:

“A ‘grande cidade’ em cujas ruas as testemunhas foram mortas, e onde seus corpos mortos jazeram, é ‘espiritualmente’ o Egito. De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fez o rei do Egito. Quando, em nome do Senhor, a mensagem lhe fora levada por Moisés, Faraó orgulhosamente, respondeu: ‘Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel.’ Êxodo 5:2. Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egito daria expressão a uma negação idêntica às reivindicações do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio.” *O Grande Conflito*, 269.

Este esclarecedor testemunho descreve exactamente como identificar o rei do Sul. Ao definir o Egito como um símbolo do ateísmo, não se faz qualquer referência à geografia. O único raciocínio apresentado não tem qualquer relação com a terra do actual rei do Sul, mas apenas com o seu carácter. Se onde estás fosse o factor decisivo, então o “Egito” no tempo da Revolução Francesa referia-se ao Egito geográfico como o rei do Sul. Mas era outra nação completamente, nomeadamente a França ateísta, que cumpria a profecia do rei do Sul em *Apocalipse* 11, e

consequentemente também em *Daniel* 11. Esta conclusão é alcançada identificando o ateísmo de Faraó e a licenciosidade de Sodoma como as características prevalecentes do rei do Sul.

“De acordo com as palavras do profeta, então, um pouco antes do ano de 1798, algum poder de origem e carácter satânico surgiria para fazer guerra à Bíblia. E na terra onde o testemunho das duas testemunhas de Deus devia ser silenciado, haveria a manifestação do ateísmo de Faraó e a licenciosidade de Sodoma.

“Esta profecia tinha recebido o mais exacto e marcante cumprimento na história de França. Durante a Revolução, em 1793, ‘o mundo ouviu pela primeira vez uma assembleia de homens, nascidos e educados na civilização, e assumindo o direito de governar uma das melhores nações europeias, erguer a sua voz unida para negar a verdade mais solene que a alma do homem recebe, e renunciar unanimemente à crença e adoração de uma Divindade. *Sir Walter Scott, A Vida de Napoleão*, vol. 1, ch. 17.

“A França é a única nação do mundo sobre a qual sobrevive o autêntico registo, que como nação levantou a mão numa rebelião aberta contra o Autor do Universo. Muitos blasfemadores, muitos infiéis, houve, e continuam a existir, em Inglaterra, Alemanha, Espanha e noutros lugares; mas a França distingue-se na história do mundo como o único Estado que, por decreto da sua Assembleia Legislativa, declarou que não havia Deus, e da qual toda a população da capital, e uma grande maioria noutros lugares, as mulheres e os homens, dançavam e cantavam com alegria ao aceitarem o anúncio.” *Blackwood's Magazine*, Novembro de 1870.

“A França também apresentou as características que mais distinguiram Sodoma. Durante o período revolucionário mostrou-se um estado de rebaixamento moral e corrupção semelhante ao que trouxera destruição às cidades da planície.” *O Grande Conflito*, 269, 270.

A tragédia da Revolução Francesa estabelece e confirma o princípio de que aquilo que sois determina quem és. Não é necessário apresentar mais argumentos para confirmar esta verdade. Temos agora provas suficientes para saber que os reis do Norte e do Sul, bem como todos os outros símbolos usados na profecia, devem ser identificados pelo que são, e não pelo lugar em que se encontram. Podemos agora proceder à identificação dos reis do Norte e do Sul, do grande rio Eufrates, das sete igrejas, do Armagedom, dos sete anjos, das sete últimas pragas, das várias bestas e dos seus chifres e coroas, e dos seus diferentes papéis nos acontecimentos dos últimos dias. Constataremos que sempre que aplicarmos este método de interpretação simbólica, os resultados são completamente fiáveis e perfeitamente consistentes uns com os outros. E à medida que estudamos mais, a beleza, a fiabilidade e o poder na Palavra de Deus nos iluminarão ainda mais.

Capítulo 32

O Rei do Norte

No capítulo anterior, aprendemos que o rei do Sul mencionado em *Daniel* 11 é o ateísmo, não o Egipto geográfico, como é vulgarmente suposto. As mesmas regras de identificação que têm sido utilizadas para identificar correctamente o rei do Sul devem ser utilizadas com igual consistência quando se descobrir quem é o rei do Norte. Por outras palavras, não será um caso de onde ele está, mas do que ele é que determina quem ele é.

Quanto melhor compreendermos este princípio, mais cedo na história encontraremos o rei do Norte em guerra contra Deus e o Seu povo. Ele estava claramente em acção antes do tempo de Daniel. Encontramos ambos os reis do Norte e do Sul activos nos dias de Josué (vede *Josué* 10 e 11). De facto, o rei do Norte estava no início real do grande conflito, e tem estado desde então.

Durante todo o tempo desde a queda de Adão e Eva até ao fim do grande conflito, o rei do Norte desempenha um papel predominante na batalha dos séculos, mas nunca tanto como nas cenas finais da grande batalha do Armagedom. Nessa luta crítica, final que em breve será travada, o rei do Norte será o principal antagonista do povo de Deus entre a confederação das nações unidas para a guerra contra o Deus do Céu e da Terra. Portanto, precisamos de compreender o carácter do rei do Norte, o papel que ele vai desempenhar, e como reconhecê-lo quando entrarmos em contacto com ele.

Babilónia nos Dias de Jeremias

Começaremos a nossa busca pelo rei do Norte desde os tempos de Jeremias. Muito foi revelado sobre o rei do Norte durante a vida deste profeta. Esta revelação começa no primeiro capítulo onde é dada a advertência de que o reino do Norte está prestes a lançar um ataque feroz a Israel:

“E veio a mim a palavra do Senhor segunda vez, dizendo: ‘que é que vês?’ E eu disse: ‘Vejo uma panela a ferver, cuja face está para a banda do norte.’

“E disse-me o Senhor: ‘Do norte se descobrirá o mal sobre todos os habitantes da terra.

“‘Porque eis que eu convoco todas as famílias dos reinos do norte,’ diz o Senhor; ‘e virão, e cada um porá o seu trono à entrada das portas de Jerusalém, e contra todos os seus muros em redor e contra todas as cidades de Judá.

“‘E eu pronunciarei contra eles os meus juízos, por causa de toda a sua malícia; pois me deixaram a mim, e queimaram incenso a deuses estranhos, e se encurvaram diante das obras das suas mãos.’” *Jeremias* 1:13-16.

Não há dúvida quanto a quem se refere o reino do Norte. Ele aponta para Babilónia, aquele notável reino, que sempre foi o inimigo implacável do verdadeiro povo de Deus. Enquanto o povo de Deus obedecesse e confiasse n’Ele, a sua segurança e prosperidade estavam asseguradas, e Babilónia não tinha oportunidade de os perseguir e destruir. Mas assim que os filhos de Deus ficaram infectados com apostasia e uma recusa persistente em se arrependem, expulsaram a

maravilhosa protecção do Todo-Poderoso e o incrível reino perseguidor de Babilónia poderia então ter poder sobre eles.

Já estamos cientes do terrível estado de apostasia em que os filhos de Israel se tinham afundado no momento em que lhes foi dado o aviso de Jeremias. O facto que a destruição do reino do Norte se tinha tornado uma séria ameaça aos habitantes de Judá e Jerusalém, foi um indicador da profundidade da apostasia. Ainda assim, nessa altura ainda não era total, pois ainda havia uma oportunidade para Israel se arrepender. Mas uma vez alcançada a apostasia total, não haveria mais protecção contra a ruína nacional.

Ao longo do maravilhoso e dedicado ministério de Jeremias, foi Babilónia que veio contra Judá e Jerusalém, o que nos permite identificar correctamente o rei do Norte como Babilónia. (vede *Jeremias 1:13,14; Jeremias 4:5-8; Jeremias 6:1, 22; Jeremias 10:22; Jeremias 13:20; Jeremias 46:20, 24; Jeremias 47:2*). Se estudarmos cada um destes versículos, compreenderemos o carácter, o espírito e o papel do rei do Norte com maior força e clareza.

Descobriremos que as duas principais características de Babilónia são que ela é acusada de orgulho auto-exaltado e que ela é a impiedosa e cruel destruidora do povo de Deus. Os seus traços destruidores são fruto da sua auto-exaltação. As únicas pessoas de Deus que ela mantém vivas são aquelas para quem ela tem um uso adicional. Caso contrário, tenta destruir todos aqueles a quem ela receia ameaçar as suas ambições pessoais.

A Babilónia Espiritual

Neste ponto, alguns podem argumentar que, por causa de Babilónia ser uma cidade literal com fronteiras geográficas claramente definidas, o método simbólico de interpretação não pode ser aplicado de forma consistente. Mas pensando um pouco mostrará que este não é o caso. O facto é que havia duas Babilónias. A primeira delas foi a Babilónia mística ou espiritual na qual residia o espírito maligno desse grande e incrível poder, a segunda era a Babilónia literal ou física onde esse espírito se alojava. No tempo de Jeremias, a mística Babilónia foi encontrada no lugar de Babilónia física, mas nem sempre foi assim.

A Babilónia Mística, aquele espírito interior da contínua rebelião, encontrou a sua primeira localização definida no Céu, no espírito maligno da ambição não santificada e egoísta que surgiu dentro de Lúcifer. Ele foi capaz de permanecer no Céu por pouco tempo depois disso, pois não foi capaz de se manter na atmosfera pura e sagrada ali existente. Portanto, foi expulso e os seus anjos foram expulsos com ele. (Ver *Apocalipse 12:9*.) Após esta separação física, Satanás e os seus seguidores aproveitaram todo o poder que puderam para os ajudar a levar em frente as suas iniciativas malignas. Desde então, continuaram a acumular o máximo de riqueza e o maior número possível de seguidores nos seus esforços para destruir o reino da luz e da glória de Deus.

Depois do dilúvio, a idolatria estabeleceu-se em toda a Terra e as pessoas em todo o lado determinaram desafiar a autoridade de Deus. Em conformidade com isso, começaram a construir uma torre que pensavam ser uma forma segura de fuga para o reino acima das nuvens. Mas, em vez disso, construíram involuntariamente um pára-raios gigante que desviava a carga total da electricidade da cabeça do trovão em cima para a terra em espera abaixo. Que raio de luz deve ter sido esse, seguido de um incomparável estrondo de trovão! Seguramente um acontecimento desses nunca foi testemunhado desde então, até ao advento da explosão nuclear.

Em desafio à ordem de Deus para se multiplicar e encher a Terra, dada pela primeira vez no Jardim do Éden e repetida à família de Noé (ver *Génesis 1:28* e *Génesis 9:1*), os seus descendentes decidiram construir uma grande cidade que seria o orgulho das nações. Deus viu tudo isto e permitiu que o trabalho desse espírito trouxesse um estado de confusão inacreditável a toda a humanidade. Antes disso, apenas se falava uma língua em todo o mundo, agora havia muitas línguas, e isso criou uma confusão desesperada porque as pessoas já não podiam entender-se umas

às outras. Como resultado, agruparam-se de acordo com a linguagem que falavam, e espalharam-se pela Terra.

“E disse: ‘Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer.

“Eia, desçamos, e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.’

“Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade.

“Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra.” *Gênesis 11:6-9*.

Precisamos de compreender que toda esta confusão tem a sua origem no coração do grande rebelde. Na verdade, ele é responsável pela desagregação da unidade do povo de toda a Terra. Esta confusão passou a ser adequadamente descrita como “Babel” (ou seja, confusão, ver *O Grande Conflito*, 383). Com o tempo isto tornou-se na mais conhecida “Babilónia”. Assim, o espírito de Babilónia veio a habitar na terra de Babel, isto é, de Babilónia.

Alterações na Localização, Mas Não no Espírito

Até cair, Babilónia era sem dúvida o bastião da adoração do sol para o mundo então conhecido. Ela até deu o nome de Babilónia a essa religião – esse nome é tão sinónimo da grande apostasia que mesmo o Eterno o reconhece, e o gravou como tal nas Escrituras. Desde então, tem-se verificado que ela adoptou muitos nomes diferentes, mas independentemente do seu nome, exibe apenas um espírito, uma constituição e um código de comportamento.

Nos dias da plenitude do poder e glória políticos de Babilónia, ela era o centro da adoração ao sol. Com a queda de Babilónia política, e conseqüentemente o termo do apoio à Babilónia espiritual ou mística, parecia que os seus dias tinham acabado, que tinha sido dado um golpe fatal. Mas ela reapareceu de uma forma diferente. Os antigos sacerdotes de Babilónia simplesmente se mudaram para a Grécia e mais tarde para Roma, onde essas grandes nações a acolheram e lhe deram amplo apoio e protecção. Os mesmos poderes malignos simplesmente transferidos de uma nação para outra. Esta progressão estendeu o mal, com o qual aquele orgulhoso e contagioso sistema de religião estava tão completamente saturado, até que o espírito de Babilónia se estabeleceu nos limites mais distantes do globo habitável. E ainda hoje ela continua a seduzir as nações ricas e poderosas com o objectivo de dominar o Príncipe da Paz.

Embora tenha havido inúmeras alterações na localização geográfica em que Babilónia tem sediado as suas operações, não houve alterações no seu espírito. O rei do Norte reside nos corações e controla a vida de todos aqueles que não saíram de Babilónia, espiritualmente, mentalmente e fisicamente, para viverem em harmonia com as grandes mensagens da verdade presente. Além disso, devemos ser activados pelo mesmo Espírito puro e santo que preencheu a vida de Miguel. Seremos continuamente atacados pelo inimigo, que luta contra este espírito na guerra mais mortal. Este inimigo é conhecido como o Diabo, Satanás, o Dragão, e aquela Velha Serpente (ver *Apocalipse*. 12:7-9), e também como Babel, Babilónia e o rei do Norte.

O Rei do Norte Atacado por Outro Rei do Norte

Mas chegará o tempo em que, por mais estranho que pareça, o rei do Norte será destruído por outro rei do Norte. Nas Escrituras da Verdade está predito este maravilhoso acontecimento. Através de muitos anos de testemunhos inspirados, Babilónia é consistentemente identificada pelo Espírito Santo como sendo o rei do Norte. Então, de repente, em *Jeremias 50* e *Jeremias 51*, o papel é invertido. Babilónia, o rei do Norte, é atacada e destruída por outro rei do Norte. Há uma série de textos a profetizar que reis vindos do Norte com grande poder destruiriam Babilónia completamente.

“Porque eis que eu suscitarei e farei subir contra Babilônia uma congregação de grandes nações da terra do norte, e se prepararão contra ela; dali será tomada; as suas flechas serão como as de valente herói, nenhuma tornará sem efeito.” *Jeremias 50:9*.

“A palavra que falou o Senhor contra Babilônia, contra a terra dos caldeus, por intermédio de Jeremias, o profeta.

“Anunciai entre as nações; e fazei ouvir, e arvorai um estandarte, fazei ouvir, não encubrais; dizei: Tomada é babilônia, confundido está Bel, atropelado está Merodaque, confundidos estão os seus ídolos, e caídos estão os seus deuses.

“Porque subiu contra ela uma nação do norte, que fará da sua terra uma solidão, e não haverá quem habite nela; desde os homens até os animais fugiram, e se foram.” *Jeremias 50:1-3*, (ARC)

“E os céus e a terra, com tudo quanto neles há, jubilarão sobre Babilônia; porque do norte lhe virão os destruidores,’ diz o Senhor.” *Jeremias 51:48*. (ARC.)

“Eis que um povo vem do norte; uma grande nação e muitos reis se levantarão dos extremos da terra.

“Armam-se de arco e lança; eles são cruéis, e não têm piedade; a sua voz bramará como o mar, e sobre cavalos cavalgarão, todos postos em ordem como um homem para a batalha, contra ti, ó filha de Babilônia.

“O rei de Babilônia ouviu a sua fama, e desfaleceram as suas mãos; a angústia se apoderou dele, como da que está de parto.” *Jeremias 50:41-43*, (ACR.)

Quando se declara que “Porque subiu contra ela uma nação do norte e muitos reis se levantarão” podemos ter a certeza de que eles vêm sem intenções amigáveis. Os versículos acima confirmam essa conclusão e mostram que é impossível eles serem o mesmo poder que sustentou Babilônia. Só podiam ser um povo que fosse o seu inimigo perpétuo.

Daí concluímos que há dois reis do Norte entre os quais não há harmonia, mas irreparável separação. Sendo assim, não deve ser difícil localizar as origens de cada um desses reis.

Como será demonstrado mais tarde, o rei do Norte é mais forte do que o rei do Sul, mas, apesar disso, na contagem regressiva final, espera-o a ruína total. Para compreender estes factos, temos de saber quem é este outro rei do Norte. Descobrir-se-á que Ele é o verdadeiro, em cuja sombra todos os outros são vistos como meras falsificações, impostores, enganadores e substitutos. A questão agora a ser considerada é: Quem é este rei do Norte que traz destruição total ao outro rei do Norte?

Capítulo 33

Dois Reinos Diferentes

Quemos agora procurar o Rei do Norte que traz destruição total ao outro rei do Norte, também conhecido como Babilónia.

De um rei localizado no Norte está escrito: "Grande é o Senhor, e muito para ser louvado na cidade de nosso Deus, na montanha de Sua Santidade. Bonito para a situação, a alegria de toda a terra. Deus é conhecido nos seus palácios por um refúgio." *Salmos* 48:13. (KJV)

Nesta citação, é declarado que Deus é o Rei neste lugar do norte. Como aprendemos com o nosso estudo das profecias de *Daniel* e de *Apocalipse*, um monte simboliza um reino. Isto é confirmado nas mensagens de Jeremias, e por João em *Apocalipse*. Portanto, o monte santo referido em *Salmos* 48:2, é o original, ou justo reino do Rei do Norte. Não pode haver dúvidas sobre isso porque ele é abençoado com os belos atributos da justiça.

Ao contrário disso, Babilónia é retratada como uma montanha destruidora, como o versículo seguinte de Jeremias declara claramente:

"Eis-me aqui contra ti, ó monte destruidor, diz o Senhor, que destróis toda a terra; e estenderei a minha mão contra ti e te revolverei das rochas, e farei de ti um monte de incêndio." *Jeremias* 51:25.

É interessante recordar que enquanto Babilónia é simbolizada por uma besta selvagem de rapina, nomeadamente o grande e terrível leão, o verdadeiro Rei do Norte é visto tão gentil e pacífico como um cordeiro e está dotado para habitar no Paraíso restaurado. Semelhantemente, os reinos dos dois reis do Norte também são grandemente diferentes no carácter, um como monte destruidor, o outro um monte santo. O grande Rei no reino da santidade é sem dúvida Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo.

A Ligação

A ordem divina para a gestão do governo no Céu – também conhecida como ordem evangélica – reconhece Deus como a fonte absoluta e exclusiva de abastecimento para sustentar um universo em movimento com tudo o que ele precisa. Não há dúvida quanto a isto porque a tarefa é tão imensa que está infinitamente além da capacidade de qualquer ser criado. Na verdade, ninguém poderia sequer seriamente imaginar que poderia preencher essa posição. Mas o facto de o Criador ter poder suficiente dentro de Si mesmo para falar e dar existência ao universo é também a causa de um aparente problema: o fluxo de energia que sai de Deus, a Fonte, é tão grande que nenhum ser criado poderia sobreviver-lhe.

Este facto foi transmitido à irmã White quando lhe foi mostrado o que aconteceu no Céu no final dos 2.300 anos. Ao relatar essa visão, escreveu:

"Vi um trono, e assentados nele estavam o Pai e o Filho. Contemplei o semblante de Jesus e admirei Sua adorável pessoa. Não pude contemplar a pessoa do Pai, pois uma nuvem de gloriosa luz O cobria. Perguntei a Jesus se Seu Pai tinha forma [como a] dEle, Jesus disse que sim, mas eu

não poderia contemplá-Lo, pois disse: “Se uma vez contemplares a glória de Sua pessoa, deixarás de existir.” *Primeiros Escritos*, 54.

Como é que este enorme fluxo de poder sustentador de vida, que é necessário para alimentar todas as formas de vida, pode ser tão regulado que não seria uma fonte de destruição? A forma como o Deus da perfeição absoluta resolveu este problema foi introduzir outra pessoa no sistema que tivesse a capacidade especial de ser Criador e criatura ao mesmo tempo. Na Sua natureza divina, este poderoso Ser, que era de facto igual a Deus, emana de Si mesmo todo o poder necessário para criar e sustentar as vastas galáxias. Mas na Sua natureza como criatura, a intensidade do poder é reduzida ao ponto de ele poder servir sem destruir. Não havia mais ninguém em todo o Universo que pudesse realizar tal tarefa, excepto o igualmente todo-poderoso Filho do Deus vivo. Ambas as naturezas e os seus serviços respectivos são combinados numa única Pessoa, Jesus Cristo.

A Posição de Cristo Questionada

Mas surgiu um anjo de grande brilho e força que começou a questionar a autoridade, o carácter e a sabedoria do Todo-poderoso. Lúcifer desejava penetrar em áreas de especulação onde os seres criados estão aquém da sua profundidade. A mais profunda de todas as perguntas para a qual ele desejava encontrar uma resposta, era a posição única de Cristo. Como o Filho de Deus era como os anjos na aparência, Lúcifer não via nenhuma diferença visível entre os anjos dependentes e a ligação Cristo.

Enquanto este anjo se comparou com o outro anjo, nomeadamente o Filho de Deus, ele questionou-se por que foi excluído dos conselhos da vontade de Deus. Falando da ordem mantida no Céu, declara-se que Lúcifer era o mais brilhante e o mais elevado querubim cobridor. Como tal, ele estava tão alto quanto um ser criado poderia subir. Grandes e maravilhosas eram as grandes honras a ele dadas, e com amor os anjos leais o serviram.

“Era amado e reverenciado pelo exército celestial, anjos se deleitavam em executar suas ordens, e estava ele revestido de sabedoria e glória mais do que todos eles. Contudo, o Filho de Deus era mais exaltado do que ele, sendo um em poder e autoridade com o Pai. Partilhava dos conselhos do Pai, enquanto Lúcifer não penetrava assim nos propósitos de Deus. ‘Por que’, perguntava este poderoso anjo, ‘deveria Cristo ter a primazia? Por que é Ele mais honrado do que Lúcifer?’” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 37.

Assim, podemos constatar que os próprios princípios que estiveram no centro do grande conflito começaram a desenvolver-se no seu começo. É uma regra inflexível que todos os que procuram exaltar-se realmente se destronam a si próprios. Foi isto que aconteceu com Lúcifer, e ele continuará no seu caminho descendente até a sua destruição ser completa. Assim como não havia limite para as suas ambições profanas, não haverá limite para a sua destruição total:

“Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!

“E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte.

“Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo.

“E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo.” *Isaias* 14:12-15.

É uma verdade bem estabelecida que estes versículos são uma descrição do carácter e obra do grande apóstata. “O monte da congregação” é uma referência ao reino de Deus. Naquele reino Lúcifer tinha aspirado “aos lados do norte” ou “no ponto mais elevado do monte santo.” (NVI). Por outras palavras, Lúcifer lutou pela posição onde todos os mistérios ainda desconhecidos lhe seriam abertos. Além disso, declarou que iria “subir mais alto do que as mais altas nuvens”, o que indicou mais ainda a sua determinação em atingir a posição mais alta que existia.

Temos aqui uma imagem clara da inveja que Lúcifer tinha de Cristo. Este último ocupava a posição mais alta ao lado de Deus, o Pai no reino do norte, enquanto Lúcifer tentou tomar o Seu lugar nos lugares distantes do norte [NVT]. Estes quatro versículos são uma clara e convincente revelação da verdadeira identidade de ambos os reis do Norte. Cristo é o verdadeiro Rei do Norte, enquanto Lúcifer é o usurpador.

É um alívio ler o anúncio final que nos garante que a busca de Lúcifer resultará somente num fracasso completo e permanente. As boas notícias são: “E contudo levado serás ao inferno, ao *mais profundo* do abismo.” Notemos que ele não seria levado meramente ao abismo, nem à profundidade do abismo, mas ao *mais profundo* do abismo, que é a morada do eterno esquecimento.

Este não é o único texto que pormenoriza o terrível destino de Satanás. Faríamos bem em procurar diligentemente as Escrituras para descobrir as identidades reais dos nossos inimigos espirituais, referidos como “o rei do Norte” e “o rei do Sul”. Essa investigação, particularmente em *Daniel*, *Apocalipse*, *Isaías* e *Jeremias*, despirá estes poderes destruidores dos seus disfarces.

O Caminho de Deus ou o Nosso Caminho?

Como vimos agora, o rei do Sul é o espírito do ateísmo, e o rei do Norte é o espírito de Babilónia. O resultado da actividade de Babilónia é a opressão, a luta, o ódio e todos os outros males que atormentam a família humana. Mas descobrimos que o espírito do rei do Sul não tem nada melhor para nos oferecer, pois as mesmas terríveis iniquidades e opressões reinam sob regimes ateístas. Qual é então a diferença? A diferença essencial é que Babilónia é o sistema que tenta construir o reino de Deus através da aplicação dos procedimentos humanos, enquanto o ateísmo é a tentativa de construir o reino do homem, pelos procedimentos do homem.

Podemos pensar que não importa como o reino de Deus é construído, desde que seja construído. Mas isso é um erro terrível de se cometer, pois é absolutamente impossível construir o reino de Deus de acordo com métodos e procedimentos humanos, quer sejam os do rei do Norte ou do Sul.

Os casos de Caim e Abel exemplificam claramente a diferença entre as tentativas do rei do Norte para construir o reino de Deus à maneira do homem, e a construção do reino de Deus à maneira de Deus. Tanto Caim como Abel construíram um altar, cada um semelhante ao outro. Mas nesses altares cada um trazia uma oferenda muito diferente do outro. Só a oferta trazida por Abel, em perfeita obediência às instruções divinas, recebeu a bênção e aprovação inequívoca de Deus. O fogo desceu do céu e consumiu a oferta de Abel. Ambos os irmãos professavam servir o Deus verdadeiro e vivo, ambos ofereceram um sacrifício, mas um deles, recusando-se a reconhecer que a salvação do pecado só podia ser obtida pela morte, trouxe frutos da sua própria colheita.

As mensagens demonstradas por estes dois jovens são muito claras, pois retratam os princípios opostos encontrados nos perdidos ou nos salvos até ao fim dos tempos. Abel sacrificou um cordeiro pela sua oferta, testemunhando assim que a solução para o problema do pecado deve ser encontrada na morte da natureza pecaminosa e maligna existente, e no recebimento de uma nova vida no seu lugar. Em contraste, Caim, ao afirmar que a mensagem dos frutos maduros era uma lição objectiva da salvação, estava a ensinar que uma pessoa individual é boa em si mesma e só precisa de ter essa bondade cultivada ao mais alto nível possível.

Babilónia – Rei do Norte:

Sistema que tenta construir o **reino de Deus** através da aplicação dos *procedimentos* humanos.

Ateísmo – Rei do Sul:

Tentativa de construir o **reino do homem**, pelos *procedimentos* do homem.

Verdadeiro Rei do Norte:

Sistema que, pela fé de Jesus, constrói o **reino de Deus** pelos *procedimentos* de Deus.

“A classe de adoradores que segue o exemplo de Caim inclui a grande maioria do mundo; pois quase toda a religião falsa tem-se baseado no mesmo princípio — de que o homem pode confiar em seus próprios esforços para a salvação. Alguns pretendem que a espécie humana necessita, não de redenção mas de desenvolvimento — que ela pode aperfeiçoar-se, elevar-se e regenerar-se. Assim como Caim julgava conseguir o favor divino com uma oferta a que faltava o sangue de um sacrifício, assim esperam estes exaltar a humanidade à norma divina, independentemente da expiação. A história de Caim mostra qual deverá ser o resultado. Mostra o que o homem se tornará separado de Cristo. A humanidade não tem poder para regenerar-se. Ela não tende a ir para cima, para o que é divino, mas para baixo, para o que é satânico. Cristo é a nossa única esperança. ‘Nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.’ ‘Em nenhum outro há salvação’. Atos dos Apóstolos 4:12.” *Patriarcas e Profetas*, 73.

Os Resultados da Construção do Reino

Tal é a verdade eterna como revelada no conflito entre Caim e Abel, que representa a vasta maioria que apoia a filosofia humana, por um lado, contra os poucos que defendem a verdade de Deus, por outro. Depois da incrível demonstração proporcionada na cruz pelo supremo sacrifício de Cristo, e pela destruição final daqueles que dependem de si mesmos para a salvação, podíamos esperar que o diabo e os seus seguidores se rendessem, depusessem as armas e reconhecessem que estão totalmente errados. Mas em vez disso, tentam destruir todas as evidências contra si mesmos. A raça humana não pode esperar libertar-se a si mesma da sua actual decadência e da destruição eterna que se aproxima sem a presença do evangelho.

Não importa se os exércitos que confrontam o verdadeiro povo de Deus são os do rei do Norte ou do Sul, ou por outras palavras, se estão a tentar construir o reino de Deus pelo procedimento humano, ou o reino do homem à sua maneira. Em qualquer dos casos, o resultado é o mesmo, ganhando apenas o pior à medida que progride em direcção ao esquecimento final.

Superficialmente visto, é preciso admitir que, em várias áreas, as pessoas fazem parecer que o mundo é um lugar melhor. E nunca o mundo foi tão rico como actualmente, tal como as maravilhas da ciência moderna e a tecnologia, abrem o acesso ao conhecimento que nem sequer se sonhava há alguns séculos atrás. Mas esta aquisição de riqueza material e prosperidade tem ajudado em grande parte no desenvolvimento de invenções que proporcionam aos seres humanos meios cada vez mais eficientes de torturar e matarem-se uns aos outros. A Terra hoje tornou-se literalmente um antro de miséria e doença, enquanto as pessoas nos seus milhões se recusam a reconhecer que o reino de Deus só pode ser construído à maneira de Deus.

Haverá, no entanto, uma liquidação do caso. Vem aí uma demonstração tal do resultado dos princípios e políticas desses dois poderosos reinos, e da diferença do poder e glória do verdadeiro Rei do Norte, em que tudo será revelado. Isto será tão amplo e convincente, que fará com que os reis do Sul e do Norte cheguem ao seu fim sem ninguém para os ajudar.

Capítulo 34

O Tempo Marcado É Longo

Como estudámos, está próxima a hora marcada em que os reis do Sul e do Norte chegarão ao seu fim, cumprindo as profecias descritas em *Daniel* 11:42 e *Daniel* 11:45. Podíamos imaginar que seria necessário apenas um curto período de tempo para resolver controvérsias entre Deus e qualquer um dos Seus seres criados. Mas quando chegar o tão esperado triunfo da verdade, terá havido, de facto, um longo conflito. Tão longo que há a tendência por parte dos santos para questionar a veracidade da profecia. Mas a longa demora no cumprimento das promessas de Deus não enfraquece de forma alguma a Sua palavra, como está escrito: “A palavra é verdadeira, e trata duma guerra prolongada.” *Daniel* 10:1.

Jesus também advertiu contra ser desviado dos caminhos da verdade como resultado do prolongamento do tempo de espera. Ele solenemente expressou esse aviso quando disse:

“Mas se aquele mau servo disser no seu coração: O meu senhor tarde virá;

“E começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os ébrios,

“Virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe,

“E separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes.”

Mateus 24:48-51.

A duração do tempo de espera demonstra quão profundas são as questões do grande conflito. De facto, serão necessários seis mil anos para a humanidade perdida ver a verdadeira natureza do ser caído a quem estão a seguir. Então, quando os reis do Sul e do Norte fizerem a sua última posição desafiadora contra Aquele que é Rei dos reis e Senhor de todos os senhores, chegarão ao seu fim final sem mais ninguém para os ajudar.

Acontecimentos do Tempo do Fim

Quando é que isto acontece? Como sabemos quando é, de facto, “o tempo do fim”, como referido em *Daniel* 11:40; *Daniel* 12:4, 9 e 13? Podíamos imaginar que esse tempo ainda está no futuro, mas o tempo do fim começou em 1798. A prova de que o tempo do fim começou nesse ano, está contida na resposta a uma pergunta colocada em *Daniel* 12:6: “Que tempo haverá até ao fim das maravilhas?” A resposta dada foi que seria um tempo, tempos e metade de um tempo. Vede *Daniel* 7:25; *Daniel* 12:7 e *Apocalipse* 12:14. Este período de tempo (que, como vimos num capítulo anterior, soma 1.260 anos) começou em 538 e terminou em 1798. Assim, o tempo do fim, que não é um ponto único no tempo, mas um período de tempo, começou nesse ano.

O mesmo acontece acerca da limpeza do santuário no final dos 2.300 anos. Este é um acontecimento que não ocorre num momento temporal, mas que continua ao longo de um período de tempo que já durou desde 1844 até hoje. Quanto tempo demorará até que o ponto final deste período chegue, não sabemos. Isto requer a paciência dos santos para suportar este prolongado atraso aparente, que é ainda mais difícil de suportar devido à expectativa permanente de uma segunda vinda imediata do nosso tão prometido Libertador.

O Ataque do Rei do Sul

O próximo evento no desenrolar das profecias de *Daniel* é o ataque feito pelo rei do Sul contra o rei do Norte. “E, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele.” *Daniel* 11:40.

Pelo que aprendemos até agora, podemos identificar o rei do Sul como ateísmo, juntamente com as nações que o apoiam. Podemos igualmente reconhecer o rei do Norte como as forças que nas Escrituras são chamadas de “Babilónia, a Grande”, e que procura construir o reino de Deus usando princípios e procedimentos humanos. Para compreender correctamente a mensagem deste versículo, podemos agora aplicar as nossas conclusões à profecia: “No tempo do fim, que é a partir de 1798, o ateísmo fará um ataque ao papado.”

A questão que temos diante de nós é: houve algum acontecimento desde 1798, que fosse um claro cumprimento evidente destas predições? Não há dificuldade em descobrir o acontecimento na história que cumpriu esta profecia à letra, pois foi em 1798 que o general francês Berthier levou o pontífice reinante prisioneiro e o levou para o exílio onde por fim morreu. Em *Apocalipse* 13:3, este evento é chamado de administração da chaga mortal, da qual a besta foi curada. (Ver também *Apocalipse* 13:12.) Este golpe deixou o papado com menos poder do que possuía antes, como se escreve:

“Posto que logo depois fosse eleito novo papa, a hierarquia papal nunca pôde desde então exercer o poder que antes possuía.” *O Grande Conflito*, 266.

O Contra-ataque do Rei do Norte

Embora o rei do Norte estivesse ferido, ainda tinha poder suficiente para reunir as suas forças. Que o rei do Norte contra-atacaria é certo, por causa da natureza do espírito que está nele – um espírito de vingança, retaliação, inimizade e orgulho. Com as manifestações de cada uma destas reacções, estamos bastante familiarizados. Não há lugar na resposta do falso rei do Norte para a vitória conquistada através do poder predominante da verdade e do amor. Enquanto os princípios de Deus exigem que amemos os nossos inimigos, como Ele ama os Seus, os caminhos de Satanás e do pecado são eliminar aqueles que se lhes opõem.

É inevitável que o rei do Norte venha contra o rei do Sul, naquela que será a sua última carga. De acordo com as leis de ataque e contra-ataque, estes dois reis devem inevitavelmente lutar um contra o outro, enquanto encontrem forças para fazer tal guerra. Portanto, foi profetizado que o rei do Norte viria contra o rei do Sul numa vitória abrangente e arrasadora.

“E o rei do Norte o atacará com a violência de um enorme furacão: com carros e cavaleiros de guerra, e mediante poderosa esquadra naval. Ele invadirá muitos países e passará por sobre eles como uma gigantesca inundação.” *Daniel* 11:40, (King James Actualizada, 1999.)

Tendo identificado o acontecimento que marcou o ataque feito ao rei do Norte no tempo do fim, também esperaríamos encontrar o acontecimento que corresponde à profecia da rápida e certa vitória sobre o rei do Sul. Naturalmente, esperamos que isto seja localizado no tempo pouco depois do ataque ao rei do Norte. Mas será que encontramos algum grande e esmagador contra-ataque ao rei do Sul neste período da história? Não! Em vez disso, vemos o papado a fazer uma recuperação silenciosa, mas segura e certa dos seus poderes perdidos. Será apenas quando o seu plano cuidadoso estiver terminado, e ele recupere a sua força perdida, que avançará com grande fúria contra o rei do Sul.

“A Palavra de Deus deu aviso do perigo iminente; se este for desatendido, o mundo protestante saberá quais são realmente os propósitos de Roma, apenas quando for demasiado tarde para escapar da cilada. Ela está silenciosamente crescendo em poder. Suas doutrinas estão a exercer influência nas assembleias legislativas, nas igrejas e no coração dos homens. Está a erguer suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as anteriores perseguições. Sorrateiramente, e sem despertar suspeitas, está aumentando suas forças para

realizar seus objetivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo que deseja é a oportunidade, e esta já lhe está sendo dada. Logo veremos e sentiremos qual é o propósito do romanismo. Quem quer que creia na Palavra de Deus e a ela obedeça, incorrerá, por esse motivo em censura e perseguição.” *O Grande Conflito*, 581.

Não há dúvida de que o papado, o rei do Norte, tem vindo a recuperar constantemente, mas isso dificilmente pode ser classificado como um “enorme furacão” de regresso ao poder e autoridade superiores. Isso ainda está para vir. E certamente virá.

Alguém pode argumentar que o intervalo de tempo entre o rei do Norte ser atacado e o seu contra-ataque mortal é demasiado grande. No entanto, não é raro que um intervalo de tempo de várias centenas de anos esteja coberto por um único versículo bíblico. Por exemplo, basta comparar *Daniel* 11:40 com outro texto que repete a mesma informação em diferentes palavras:

Em *Apocalipse* 13:3 é descrita a chaga mortal e a sua cura é profetizada no mesmo versículo. Como temos aprendido, o primeiro acontecimento teve lugar em 1798, logo no início do tempo do fim. O segundo acontecimento, na sua plenitude, ainda está no futuro. Ambas as Escrituras têm o mesmo ponto de partida e a mesma data final, e o intervalo de tempo entre estes dois acontecimentos já tem mais de 200 anos. Quanto tempo mais teremos de esperar não sabemos, mas já não deve faltar muito.

A Derrota do Rei do Sul

À medida que continuamos o nosso estudo sobre o último período da história humana, vemos que haverá uma crescente unificação de todas as forças do mal de Satanás. Isto será conseguido de duas maneiras. Uma será pela eliminação de todos aqueles que não se submetam à autoridade do homem do pecado, e a outra entrando em harmonia de pensamento e acção por parte de todos os poderes desta Terra, sejam eles civis, religiosos ou outro.

“Estes têm um mesmo pensamento.’ Haverá um laço de união universal, uma grande harmonia, uma confederação de forças satânicas. ‘E oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem.’ Assim é manifestado o mesmo poder arbitrário e opressor contra a liberdade religiosa, contra a liberdade de adorar a Deus de acordo com os ditames da consciência, que foi manifestado pelo papado, quando no passado ele perseguiu os que ousaram recusar conformar-se aos ritos e cerimónias religiosas dos romanistas.” *S.D.A. Bible Commentary* 7:983.

Como vimos das batalhas entre o rei do Sul e o rei do Norte, os resultados favoreceram um ou outro. Nos últimos versículos de *Daniel* 11, no entanto, está predito o fim de ambos. Primeiramente, é o rei do Sul o derrotado, para nunca mais se levantar. A partir de *Daniel* 11:40 vemos que isso será realizado pelos poderes simbolizados como furacão, com carros e cavaleiros de guerra, e mediante poderosa esquadra naval. Através da utilização estratégica de armamento tão terrível, que aqueles que se recusarem a submeter-se ao rei do Norte serão chacinados. Embora a eliminação destas pessoas ainda não se tenha tornado universal, a total preocupação do rei do Norte, a obra já está a avançar em algumas áreas. O resultado final será a morte total do rei do Sul.

Nesta fase, o rei do Norte não se preocupará com o estabelecimento da religião, como tal, mas sim com conflitos raciais e económicos. Será depois da queda do rei do Sul que o rei do Norte dará toda a sua atenção às questões religiosas. Então será o momento em que domingo será imposto como o dia santo de adoração, para ser respeitado e exaltado por todas as pessoas.

Capítulo 35

Momentosa Reunião

Embora ainda não vejamos praticamente nenhum sinal da determinação profetizada do rei do Norte para impor a santidade do domingo, vemos bastante sucesso da sua parte para colocar nação contra a nação e povo contra povo. Chegou o tempo predito por Jesus dizendo: “Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino.” *Marcos 13:8*.

Um dos maiores feitos do rei do Norte até agora para a realização dos seus objectivos foi a sua execução na chamada “Guerra do Golfo Pérsico”, quando Sadam Hussein, do Iraque, atacou a pequena nação rica em petróleo, Kuwait. Perante a coligação de nações sob a liderança dos Estados Unidos da América, a duração da luta foi muito curta. Começou em 16 de Janeiro, e terminou em 25 de Fevereiro de 1991. Em contraste, a guerra do Vietname arrastou-se aproximadamente por vinte cansativos anos até que finalmente terminou em 1975.

Ambas as guerras podem ser vistas como lutas entre o rei do Sul e o rei do Norte. E ambos combateram durante o tempo do fim. (Os Estados Unidos da América simbolizado na profecia bíblica estão bem identificados. Ver *Apocalipse 13:11* e *O Grande Conflito*, 579 e páginas seguintes.)

A profecia que o rei do Norte esmagará o rei do Sul foi cumprida em parte quando o comunismo foi substituído na Alemanha do Leste, na União Soviética e noutros antigos Estados comunistas, por um sistema de governo democrático. Desde então, estes países ou se aliaram às potências ocidentais, ou pelo menos se abriram a elas. Actualmente, aguardamos que as outras nações do mundo que pertencem ao rei do Sul, como a China, a Índia, o Irão e o Iraque, etc. fiquem esmagadas pela pressão geral. A profecia continua a ser cumprida, e estará completa em breve. É muito encorajador constatar que podemos olhar para trás e ver até onde chegámos ao longo desta série de marcos proféticos que estão a ser cumpridos com precisão.

Alguns Escaparão

Antes de citar *Daniel 11:41*, lembremo-nos que as palavras impressas em itálico não aparecem nas Escrituras originais. Em vez disso, os tradutores inseriram-nas porque acharam necessárias para dar ao versículo um bom sentido como o entendiam. Embora a palavra “países” apareça nos versos 40 e 42, deve ser totalmente omitida de *Daniel 11:41*. O texto diria então:

“E entrará também na terra gloriosa, e muitos serão derribados, mas escaparão da sua mão estes: Edom e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom.” *Daniel 11:41*.

Precisamos entender que os vários elementos desta profecia são simbólicos e não literais. Estes são:

- A Terra Gloriosa,
- Edom,
- Moabe, e
- As primícias dos filhos de Amom.

A literal “Terra Gloriosa”, de acordo com o relato dos espias que passaram quarenta dias examinando a terra, era uma herança muito fértil, bem regada e produzia o melhor dos frutos. Aquela terra Canaã, no entanto, era apenas um paraíso terrestre e transitório que só poderia ser “Terra Gloriosa” quando a verdadeira Presença de Deus a encheu. O que simbolizava ela? A verdadeira Terra Gloriosa era, e sempre será, a verdadeira igreja do Deus vivo.

Então, de que forma entra o rei do Norte na verdadeira igreja?

Esta profecia prediz a infiltração do rei do Norte nos falsos ensinamentos na mente dos membros da igreja. Isto fornecerá outra fonte para o crescimento da apostasia. A igreja do Advento foi chamada para espalhar o evangelho e a vinda de Cristo logo após o tempo do fim começar. Entretanto, ela deixou de se apoiar nas doutrinas fundamentais outrora defendidas, como a natureza de Cristo no tempo da Sua encarnação. A profecia de Daniel aponta para o desenvolvimento desta apostasia em plena maturidade. Por fim, todas as forças das trevas se juntarão numa vasta confederação do mal na sua oposição ao Altíssimo. Mas no meio desta grande apostasia, assim como aconteceu nas outras apostasias anteriores, haverá aqueles que resistem com sucesso ao grande inimigo da verdade, e escaparão da escravidão ao diabo. Estes que escapam estão descritos para nós em *Daniel* 11:41 como “Edom e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom.”

Nenhuma destas nações existe neste momento, nem existirão novamente até ao fim da história humana. Uma vez que desapareceram da face da Terra, coloca-se a questão: quem representam eles nestes últimos dias? Quem escapará da mão do rei do Norte?

Os edomitas literais eram descendentes de Abraão. Eram filhos de Esaú, que era filho de Isaque, e odiaram e lutaram contra os filhos de Israel todos os seus dias até que por fim desapareceram da Terra. Da mesma forma, Ló era sobrinho de Abraão, e as suas duas filhas eram as mães de Moabe e Amom que cresceram e odiaram os filhos de Israel. (Ver *Gênesis* 19:31-38 para conferir a história da origem destas duas nações.) Por isso, todas estas raças partilharam o mesmo passado familiar – a casa de Abraão.

O correspondente espiritual destes povos são os que têm uma herança espiritual comum com a verdadeira igreja de Deus nos nossos dias, mas, tendo apostatado da verdade viva, tornaram-se os acérrimos inimigos dos que permanecem leais a Deus. Embora estes apóstatas sejam inimigos da pior espécie, mais do que os pagãos, haverá alguns deste grupo que sairão quando o alto clamor se levantar e tomarão o lado da verdadeira igreja. Este é um acontecimento de tal nota que recebe menção especial na profecia.

A verdade fundamental a ser revelada no encerramento do grande conflito é a justiça de Cristo – a revelação do sagrado carácter de Deus. Esta será a antítese de todos os princípios pelos quais Babilónia, a Grande, opera. Esta mensagem levará um poder convincente de tal eficácia que fará com que multidões se decidam pela verdade, e será reunida uma colheita de almas no reino da graça e da glória. Será uma reminiscência dos dias do derramamento do Espírito Santo na chuva temporã. Aqui está uma descrição deste espantoso desenvolvimento:

“Apesar das trevas espirituais e afastamento de Deus prevalecentes nas igrejas que constituem Babilônia, a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo encontra-se ainda em sua comunhão. Muitos deles há que nunca souberam das verdades especiais para este tempo. Não poucos se acham descontentes com sua atual condição e anelam mais clara luz. Em vão olham para a imagem de Cristo nas igrejas a que estão ligados. Afastando-se estas corporações mais e mais da verdade, e aliando-se mais intimamente com o mundo, a diferença entre as duas classes aumentará, resultando, por fim, em separação. Tempo virá em que os que amam a Deus acima de tudo, não mais poderão permanecer unidos aos que são ‘mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela.’” *O Grande Conflito*, 390.

Os Meios Para a Vitória

Os próximos versículos, *Daniel* 11:42, 43, enumeram uma série de vitórias esmagadoras por parte do rei do Norte, nomeadamente: a terra do Egito não escapará, terá poder sobre o ouro e a prata, e os líbios e etíopes seguirão os seus passos.

Determinar a identidade de cada uma destas classes não é difícil ou misterioso. O Egito, como já aprendemos, é o poder generalizado do ateísmo; os tesouros de ouro e de prata é uma expressão que inclui todas as formas de riqueza conhecidas pela humanidade; enquanto os líbios e etíopes representam aqueles em terras pagãs onde, em tempos antigos, o evangelho era completamente desconhecido e o culto idólatra encheu a terra.

Consideraremos agora uma lista das medidas que o rei do Norte irá utilizar para reunir o mundo inteiro numa única confederação, tal como profetizado em *Apocalipse* 13:3, “e toda a terra se maravilhou após a besta.”

O Uso do Poder Militar

O primeiro poder a ser mencionado é o uso da força militar. Este é o principal meio para submeter totalmente o rei do Sul, como foi estipulado em *Daniel* 11:40:

“Nos dias do fim, o rei do Sul voltará a enfrentá-lo em grande combate; e o rei do Norte o atacará com a violência de um enorme furacão: com carros e cavaleiros de guerra, e mediante poderosa esquadra naval. Ele invadirá muitos países e passará por sobre eles como uma gigantesca inundação.” (King James Actualizada, 1999.)

Mas nem todas os povos da Terra se aliarão a este meio de força. E não convinha ao rei do Norte estar à frente de um mundo despovoado. Portanto, ele não pretende usar o poder militar para aniquilar todos.

O Poder da Perseguição

Em vez disso, ao manter diante deles os seus incríveis desempenhos no campo de batalha, procurará intimidar os remanescentes que sobrevivem às suas devastadoras vitórias. Nisto, ele será outra vez triunfante como profetizado: “E eu vi uma das suas cabeças como se tivesse sido mortalmente ferida, e a sua ferida mortal foi curada. E todo o mundo maravilhado e seguido a besta. Então adoraram o dragão que deu autoridade à besta; e adoraram a besta dizendo: “Quem é como a besta? Quem é capaz de fazer guerra com ele? *Apocalipse* 13:3, 4.

“E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta.

“E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: ‘Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?’” *Apocalipse* 13:3, 4.

Isto descreve um quadro de medo extremo; de pessoas importantes e insignificante serem completamente intimidadas; de homens poderosos que foram reduzidos à posição onde não há força neles para lutar. Tal é a intenção e o poder da perseguição. Aproxima-se rapidamente o tempo em que a estrutura de um poder perseguidor será novamente totalmente exposta à vista. Isto acontecerá quando homens não-regenerados forem investidos com poder suficiente para impor a sua vontade aos outros. Então “haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo;” *Daniel* 12:1.

O Poder do Engano

O terceiro na nossa lista de estratégias empregadas pelo rei do Norte é o poder do engano. Enquanto Deus é o Autor da verdade e da revelação aberta, o rei do Norte é o guardião dos mistérios escondidos. No tempo do fim, ele enganará a muitos dos que vivem na Terra:

“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.” *Apocalipse 13:13, 14.*

O Poder das Grandes Riquezas e Posição

O quarto e último meio usado é o poder de grandes riquezas, juntamente com o qual deve ser enumerada a oferta de posição – a terceira tentação com que Satanás tentou Cristo. Que o rei do Norte terá este poder é revelado nestas palavras:

“E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata, e de todas as cousas desejáveis do Egito.” *Daniel 11:43.*

O dinheiro tem um poder tremendo. Ao longo dos tempos, milhões venderam a sua fidelidade por vários preços – o mais infame foi a traição de Judas Iscariotes a Cristo por apenas trinta peças de prata – e isso vai acontecer mais uma vez, especialmente durante a proclamação do alto clamor. Aqui está uma confirmação desta ocorrência que se aproxima:

“Ao tornar-se o movimento em prol da imposição do domingo mais audaz e decidido, invocar-se-á a lei contra os observadores dos mandamentos. Serão ameaçados com multas e prisão, e a alguns se oferecerão posições de influência e outras recompensas e vantagens, como engodo para renunciarem a sua fé. Mas sua perseverante resposta será: ‘Mostrai-nos pela Palavra de Deus o nosso erro...’” *O Grande Conflito, 607.*

Este é um extracto de um parágrafo que descreve o avanço da mensagem do quarto anjo. Estas palavras revelam como o dinheiro e a oferta de posição serão usados para tentar o verdadeiro povo de Deus, e a sua resposta a estes incentivos.

Através destes meios de sucesso, o rei do Norte colocará o mundo inteiro sob o seu domínio. Parece que não haverá mais ninguém no seu caminho. Toda a oposição terá cessado. Não haverá mais ninguém para lhe resistir, nem a qualquer outro a que se refiram senão a ele próprio. Até mesmo as chamadas igrejas cristãs o apoiarão na grande e final coligação entre Igreja e Estado. Quando esta união for consumada, o rei do Norte olhará para o reino, que será fruto dos seus impiedosos esforços de construção do reino, com a mesma terrível satisfação que encheu o coração do antigo rei do Norte, Nabucodonosor, rei de Babilónia. Mas tal como naqueles dias de há muito tempo, houve alguns que não se curvaram aos seus desejos, por isso, mais uma vez, um remanescente de cristãos fiéis recusar-se-á a curvar-se perante o actual rei do Norte, ameaçando e destruindo a sua total supremacia.

Capítulo 36

Apenas a Um Passo do Domínio Mundial

Daniel 11:40-43 apresenta arrasadora vitória após vitória sobre todas as nações, tribos, língua e povos, por parte do rei do Norte, até que todo o mundo incrédulo fique sujeito ao seu incrível poder. É uma lista assustadora de forças confederadas que se reunirão para garantir a continuidade da autoridade e permanência deste poderoso potentado. Outras Escrituras no livro de *Apocalipse* também revelam o mesmo resultado para toda a Terra nos últimos dias da sua história.

Quando esta união mundial estiver completa, o rei do Norte reinará supremo, tal como o rei do Norte, o antigo Nabucodonosor, rei de Babilônia. E assim como todos os reinos deste mundo se curvaram aos pés do rei Nabucodonosor e juraram fidelidade, então esta ocorrência será repetida nas fases finais da história da Terra. Em ambos os casos, o rei do Norte ocupa uma posição de impenetrabilidade aparentemente permanente. Mas esta ambição profana de ser senhor de todos os senhores, e rei de todos os reis, falhará em proporcionar ao governante mundial uma satisfação ainda que fugaz, pois no preciso momento em que a sua mão estiver estendida para agarrar o brilhante prêmio, este será arrebatado dele para sempre. Ele será inesperadamente intimidado por rumores que vêm do Oriente e do Norte que produzirão os efeitos mais devastadores: “Mas os rumores do Oriente e do Norte o espantarão;”

Estes rumores causar-lhe-ão uma ansiedade tão terrível que decidirá que não pode ser ignorada em nenhuma circunstância. E “sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.”

Daniel 11:44.

Então, para fazer face a este alarmante desenvolvimento, “... armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.”

Daniel 11:45.

Quando o rei Nabucodonosor percebeu que tudo estava longe de estar bem, deu largas a uma demonstração de fúria, como é geralmente recorrente de um esforço desesperado para preservar a autoridade. Ele usou o poder da força para punir aqueles que estando sob o seu domínio se atreveram a resistir abertamente à sua ambição. Semelhantemente, no tempo do fim, quando o rei do Norte verificar que a sua autoridade universal é contestada, as perseguições do passado serão repetidas.

Onde quer que as pessoas não regeneradas estejam no comando de qualquer parte do mundo, a perseguição certamente se manifestará numa das suas variadas formas. E quanto mais poder houver na mão do opressor, maior será a perseguição a que os que estão sob esse poder serão sujeitos. Portanto, quando um rei tem poder absoluto, perseguirá impiedosamente. Este princípio de causa e efeito pode ser visto ao longo da história.

A Força é o Último Recurso de Todas as Falsas Religiões

Durante o seu reinado, o rei Nabucodonosor demonstrou controlo absoluto das vidas dos seus súbditos ameaçando-os com garantida destruição na fornalha de fogo, caso se recusassem a obedecer-lhe inquestionavelmente. Ele foi capaz de levar a cabo tais ameaças porque tinha poder e determinação para o fazer. Mas quando o Espírito Santo, através do fiel ministério dos três hebreus fiéis, retirou essa determinação e a substituiu pela vontade e propósito de Deus, a perseguição cessou, pelo menos por algum tempo.

Da mesma maneira, as prolongadas perseguições da Idade Média foram impostas a todo aquele que se recusasse a submeter-se à vontade dos que tinham o poder e a determinação de obrigar todos a obedecer ou a morrer. É uma bênção para nós que entre os incontáveis milhões de habitantes da Terra, ter havido suficientes fiéis que preferiram morrer em vez de desobedecer às leis divinas. A sua obediência fiel serviu para manter uma linha de vida aberta entre a Terra e o Céu para que a todos os que pudessem entrar lhes fosse permitido fazê-lo. Se a Terra alguma vez tivesse ficado totalmente esvaziada de pessoas justas em qualquer momento, ter-se-ia destruído a si própria, como nos dias de Noé.

Os injustos não estão cientes deste perigo, pois olham para si próprios, através das várias teorias da evolução, como sendo gerados por si mesmos e, posteriormente, auto-sustentados. Não há lugar nas suas filosofias para a acção de um Criador Todo-Poderoso por quem todo o Universo foi chamado à existência. Em vez de serem humildes e receptivos à educação, os não regenerados são orgulhosos e teimosamente decididos na sua ignorância. Estão muito confiantes de que estão a alargar com sucesso as fronteiras do conhecimento e a aproximarem-se do segredo de como viver sem morrer.

A verdade real é que à medida que a iniquidade abunda cada vez mais, o apoio nas realidades eternas de Deus torna-se cada vez mais fraco, a luz torna-se progressivamente mais fraca e mais fraca, e a proximidade da morte eterna do mundo aproxima-se cada vez mais. É um facto, embora muito pouco apreciado, que toda a luz e a vida são emprestados por conta de um tempo de provação. E é só porque Cristo morreu no Calvário que é possível vivermos. Este é o testemunho que os orgulhosos e não regenerados não querem ouvir, e esta é também a razão pela qual eles se tornam violentos quando o evangelho lhes é apresentado.

Infelizmente, a reacção de muitos torna-se ainda mais violenta quando a mensagem da justiça viva lhes chega pessoalmente, e se oferece para inundar a alma com vida, luz e fé. O trabalho do evangelho só pode ser bem-sucedido quando no início remove a presença da morte. Só depois poderá implantar vida radiante e luz no seu lugar. Por outras palavras, não basta arrepender-se das acções pecaminosas para receber a salvação e a vida imortal. É preciso uma eliminação total das forças do mal e mortais no ser humano até que fique apenas um vácuo. Então, a vida real do Salvador tem que ser implantada neste vácuo. Esta vida flui do Criador Eterno, colocando a vida eterna naqueles que a procuram de acordo com os princípios correctos. Assim, a aceitação do evangelho envolve a vontade de abandonar a vida anterior na sua totalidade. No entanto, como os orgulhosos e não regenerados não estão dispostos a fazê-lo, são levados a odiar o evangelho.

Outra razão pela qual o evangelho tem uma resistência tão forte é porque requer fé viva para agarrar e receber o dom da vida eterna. As pessoas são capazes de perceber que estão cara a cara com a morte, mas quando o evangelho lhes chega, sentem que não têm capacidade para agarrar a vida de que precisam para viver para sempre. Odeiam aqueles que são capazes de exercer a fé numa criança no todo-poderoso poder de Deus, porque não podem igualá-los.

Os Antigos Reis do Oriente e do Norte

“Mas os rumores do Oriente e do Norte o espantarão.” *Daniel* 11:44.

Não há dificuldade em determinar o que eram os rumores do Oriente e do Norte que tanto perturbaram o antigo rei do Norte. Outro reino ameaçava o império babilônico. Era o império Medo-Persa cujo general, Ciro, e as suas tropas marchavam contra Babilônia. Cerca de cem anos antes do seu nascimento, Ciro foi nomeado por Deus, através de Isaías, como o homem através do quem os Seus justos juízos cairiam sobre aquela cidade ímpia. Consideremos agora essas profecias notáveis como se encontram no livro de *Isaías*. À medida que revemos estas predições, deve ser entendido que não eram uma imagem da manipulação de Deus dos acontecimentos humanos, mas eram, pelo contrário, a operação natural da causa e do efeito.

“Assim diz o Senhor, teu Redentor, e que te formou desde o ventre: ‘Eu sou o Senhor que faço todas as cousas, que estendo os céus, e espraio a terra por mim mesmo;

“Que desfaço os sinais dos inventores de mentiras, e enlouqueço os adivinhos; que faço tornar atrás os sábios, e transtorno a ciência deles;

“Sou eu quem confirma a palavra do seu servo, e cumpre o conselho dos seus mensageiros; quem diz a Jerusalém: Tu serás habitada, e às cidades de Judá: “Sereis reedificadas, e eu levantarei as suas ruínas;”

“Quem diz à profundidade: “Seca-te, e eu sequei os teus rios;”

“Quem diz de Ciro: “É meu pastor, e cumprirá tudo o que me apraz; dizendo também a Jerusalém: ‘Sê edificada;’ e ao templo: ‘Fundate.’””” *Isaías 44:24-28*.

O Senhor, através do Seu profeta Isaías, não parou com o anúncio do conquistador através do qual o poderoso reino do rio Eufrates seria totalmente destruído, mas prosseguiu detalhadamente a descrever o que ele, e as tropas sob o seu comando, alcançariam para que essa vitória fosse a favor de Israel:

“Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela sua mão direita, para abater as nações diante de sua face; eu soltarei os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão.

“Eu irei diante de ti, e endireitarei os caminhos tortos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro.

“E te darei os tesouros das escuridades, e as riquezas encobertas, para que possas saber que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome.

“Por amor de meu servo Jacó, e de Israel, meu eleito, eu a ti te chamarei pelo teu nome, pus-te o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses.

“Eu sou o Senhor, e não há outro: fora de mim não há deus; eu te cingirei ainda que tu me não conheças.” *Isaías 45:1-5*.

A precisão com que estas predições descrevem a queda de Babilônia é bastante impressionante. Na fatídica noite em que Babilônia caiu, aquele ponto nas defesas em que o rei sentiu, sem dúvida, que podia confiar mais seguramente, foi o encerramento e o bloqueio seguro de cada um dos pares das enormes portas de bronze do rio. Enquanto as portas estivessem bem trancadas, como ele pensou que estavam, sabia que a sua poderosa cidade estava segura e podia dedicar o seu tempo a descuidadas festas e banquetes. Foi no auge da sua glória e poder que o rei do Norte daquela época chegou ao seu fim total sem ninguém para o ajudar.

Capítulo 37

A Queda de Babilónia

No final do nosso último capítulo, observámos que a profecia da queda de Babilónia, a antiga capital do rei do Norte, foi cumprida até ao último detalhe. Se os guardas tivessem estado tão alerta como normalmente, os soldados de Ciro teriam marchado entre as muralhas ao longo das margens do rio, e depois não teriam escolha senão marchar no sentido inverso e sair de novo do outro lado porque os portões do rio (nas muralhas) estariam fechados. Mas aqueles cujo trabalho era manter as portas do rio fechadas e guardadas em segurança, tornaram-se totalmente incapazes de cumprir as suas ordens juntando-se à estonteante festa daquela fatídica noite. O Senhor que vê tudo o que o futuro reserva, já tinha revelado estes acontecimentos sobre o rei do Norte. Os acontecimentos apresentados em *Isaías* 44:24-45:5 aconteceram tal como foram profetizados.

Embora parecesse, de acordo com a avaliação humana, que Babilónia duraria para sempre, a palavra de Deus de que ela seria derrubada foi cumprida à letra. Aquela cidade, intitulada “inexpugnável Babilónia” tinha a confiança de que viveria e reinaria para sempre. Esta expectativa baseava-se no poder dos seus exércitos e, por outro, na área de terra fértil dentro da cidade, na qual poderia ser cultivado alimento suficiente para sustentar indefinidamente tanto Babilónia como os animais. Acrescentando a isso o infalível abastecimento de água que o rio Eufrates fornecia, e parecia que nunca haveria fome em Babilónia, assim concluiu o actual rei do Norte, o Rei Belsazar. Mas é um facto da história que a grande cidade Babilónia caiu, não obstante todos os orgulhosos desejos humanos em contrário.

O mesmo espírito governa todos os reis do Norte que entram no palco da História. É significativo que muito depois do rei do Norte ter vivido e morrido em Babilónia, a cidade de Roma assumiu um título semelhante: “A Cidade Eterna”. Mas ela também é um temporário rei do Norte e irá tão certo e totalmente desaparecer como aqueles que já foram antes, assim como aqueles que ainda estão por vir, sejam eles pessoas, igrejas ou nações. Não há verdadeira vida eterna em nenhum deles, apenas a aparência enganosa dela.

Um Desenvolvimento Gradual

A condição das coisas existentes no reino do Norte no momento da sua queda não se desenvolveu num único dia. Tinha crescido ao longo de um longo período de tempo diante dos mais severos avisos de qual seria o destino da cidade e dos seus habitantes, a menos que se arrependessem. As influências divinamente ordenadas começaram a ser sentidas no coração do reino do rei do Norte pelo menos tão cedo quanto Daniel e os seus três irmãos na fé foram colocados na corte do rei Nabucodonosor.

No início, a apresentação do evangelho eterno no todo-poderoso poder do Espírito Santo, abrandou e depois converteu o rei Nabucodonosor. No entanto, após a sua morte, os seus sucessores afastaram-se dos princípios da verdade que ele tinha aceitado. Isto não excluiu a

continuação da presença da divina influência, porque Daniel ainda lá estava. Além disso, ocupava uma posição de grande autoridade no reino após a morte do rei convertido.

É um princípio que quanto mais poderosamente o evangelho exerce a sua influência, mais endurecido o pecador confirmado se torna. Isto acontece porque a aplicação do evangelho ou suaviza ou endurece, assim como o mesmo sol derrete gelo, mas endurece a argila. A contínua resistência contra a influência da vida justa de Daniel por parte do rei do Norte trouxe os seus resultados garantidos. No mundo espiritual, o processo de endurecimento é tão gradual que não é detectado senão quando está muito avançado. Então, quando normalmente é tarde demais para recuperar, o pecador culpado fica ciente das suas terríveis perdas e daria tudo para recuperar a sua riqueza desperdiçada. Por muito pouco que ele entenda que esse retrocesso seja, na maior parte das vezes, é uma impossibilidade. Pensai nos inúmeros homens e mulheres da história bíblica que verdadeiramente apostataram. Muito poucos foram bem-sucedidos em voltar ao rebanho, como nos raros casos do rei Salomão e Ismael.

O Rei Herodes e os Rumores do Oriente

Pensemos um pouco na profecia que Deus deu a Isaías.

“Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, aquele que o formou: ‘Perguntai-me as cousas futuras; demandai-me acerca de meus filhos, e acerca da obra das minhas mãos.

“Eu fiz a terra, e criei nela o homem; eu o fiz; as minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens.

“Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei: ele edificará a minha cidade, e soltará os meus cativos não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos. *Isaías 45:11-13.*

Temos de perceber que esta profecia é uma descrição directa da obra de Ciro e do prometido Messias. Jesus Cristo é Aquele que o Pai encarregou pessoalmente para revelar a beleza e perfeição do Pai. Jesus é o Criador Todo-poderoso que é revelado nos capítulos anteriores – Ele tinha sido despertado por Deus em justiça e foi a Sua comissão libertar o Seu povo. Mas também é verdade que Ciro construiria a cidade de Deus, e permitiria que os seus exilados fossem libertados. Ele faria isto, nem por preço nem por recompensa. Ele também tinha sido criado por Deus em justiça, e ele seria dirigido em todos os seus caminhos pelo Senhor.

Em *Daniel 11:44* é feita referência ao rei do Norte, de quem lemos que “os rumores do Oriente e do Norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.” Estes rumores foram gerados para Babilónia por Ciro. Embora o rei de Babilónia naquela época estivesse muito confiante de que o seu reino seria um reino eterno, estava perturbado com estas notícias de aproximação do perigo. Da mesma forma, mais tarde, quando a vinda de Cristo a este mundo foi anunciada, estes rumores foram “os rumores do Oriente” que trouxeram perturbação ao rei reinante do Norte naqueles dias. Assim, a profecia foi novamente cumprida na visita dos magos a Jerusalém e Belém para encontrar o infante Príncipe da Paz. Se compararmos os últimos versículos de *Daniel 11* com estes acontecimentos, vemos como a profecia foi cumprida com precisão. O registo da visita dos magos é encontrado em *Mateus 2:1-13*. Aqui encontramos o rei do Norte tão perturbado pelos rumores do Oriente, que saiu em fúria e matou um grande número de crianças inocentes.

Os rumores que chegaram aos ouvidos do rei Herodes foram:

“E, tendo nascido Jesus em Belém de Judeia no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,

“Dizendo: ‘Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo.’” *Mateus 2:1, 2.*

Com a permissão de Roma, Herodes era rei sobre os povos da Judeia naquela época. Como tal, era um representante do rei do Norte. Podemos identificá-lo com exactidão como um rei do

Norte, não por causa do lugar onde o encontramos, mas pelo seu carácter. Foi quando a criança Cristo nasceu e houve uma agitação no oriente, que o rei do Norte ficou tão alarmado e profundamente perturbado, e tinha boas razões para estar. O rei Herodes não tinha ilusões sobre qual seria o resultado para o seu reino de injustiça. De facto, ele estava perpetuamente atormentado pelo medo mortal de que outro, fosse por furto ou por violência, estivesse prestes a usurpar as suas mais valiosas posições e acumulação de riquezas, ou mesmo a tirar-lhe a própria vida. Os rumores do oriente eram a indicação de que esta Criança cresceria para ser o Rei de todos os reis, e o Senhor de todos os senhores. Ele seria o defensor da causa da verdade de vitória em vitória até que um pulsar de paz ligasse o Universo numa eterna unidade e harmonia.

Embora o rei Herodes não tenha percebido todas as implicações da busca dos magos por este rival ao seu trono, no entanto, aquele rei do Norte em particular não podia ignorar essa inegável ameaça. E assim lemos nas Escrituras:

“E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele.” *Mateus 2:3*.

Herodes reuniu todos os principais sacerdotes e escribas do povo juntos e perguntou onde Cristo nasceria. Na sua resposta, os dirigentes judeus remeteram-no para *Miqueias 5:2*, a profecia que explicitamente identificava Belém como o local de nascimento do rei vindouro. Na resposta ao rei, falaram a verdade até onde a conheciam, e Herodes acreditou nela. Então, este rei do Norte reagiu manifestando-se na forma habitual do seu carácter – o de um mentiroso – em preparação para a execução da sua última rebelião contra Deus e do Seu povo. Aquele impiedoso acto final, foi a sua tentativa de destruir o rei vindouro, completamente e eternamente.

Para alcançar isso, primeiro fingiu desejar mostrar-lhe toda a reverência. Esta estratégia destinava-se a esconder as suas verdadeiras intenções. Em seguida, ordenou a destruição de todos os meninos nascidos na área de Belém de dois anos ou menos, cobrindo o período de tempo em que se pensava que o Salvador nasceria. Depois de Herodes ter eliminado todos aqueles que considerava poderem ser candidatos ao trono do rei do Norte, grande foi a tristeza e o clamor das lamentações de Israel.

O Carácter do Rei do Norte

A profecia de *Daniel 11* é uma maravilhosa e clara revelação do carácter do rei do Norte. Primeiro ele é visto como um grande mentiroso, e depois como um terrível assassino do povo de Deus. A sua ascensão ao trono está imersa no sangue dos outros, e nenhum sacrifício é considerado demasiado grande para ele exigir aos outros a fim de poder tomar posse das suas ímpias ambições. Ele demonstra a espúria cruz de Satanás – a exaltação de si mesmo, custe o que custar aos outros. A sua cruz é a própria antítese da cruz de Cristo.

Geralmente, podemos dizer que quando qualquer rei do Norte é avisado de que está em curso uma fase activa do evangelho eterno, invadindo os corações dos seus súbditos, e ameaçando assim o seu domínio sobre os pecadores, ele fica muito perturbado e despertado para tomar medidas concretas contra tal ameaça. Esta tem sido a resposta do rei do Norte em todas as eras desde que o justo Abel foi morto pelo seu irmão Caim. Ao longo da história, sempre que os rumores do oriente e do norte causaram problemas, ele respondeu com grande fúria para destruir o máximo que pode, e ele tem sido muito bem-sucedido em muitas ocasiões. Por vezes, isto resultou num massacre tão grande, que, a menos que esses tempos fossem abreviados e as perseguições interrompida nenhuma carne teria sido salva.

Onde quer que seja encontrado, mais cedo ou mais tarde o rei do Norte agirá sempre de acordo com o mesmo padrão. Ao longo dos milénios desde que ele entrou em existência, até ao derradeiro confronto, o seu caminho enganador pode ser traçado. Finalmente, ele chegará ao seu fim sem ninguém para apoiar a sua causa. Mas, entretanto, temos de desenvolver a capacidade de identificar o enganador com precisão, apesar dos seus muitos disfarces.

O Início do Falso Rei do Norte

Para entender o comportamento e o carácter do rei do Norte, precisamos ir atrás ao tempo em que o pecado começou. A rebelião começou na questão da ordem divina, e esta ordem foi continuamente desafiada pelos acontecimentos que ocorreram à medida que o mal se desenvolveu.

Sabemos que o poderoso fluxo de forças que dão vida, que se estendem até aos confins do Universo, provêm de Deus, a eterna Fonte da luz, da vida e do poder. No Céu, Lúcifer aceitou este simples facto, mas ele também tinha um problema. Ele levantou objecções ao facto de que nada lhe chegava ou a qualquer outra criatura viva, excepto através de Cristo. Só através de Cristo foram todas as maravilhas da criação e os outros mistérios tornados claros.

Há uma boa razão para o ministério de Cristo ser exclusivo. A única Pessoa que pode se qualificar para a posição de Ligação tem que ser tanto Criador como criatura ao mesmo tempo. Esta gloriosa combinação é necessária para manter uma comunicação contínua entre Deus e as Suas criaturas. Em todo o Universo, havia apenas um Ser que estava qualificado para preencher esta posição. Em virtude da Sua dupla natureza, Cristo estava mais próximo da altíssima Fonte de toda a luz e verdade.

A seguir a Cristo estava Lúcifer. A posição mais elevada de poder e autoridade possível a um ser criado nessa altura foi dada a este querubim cobridor. Ele estava mais próximo de Deus, onde a luz brilha mais. Este brilhante querubim cobridor era o anjo mais importante na procura para obter um conhecimento mais profundo do Infinito. Não havia problema algum nos seus esforços a este respeito, pois Deus Se agrada dos Seus filhos quando investigam os Seus mistérios. À medida que os séculos passam, na Terra renovada, a aquisição da verdade só será igualada pela sua fome por ela e ficarão abundantemente satisfeitos.

“Todos os tesouros do Universo estarão abertos ao estudo dos remidos de Deus. Livres da mortalidade, alçarão vôo incansável para os mundos distantes — mundos que fremiram de tristeza ante o espetáculo da desgraça humana, e ressoaram com cânticos de alegria ao ouvir as novas de uma alma resgatada. Com indizível deleite os filhos da Terra entram de posse da alegria e sabedoria dos seres não-caídos. Participam dos tesouros do saber e entendimento adquiridos durante séculos e séculos, na contemplação da obra de Deus. Com visão desanuviada olham para a glória da criação, achando-se sóis, estrelas e sistemas planetários, todos na sua indicada ordem, a circular em redor do trono da Divindade. Em todas as coisas, desde a mínima até à maior, está escrito o nome do Criador, e em todas se manifestam as riquezas de Seu poder.

“E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão.” *O Grande Conflito*, 677, 678.

Então, o problema que Lúcifer tinha não estava na sua busca de conhecimento. O problema que ele tinha era o seu orgulho. Foi este orgulho que o impediu de ver porque Cristo ocupava a posição que ocupava. Ele não conseguiu ver que foi a dupla natureza de Cristo que O qualificou para ser a Ligação. Esta dificuldade continuou a desenvolver-se na mente de Lúcifer até se tornar numa rebelião. Assim, no mesmo lugar onde o conhecimento e a verdade abundavam, onde a imperfeição e as mentiras não podiam ser toleradas, Lúcifer tropeçou e caiu da sua elevada posição.

Como é que isto podia acontecer? Como pôde ele ser despromovido por causa de procurar mais luz quando estava no lugar ideal para a encontrar?

Como Procurar a Luz

Na mente de Lúcifer, Deus e Cristo estavam de forma egoísta a esconder informações vitais dos seus súbditos. E por pensar assim, procurou aprender mais sobre os mistérios de Deus com uma atitude espiritual errada.

Há mais de uma maneira de procurar a luz e a posição que ela traz. As duas principais formas são procurar a luz como um ser humano deve procurá-la, ou procurá-la como um deus. A primeira destas duas vias só traz bênção e aprovação de Deus, ao passo que a segunda é o caminho da morte e está carregada com a maldição do Altíssimo. Esta distinção é feita para nós muito claramente nas revelações dadas ao profeta Ezequiel sobre o rei de Tiro. Este rei deve ter sido tão entregue à prática da iniquidade que foi um símbolo adequado para Satanás. Em *Ezequiel 28* encontramos a exposição específica de Deus dos esforços determinados de Lúcifer e às amargas consequências de procurar luz para si mesmo como se fosse um deus.

“E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

“Filho do homem, dize ao príncipe de Tiro: “Assim diz o Senhor Deus: ‘Porquanto o teu coração se elevou e disseste: “Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no meio dos mares;” e não passas de homem, e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus;

““Eis que tu és mais sábio que Daniel; e não há segredo algum que se possa esconder de ti.

““Pela tua sabedoria e pelo teu entendimento alcançaste para ti riquezas, e adquiriste ouro e prata nos teus tesouros.’

““Pela extensão da tua sabedoria no teu comércio aumentaste as tuas riquezas; e eleva-se o teu coração por causa das tuas riquezas;

““Portanto, assim diz o Senhor Deus: ‘Porquanto estimas o teu coração, como se fora o coração de Deus,’

““Por isso eis que eu trarei sobre ti estrangeiros, os mais terríveis dentre as nações, os quais desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria, e mancharão o teu esplendor.

““Eles te farão descer à cova e morrerás da morte dos traspassados no meio dos mares.

““Acaso dirás ainda diante daquele que te matar: “Eu sou Deus?” mas tu és homem, e não Deus, na mão do que te traspassa.

“Da morte dos incircuncisos morrerás, por mão de estrangeiros, porque eu o falei, diz o Senhor Deus.”” *Ezequiel 28:1-10*.

Se a atitude de Lúcifer tivesse sido aprender mais sobre os mistérios de Deus como um humilde recebedor dependente, com a intenção de usar o conhecimento adquirido para bênção dos outros, ele não teria ficado desapontado. Mas a sua orgulhosa determinação em conhecer as coisas divinas com um espírito de desconfiança estava condenada a ser frustrada.

O Monte Santo e os Mares

Ao longo da história, Satanás trabalhou incansavelmente para ganhar a posição que acredita ser sua por direito, como um deus. Uma e outra vez, parecia quase ter sucesso em estabelecer-se no lugar da Ligação, Cristo. Mas em cada ocasião ficou aquém do seu objectivo e foi obrigado a esperar por outro dia de oportunidade. Aproxima-se rapidamente o tempo, quando, em puro desespero, tem de tomar a sua posição final. Quando essa altura chegar, ele “armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso.” *Daniel 11:45*. Esta é precisamente a posição ocupada por Jesus Cristo, de quem o rei do Norte é a contrafacção.

Qual é o significado da frase: “E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso”?

Em primeiro lugar, notamos que a linguagem é simbólica. Isto é confirmado pelo facto de não haver um único monte glorioso santo que se encontre na Terra hoje. Este mesmo monte já nos foi apresentado em *Daniel* 2:35 e 44, juntamente com a informação de que um monte simboliza um reino. O reino em si pode ser justo e eterno, ou corrupto e é certo que morrerá. Em *Daniel* 11, o reino é descrito como “glorioso” e “santo”, termos que só podem ser aplicados ao reino de Deus. Portanto, o “monte santo e glorioso” simboliza o reino eterno de Deus.

O que representam os mares? Na profecia bíblica, os mares representam os povos como está escrito: “As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas.” *Apocalipse* 17:15.

Em *Daniel* 11 é descrito com exactidão o esforço final por parte do nosso grande inimigo para estruturar o reino de acordo com as suas ideias de como ele deve ser organizado. Ele quer substituir Jesus Cristo por si mesmo. Ele quer colocar-se entre a Fonte eterna e os recebedores dependentes. Este é o todo-importante objectivo no coração e na mente de Lúcifer. Está determinado a fazer isto e não fará concessões. Está totalmente comprometido com a absoluta realização da sua não santificada ambição, apesar dos sofrimentos que trouxe sobre si mesmo, seus seguidores, à humanidade, aos anjos leais, a Deus e ao Seu amado Filho. Nesta ousada rebelião, o inimigo de Deus e do homem plantará o tabernáculo do seu palácio entre o povo e o reino de Deus.

O Fim do Falso Rei do Norte

De tempos a tempos, desde a queda do homem, as forças malignas do príncipe das trevas cercaram os exércitos do Deus vivo com uma confiança esmagadora de que os aniquilariam totalmente. Em cada vez, uma ferida foi administrada tão mortal e abrangente que parecia que o fim tinha vindo para a causa de Deus no mundo. Mas, em vez disso, surgiu uma nova manifestação do poder divino que investiu uma nova carga de energia dadora de vida à situação, e a justiça começou a subir mais uma vez. Este facto tem sido uma característica muito animadora da luta entre a luz e as trevas, e garante o triunfo final dos interesses do Altíssimo e do Seu Povo.

O Senhor Eterno não permitirá que os nossos inimigos mortais nos arrastem para a destruição total e final. Ele impedirá a repetição da miserável existência de “sucesso e derrota, sucesso e derrota”, que tem sido a experiência da Sua igreja no passado. Está a chegar o fim do grande conflito que não admitirá mais rebelião para manchar a bela obra do Criador. *Daniel* 11: 40-45 é a história desse culminante fim.

Obviamente, o inimigo, que é o Diabo e Satanás, não cederá na contenda sem uma luta total. Ele sabe que esta é a sua última esperança, e que se falhasse em vencer esta batalha Cristo viria, e esse seria o seu fim. Assim, ele se apresentará com grande fúria para eliminar toda a oposição, não importa quantos possam morrer para garantir o seu sucesso.

Lembre-mos de que o astuto inimigo depende apenas do poder do povo, do poder do dinheiro, e das terríveis forças da natureza na sua busca pela supremacia. Pelo contrário, o povo de Deus não depende de nada disto. Ele encontrará sempre a sua fonte de força n’Aquele que lidera os invencíveis exércitos do Céu para derrotar completamente todos os Seus poderosos inimigos.

Os filhos de Deus não lutam com as mesmas armas como as usadas pelos injustos. Na sua luta seguem o seu Mestre, e juntos fazem a guerra em justiça. Os dez mandamentos são a expressão da justiça de Deus e, como tal, definem os limites do comportamento dos seus filhos. De facto, Deus declarou mesmo que não usará os Seus poderosos poderes para matar ninguém. Não está n’Ele fazer tal coisa, pois a lei assegura-nos que o justo – incluindo Deus – Não matará. Quão claramente este princípio é definido no seguinte testemunho:

“Deus poderia haver destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua

autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

O grande confronto final revelará os méritos ou defeitos de um sistema acima do outro; o caminho da violência contra a não-violência; o caminho da justiça contra a injustiça; o caminho da observância da lei contra a violação da lei. De facto, o mundo só conhece uma maneira de resolver o problema da segurança pessoal e de alcançar a sua ambição egoísta, e que é através do uso da força. Esse foi o curso de acção seguido pelo rei Nabucodonosor quando ameaçou o mundo com a morte no forno de fogo se eles recusassem a curvar-se à grande imagem de ouro.

Na terrível reacção mundial ao poderoso ministério do Espírito Santo, a maior fúria alguma vez dirigida pela humanidade rebelde contra Deus, o Seu povo e a Sua causa será desenvolvida pelos inimigos da verdade. Está escrito:

“Sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.” *Daniel* 11:44.

Selvática e enfurecida como foi a aterradora actuação do rei Nabucodonosor, não é nada em comparação com as explosões de ira emitidas pelo rei do Norte nos últimos dias, antes de chegar ao seu fim.

Podemos descansar na segura palavra da profecia que nos foi dada através de Daniel, que nos promete que o rei do Norte, como o rei do Sul que chegou ao seu fim antes dele, “virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra”. *Daniel* 11:45.

Esta é a garantia de que o tão longo conflito terminará com a vitória de Deus que vence sem nunca recorrer às armas da força. Esta vitória será alcançada através da simples operação dos princípios da justiça, que terão como base os seus próprios méritos. Convém, portanto, que cada um de nós absorva estes princípios agora, enquanto ainda há tempo, para que estejamos equipados para a batalha final, e possamos ser encontrados sem “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” *Efésios* 5:27.

Fim da Parte 2

Outros Estudos do Mesmo Autor

- A Grande Multidão
- A Igreja de Deus Não É Babilónia
- A Mente de Cristo
- A Revelação da Lei
- A Salvação das Crianças
- A Vida em Justiça
- A Vida em Justiça e o Sábado de Deus
- A Vinda de Cristo Retardada – Porquê?
- A Vitória da Fé
- Acordai Para a Justiça e Não Pequeis Mais!
- As Profecias de Daniel
- Confissão Aceitável
- Da Escravidão para a Liberdade
- Destino de um Movimento
- Enfrentando o Julgamento
- Estudos Sobre Daniel e Apocalipse
- Eu Penso como Homem
- Justificado pela Fé
- Mais Pensamentos Sobre o Carácter de Deus
- Melquisedeque
- O Caminho de Deus no Santuário
- O Repouso do Sábado de Deus
- O Seu Número é 666
- Orai Pela Chuva Serôdia
- Os 144 000 – Quem Serão os Membros desse Ilustre Grupo?
- Os 4 Anjos
- Os Acontecimentos dos Últimos Dias
- Os Três Templos
- Os Vivos e os Mortos
- Outro Olhar Sobre Atos 3:19
- Renascimento e Reforma
- A Nossa Própria Imagem da Besta
- As Duas Babilónias e o Povo Santo (Compilação)
- Despertai para a Justiça e Não Pequeis Mais
- Eis Aqui o Vosso Deus – Um estudo sobre o carácter de Deus
- Ordem Evangélica
- Os Sete Anjos

www.jfernandesblog.wordpress.com

www.practicaprophetica.com/translations/portuguese/

